

MARCOS CARVALHO

Gaiaku Luiza E A TRAJETÓRIA DO
JEJE-MAHI NA BAHIA



PALLAS

Rio de Janeiro
2006

Copyright © 2006
Marcos Carvalho

Edição
Cristina Fernandes Warth
Mariana Warth

Coordenação editorial
Marília Garcia

Produção editorial
Fernanda Barreto
Sílvia Rebello

Projeto gráfico miolo
Bruno Cruz

Revisão
José Moura
Marco Roque
Diogo Henriques
Eneida Duarte Gaspar

Revisão técnica
Félix Ayoh'Omidire

Diagramação
Nathanael Souza

Capa
Nita Design / Anna Amendola

Foto de capa
Wanderley Menezes de Campos

Fotos de miolo
Acervo pessoal Gaiaku Luiza
Marcos Carvalho
Wanderley Menezes de Campos

Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Não é permitida a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico,
xerográfico etc. de parte ou da totalidade do conteúdo e das imagens
contidas neste impresso sem a prévia autorização por escrito da editora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C325g Carvalho, Marcos
Gaiaku Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia / Marcos Carvalho.
Rio de Janeiro : Pallas, 2006.

Inclui bibliografia
ISBN 85-347-0388-4

1. Luiza, Gaiaku, 1909-2005. 2. Mães-de-santo – Bahia – Biografia. 3.
Cultos afro-brasileiros – Cachoeira (BA). 4. África – Religião. I. Título.

05-4058.

CDD 920.92996
CDU 929.299.6

012701

Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 56 – Higienópolis
CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ
Tel./fax: (21) 2270-0186
www.palaseditora.com.br
pallas@palaseditora.com.br



Dedico este livro a minha querida e saudosa mãe-de-santo,
Gaiaku Luiza de Oya.

Se hoje sei cantar, dançar, falar, pensar, amar, cultivar... Jeje-Mahi,
agradeço a esta senhora que soube me acolher.

A pessoa que mais admirei no mundo do candomblé e que me
ensinou a amar os voduns de uma forma toda especial.

Que me deu o apelido de “Professor” quando na verdade,
ela sim que foi minha grande mestra.

De onde estiver, não esqueça de olhar por mim.

Mejitó Benoe!

Seu filho, Dofono Marcos de Besen.

Sumário

Prefácio, 7

Introdução, 9

CAPÍTULO I

As Gaiakus do Jeje-Mahi, na Bahia, 13

CAPÍTULO II

Gaiaku Luiza, Um Depoimento, 61

CAPÍTULO III

Jeje-Mahi, 129

Nota: Falecimento de *Gaiaku Luiza, 151*

Glossário, 153

Tabelas, 161

Bibliografia, 163

Caderno de fotos, 167

Prefácio

A partir de meados do século XVIII, as regiões da Bahia e do Maranhão viram chegar um número crescente de escravos vindos da Costa da Mina. Esses negros vinham na maior parte dos países bordados pelo Golfo da Guiné: Gana, Togo, Benim (antigo Daomé) e Nigéria. Os pontos de partida dos navios negreiros que os transportavam eram os fortes dessa Costa.

O tráfico era alimentado pelos prisioneiros das guerras que sempre ocorriam entre os diferentes povos. O comércio se fazia em condições muito particulares. Naquela época, existiam, no Maranhão e na Bahia, grandes plantações de tabaco, que era exportado para Portugal e, de lá, mandado para todas as capitais da Europa e vendido para a alta sociedade. Mas a elite exigia mercadoria de ótima qualidade. Ficava de sobra o refugo, o fumo de "soca", que ninguém queria. Essas folhas pequenas, quebradas ou meio estragadas, eram tratadas com doses reforçadas de melado; depois de curtidas, eram torcidas, para fazer o fumo de rolo, de cheiro muito agradável. Mandado para a África, era muito apreciado pelos traficantes negreiros e chegou a ser, junto com a aguardente de cana, um elemento essencial de troca. Assim se desenvolveu, entre a Bahia e a Costa da Mina, um comércio direto, em vez da rota triangular que obrigava os navios a buscar na Europa mercadorias interessantes para negociar nos portos africanos.

Isso explica a densidade do povoamento negro de mesma origem na Bahia e, mais especialmente, em Cachoeira – grande centro de produção e tratamento de fumo. Explica também a conservação dos valores culturais ancestrais.

Na região de Cachoeira, o povo descende de tradições religiosas de várias origens:

- a tradição *jeje*: *jeje-mahi* – do interior do Benim (Savalu); *jeje-mina* – da orla marítima; e *jeje-dahomé* – da região de Abomé;
- a tradição *kétu*: vinda do núcleo *nàgô-yorùbá*, perto da atual fronteira da Nigéria: *kétu*, *pobé* e *sakete*, também no atual Benim.

Havia, também, uma minoria de negros de origem congo-angola, cuja presença não decorria do tráfico direto com a Costa da Mina.

Até hoje os centros religiosos (candomblés) cultuam divindades africanas chamadas de *Voduns* pelos *jejes*, *òrisàs* pelos *yorùbás* e *inkisis* pelos congo-angola. São forças da natureza: o vento, o fogo, a água, a terra, elementos da criação, metais, minerais, árvores etc. Essas forças são ligadas aos homens e atuam no meio deles para ajudá-los.

Marcos Antônio Lopes de Carvalho é formado em Psicologia, mas é como iniciado e filho espiritual de *Gaiaku* Luiza que escreveu este livro. A obra tem qualidades preciosas, pois dá um retrato afinado da vida desse povo humilde, no que se refere à nação *jeje-mahi*, descendente dos africanos de Savalu, no interior do Benim; fixa, de forma autêntica, a mentalidade religiosa dessa gente, a forma de encarar o cotidiano, a coesão das famílias no dia-a-dia, a garra das mulheres *Vodunsi* para enfrentar as dificuldades da vida, a fé inquebrantável nos *Voduns* e a submissão, sem reserva, às ordens deles.

Através das palavras de *Gaiaku* Luiza, que narra sua vida com simplicidade, podemos conhecer essa extraordinária mulher – corajosa e lutadora – que fundou sua própria casa de candomblé e dedicou-se até seus últimos dias ao culto dos *Voduns* para o bem da comunidade.

Este testemunho nos mostra a estrutura de uma nação ainda pouco conhecida, e joga uma luz mais intensa sobre a sempre viva tradição religiosa africana no Brasil.

Omindarewá

Introdução

Desde que me iniciei no candomblé para o *Vodun Bèsén* (*Òsùmàrè* para os *nàgôs*), em 27 de novembro de 1988, na Casa de um respeitadíssimo pai-de-santo chamado Jorge de *Yemonjá*, localizada próximo à Praça Seca, no Rio de Janeiro, tinha curiosidade de saber mais sobre minha família-de-santo e o *jeje-mahi*, nação à qual pertencço. Indagava aos mais velhos, e minhas perguntas, na maioria das vezes, ficavam sem respostas; diziam que eu era muito novo para saber das coisas; que estava me tornando um *Ìyáwó* inconveniente e curioso demais, fazendo tantas perguntas. Sabia, apenas, que o pai-de-santo do sr. Jorge de *Yemonjá* chamava-se Antônio Pinto, mais conhecido como *Tata Fomutinho*; era baiano e fora iniciado em um terreiro *jeje-mahi* localizado na cidade de Cachoeira, no estado da Bahia, e que esse terreiro era dirigido por uma *Gaiaku*. Mas qual *Gaiaku*? Quem era sua mãe-de-santo? Qual o seu *Vodun*? O que é *Gaiaku*?... Estas perguntas me martelavam a cabeça e me impulsionaram a ir atrás das respostas, nessa pequena cidade chamada Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Em fevereiro de 1991, tirei minhas primeiras férias do banco onde trabalhava e parti para a famosa Bahia. Eu não a conhecia, e fiquei encantado com um estado tão bonito. Conheci três terreiros

jeje-mahi: o *Zòògodò Bogun Malè Hùndo*, em Salvador, dirigido pela falecida *Doné Nicinha de Loko*; o *Hùnkpámè Ayíonó Hùntóloji*, em Cachoeira, dirigido por *Gaiaku Luiza de Oya*; e o *Xwé Seja Hùnde*, também em Cachoeira, apresentado a mim por *Ogan Bobosa*, um dos dirigentes deste terreiro. Dos três terreiros *jeje-mahi*, simpatizei mais com o *Hùnkpámè Ayíonó Hùntóloji*, pois a doçura, a inteligência, a força de *Gaiaku Luiza* impressionavam qualquer um. Passei uma semana em Cachoeira, fazendo constantes visitas a essa senhora, e, quando retornei ao Rio de Janeiro, confidenciei a um amigo: “Se um dia for preciso dar obrigação com outra pessoa, esta pessoa será *Gaiaku Luiza*.” Ele, surpreso, disse que eu estava ficando louco, que não iria dar certo, pois morar no Rio de Janeiro e freqüentar um terreiro em Cachoeira seria muito arriscado e trabalhoso.

No primeiro dia em que entrei naquela roça de candomblé, percebi algo diferente. Era uma sensação de que já havia estado ali antes, já havia feito parte daquele grupo; uma sensação de que meu futuro estava naquele lugar. Na época, o sr. Jorge de *Yemonjá* estava muito doente, falecendo em 28 de fevereiro de 1991, no período em que me encontrava na Bahia. Senti muito sua morte e voltei logo para o Rio de Janeiro, mas não deu tempo de ir ao enterro, apenas à missa de sétimo dia. Infelizmente, esse candomblé, que se chamava *Xwé Seja Tesi*, foi extinto; não houve herdeiro para dar seguimento à Casa.

Minha obrigação de três anos, em janeiro de 1993, a de sete anos, em janeiro de 1996, e a de 14 anos, em janeiro de 2005, foram feitas no *Hùnkpámè Hùntóloji*, com *Gaiaku Luiza de Oya*, candomblé do qual faço parte até hoje. Não foi fácil me adaptar ao *jeje-mahi* de Cachoeira, tive de enfrentar algumas dificuldades: a maioria dos filhos-de-santo eram mulheres; a maioria das *Vodunsi* eram negras, e eu um dos poucos brancos; a maioria das *Vodunsi* eram veteranas, na idade e no tempo-de-santo, e eu, novo, com 25 anos, o único sem obrigação de sete anos; a maioria das *Vodunsi* eram baianas e eu, morando no Rio de Janeiro, tinha hábitos diferentes. Mesmo com todas as diferenças, não desanimei e segui meu caminho, confiando na vontade de meu *Vodun*.

Nestes 14 anos de convívio com esta *Gaiaku*, sempre escutei suas interessantes histórias sobre o *Vodun*, sobre o *jeje-mahi*, sobre o *Seja Hùnde* (Roça de Ventura), sobre as antigas *Vodunsi* de Ventura, sobre toda sua vida, enfim. Então, veio a idéia de escrever este livro, para que todos possam conhecer um pouco mais sobre esta senhora

que tanto se dedicou ao culto do *Vodun*; que falava sobre o *jeje-mahi* sem medo; que adorava ensinar e orientar seus filhos-de-santo; que anulou sua vida particular para se entregar de corpo e alma ao candomblé. Através das histórias contadas por *Gaiaku Luiza* – e são tantas que tive dificuldade em selecionar –, aprendi muito e tirei várias lições; espero que você também aprenda. Em Cachoeira, consegui as respostas que tanto procurava e, sentindo a dificuldade que o povo-de-santo do Rio de Janeiro, e de outros estados, tinha em relação ao *jeje-mahi* de Cachoeira, mais precisamente ao *Seja Hùnde* (Ventura), resolvi escrever este livro. Várias pessoas fazem inúmeras perguntas sobre o *jeje-mahi*: confundem o *Seja Hùnde* com a roça de minha mãe-de-santo; não sabem a seqüência das *Gaiakus* que governaram a Roça de Ventura; acreditam que o Ventura ainda é comandado por *Gaiaku Agesi*. Espero que este livro consiga responder-lhes.

Não foi fácil obter informações com os antigos do *jeje-mahi*. Eles relutavam em dar as entrevistas e, quando aceitavam, procuravam falar o mínimo possível. Alguns me forneceram importantes informações, mas me proibiram de mencionar seus nomes; quase como se tivessem medo, pavor, receio de falar sobre suas experiências dentro do candomblé. Eu não queria saber os fundamentos, os segredos, mas apenas a história, para que os novos, que estão chegando, possam entender. Como entender o presente sem conhecer o passado? Vejo muitos livros abordando os *nagôs*, os candomblés *nagôs*, e quase nada sobre o *jeje*. Por que isso? Por que será que o povo *jeje* é tão fechado? Por que os antigos do *jeje* preferem morrer com o saber, em vez de transmiti-lo aos mais mais novos? Como você pode ver, ainda há muitas perguntas a serem respondidas.

As Gaiakus do Jeje-Mahi, na Bahia

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte

No dia 15 de agosto, a Igreja comemora a elevação aos céus, em corpo e alma, de Nossa Senhora da Boa Morte. Essa festa é proveniente de uma tradição portuguesa que, em agosto, comemorava Nossa Senhora de Agosto. Essa prática religiosa sofreu modificações aqui no Brasil, passando a ter uma interpretação própria. Segundo Raul Lody:

esta tradição (...) veio do Oriente, sendo imediatamente adotada no século VII em Roma. No século IX, a festa da Assunção de Nossa Senhora encontra-se presente e praticada em todo o mundo católico ocidental.¹

O culto a Nossa Senhora da Boa Morte era praticado por várias igrejas, em Salvador, no século XIX – Igreja da Barroquinha, da Saúde, São Francisco, São Domingos, Sant’Ana, Nossa Senhora do Carmo e Santíssima Trindade –, organizado por Irmandades Religiosas.

Essas Irmandades, ainda segundo Raul Lody,

eram formadas, em sua maioria, por negros forros, vendedeiras de tabuleiro, gente de terreiro e demais grupos de profissão simples, que se empenhavam o ano todo para custear as honras e suntuosidades dos dias de devoção.²

As Irmandades separavam os negros por etnias africanas. Segundo Pierre Verger:

Os pretos de Angola formavam a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, fundada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os daomeanos (*jejes*) reuniam-se sob a devoção de Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Campo Santo, na Cidade Baixa. Os *nâgôs*, cuja maioria pertencia à nação *kétu*, formavam duas Irmandades: uma de mulheres, a de Nossa Senhora da Boa Morte; outra reservada aos homens, a de Nosso Senhor dos Martírios.³ [A Irmandade] permitia aos escravos, libertos ou não, assim reagrupados, praticar juntos novamente, em locais situados fora das igrejas, o culto de seus deuses africanos.⁴

Para João José Reis, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada no Pelourinho, constitui um exemplo interessante da dinâmica étnica.

Nasceu angolana (século XVII) e durante muito tempo foi exclusivamente de negros de Angola, mas, a partir da segunda metade do século XVIII, passou a admitir outras nações africanas, mais particularmente *jejes* e crioulos. Na primeira década do século XIX os *jejes* já se haviam tornado maioria na Irmandade, mas, talvez até por essa ameaça numérica, eram impedidos estatutariamente de compor a mesa diretora da entidade.⁵

Manuela Carneiro da Cunha acredita que, apesar da separação étnica, umas só aceitando pretos, outras só pardos, ou só *jejes*, ou só angolas etc., essas Irmandades souberam reunir-se em iniciativas comuns antiescravistas. Elas emprestavam dinheiro a seus membros para a compra de sua alforria.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja da Conceição em Salvador, ou a de Santo Antônio de Categerona, na mesma cidade, que se propunha desde seu Compromisso, datado de 1699, resgatar, adiantando fundos da Irmandade aos irmãos escravos que se quisessem libertar. Os irmãos teriam que reembolsar o dinheiro adiantado.⁶

Depois de liberto, o negro era obrigado a trabalhar por conta própria, para pagar o dinheiro emprestado para a compra de sua tão esperada alforria. Esse pagamento, na maioria das vezes, era feito através de prestações semanais. Livre, passava a trabalhar como empregado doméstico, artesão, ama-de-leite, cozinheira, governanta, carpinteiro, sapateiro, aguadeira, pedreiro, lenhador, carregador de esquina, dito de canto. No século XIX, muitos escravos livres moravam nas cidades, vestindo-se e alimentando-se à sua custa, e, provavelmente, freqüentando alguma das muitas Irmandades Religiosas existentes.

Para J. J. Reis, as Irmandades

funcionavam como fachadas perfeitas para associações étnicas vividas em profundidade. Amparavam de diversas maneiras os membros de suas nações

constituintes: na vida, através de empréstimos, doações e alforrias; na morte, através de promoção de enterros e celebração de missas para as almas dos mortos.⁷

Nossa Senhora da Boa Morte, também com o nome de Nossa Senhora d'Agosto ou da Glória, era cultuada, nos altares laterais das igrejas (culto secundário), por várias Irmandades, em Salvador. Entre elas, destacamos a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho, fundada por negros angolanos no século XVII. Provavelmente no final do século XVIII, várias africanas libertas e endinheiradas, de maioria *nâgô*, originárias do reino de Kétu, no antigo Daomé, passam a assumir este culto, depois transferido para a Igreja da Barroquinha, que pertencia, desde 1764, à Irmandade de Nosso Senhor dos Martírios, formada por negros libertos *jejes*. Ali, essas negras *kétu*, "*enérgicas e voluntariosas*" (Verger), se uniram ao ramo feminino da Irmandade dos Martírios, constituído por africanas *jejes*, esposas e parentes dos negros *jejes* formadores dessa Irmandade, localizada no bairro negro da Barroquinha, para cultuarem, exclusivamente, Nossa Senhora da Boa Morte. A Irmandade não era igual a tantas outras existentes em Salvador. As negras que a formavam, *jejes* e *kétu* em sua maioria, camuflavam o culto aos *Orisà* com o culto católico à morte e assunção da Virgem Maria. Assim, adoravam seus deuses africanos sem serem perseguidas pela polícia ou pela Igreja. No início do século XIX, provavelmente em 1830, essas mulheres fundaram, num terreno arrendado nos fundos da Igreja da Barroquinha, onde cultuavam Nossa Senhora, uma casa de candomblé. Segundo Pierre Verger,⁸ a casa situava-se na Ladeira do Berquó, hoje rua Visconde de Itaparica, próxima à Igreja da Barroquinha. Essa casa de candomblé recebeu o nome de *Iyá Omi Àse Alrá Intilé*. Depois de percorrer vários bairros de Salvador, esse candomblé se instalou no bairro Vasco da Gama, agora com o nome *Ilé Àse Iyá Nassô Oká*, popularmente conhecido como Casa Branca do Engenho Velho.

Para Silveira, o candomblé da Barroquinha foi resultado da associação de elementos litúrgicos provenientes principalmente dos *nâgôs* e dos *jejes*, e serviu de modelo a todos os demais, inclusive aos das outras etnias. Ele acredita que, antes do candomblé da Barroquinha, já deveria haver outros, de origem banta e *grunci*.

Embora dificilmente tenha sido o primeiro dos candomblés, ele deve ter marcado o início de uma nova fase na história dos cultos afro-brasileiros, isto é, o

aparecimento de terreiros que funcionavam um pouco mais abertamente, tinham um calendário fixo de cerimônias, reuniam o culto de vários deuses no mesmo templo, possuíam hierarquias complexas, bem definidas e enraizadas na sociedade local.⁹

Desse candomblé se originaram mais dois outros: o *Ilé Ìyá Omi Àse Ìyámase*, no *Gantois*, fundado por Júlia Maria da Conceição Nazaré (*Dàda Báayàni Àjàkà*) e o *Ilé Àse Opó Àfonjá*, fundado em 1910 por Eugênia Anna dos Santos, mais conhecida como Mãe Aninha (*Obá Biyi*), em São Gonçalo do Retiro.

Ludovina Pessoa era uma negra livre, africana *jeje*, que fazia parte da Irmandade da Boa Morte. Com o apoio da Irmandade, fundou um terreiro de culto *jeje-mahi* denominado *Zòògodò Bogun Malè Hùndo*, em homenagem ao *Vodum Sogbo (Hevioso)*, no bairro do Engenho Velho da Federação, em Salvador, num antigo núcleo residencial de negros *jejes*. Ali moravam também muitos negros *malês*, que ajudaram na formação desse candomblé *jeje*. Segundo Reis,

na Bahia, “Malê” não se refere a nenhuma etnia africana particular, mas a qualquer africano que tivesse adotado o islã. Assim, havia *nàgôs*, *haussás*, *jejes*, *tapas* e possivelmente também *mandingos* – enfim, pessoas pertencentes a diversas etnias – que eram *malês*.¹⁰

Segundo Antônio Monteiro, era em uma casinha no Largo do Quinze, em Salvador, atual Capelinha dos Quinze Mistérios, que os negros *malês* se reuniam para tramar o *jihad*, com o objetivo de libertar todos os irmãos escravos, muçulmanos ou não, sem distinção de grupos tribais. Nessa capelinha, espécie de quartel-general, ocorriam as reuniões do Conselho da Mesa dos Nove ou Conselho dos Assumânios. Em frente à casinha havia o Bogum, uma casa humilde, de taipa, onde os *malês* guardavam barras de ouro, armas e barris de pólvora. O autor narra uma passagem em que o negro Aprígio, homem de total confiança do Conselho dos Assumânios e capitão responsável pelo comando das forças no centro da cidade, fora visto em conversa com “gente do governo”. Fugindo de represálias do Conselho, pois sabia que seria fuzilado, entrou pela mata até atingir a zona então deserta do Engenho Velho da Federação. Cansado e faminto, deparou com alguns casebres de taipa, cobertos de palha de ouricuri, que pertenciam aos negros *jejes* que ali residiam. Pediu clemência aos negros, que não admitiam intrusos na área, e passou a integrar a comunidade religiosa. Ficou conhecido como “negro do Bogum” devido à sua procedência. Monteiro presume que a expressão *Bogun Malè*,

na denominação do terreiro *jeje* do Engenho Velho da Federação, deriva do termo Bogum, a casa bancária ou a casa do dinheiro dos *malês*.¹¹

Conforme Júlio Braga, na Capela dos Quinze Mistérios, em 16 de setembro de 1832, foi fundada a Sociedade Protetora dos Desvalidos, a princípio com o nome de Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, em honra de sua padroeira, a Virgem da Soledade.¹²

A Sociedade Protetora dos Desvalidos foi fundada pelos negros *malês*, que a usavam como biombo para atingir seus objetivos revolucionários. Por trás da Irmandade, a organização secreta dos *malês* se articulava por toda a cidade e pelo Recôncavo. Possuía muitos recursos financeiros, e suas jóias, ouro e dinheiro eram guardados em um cofre, tipo arca, provavelmente chamado de Bogum.

Júlio Braga informa que a caixa-forte que guardava, com três chaves, as jóias e outros bens da Sociedade Protetora dos Desvalidos, até hoje existe. Com base no livro de termos e acordos da Sociedade Protetora dos Desvalidos,¹³ relata as discussões entre seus membros quanto à decisão do local em que deveria ser guardado o cofre pertencente à Irmandade.¹⁴

Podemos tentar traduzir o nome do terreiro *jeje Zòògodò Bogun Malè Hùndo* como: *Zò* (fogo); *Zòògodò* (corruptela de *Zòònodò/Azòònodò*, que é uma divindade *jeje*); *Bogun Malè* (cofre onde eram guardados o dinheiro e as jóias dos *malês*); *Hùn (Vodun)*; *Do* (não conseguimos tradução). Particularmente, acredito que o termo *Zòògodò* advenha de *Zòònodò*, que é o outro nome do *Vodun Zomadonu*.

Segundo Jehová de Carvalho, o *Vodun Zòònodò* ou *Azòònodò* era cultuado no terreiro do Bogum em uma árvore, com cerca de 200 anos, localizada na ladeira Manoel Bonfim, que liga o largo do Bogum à avenida Vasco da Gama, no lado direito de quem desce. Infelizmente, com a construção de uma série de casebres por ali, alguns elementos naturais, como água e árvores, que permitiam toda a plenitude do culto *jeje*, desapareceram. Provavelmente em 1979, essa árvore tomou, mas seu tronco é preservado até hoje, onde os membros do terreiro cultuam o *Vodun Azòònodò*. Jehová de Carvalho segue dizendo:

Zonodô significa a terceira pessoa da trindade dos Reis Magos. O elemento negro, o rei negro que foi também dar o seu presente ao Nazareno na manjedoura, tanto que sua festa, no Bogum, é realizada no dia 6 de janeiro, dia, portanto, dos Reis Magos. Ao longo do dia inteiro, no dia 6 de janeiro, pais-de-santo e

mães-de-santo de vários candomblés da Bahia, de todas as “nações” da Bahia, traziam os seus tabuleiros aos pés, ao tronco da árvore de *Azodonô*. Por volta de 17 horas, antes do sol se pôr, ao entendimento religioso do povo *jeje*, essas frutas eram distribuídas na comunidade do Bogum, aos passantes da ladeira.

Os *jejes*, que chegaram ao Brasil através do tráfico negreiro em certa quantidade, por volta de meados do século XVIII, e em grande número após 1790, tinham como pátria o antigo Reino do Daomé (*Danxomè*¹⁵), fundado pelos *fons*, uma tribo de *ewe*. No Daomé existiram, desde os séculos XV e XVI, vários reinos com sua própria cultura, cujos principais eram Savi, Allada, *Adjatchè* (Porto Novo) e Abomé (*Agbomè*). No século XVIII, os reis do Daomé conquistaram os reinos vizinhos, estendendo assim seu poderio até a costa e além das fronteiras atuais. Apesar da resistência, o Daomé tornou-se colônia francesa. Obteve sua independência em 1/8/1960 e, nos anos seguintes, houve numerosas mudanças de regime. Em 30/11/1974, a república popular socialista é proclamada e a nação passa a ter o nome de Benim. O país situa-se a oeste da África, próximo à linha do Equador, com uma superfície de 114.763 km², equivalente à de Portugal. Compreende uma população de quase 7 milhões de habitantes. Cotonou (*Kútónu*), centro econômico de Benim, é também a cidade mais populosa do país. A capital administrativa é Porto Novo, segunda maior cidade do país, que faz fronteira a oeste com o Togo, a noroeste com Burkina Fasso, a nordeste com o Níger, a leste com a Nigéria e ao sul com o Oceano Atlântico. Partindo de um litoral com 125 km de extensão, o país avança 700 km em direção ao interior do continente oeste africano, contendo uma grande variedade de paisagens, zonas climáticas e grupos étnicos. No sul do Benim, a temperatura varia durante o ano entre 25 e 35°C; já ao norte, a temperatura fica em torno dos 40°C. No Benim existem mais ou menos 50 etnias, com variações lingüísticas marcantes. Sua composição étnica, em 1996, era de: *fons* (39%), *yorúbás* (12%), *gouns* (12%), *baribas* (12%), *adjas* (10%), *sombas* (4%), *aizos* (3%), *minas* (2%), *dendis* (2%) e outros (4%). Os beninenses de diferentes regiões utilizam a língua francesa entre si. As principais línguas faladas no Benim, além do francês, são: *fon*, *bariba*, *dendi*, *adja*, *mina* e *yorúbá*. Como em toda parte do Benim, os ritos religiosos ancestrais do *Vodun* são conservados e transmitidos pelos descendentes da família real, pelos feiticeiros (sacerdotes do *Vodum*) e pelas confrarias secretas. Em 1991, 62% dos beninenses praticavam as crenças tradicionais; 23,3% o cristia-

nismo (católicos, 21% e protestantes, 2,3%); 12% o islamismo e 2,7% outras. Abomé (*Agbomè*¹⁶), fundada em 1658 pelo rei *Houegbaja* e localizada a 139 km ao norte de Cotonou, é a antiga cidade real do Daomé. A cidade de Ouidah, localizada a 41 km a oeste de Cotonou, é o berço do culto ao *Vodun*, onde se encontra o mais afamado templo dedicado à serpente sagrada (*Vodun Dàn*), que assegura força e proteção.

Segundo Nunes Pereira, os negros *jejes*, ao chegarem no Brasil receberam o apelido de *minas*, por procederem de *Al Mina* ou *El Mina*.¹⁷ Esses negros, que se acreditava serem das nações *fanti* e *achanti*, por embarcarem nos quatro portos a leste do Castelo de São Jorge da Mina, especialmente em Ajudá (Ouidah), eram chamados genericamente de *minas*.

Para Arthur Ramos e Souza Carneiro:

Não há negros minas nem sob o ponto de vista etnográfico, nem, particularizando, sob o ponto de vista lingüístico, mas, simplesmente, em Mina há uma referência a El Mina ou Mina, que se tornou um grande empório de escravos.¹⁸

Ainda segundo Souza Carneiro,¹⁹ os negros desembarcados no Brasil, ditos *minas*, eram negros *achantis*, *popôs* (da nação *nàgô*, *nejô* ou *najô*); *mahis* (das tribos dos *mahis* da nação *jeje*) e *cavalos* (da nação *grebo*, oriundos da margem do rio *Cavala*). Para Costa Lima,²⁰ o termo *jeje* seria de origem *yorúbá*, *àjèjì*, que significa estrangeiro; os *jejes* seriam os povos que viviam ao sul do Benim (Reino do Daomé), “especialmente os *Fô* e os *Gun*”, trazidos em grande número para o Brasil no século XIX. O termo é pouco conhecido na África, atualmente; no Brasil é aplicado às línguas *Ewe-Fon* do grupo *Kwa*.

Conforme Côrtes de Oliveira, o termo *jeje*

era utilizado na África para se referir aos *gun*, do reino de Hogbonu (Porto Novo), que se impuseram sobre grupos *nàgôs* que ocupavam de forma dispersa a região, (...) antes de se generalizar sobre todos os cativos culturalmente a eles aparentados.

No tráfico negreiro para a Bahia, o termo *jeje*

era aplicado indistintamente não apenas aos *fons* de Agbamé, mas aos *mahis* de Savalu, aos *gun* de Porto Novo, aos *xwèdá* de Ajudá (Whidah ou Ouidah), aos *minas* de Anécho e ainda a outros grupos que estiveram sob a dominação do reino do Daomé.²¹

Nina Rodrigues encontrou, entre os negros *jejes* na Bahia, cinco grupos lingüísticos diferentes: *mahi*, *dahomé* ou *effon*, *aufueh*, *awunã* ou *aulô* e *whydah* ou *weta*.

Segundo Renato Barbieri, antes de os europeus chegarem à África, existiam grandes impérios e civilizações, como os reinos de Benim, de Jebu, do Congo, de Oyó e de Zimbabué, no interior. O Reino do Daomé deu origem ao Benim moderno, onde são falados mais de 40 idiomas e o *fon* é a língua mais difundida, seguida pelo *gun* e o *yorùbá*. Nas terras que hoje pertencem ao Benim e à Nigéria, viviam os *daomeanos* e os *yorùbá*, dois povos cuja história está muito ligada ao Brasil. As guerras entre esses povos favoreciam o comércio de escravos; os navios negreiros compravam os prisioneiros de guerra e os vendiam nas Américas. O Daomé era um reino guerreiro que ganhou importância porque controlou a exportação de escravos, sobretudo para Brasil e Cuba, e, em menor quantidade, para Venezuela e Caribe. A princípio, os reis começaram a vender para os europeus seus escravos domésticos. Quando a demanda se tornou maior, foi necessário ir buscá-los no interior, o que provocou as guerras fratricidas entre os negros. Antes, as guerras eram nacionais mas, depois, o mercantilismo ligado ao tráfico levou-os a fazer guerras de lucro para ter muitos escravos e vendê-los aos navios ocidentais, para receber quinquilharias e fuzis. Em Ajudá, onde ficava um dos grandes portos de embarque de escravos, os negros percorriam um caminho de 5 km da cidade até o porto. Nesse percurso, todo escravo que ia ser embarcado era obrigado a dar voltas em torno de uma árvore, a árvore do esquecimento. Os escravos homens deviam dar nove voltas em torno dela, e as mulheres, sete voltas. Depois disso, supunha-se que os escravos perdiam a memória e esqueciam seu passado, suas origens e sua identidade cultural, para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou se rebelar. Como o negro poderia esquecer sua origem e sua identidade cultural, se ela estava marcada em seu rosto e incrustada em seu coração? Esse ritual era praticado porque o rei tinha medo das maldições que os negros podiam rogar contra ele e o país. Então, costumavam rezar na praia para que os escravos fizessem uma boa viagem. Os principais portos de embarque de escravos, na África, localizavam-se no Golfo do Benim, na Ilha de Goré (no Senegal), em São Tomé, Angola e Moçambique. Através de várias rotas, o Brasil foi recebendo os cabindas do Congo; os benguelas de Angola; os macuas e angicos de Moçambique; os *minas* da Costa da Guiné; os *jejes* do Daomé; os *haussás* do noroeste da Nigéria; os *yorùbás* ou *nàgôs* dos reinos de Oyó e Kétu. O tráfico de escravos da África para o Brasil durou cerca de 350 anos; mais de quatro milhões de negros foram embarcados na costa africana com destino a Bahia, Maranhão, Pernam-

buco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. A região de Ajudá ficou conhecida como Costa dos Escravos, onde os portugueses construíram um forte, em 1720, e onde vários traficantes e comerciantes baianos se instalaram, entre eles o famoso Francisco Félix de Souza (mais conhecido como Chachá). Este foi o maior traficante de escravos da Costa Atlântica que a história registrou.²²

Para Côrtes de Oliveira:

Nàgô foi o nome escolhido no circuito do tráfico que se organizou em direção à Bahia para denominar os povos de língua iorubá.²³

Em Cuba e em outras regiões da América Central, os *yorùbás* são conhecidos como *lucumí*. No Benim, antigo Reino do Daomé, e em Egbado, na Nigéria, os povos que falam o *yorùbá* são conhecidos como *nàgô*, *ànàgô* ou *anagonu*. Costa Lima²⁴ acredita que a palavra *nàgô* foi originada de um apelido pejorativo que os *yorùbás*, da fronteira do Daomé, receberam dos *fons*. Em língua *fon*, *nàgô* significa “sujo, piolhento”, e os *yorubás*, quando chegaram ao Daomé, fugindo das guerras intertribais, chegavam em péssimo estado físico, esfarrapados, cheios de piolhos, famintos e doentes. Ainda para Costa Lima, a palavra *nàgô*

modificou-se semanticamente a ponto de perder essa suposta conotação, pois que é usada, atualmente, no Daomé e mesmo na Nigéria (...) pelos próprios iorubás e, ao chegar no Brasil com os jejes, já perdera o suposto significado ofensivo, uma vez que os iorubás da Bahia eram chamados e se chamavam a si mesmos de *nàgôs*.

Elbein dos Santos²⁵ discorda de Costa Lima quanto à origem da palavra *nàgô*. Baseando-se no dicionário de Abraham,²⁶ ela acredita que o termo *nàgô* seria de origem *yorùbá* e, mais tarde, incorporado pelos *fons*. Na Bahia, qualquer negro de língua *yorùbá*, independentemente de sua origem geográfica, era chamado de *nàgô*, fossem eles *òyós*, *ijexás*, *ègbás*, *ijèbús* etc.

O candomblé *jeje* do *Bogun*, em Salvador, assim como a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, expandiu-se para o Recôncavo Baiano, mais precisamente para a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira do Paraguaçu (atual cidade de Cachoeira). Sobre a expansão dessa Irmandade, Nascimento informa:

Presumivelmente por volta de 1820, a Irmandade da Boa Morte se expandiu para o Recôncavo, se instalando na então vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Embora sediada em Cachoeira, seus membros eram moradores de várias localidades do Recôncavo, principalmente de freguesias

pertencentes ao seu termo (Feira de Santana, Muritiba, Conceição de Feira, São Gonçalo dos Campos, Outeiro Redondo, Cruz das Almas e Castro Alves, todas incluídas na zona fumageira da Bahia). Cachoeira, portanto, era o local onde se realizavam os festejos anuais, porque era uma vila que dispunha de várias igrejas, era uma paróquia populosa e desenvolvida. Entretanto, tradicionalmente, a encarregada da festa era (e continua sendo ainda hoje) a responsável pela guarda das imagens e alfaias da entidade; quando esse posto era assumido por uma irmã residente em outro local, os ritos semanais que elas realizavam, e ainda realizam (litanias etc.), exigiam o deslocamento das demais para onde as imagens eram transportadas. Esse dado é importante porque revela um dos possíveis motivos da expansão da entidade. Durante o tráfico escravo que a Bahia manteve com o Daomé e com o fenômeno da expansão urbana das vilas próximas da Baía de Todos os Santos e zona fumageira, houve uma concentração expressiva de africanos jêjes e nagôs nessas zonas.

Cachoeira, considerada por Vilhena, cronista baiano, a mais rica e populosa vila baiana durante o século XVIII, desfrutava de condições privilegiadas. Localizada na zona do litoral oeste da Baía de Todos os Santos, e distante 55 km por via flúvio-marítima do porto de Salvador, Cachoeira era zona de produção açucareira que floresceu nos solos massapê do Iguape, território agroindustrial açucareiro de Cachoeira, localizada ao sul da vila e aninhada no fundo da Baía; zona de produção exclusiva de tabaco, desde o século XVIII, plantado na sua porção oeste, era principalmente o segundo porto fluvial mais importante da Província, “porta de entrada” para o sertão baiano e interior brasileiro. Quer dizer, Cachoeira era uma zona de concentração africana, principalmente libertos, que buscavam trabalho no cais, trapiches, alfândegas e cantos da vila.²⁷

A origem da cidade de Cachoeira nos remete ao ano de 1531, quando chegou a expedição de Martim Afonso de Souza, onde estava o fidalgo português Paulo Dias Adorno, que ficou na Bahia com o objetivo de colonizar e iniciar o plantio da cana-de-açúcar. Adorno, com Rodrigues Martins, buscou exatamente a margem esquerda do rio Paraguaçu, onde poderiam, sem dificuldades, entrar e sair com suas embarcações. Era uma região privilegiada para o plantio. Adorno fixou sua fazenda entre os rios Caquende e Pitanga, até hoje existentes, construindo residência, senzala, engenho e uma pequena capela sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. Adorno e Martins, amigos e parentes de Diogo Álvares Cabral (o Caramuru) e Catarina Paraguaçu, conseguiram apaziguar os nativos (índios), o que facilitou um bom relacionamento e uma melhor colonização. O impulso ao progresso deu-se pelo privilegiado Porto da Cachoeira, que fazia a ligação entre o Recôncavo e o Sertão na união de riquezas: gado e ouro. O comércio crescia rápido, tornando Cachoeira a cidade mais rica, populosa e uma das mais importantes do Brasil. Paralelamente à atividade econômica, aumentava sua participação política, tornan-

do-se conhecida como “Cidade Heróica”, pela coragem e audácia de seus filhos, que muito lutaram pela Independência da Bahia e do Brasil. Dois bonitos exemplos são Maria Quitéria (mulher soldado que lutou bravamente para livrar a Bahia do jugo português) e Ana Nery (a “enfermeira do Brasil”, título que recebeu durante a Guerra do Paraguai). Além das ilustres visitas de D. Pedro I, D. Pedro II, princesa Isabel e conde D’Eu, Cachoeira foi sede do governo da Bahia por duas vezes: no início das lutas pela Independência (1822) e durante a Revolta da Sabinada (1837). Isso trouxe para a cidade valores notáveis nas artes, arquitetura civil e religiosa, monumentos impregnados de história.²⁸

Conforme Jeferson Bacelar, Cachoeira era

uma das mais tradicionais cidades do Recôncavo baiano. Cidade das mais importantes historicamente, encontrou seu apogeu no século XIX, devido a sua condição de intermediária comercial entre Salvador e o sertão. A cana-de-açúcar e o fumo fizeram sua grandeza, vista nas belas casas de moradas, sobradões azulejados, vistosos armazéns, fábricas, depósitos e praças de grande plasticidade arquitetônica. Cidade que tem sua vida pautada no elemento que lhe traria glória e dor, o rio Paraguaçu, que lhe daria a preeminência comercial através da via fluvial e tantos dissabores traria devido às constantes enchentes.²⁹

Atualmente, a cidade de Cachoeira compreende uma área de 403 km², fazendo fronteira ao norte com Conceição de Feira, ao sul com Maragogipe, a leste com Santo Amaro e a oeste com São Félix, ou melhor, com o rio Paraguaçu, que separa as duas cidades.

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Salvador, resistiu, provavelmente, até o ano de 1929, pois, de 1930 a 1934, não aconteceram as devoções na Igreja da Barroquinha. Em 1935, saiu nova procissão comandada por novo grupo, que passou a realizar as obrigações religiosas a Nossa Senhora da Boa Morte.

João da Silva Campos situa:

Deixa-se de fazer a procissão de 1930 a 1934. Saiu no ano seguinte. Nem de longe assemelha-se à dos tempos passados. Mínimos cortejos, e modernizados. Mocinhas de véu, criancinhas vestidas de anjo. Cadê os negros todos prósas no fraque e no croazê? Cadê os benditos? Cadê a multidão melanoderma que se comprimia azougradamente ao redor do esquife? Desapareceu tudo... tudo... Quando o cortejo se moveu, curto, mesquinho, sorumbático, despido de menor imponência, na tarde nevoenta, triste e fria, mal a meu grado senti-me acicoteado pela lembrança das procissões que na meninice ali via, e, tomado de funda melancolia, apressei-me a afastar.³⁰

Já a Irmandade da Boa Morte, em Cachoeira, expandida de Salvador, mantém-se até os dias de hoje, fundamentada nos parentescos

sócio-hierárquicos de uma complexa sociedade geral de terreiros que mantêm entre si vínculos de ordem ética e moral.

Antes da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte chegar a Cachoeira, já existia outra, formada por homens pretos da nação *jeje*, chamada Irmandade do Senhor Bom Jesus da Paciência, com o soberano título de Senhor dos Martírios. Datada de 1765, situava-se no Convento da Villa de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Villa de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira.³¹ Essa Irmandade masculina fundou igreja, em 1876, e cemitério próprio, popularmente conhecido como cemitério dos *nagôs*, localizado no alto do Rosarinho.

Algumas Irmãs da Boa Morte, que vieram de Salvador para Cachoeira, não sentiram grande impacto nessa transferência. Embora Salvador fosse uma cidade com mais habitantes que Cachoeira, sendo esta percorrida a pé em uma única manhã, havia uma grande identificação cultural entre as duas cidades, como bem explica Antônio Risério. Para este autor, Salvador, apesar de ser uma região principalmente costeira, com cerca de 10.000 km² de área, exibe uma cultura predominantemente do Recôncavo agrário e mercantil da Bahia.³² Portanto, dos pontos-de-vista cultural e social, excetuando as dimensões, Cachoeira e Salvador eram muito parecidas.

Quando a Irmandade da Boa Morte se expandiu para Cachoeira, ficou instalada em uma casa residencial na rua da Matriz (atual rua Ana Nery, 41). Não se sabe o porquê dessa Irmandade não se instalar em uma das igrejas existentes em Cachoeira, ou até mesmo construir uma igreja própria; em vez disso, abrigou-se em uma casa onde havia uma grande concentração de africanos. Essa casa, ainda em bom estado, é conhecida pela população de Cachoeira como Casa Estrela, porque, fixada no chão da calçada, na porta de entrada, há uma estrela em granito, disfarçando um *Èsù* assentado pelas muitas africanas que por lá passaram. Até os dias de hoje, a Irmandade da Boa Morte, quando sai em procissão pelas ruas de Cachoeira, carregando a imagem da Santa, ao passar pela Casa Estrela, pára por alguns minutos, “saudando” as antigas irmãs que ali moraram e lembrando, também, que foi naquela casa que tudo começou. A Irmandade da Boa Morte sai à rua em três procissões: Cortejo de Nossa Senhora da Boa Morte (sexta-feira à noite); Procissão de Nossa Senhora da Boa Morte (sábado à noite) e Procissão de Nossa Senhora da Glória (domingo pela manhã). Quando a africana Ludovina Pessoa, Irmã da Boa Morte e fundadora do terreiro *jeje* *Zòògodò*

Bogun Malè Hundo, em Salvador, chegou a Cachoeira, ficou hospedada na Casa Estrela, onde morou uma africana, Irmã da Boa Morte, chamada Júlia Deocleciana Nascimento. Não sabemos se Júlia era parente carnal ou de santo de Ludovina Pessoa. Sinhá Júlia vivia com um negro de Cachoeira, de nome Cassimiro, e desta união nasceram três filhas: Julieta do Nascimento (Santinha), provavelmente em 1845; Deocleciana do Nascimento (Tutuzinha), provavelmente em 1865; e Cassimira do Nascimento (Doú). Sobre essa família, Gaiaku Luiza informa:

Eram três irmãs que moravam ali e se chamavam Santinha, Tutuzinha e Doú. Todas eram moças solteiras. Ali era como se fosse uma casa de negócio, aberta para quem quisesse, dia e noite. Eram consideradas “as conselheiras”, pois, se alguém tivesse alguma dúvida, recorria a elas. Era casa de doceira. Havia uma mesa bem larga e estava sempre coberta de doces. Elas faziam manauê, pé-de-moleque, pão-de-ló, queijada, apanã e bolachinhas de goma, que nesse tempo se chamava brevidade. Havia umas meninas que vendiam para elas e, no final da tarde, vinham prestar conta. Muitas dessas meninas dormiam ali. Na festa da Boa Morte, era lá que se guardavam as roupas, as jóias... Eram conhecidas como as filhas da finada Júlia, que era a mãe delas. Havia um mês, se não me engano setembro, que elas faziam uma mesa de doces e chamavam os meninos da rua para comer. Também davam comida para os mendigos. A Tutuzinha era madrinha da minha irmã, aí todos nós passamos a chamá-las de Dindinha também. As Irmãs da Boa Morte não saíam de lá, parecia que era a casa delas. Era lá que dormiam, guardavam suas roupas... Quando queriam alguma coisa, falavam: “Deve estar na casa das meninas da finada Júlia!” Agora vê, umas senhoras de idade chamadas de meninas! Dizem que Júlia era africana e foi uma das fundadoras da Irmandade da Boa Morte. Elas faziam os doces lá e vinham as doceiras que os pegavam e vendiam. Umas vendiam em gamela, outras em tabuleiro. Se houvesse alguma festa em Cachoeira, casamento, aniversário, batizado, festa de São Cosme, os doces eram comprados lá. Era uma casa que tinha fundamento. Ali se encontrava de tudo. Vinha um senhor africano, Hipólito, que trazia coisas da África. Lá se vendia *obi*, contas, pimenta-da-costa... Dizem que existia um quarto onde havia um fundamento. Não sei quem deu conta de tanta coisa. Dizem que aquela estrela na entrada da casa é um *Èsù* plantado ali. Antigamente, a casa era conhecida como casa das meninas da finada Júlia, agora é “Casa Estrela”, por causa da estrela na calçada. A Padaria Estrela não tem esse nome por causa da casa ao lado e sim porque o dono da padaria chamava-se Arlindo Estrela, padrinho do meu irmão. Naquela rua era o comércio, você passava e via as argolas no passeio para amarrar as cordas dos animais; chamava-se rua da Matriz. Dizem que, quando Ludovina Pessoa chegou à Cachoeira, foi ali que se hospedou. Não tenho certeza se ali se batia *candomblé* ou não. Sei que era uma casa muito grande e estava sempre cheia de gente. Lembro delas falando com minha mãe: “Cecília, minha comadre, traga Joantina para cá!” Foi lá que minha irmã Joana aprendeu as primeiras letras, e era Dindinha Tutuzinha quem gostava de ensinar, mas Joana não gostava de aprender. Elas criavam aquelas meninas de roça: Rosentina,

Mariá... moças que saíam casadas de lá. Se uma pessoa não tivesse onde ficar, ia para lá. Se uma afilhada estava doente, ia para lá. Davam comida até para os mendigos. Eu vi Dindinha Tutuzinha indo na Roça de Ventura, mas não lembro delas indo a outros candomblés. A Santinha era muito bonita, rosto redondo, mãos pequenas... mas não saía porque era gorda demais. Uma vez, a vi em uma procissão.

Dona Laurentina Conceição, negra, nascida no dia 9 de agosto de 1917, moradora da antiga rua do Carmo (atual rua Floriano Peixoto, 34) – Cachoeira, foi uma das meninas criadas na Casa Estrela, ou melhor, na “casa das meninas da finada Júlia”:

Fui morar naquela casa com um ano de idade, e com meio metro de pano se fazia uma roupa para mim. Foi tia Tutuzinha quem me pegou para criar, mas acabei me apegando mais com a tia Santinha. Elas tomavam conta das coisas da Boa Morte. Elas trabalhavam para a Boa Morte, fazendo comida, mas não saíam na procissão. Vestiam as roupas nas mulheres da Boa Morte, amarravam o torso nelas, e, para as que não tinham condições, compravam tecidos e mandavam aprontar a roupa. A Boa Morte se reunia na Casa Estrela. Eram três irmãs que moravam ali. Tia Santinha era de *Òsun*, tia Tutuzinha de *Òṣalá* e tia Cassimira nunca me disse de que santo era, porque não morava ali propriamente. Foi criada com o dr. Zezinho em Ilhéus, e, depois que ele morreu, foi para Salvador. Depois de velha é que veio morar com as irmãs. Elas nunca se casaram e morreram virgens. A mãe delas era uma africana que se chamava Júlia, mas não a conheci. Sei que tinha quitanda. As filhas vendiam maniçoba, sarapatel, carne de porco assada, naquelas gamelas enormes. Vendiam em uma barraca dentro do antigo mercado (atual correio). Tinham um primo africano chamado Hipólito, que trazia coisas da África para venderem ali naquela casa. Vendiam *obi*, *orógbô*, limo-da-costa, pembas... Quando dona Júlia faleceu, deixou o sr. Cândido Onofre tomando conta delas. Ele morava em um sobrado junto à Paroquial, mas não era africano. Depois ele casou e teve dois filhos, mas os filhos morreram e ficaram só ele e a mulher. Quando morreu uma das tias, logo depois morreu um dos filhos dele; e, quando morreu outra tia, também, logo a seguir, morreu o outro filho. Nós amanhecíamos o dia no duro, acordadas, trabalhando, fazendo doce para vender. Quando havia passeio para Maragogipe, trabalhávamos mais. Saí de lá com 17 anos para casar. Muitas pessoas do candomblé frequentavam aquela casa, lembro de Judith da Terra Vermelha e de sinhá Abali, uma negra da Irmandade da Boa Morte. Era da Roça de Ventura e morava na Recuada. Conheci também *Ogan Bobosa* e *Agèsì*, que morava na ladeira da Cadeia. *Agèsì* era parente de um filho meu. Tia Santinha, além de cuidar das coisas da Boa Morte, cuidava também das roupas da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda. Ela guardava as jóias, imagens... Era perpétua na Irmandade. Ela morreu de diabetes e nunca foi ao médico, comia açúcar até com farinha. Era muito gorda e nunca saía de casa. Tia Tutuzinha, quando jovem, ia à missa e acompanhava a procissão. Tia Santinha está enterrada no jazigo da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda, no Cemitério da Piedade, em Cachoeira. Tia Tutuzinha e tia Cassimira estão enterradas na Igreja da Matriz.³³ Eu me sustentei por muitos anos fazendo doces para fora, coisa que aprendi com elas. Agora, estou velha e não faço mais doces para vender.

Todo ano faço o caruru de São Cosme, faço todas as comidas que pertencem a ele. Tenho minhas devoções, mas não quero compromisso.

Dona Santinha faleceu no final da década de 1960, com 115 anos, e dona Tutuzinha em meados dos anos 1970, com 105 anos.

O Candomblé do *Bitedô*

Contam os antigos que o primeiro candomblé existente em Cachoeira era de origem *jeje*. Localizado em um sítio afastado do centro da pequena Vila de Cachoeira, ficava em uma baixada do pico da atual ladeira Manoel Vitória, antigo núcleo residencial africano popularmente chamado de Galinheiro, talvez uma referência aos negros galinhas, como eram chamados no Brasil os africanos *gruncis*. Segundo Braz Hermenegildo do Amaral:

Os negros galinhas vieram das proximidades do rio deste nome, situado na Costa dos Grãos ou Costa da Pimenta.³⁴

O Galinheiro se estendia da atual rua Julião Gomes até a ladeira Manoel Vitória. Esse candomblé *jeje* ficava localizado na Recuada, uma grande área formada por colinas e morros inadequados para o plantio e a criação de animais. A Recuada serviu de moradia para a população marginalizada de Cachoeira; muitos africanos e filhos de africanos se abrigaram naquela região. Toda área que não fazia parte do centro urbano da pequena Vila de Cachoeira era a Recuada. Não se sabe se esse candomblé foi fundado pelas mulheres da Boa Morte, sendo portanto uma ramificação do candomblé *jeje* *Zòògodò Bogun Malè Hùndo*, em Salvador, ou se já existia antes da Boa Morte chegar a Cachoeira.

Segundo *Ogan Bobosa*, esse candomblé, comandado pelo africano Kixareme e onde cultuavam o *Vodun Azansú*³⁵ *Nàgópé* (ou *Nàgóbè*), chamava-se *Bitedô* e estava ligado às mulheres da Boa Morte e ao Terreiro do *Bogun*, em Salvador. Sua principal cerimônia era a realização do *Gbòitá*. No dicionário *fon-francês* de Segurolo,³⁶ encontramos os termos “*Ànàgògbè*” (a língua *yorùbá*, o *nàgô*) e “*Ànàgò*” (pessoa consagrada a *Sakpatá*).

A data de fundação do candomblé do *Bitedô*, como a do terreiro do *Bogun*, se perdeu no tempo. Acredita-se que passou a existir no início de 1800, ou antes. Provavelmente, recebeu apoio dos tios limano,

malê: Francisco Honorato da Costa, também conhecido como tio Obá-Tundê, que fazia parte do Conselho dos Assumânios, na Capela dos Quinze Mistérios, no largo dos Quinze, em Salvador; e tio Luiz João Adiô. Esses negros *malês* possuíam o grau de limano, consagrado pelo Conselho dos Assumânios, dado ao sacerdote a cargo de uma mesquita.

Antônio Monteiro informa que

o Recôncavo seguia a orientação de dois chefes religiosos, o limano tio Obá-Tundê, Francisco Honorato da Costa, com sede na cidade de Cachoeira, e o Obá-Muazim tio Assobá-Oju, José Luiz da Costa Carvalho, na cidade de Santo Amaro, e que eram primos.³⁷ Tio Adiô, ou *Malê* Adiô, foi um comandante disposto e respeitado, “embora ferreiro de profissão, o tio Adiô era embarcado, mantendo um forte comércio entre a Capital e o Interior, nas praças de Cachoeira, Santo Amaro, Muritiba, Nazaré, Maragogipe e outras cidades do Recôncavo, onde desenvolvia atividade política, arrematando negros nas fazendas.”³⁸

Rosemarie Quiring-Zoche informa que na Bahia,

até os anos quarenta do nosso século, viajantes estrangeiros e pesquisadores ainda encontraram alguns negros que se consideravam *malês*, mas aparentemente seu culto havia sido, de um modo geral, absorvido nos ritos do candomblé.³⁹

O local onde funcionou o candomblé do *Bitedô*, atualmente abandonado, é conhecido pela população local como *Bitedô*, e é onde todos os terreiros de Cachoeira despacham seus carregos fúnebres. Os antigos não sabem explicar o significado do termo *Bitedô*; em consulta ao Dicionário Yorubá (Nagô)-Português,⁴⁰ encontramos: *Bí* (v.t. Gerar, dar nascimento a) e *TèDó* (v.i. Formar um estabelecimento, construir uma nova cidade, ser fundador de alguma coisa).

Em 1876, este candomblé foi inviabilizado, devido à construção de um viaduto ferroviário que cortou suas terras. Este viaduto foi chamado de Imperial Estrada de Ferro Central Viaduto do Batedor (corruptela de *Bitedô*), e foi inaugurado em 2 de dezembro de 1876. Com a sua construção, o candomblé do *Bitedô* foi obrigado a se transferir para outro local, pois ficava inviável a prática religiosa naquela roça, com a presença de dezenas de funcionários da rede ferroviária trabalhando. E, quando o trem comesse a passar pela roça, seria mais difícil ainda. O candomblé foi transferido para um terreno próximo a Fazenda Altamira, localizada na Lagoa Encantada. Perto dessa fazenda, existe até hoje uma lagoa que a população local afirma ser encantada, tendo o poder de se locomover; ora está em um local, ora se transporta para outro. Ogan Teodoro de Jesus, filho carnal do sr. Justo de *Sàngó*, informa:

Uma vez um carro de boi entrou na Lagoa Encantada e foi sair no Dique, em Salvador. Não era toda hora que se podia tomar banho ali, porque a pessoa corria o risco de desaparecer. Minha mãe um dia desapareceu, era de *Yemonjá* com *Òsimarè*, e, quando a encontraram, estava coberta de peixe.

Segundo Nascimento,⁴¹ a Fazenda Altamira pertencia a José Maria de Belchior (Zé de Brechó), nascido em 1837. Nessa época, estava com 41 anos e já era um bem-sucedido marceneiro com trânsito livre em todas as camadas sociais e políticas cachoeiranas. Era filho de Maria Motta, ou Tatá de Brechó, africana *jeje*, Irmã da Boa Morte, e esposa do lavrador Belchior Rodrigues Moura. Maria Motta era genitora, também, de Antônio Maria de Belchior (apelidado de *Sàlàkó*) e Maria de Belchior, filha caçula da família, Irmã da Boa Morte, nascida em 1840.

A sra. Cici de *Òosalá*, da Fundação Pierre Verger, nos informou que a criança que nasce, na Bahia, “empelicada”, ou seja, que nasce junto com a bolsa, é chamada de *Sàlàkó*. O líquido sai e a bolsa não rompe, ficando a criança dentro da bolsa. A parteira ou o médico é obrigada a estourar a bolsa para retirar o bebê. Os descendentes de africanos, depois do parto, faziam um fundamento com essa placenta.

O povo-de-santo de Cachoeira conta muitas histórias sobre a rivalidade que havia entre os dois irmãos, Zé de Brechó e *Sàlàkó*. Eles disputavam o poder do conhecimento do feitiço e a herança deixada pelo pai, que era dono de várias casas, em Cachoeira, e terras, no Morro da Capapina. Até hoje existe uma rua, em Cachoeira, chamada rua de Belchior, e era lá que o pai dos dois irmãos, Belchior Rodrigues Moura, residia e possuía muitas casas.

O sr. Zé de Brechó morava em um casarão, construído em 1902, em cima do Bar Sete Portas, imóvel de sua propriedade, localizado na esquina da rua Antônio Carlos Trindade Melo com a praça Maciel, próximo ao atual Mercado Municipal, construído em 1946. Dizem que era comum encontrá-lo sentado em uma grande pedra, que fica ao lado da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, situada no largo do Remédio, 17.

Sobre Zé de Brechó e *Sàlàkó*, um vizinho ao Bar Sete Portas, conta:

Zé de Brechó e seu irmão *Sàlàkó* eram muito respeitados aqui em Cachoeira. Eu era pequeno e ouvia essa história: um dia *Sàlàkó* estava na janela daqueles casarões antigos da rua da Matriz, quando passou uma branca gorda e começou a rir dele, achando-o um negro engraçado. Ele ficou revoltado, falou umas palavras e a branca danou a rir e não parava mais. Ela ria que chegava a urinar e obrar.⁴² Ria de manhã à noite e resolveram, então, levá-la para Zé de Brechó dar

um jeito nisso. Somente ele poderia desfazer a bruxaria feita pelo irmão. E assim foi feito, pois, quando chegaram em Zé de Brechó, ele falou umas palavras e a branca parou de rir. Ele não fez isso pela branca não! Fez pelo prazer de desfazer o feitiço do inimigo-irmão.

Segundo o sr. Eugênio Rodrigues Rocha (98 anos), nascido em Cachoeira:

Zé de Brechó morava em cima do Bar Sete Portas. Ele e *Sàlàkó* eram os dois macumbeiros mais falados em Cachoeira e dizem que eram irmãos. Quando faziam aniversário, um mandava o presente para o outro, e quando recebiam, olhavam e diziam: “Você diga a ele que ainda está faltando alguma coisa.” Só que essa coisa ninguém sabia o que era, só eles. Um experimentava o outro. Naquele tempo as coisas eram assim... No candomblé havia aqueles homens sabidos e os dois mais falados em Cachoeira eram eles.

José de Brechó e *Sàlàkó* foram sepultados no cemitério do Rosarinho, como a maioria dos negros de Cachoeira, e mesmo após a morte as brigas continuaram. Para que os dois tivessem paz, assim como o povo de Cachoeira, foi necessário que a Igreja, além de todos os *Àsèse* realizados, celebrasse uma missa que terminou com as duas sepulturas acorrentadas pelos padres missionários. Só assim a paz voltou a reinar nos terreiros de Cachoeira.

Antônio Monteiro, em seu livro sobre os negros *malês* na Bahia, cita um limano, um negro *malê* que fazia parte do Conselho dos Assumânios, chamado, coincidentemente ou não, de tio *Sàlàkó*. Este,

com mesquita no Beco do Sapoti, 3, próximo da rua Rui Barbosa, numa transversal; era vidente, jogava búzios, e sacerdote de Ifá.⁴³

Na Fazenda Altamira o antigo candomblé do *Bitedô* funcionou por muitos anos, sob a direção do africano *Kixareme* (ou *Tixareme*, ou tio *Xareme*) de *Azansú* e da africana Ludovina Pessoa de *Ògún*. Os antigos dizem que o *Ògún* de Ludovina Pessoa chamava-se *Ògún Rainha*. Quem sabe o nome *Rainha* foi originado da expressão “*Ògún da Rainha*”. Talvez Ludovina Pessoa fosse membro de alguma família nobre africana, ou quiçá até de uma rainha africana. “Vamos ver o *Ògún da Rainha!*” “Olha o *Ògún da Rainha!*” Com o tempo, passou a se falar *Ògún Rainha*. Mas não podemos descartar a possibilidade da palavra rainha ter outro significado na língua *fon*. Ela iniciou muitas filhas-de-santo nessa roça, destacando-se Maria Luiza Gonzaga (Maria *Ogorensi*), Maria Epifania Dionísia do Sacramento (sinhá Abali) e Maria Romana Moreira (*Kpòsúsì* Romaninha). As duas primeiras eram Irmãs da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, de Cachoeira.

Após o falecimento de *Kixareme* e Ludovina Pessoa, esse candomblé, que era, também, conhecido como “Roça de Cima”, pois localizava-se em uma parte elevada, passou aos cuidados do sr. José de Brechó, que era considerado um *Olúwo*. Após o falecimento de Zé de Brechó, o candomblé foi extinto.

É comum o povo do candomblé, quando passa pela Fazenda Altamira e cruza com uma frondosa e antiga jaqueira, saudar “trocando língua” e, por vezes, batendo a cabeça na própria árvore. Essa jaqueira era o principal *Àtinsá* da antiga roça e pertence ao *Vodun Azansú Azongoroji*. Essa fazenda foi vendida várias vezes, passando por vários donos. Por coincidência ou não, todos os donos que na época tinham boa situação financeira acabavam perdendo tudo que possuíam, terminando na miséria. A população de Cachoeira acredita que a fazenda é mal-assombrada, e conta muitas histórias macabras sobre ela. Acredita-se que exista muita coisa enterrada pelos africanos que por lá passaram. Segundo dona Francesa, que foi rendeira (caseira) do Terreiro *Seja Hùnde*, ninguém que tivesse morado na Fazenda Altamira prosperou. Ninguém de passagem dormia ali, pois via-se muita coisa à noite. *Ogan Bobosa* também contou que, no fundo da casa da fazenda, havia um cajueiro e que o novo dono mandou cortar. Quando foram cortar, o cajueiro sangrou e quem cortou morreu. Sobre o candomblé da Roça de Cima, *Gaiaku* Luiza informa:

Não sei muito sobre a Roça de Cima, pois ela parou de funcionar há muito tempo. Sei que quem comprou foi um tal de dr. Falcão, que colocou alguns funcionários que não sabiam de nada e cortaram algumas árvores. Um cortou e morreu com a barriga inchada, o outro matou uma cobra e também morreu, depois veio outro de nome Aurino, parece que matou uma cobra e ficou parafítico. Passou a andar somente em cima de um jegue, porque as pernas pareciam um mingau. Ele trabalhava com venda e, quando descia para a Roça de Ventura, os *Vodun* vinham e abraçavam ele. Ele chorava e pedia perdão. Não “alcancei” candomblé ali. Uma afilhada de minha madrinha trabalhou como empregada na casa que havia ali, mas não havia mais candomblé. Dizem que nenhum dono parava naquela roça, e todos perdiam tudo. A casa era um casarão e no terreno não havia ladeira, era todo plano.

O terreiro *Zòògodò Bogun Malè Hùnde*, em Salvador, foi comandado por muitos anos por *Gaiaku* Maria Emiliania da Piedade, filha-de-santo de Ludovina Pessoa, nascida em torno de 1854 e consagrada ao *Vodun Age*⁴⁴ (*Amã Egebemiló*). Segundo Verger, o *Vodun Age* “existe no Daomé e tem seu templo em Abomé no bairro Djena, entre os templos de Mawu e Lisa.”⁴⁵

Para Herskovits:

Agué é um caçador, é o deus da mata e os animais estão sob seu controle. Domina a mata com os animais que ali existem.⁴⁶

Fala-se que, antes de sinhá Emiliania, o *Bogun* foi comandado por um africano chamado *Kixareme*. *Gaiaku* Emiliania contava com o apoio de duas auxiliares (*Deré*): Maria Romana Moreira (*Kpòsúsi* Romaninha), que pertencia ao *Vodun Kpòsú*, filha-de-santo de Ludovina Pessoa; e Maria Valentina dos Anjos (Mãe *Hũnyo*), que pertencia ao *Vodun Sogbo* (*Meredoji*). Com a morte de *Gaiaku* Emiliania, provavelmente em 10 de novembro de 1946, com 92 anos de idade, quem passou a assumir o terreiro foi Mãe *Hũnyo* (Ruinhó), e, segundo ela:

Tiana Jeje, mãe-pequena daqui antes da finada Emiliania, tinha marca da tribo no rosto. Tiana veio do tempo de meu pai-de-santo. No tempo em que fiz o santo ainda foi com africanos na casa. Já a finada Emiliania era crioula. A primeira mãe-de-santo era Ludovina, que era africana. Os terreiros de jeje já acabaram tudo, Carabetã, Campina de Bosquejã, Agomenã, tudo... Emiliania morreu... com 92 anos. Esta é a segunda casa feita aqui no mesmo lugar. A gente quer acabar, mas tem tanto santo por aí que veio da África, que nós só lamentamos aquela árvore onde está assentado Azoano Adô. Houve a primeira casa que foi dos africanos, depois foi ficando nós caboclos. Esta casa foi construída em 1927, tem mais de trinta anos. A outra era de taipa.⁴⁷

Hũnyo nasceu em 1877 e faleceu em 27 de dezembro de 1975, aos 98 anos de idade. Após o reinado de Mãe *Hũnyo*, quem assumiu a casa foi sua filha carnal, Evangelista dos Anjos Costa (*Gamo Lokosi*), negra, que tinha como protetor o *Vodun Loko*. Era também conhecida como *Doné* Nicinha. Faleceu em 5 de outubro de 1994. Após 7 anos de luto, o terreiro do *Bogun* volta à atividade, em janeiro de 2003, agora sob o comando da *Vodunsi* Zailde Iracema de Melo, mais conhecida como Índia. Esta é sobrinha carnal da falecida *Doné* Nicinha e também neta carnal da falecida *Hũnyo* de *Sogbo*. Foi iniciada por *Doné* Nicinha, no terreiro do *Bogun*, em 1990, para o *Vodun Azansú*, e atualmente está com 39 anos de idade. É filha carnal de Amancio e mãe de Antônio Raimundo de Melo, ambos *ogans* do *Bogun*.

O *Xwé Seja Hũnde*

Manoel Ventura Esteves, marido de Maria Luísa Gonsaga (Maria *Ogorensi*), compra uma roça vizinha à Fazenda Altamira, onde esta-

va localizado o antigo candomblé do *Bitedô*, que fazia fronteira com o Engenho do Rosário Riacho Rio Caquende. Era uma roça muito grande e com muitas árvores frutíferas. O poço da Mãe-d'água, onde se fazia obrigação para *Ôsun*, pertencia a esta roça. A roça fazia divisa com umas terras chamadas Malaquias, em que várias famílias africanas faziam moradia e às quais quase ninguém tinha acesso. Maria Luiza Gonsaga, filha de Ludovina Pessoa, iniciada na Roça de Cima (Fazenda Altamira) para o *Vodun Bèsén* (*Ahũnsi Misimi*), deixa sua roça-de-santo, desce para as terras vizinhas compradas por seu marido e funda, no final de 1800, outra casa de candomblé *jeje-mahi* denominada *Xwé Seja Hũnde*. Ali toma posse do título (cargo) de *Gaiaku* e passa a ser conhecida como *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Ela, assim como sua mãe-de-santo Ludovina Pessoa, fazia parte da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. O terreiro *Seja Hũnde* pertence ao *Vodun Bèsén*, um dos reis da nação *jeje-mahi*, e o salão de dança (barracão), que eles chamam de *Agbasá*, pertence ao *Vodun Azansú*, talvez uma homenagem ao dono da roça onde *Gaiaku* Maria *Ogorensi* foi iniciada. Podemos supor que a tradução do nome do terreiro *Xwé Seja Hũnde* seja: "Aqui, neste lugar, há uma casa onde se adora um *Vodun* representado por uma cobra de ferro", onde: *Xwé* = casa, em *fon* (no Brasil, é pronunciado *küê*); *Se* = corruptela de *Sèn*, que em *fon* significa *adorar*; *Já* = nome que eles dão à cobra de ferro utilizada no assentamento do *Vodun Bèsén*, um dos símbolos deste *Vodun*; *Un* = derivado de *Hũn* (*Vodun*). Alguns membros deste terreiro pronunciam *runde* e não *unde*; *De* = em *fon*, "aqui, neste lugar".

Segundo *Gaiaku* Luiza, na Fazenda Altamira praticavam o *jeje-mudubi*, e quando Maria *Ogorensi* toma posse do *Seja Hũnde*, Roça de Baixo, ela intitula a casa como *jeje-mahi*. *Gaiaku* Luiza segue dizendo que a diferença entre esses dois tipos de *jeje* é que o *jeje-mudubi* está muito ligado a *Egún*; que eles começam as festividades (obrigações) com *Egún* e terminam com *Egún*. Já o *jeje-mahi* começa com *Ayizàn* e termina com o *Vodun Aziri-Tobosi*. Tanto que uma das *quizilas* do *jeje-mahi* é a presença de casa de *Egún* em sua roça. Toda essa parte de *Egún* é tratada em *Ayizàn*, que no Brasil é cultuado como um *Vodun* feminino, que representa a morte. É originário de Allada, no atual *Benim*, e representa "a esteira da terra", "a crosta terrestre", onde *Ayí*, em língua *fon*, significa "terra" e *Zàn*, a "esteira ou franjas de folhas de dendezeiro". Nos candomblés *jeje* do Brasil, não há o culto, em sua profundidade, a *Egún*, como nos candomblés *nagô*, principalmente da Bahia.

Acredita-se que Maria *Ogorensi* tenha nascido em torno de 1820, ou antes, e, segundo sua sobrinha Maria São Pedro dos Santos, nunca teve filhos carnisais e sim muitos filhos-de-santo. Esta também diz que sua tia foi “preparada” na Roça de Cima para tomar conta da Roça de Baixo (*Seja Hùnde*). *Ogan* Bobosa informou que Maria *Ogorensi* saiu da Roça de Cima para a Roça de Baixo, sem briga, foi seguir o seu caminho. O novo terreiro prosperou, iniciando muitos “barcos” de *Vodunsi*.

Para Vivaldo Costa Lima, o termo “barco”:

Parece de origem Fô mas não deve ser traduzido – ou entendido – como sinônimo de embarcação ou navio, pela sua homofonia com o termo da linguagem-de-santo, embora assim pensem alguns... barco significa, aqui, o grupo de iniciação formado pelos aspirantes de um terreiro.⁴⁸

As *Vodunsi* da Casa das Minas (*Querebentã de Zomadonu*), candomblé *jeje* em São Luís do Maranhão, informaram a Ferretti que deveria haver uma palavra *jeje* para barco, mas não lembram qual é. Alguém da Casa das Minas teria dito que seria a palavra *rama*, mas não tem certeza. Ainda Ferretti:

barco é a expressão mais usada nos terreiros jeje-nagôs da Bahia. Na Casa das Minas utiliza-se mais a palavra feitoria ou então pelotão.⁴⁹

No século XIX, a Maçonaria exerceu grande influência social e política no país. Para Ferretti, parece provável que os chamados cultos afro-brasileiros também tenham se inspirado, pelo menos em alguns aspectos exteriores, nos modelos de organização da Maçonaria, tão numerosa em todo país, embora não seja fácil a identificação de vínculos eventualmente existentes entre ambas.

A Casa das Minas surgiu no Maranhão, na primeira metade do século XIX, época em que era grande a influência de Irmandades Religiosas Católicas e de Maçonaria. É bem possível que os seus fundadores tenham conseguido algum tipo de apoio de membros destas instituições, que se inter-relacionavam assim de algum modo, no anseio por maiores liberdades.⁵⁰

Nunes Pereira relata que, no período em que Mãe Andresa governou o terreiro *jeje*, no Maranhão, conhecido como Casa das Minas (1914-1954), quando um maçom falecia e seu cortejo fúnebre se dirigia para o Cemitério Municipal, próximo a este terreiro, era obrigatório estacá-lo diante da porta central da Casa das Minas. Lá dentro se movimentavam as filhas e filhos-de-*Vodun*, tendo à frente a Velha *Nochê*, mãe-de-santo, e, por todo o bairro, ressoavam os toques dos tambores-de-choro. Relata, também, que no *peji* da Casa

das Minas existe, nitidamente traçada no chão, a figura geométrica de um triângulo isósceles, dentro do qual se apóiam algumas jarras. Ele levanta a hipótese de que esse triângulo represente um dos símbolos da Maçonaria.⁵¹ É provável que o candomblé do Ventura tenha contado com o apoio da Maçonaria para sua formação e sustento. Na Recuada, local de moradia dos negros excluídos, negros africanos e descendentes de africanos, ligados ao candomblé do Ventura, moraram também muitos maçons. Eles moravam na antiga rua dos Remédios, atual rua dos Maçons, e conviviam com os negros de candomblé vizinhos. Até hoje nesta rua ainda moram alguns maçons, dentre os quais destacamos o nome do sr. Miguel, morador da casa 10-B. A Maçonaria de Cachoeira está localizada na antiga ladeira da Cadeia, atual rua Benjamin Costant, 1. Ao pé dessa ladeira, há um grande casarão onde a princípio funcionou a Cadeia de Cachoeira, daí o nome popular: Ladeira da Cadeia; depois passou a funcionar ali a Prefeitura e, atualmente, a Câmara Municipal de Cachoeira. Podemos notar no candomblé do Ventura uma influência maçom, no fato dos *Ogan* da Casa, quando em procissão, na festa do *Gbditá*, saírem trajados de branco, com uma toalha branca amarrada na cintura, por cima da calça, como uma espécie de avental. Segundo um amigo maçom que assistiu a tal ato, o mesmo ocorre dentro da Maçonaria, sendo o avental na cor preta. Pedi maiores informações, mas o amigo não pôde fornecer. Zé de Brechó, que comandou o candomblé existente na Fazenda Altamira, Roça de Cima, segundo a população de Cachoeira, era maçom. É provável que, entre os comerciantes bem-sucedidos de Cachoeira que freqüentavam o candomblé do Ventura, no passado, alguns fossem maçons. O candomblé, assim como a Maçonaria, possui certos conhecimentos esotéricos, dos quais somente alguns iniciados participam, e o conhecimento é aprendido aos poucos, com a convivência, conforme *status* adquirido frente ao grupo. Podemos supor que a estrela de cinco pontas existente no chão, em frente à porta da Casa Estrela, seja um símbolo maçom. Para os maçons, a estrela de cinco pontas tem o nome de *Estrela Flamejante*, e é o emblema do gênio que eleva a alma a grandes coisas. Representa a segunda estação do ano (que vai de 13 de junho a 17 de setembro), aquela em que o pai da luz atinge seu ponto mais alto, de onde ela parece lançar línguas de fogo, dando a palavra (a faculdade de produzir) a todos os seres vivos. Essa estrela simboliza, também, uma figura humana, cujo vértice superior representa a cabeça humana e

os outros quatro, os membros superiores e inferiores. O centro da estrela é chamado de G (gerador ou gerador universal).

Manuel Querino informa que os negros *malês* no Brasil tinham o costume de desenhar por cima de seus patuás ou bolsas, que traziam ao pescoço, um polígono estrelado regular de cinco pontas, vulgarmente conhecido por signo-de-salomão, com o objetivo de destruir qualquer malefício. Assim ficavam imunes a toda feitiçaria.⁵²

Os dois terreiros, Roça de Cima e Roça de Baixo, vizinhos, chegaram a funcionar paralelamente, ambos realizando a festa do *Gbòitá*. Com o tempo, a Roça de Cima começou a decair, devido ao falecimento de seus filhos. Conforme relatou Ogan Bobosa, foi *Gaiaku* Maria *Ogorensi* quem falou que *Bèsén* era um só e não havia necessidade da existência de duas roças. Então, os dois candomblés foram unidos, em torno de 1900. A Roça de Cima é fechada e seus membros descem para o terreiro *Seja Hùnde*, onde vão se juntar a Maria *Ogorensi* na administração da casa e na realização das duas principais festas, que são o *Gbòitá* e a fogueira dos *Voduns Gbade* e *Sogbo*. O *Xwé Seja Hùnde* também é conhecido como Roça de Ventura, devido ao dono das terras ser o sr. Manoel Ventura Esteves, marido de Maria *Ogorensi* e construtor da roça. *Gaiaku* Maria *Ogorensi* sempre contou com a ajuda de suas duas irmãs-de-santo: sinhá Abali de *Bèsén* e Maria Romana Moreira (*Kpòsúsi* Romaninha), esta consagrada ao *Vodun Kpòsú* (*Batan Ajaí*). Essas duas irmãs foram iniciadas no mesmo barco, provavelmente em 1876, na Roça de Cima, sendo *Kpòsúsi* Romaninha a *Dofonitinha* (segunda posição no barco) e sinhá Abali a *Fomutinha* (quarta posição no barco). Relatos orais informam que sinhá Abali, ao se iniciar no candomblé, estava com quase 16 anos de idade e *Kpòsúsi* Romaninha, nascida em 1867, “recolheu” com oito anos e “saiu” com nove anos e seis meses de idade. Tanto o terreiro do *Bogun*, em Salvador, quanto a Roça de Ventura (*Seja Hùnde*), em Cachoeira, funcionaram em uníssono por muitos anos e até hoje funcionam. Ambos foram fundados pela mesma africana, Ludovina Pessoa, mas existia uma sutil rivalidade entre os dois terreiros, o que é comum no mundo do candomblé. Segundo *Gaiaku* Luiza de *Oya*, era sua mãe-de-santo *Kpòsúsi* Romaninha o elo entre as dois terreiros. Não se fazia nada no Ventura sem sua presença, o mesmo ocorrendo no terreiro do *Bogun*. Possuía livre acesso não só a esses dois terreiros *jeje-mahi*, mas a outros, como *Kakunda de Iaiá* (*jeje-savalu*), em Salvador; candomblé do Pinho (*jeje-dahomé*), em Maragogipe;

terreiro da Fazenda Altamira (*jeje-mudubi*), na Lagoa Encantada e terreiro do Bate-Folha, do respeitado Bernardino, no qual Romaninha foi *Deré* (mãe-pequena) de muitos barcos. Esta *Hùngbòndò* iniciou dezenas de filhos, entre os quais está o sr. Vicente Paulo dos Santos, cujo *Vodun* é *Ògún*. Este faleceu em dezembro de 2001 na mesma casa em que nasceu, no bairro de Matatu, em Salvador. Pelo seu grande saber era muito procurado e respeitado dentro do mundo do candomblé. *Kpòsúsi* Romaninha era muito amiga de *Gaiaku* Satu; ambas frequentavam o candomblé popularmente conhecido como *Kakunda de Iaiá*. Sobre este candomblé, o *Hùngbòndò* Jaime Montenegro Sobrinho, iniciado nos anos 40 para o *Vodun Olisa*, informa:

O terreiro conhecido como *Kakunda de Iaiá, jeje-savalu*, era localizado na redondeza do antigo Beiru, atual Tancredo Neves. O fundador foi um descendente de africano chamado Sinfrônio de *Azansú*, que faleceu em torno de 1944. Após sua morte, *Gaiaku* Satu e *Ogorensi* Jerônima, esta *Deré* (mãe-pequena) da casa, entronizaram Mãe Tansa de *Nàná* como a nova dirigente. Era *Gaiaku* Satu quem dava comida à cabeça de Sinfrônio de *Azansú*. *Gaiaku* Satu (Maria Saturnina da Conceição) de *Azansú* foi minha mãe-de-santo e seu terreiro *jeje* ficava localizado no Alto do Cabrito, próximo ao antigo terreiro de *Gaiaku* Luiza. As duas eram muito amigas. O terreiro chamava-se *Hùnkpámè Bebe Kakuá* e foi fundado, provavelmente, em 1932. Ela governou o terreiro até o ano de 1956, quando faleceu com 117 anos. Após o reinado de minha *Gaiaku* Satu, o candomblé ficou sob o comando do *Pejigan* Pereira. Este governou de 1956 até 1967, e, com sua morte, o terreiro foi extinto. *Gaiaku* Satu, em 1955, abriu meu terreiro, onde cheguei a colocar dois barcos com o auxílio dela. Meu terreiro ficava localizado no bairro Vasco da Gama, atrás da antiga Escola Sete de Setembro; depois foi transferido para o bairro Areia Branca, no Jambeiro, onde se encontra até os dias de hoje. Das filhas de minha *Gaiaku* Satu, minhas irmãs-de-santo, ainda se encontram vivas: Nair de *Odé*; Vitória de *Òsun*; Elza de *Gbadé* e Elizabete Souza Nascimento de *Oya* (todas elas com mais de cem anos), que tem terreiro no bairro Castelo Branco. Cansei de ver a *Oya* de *Gaiaku* Luiza “tomar *Hùn*” (dançar) no terreiro de minha Mãe Satu. Eu mesmo tocava atabaque para ela dançar. O povo do Ventura também frequentava a roça. Lembro bem de *Kpòsúsi* Romaninha.

Em 23 de outubro de 1956, faleceu em Salvador, na ladeira do Canto da Cruz, Romaninha de *Kpòsú*, com 115 anos de idade.

Gaiaku Maria *Ogorensi* faleceu na década de 20, segundo *Gaiaku* Luiza, em 1923, e após sua morte o terreiro do Ventura ficou fechado por cerca de dez anos. A indicada para tomar posse do cargo de *Gaiaku* foi sinhá Abali, irmã-de-santo da falecida Maria *Ogorensi*, iniciada na Roça de Cima por Ludovina Pessoa. As *Vodunsi* da casa, ou seja, as filhas de Maria *Ogorensi*, não aceitaram que sinhá Abali assumisse a direção do Ventura, e foi por isso que a roça ficou muito tempo

fechada. Não se tem certeza do motivo da não aceitação das filhas de Maria Ogorensi para com sinhá Abali, mas a população de Cachoeira fala que era pelo fato de sinhá Abali não ter sido iniciada no Ventura e sim na Roça de Cima; que a herdeira deveria ser uma filha da casa e não uma irmã de Maria Ogorensi (no caso, tia-de-santo das Vodunsi). As Vodunsi da Casa não queriam que sinhá Abali assumisse o comando do Roça de Ventura, alegando que ela não pertencia ao jeje-mahi, e sim ao jeje-mudubi. Também se fala que sinhá Abali sofreu muito para conseguir reunir todas as Vodunsi da casa de volta, e que, para tomar posse, teve facão riscado no chão e até chinelada no rosto dela, por parte das sobrinhas-de-santo. Segundo Gaiaku Luiza, quem conseguiu reunir as filhas de volta foi o Vodun Azansú, de uma das Vodunsi antigas, que “virou” e disse que a roça de Bèsén não podia virar pasto para gado, e que já era tempo das filhas voltarem e aceitarem a nova Gaiaku; foi assim que as Vodunsi foram voltando pouco a pouco.

Maria Epifania Dionísia do Sacramento (sinhá Abali) tomou posse da Roça de Ventura na década de 30, ocupando o cargo de sua irmã-de-santo Maria Ogorensi. Ela era consagrada ao Vodun Bèsén (Ahùnsi Lufami) e era Fomutinha Ogorensi, ou seja, ocupava a quarta posição em seu barco de iniciação. Foi uma das mais dedicadas Irmãs da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, de Cachoeira. Era amasiada com Zé de Brechó, que pertencia ao candomblé da Fazenda Altamira (Roça de Cima). Iniciou muitas Vodunsi e confirmou Ogans e Equêdes. Ela conseguiu fazer com que a Roça de Ventura voltasse a ser o que era antes, com muitas filhas e muitos rendeiros morando e zelando pela roça. Morava na Recuada, onde tinha quitanda na porta de sua casa, atual rua dos Remédios, 15. Segundo Gaiaku Luiza, sinhá Abali nasceu em 1860, em Cachoeira.

Ogan Bobosa (Ambrósio Bispo da Conceição) nasceu em 1912 em Cachoeira e lá permanece até hoje. Atualmente com 93 anos, mora no antigo núcleo residencial chamado Galinheiro, atual ladeira Manoel Vitória, local de morada de antigos africanos, próximo ao antigo candomblé do Bitedô. Foi confirmado Ogan, aos nove anos de idade, por Gaiaku Abali, no terreiro do Ventura, recebendo o cargo de Ogan Kutó. Ogan Bernardino foi confirmado junto com o Ogan Bobosa e mora em Cachoeira, onde trabalha na feira. Ogan Bobosa, negro, filho do Vodun Odé, nos conta sobre sua sua mãe-de-santo:

sinhá Abali era de Cachoeira e morava na Recuada, onde era o foco do jeje. Morava em uma casa onde havia um quarto que fechou de tanta pedra guardada, e era ela quem tomava conta das pedras.

Essas pedras mencionadas poderiam ser Òkúta (pedras sagradas) de origem africana, assim como na Casa das Minas (*Querebenã de Zomadonu*), em São Luís do Maranhão. As pedras, que no Peji da Casa Grande de São Luís representam divindades naturais da teogonia africana, são meteoritos colhidos nos leitos dos rios e das fontes da terra maranhense, mas outras vieram do continente africano.⁵³ Os fons chamam pedra de kpè ou awiñà. Segue Bobosa:

A Rua de Brechó era o foco do jeje, onde havia uma casa de três portas. Era uma casa da nação *muçurumi* e, ao lado, a casa de sinhá Democrata. A partir dessa casa não podia mais passar ninguém, pois os africanos não deixavam. sinhá Abali era uma mãe-de-santo muito querida que se relacionava muito bem com as pessoas. Ela era muito amiga de Aprígio, dono do terreiro *Pó Zehen*, em Salvador, próximo ao *Bogun*. O *Pó Zehen* também era jeje, mas não era *jeje-mahi* e sim *jeje-dahomé*. Esses dois jeje são muito parecidos, só que as danças deles [do *jeje-dahomé*] são mais brutas, violentas. O candomblé de Anacleto tinha uma ligação muito boa com o Ventura.

Com esta declaração, Ogan Bobosa contradiz o escritor Ornato José da Silva, em seu livro: *Ervas: raízes africanas*. Afirma Ornato:

O Axé do Pozerren, que também é chamado de Roça de Baixo, em Cachoeira de São Félix, foi fundado por negros jeje-mahi, oriundos da Costa da Mina, levados como escravos da cidade de Salvador para a cidade de São Félix, no interior da Bahia, em vapor de linha costeira que transitava no canal de maré que liga Salvador a São Félix.⁵⁴

Ornato chama a Roça de Ventura (Roça de Baixo) de *Axé do Pozerren*, e Ogan Bobosa afirma que esta roça nunca teve este nome. O terreiro *Pó Zehen* está localizado em Salvador, próximo ao terreiro do *Bogun*, e seu dirigente era o sr. Aprígio. Menciona, ainda, que Manoel Ventura (africano) foi o primeiro dirigente do *Xwé Seja Hùnde*, depois sucedido por Maria Ogorensi. Ogan Bobosa e Gaiaku Luiza discordam, dizendo que o sr. Manoel Ventura Esteves nunca dirigiu religiosamente esse candomblé. Apenas comprou as terras e construiu a roça para que sua esposa, Gaiaku Maria Ogorensi, tomasse posse. O terreiro *Seja Hùnde*, assim como a Casa das Minas (*jeje-mina*), em São Luís do Maranhão, são de regência matriarcal; só as mulheres podem dirigir religiosamente a casa de candomblé. Na Casa das Minas, homens não podem ser iniciados como *Vodunsi*, limitando-se a ser *Hüntó* (*ogan*). O mesmo não acontece no *Seja*

Hùnde, que aceita a iniciação, embora em pequena quantidade, de homens como *Vodunsi*. Acredita-se que o primeiro *Vodunsi* homem iniciado no *Seja Hùnde* foi o baiano Antônio Pinto (*Fomutinho* de *Òsun*), por *Gaiaku* Maria *Ogorensi*, em 1914. Este era do “barco” de *Agesi* e *Gamo* Edwirge. Tanto o *Seja Hùnde*, em Cachoeira, quanto a Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, são um grupo de culto eminentemente feminino e muito tradicional. Como acontece em muitas casas de culto afro-brasileiras, na Casa das Minas predomina a figura feminina. Silverstein analisa o significado do poder ritual da mulher nos candomblés baianos, verificando suas relações com a sociedade envolvente. Constata que, na Bahia, os candomblés dão poder e distinção à mulher negra e pobre, sendo talvez seu único veículo de entrada na sociedade dominante. Na Casa das Minas, as mulheres também ocupam papel mais importante do que os homens, que lá não podem “receber” o *Vodun*, nem dançar. Algumas mulheres, como Mãe Andresa, tiveram inegavelmente razoável grau de poder, distinção e prestígio.⁵⁵

Eugênio Rodrigues da Rocha (sr. Geninho), nascido em Cachoeira a 13 de novembro de 1906, filho carnal do sr. Miguel Rodrigues da Rocha (falecido *Pejigan* da Roça de Ventura); irmão carnal da *Vodunsi* Joana de *Azansú*, falecida, iniciada em 1964 no Ventura por *Gaiaku Pararasi*; e irmão carnal, também, de *Gaiaku* Luiza de *Oya*. Atualmente, o sr. Geninho mora em Cachoeira, e sobre a Roça de Ventura e a cidade de Cachoeira informa:

A Roça de Ventura foi desmembrada porque pertencia às terras do Engenho do Rosário. Aquilo tudo era engenho e se desmembrou quando sinhá Maria *Ogorensi* comprou a roça. Eu nunca vi a escritura, mas dizem que aquela roça foi comprada por duzentos mil-réis, na época. Moramos no Ventura por muito tempo. Meu pai tinha açougue em Cachoeira e o nome dele era *Pejigan* Miguel. Todo dia eu e meu irmão levávamos o café da manhã e o almoço para papai. Andávamos do Ventura ao açougue, em Cachoeira. Quando levávamos o café, já voltávamos com a carne para o almoço. Nossa casa ficava de frente ao *Peji* de cima. Era uma casa de dois quartos, de telhado de palha, e foi meu pai quem construiu. Tinha um correio de casa, todas de palhas, onde moravam os antigos, como *ogan* Aristides, tia Custódia, *dofona* Gina (irmã de *ogan* Caboclo). Lá na roça, eu subia nas jaqueiras, pegava caju na Fazenda de d. Rosalina, tomava banho de rio na Fazenda do Rosário. Aprendi a tocar atabaque aos oito anos de idade e quem me ensinou foi o falecido *Ogan* Caboclo. Com os pauzinhos, eu e João, irmão carnal de Caboclo, tocávamos naquelas latas de goiabada marca Peixe. Lá, criança não aprendia a tocar no atabaque. Meu pai foi confirmado em 1914, junto com *Ogan* Caboclo, que se chamava Thomás, e com Leardino. Foi

o ano da feitura de *Etemin Agesi* e *Fomutinho* de *Òsun*, o *Tata Fomutinho* do Rio de Janeiro. Quando *Agesi* fez santo, estava com 11 anos e eu com oito. Papai morreu com 81 anos e fazia parte da Irmandade dos Martírios. Quando conheci sinhá Maria *Ogorensi*, ela já era uma senhora; era uma velha negra, ranheta, que vivia sentada em um banquinho furadinho, um banco de quatro pés furadinho no centro. Era severa e andava sempre com um cacetinho. Era magrinha tipo sinhá Abali. Nunca ouvi dizer que ela tivesse filhos, tinha sim muitas sobrinhas e *Agesi* era uma delas. Era da família Gonsaga. Lembro dela, no Ventura, mandando eu catar folha de pitanga e são-gonçalinho para enfeitar o chão do *Agbasá*. Lembro que certa vez, uma *Vodunsi* da Casa falou para *Ogan* Aristides que não viria para as obrigações na roça, pois preferia ficar vendendo suas bananas na feira. *Ogan* Aristides contou para sinhá Maria *Ogorensi*, e ela disse: “Vamos ver se ela não vem!” A velha fez um trabalho e quando foi na hora do *Adahun*, esta *Vodunsi*, que estava em Cachoeira, que é distante da roça, tomando banho, saiu nua pela rua feito uma doida. Sei que foi preciso enrolar um lençol nela. Algum tempo depois, *Ogan* Aristides chamou sinhá Maria *Ogorensi* para ver quem estava chegando na roça. Era esta *Vodunsi* que veio “virada”, andando de Cachoeira até a Roça enrolada em um lençol. Ela veio pelo som do *Adahun* e quando chegou se meteu por dentro do mato. Quando apareceu estava toda enrolada com folhas de urtiga e cansação. sinhá Maria *Ogorensi* dizia: “Oh! Coitadinha! O que é que ela tem?” Quem tem *Vodun* não se governa.

O candomblé lá na Roça de Ventura amanhecia o dia. Vinham aquelas vendedoras de Cachoeira vender aquelas bobagenzinhas delas, a noite toda com o fitô aceso. Vendiam amendoim cozido, cocada, pé-de-moleque... Dentro da roça, em época de festa, havia uma biroscas que vendia charosca, bolachas... A roça de Ventura, em Cachoeira, não existia outra igual. Quando era no *Gbditá*, nem queira saber!!! Cachoeira em peso subia, aqueles negociantes todos: sr. Ricardo Pereira, sr. Luis Réis e aquelas famílias todas vinham apreciar o *Gbditá*. Só se viam os cavalos amarrados, porque naquele tempo ninguém possuía automóvel em Cachoeira. O povo alugava cavalo ou jegue com o sr. Agêmiro, no bairro do Caquende. Era o candomblé que abalava Cachoeira. Vinham muitas autoridades, como sinhá Poríria da Terra Vermelha, Aleijadina da Lagoa Encantada, sr. Zé-do-Vapor da Terra Vermelha... Sinhá Abali sempre estava presente, ela nunca abandonou Maria *Ogorensi*, assim como *Kpòsusi* Romaninha. Esta só falava em jeje, não falava em português, não! O *Bogun* e o *Seja Hùnde* eram unidos. O povo todo do *Bogun* vinha, e, quando havia festa lá, o povo daqui ia para lá. Vinha um *ogan* que se chamava Bonfim e dominava muito o jeje, e quando chegava no Caquende para tomar banho, com *Ogan* Caboclo, só falavam na língua do jeje. Eu, garoto, lembro deles passando folhas no corpo e falaíndo no dialeto jeje. *Ogan* Caboclo era como se fosse nosso irmão de criação, pois era minha mãe quem tomava conta dele quando pequeno. Ele chamava minha mãe de mamãe. Mas a verdadeira mãe dele chamava-se Custódia, *Vodunsi* do Ventura. Ele também tinha um irmão caçula chamado João, que era *Ogan* de lá. Tia Custódia de *Oya*, *Vodunsi* antiga do tempo de Maria de *Ògún*. Quando sinhá Maria *Ogorensi* morreu, a roça ficou uns sete anos fechada, até que sinhá Abali assumiu o comando da casa. Era a única que podia tomar conta, porque era muito ligada a sinhá Maria *Ogorensi*, e era de *Bèsén*. Era carne e unha com sinhá Maria *Ogorensi*. Era a mulher que dançava o *mudubi* com tamanco de unha e

todo mundo ficava admirado. Era muito rígida e lembro dela falando: “A cortina do candomblé é *mariwo*, colocou cortina não é candomblé”; “Se gostou, muito bem e, se não gostou, vá embora”; “Devemos manter a tradição para os que chegarem, saberem como eram as coisas.”; “Temos que mostrar o que era o candomblé, senão vamos fugir do passado”. Eu ouvia dizer que sinhá Abali foi “feita” no *jeje-mudubi* por um pai-de-santo chamado Aprígio e, depois que ele morreu, ela “tirou a mão” com sinhá Ludovina Pessoa, na Roça de Cima. Passou a ser irmã de sinhá Maria *Ogorensi*, mas não irmã de esteira, porque sinhá Maria *Ogorensi* era bem mais velha que ela. A Roça de Cima era de Zé de Brechó e de *Sâlákó*. Minha irmã fez santo em 1964, no Ventura, com *Pararasi*. Toda tarde, eu e um filho carnal de Bobosa subíamos para o Ventura para tocar atabaque, ensaiar, para “dar pé” às *Vodunsi*, que ficavam recolhidas 12 meses.

Cachoeira era uma cidade muito importante e bonita. Havia várias fábricas de charutos onde a população trabalhava: Leite Alves, Costa Pena, Danamaw... Havia também muitos hotéis: Hotel das Nações, cujo dono era o sr. Samuel e ficava localizado em frente à ponte de “atracamento”; Hotel de Seu Eugênio, em frente ao local onde se pegavam as canoas, na escadaria; Hotel do Seu Juvenal, que era pegado ao cinema. Na outra esquina era a Pensão de Dona Marieta, onde hoje é a Pousada do Pai Thomás. Na rua Teixeira de Freitas, havia a Pensão Sertaneja de “Seu” Porfírio, que era conhecida em todo o sertão da Bahia. Eram os viajantes que se hospedavam nos hotéis. Naquele tempo havia muitos caixeiros-viajantes e para ir à capital não existia estrada de rodagem, somente de navio.⁵⁶ O primeiro navio chamava-se *Cachoeira*, depois veio o *Porto Seguro* e por último o *João das Botas*. Eles faziam o percurso de Cachoeira a Salvador transportando carga e passageiro. Cachoeira era caminho para Salvador e todo navio atracava ali.⁵⁷ Cachoeira era o ponto-chave onde todos tinham que passar. Quem vinha ou quem ia para o sertão, interior, era obrigado a passar por Cachoeira, que tinha até estiva. Isso foi no tempo que Cachoeira era Cachoeira! Quando chegava sábado, os hotéis ficavam cheios. Depois veio a estrada de ferro, substituindo a locomoção marítima. Naquele tempo não havia estrada de rodagem e a carga era carregada no lombo do burro. Havia tropas de burros que levavam as encomendas de Cachoeira para o interior do sertão. Eram tropas de vinte ou de dez burros. Chegava, também, em Cachoeira muito boi do Mato Grosso. Havia os atacadistas e o maior foi o sr. Zé Ramos de Almeida, um português que morava em um casarão em São Félix.⁵⁸ Ele foi o maior atacadista do interior baiano. Era um negociante tradicional. O primeiro a ter um automóvel em Cachoeira foi Juvenal Marques, pai do dr. Arthur Marques, que era chefe na Leste Brasileira. O dr. Ubaldino de Assis foi o maior homem de Cachoeira, pois era deputado federal e de família tradicional. Ele trouxe jardineiros do Rio de Janeiro para fazer os jardins públicos de Cachoeira. Eram lindos os jardins! Nem no Rio de Janeiro havia jardins bonitos assim. Diziam que Cachoeira tinha um certo ar parisiense. Cachoeira era uma cidade onde corria muito dinheiro, uma cidade que pesava na balança.

O Ventura era uma roça muito grande; no passado, moraram muitas famílias na função de rendeiros, tomando conta da roça quando os filhos-de-santo não estavam presentes. No *jeje-mahi* só há fes-

tas/obrigações nos meses de janeiro (*Gbòitá*) e junho (fogueira de *Sogbo* e *Gbadé*), e nesses meses os filhos-de-santo se concentram na roça, exceto quando há um barco de *Vodunsi* recolhidas. Os rendeiros varrem, capinam, fazem caminhos e recolhem frutas. Dona Arlinda da Silva Mascarenhas, falecida em setembro de 2000 em Cachoeira, esposa do sr. Clarísio, que tocava na Banda Minerva, mais conhecida como dona Francesa, foi rendeira da Roça de Ventura no período em que sinhá Abali foi a *Gaiaku* dirigente. Dona Francesa nos relatou:

Eu morava do outro lado do Caquende e fui morar lá menina ainda. Me lembro que os *ogans* da casa eram: *Akasa* Caboclo, Bernardino, José de Abali, Pássaro Preto... Lembro que as *Vodunsi* ficavam 12 meses recolhidas; das *Vodunsi*, lembro de Maria José de *Oya*, *Gamo* Edwirge de *Òsun*, tia Dadá de *Azansú*, Valentina, que era de *Bèsén*, e sua filha carnal, que era de *Akotokuem*, e que por sinal nasceu no *honcó*. Antigamente havia muita gente lá. Nos candomblés vendiam roletes de cana, doces... Havia muitas casas e era como se fosse uma rua, parecia uma cidadezinha. A finada Abali nunca nos deixou ver a quitanda, e eu tinha muita vontade de ver. Ela me avisou para que eu nunca deixasse ninguém meter a mão na sua cabeça, e nunca nos deixou ir à porta do quarto-de-santo. Lá, ninguém de fora tirava fruta das árvores, mas eu tirava abertamente porque ela me ensinou como tirava. Ela morava na Recuada e criou José de Abali, marido da *Equêde* Bela. Uma vez, um parente de Valentina subiu no pé da jaqueira e não pôde descer. Ficou por lá. Tiveram de chamar alguém lá embaixo. Nós bebíamos água na fonte de *Òsun* e sempre víamos uma cobra lá, mas ela não bulia com ninguém. Uma vez, meu pai viu uma cobra no Caquende e pegou um bambu para matá-la, mas ficou paralisado. Ela o deixou imóvel e, quando não agüentava mais, a cobra foi embora. Quando ele chegou no terreiro, na casa de sua filha, *Bèsén* perguntou se ele queria matar a cobra dele: “Você não mate senão você vai ficar por lá!” As festas eram em janeiro, de ano em ano, mas, às vezes, sinhá Abali ia lá fazer algum trabalho. Muitas pessoas importantes frequentavam a roça, mas só quem tinha direito a dançar no salão eram as filhas de Nezinho e as filhas da finada Judith. Ninguém passava os santos de lá para trás. Uma vez uma mocinha foi lá, entrou para beber água, sem saber de nada, e quase mataram a menina. Os santos avançaram em cima para acabar com ela mas, felizmente, conseguiram tirá-la de lá. Dona Jajá, a tia de Cininha, morreu com um lanho no rosto. Foi consertar a roupa de *Bèsén* que havia caído, quando ele virou, dançando, passou a mão no rosto dela e lanhou. No candomblé ninguém dava risada, ficava todo mundo sério, assistindo. Hoje em dia não tem candomblé como naquele tempo, tudo é diferente, as roupas, e até a maneira do santo abraçar. A Casa de Dona Luiza é igual ao Ventura, também tem *Gbòitá*. No Ventura a comida era à vontade. Eu ajudava na cozinha, pegando água no Caquende. Só não ia lá quando estava tendo *Zerim*. Sinhá Abali pedia para minha mãe que não me deixasse ir ao terreiro, porque podia se prejudicar. O *Zerim*, antigamente, era feito na casa de Valdelice, e as poucas casas que haviam eram feitas de palha. Teve *Zerim* na casa do finado Miguel, no pé da ladeira da Cadeia, mas se fazia *Zerim*, também, no Ventura. No Malaquia havia muitos africanos, e eu costumava pescar e lavar roupas por lá. Tinha uma bacia enorme para tomar

banho. Tudo indicava que foi a natureza quem fez aquela bacia, que ficava acima do Caquende. Naquele tempo em que a polícia perseguia o candomblé, certa vez avisaram a eles lá do Malaquia, que a polícia ia lá, porque estavam visitando a casa de todos os macumbeiros. Eles juntaram tudo e se esconderam no mato. A polícia ia, mas nunca acertava o caminho e acabava desistindo. Em outra ocasião, uma moça veio de Salvador “virada” com o santo. Teve uma festa grande e sinhá Abali disse que ela viria, embora a moça tivesse afirmado que não. Sinhá Abali falou: “Ela vem sim!!!” Quando o navio apitou, disse: “Daqui a pouco ela chega.” Ela chamou os *ogans* e falou: “Senta aí que ela já está perto.” Ela chegou “rodando” e aí os *ogans* começaram a tocar o *Adahun* e ela gritando, gritando... Chamava-se Maria José e era de *Oya*, que dançou, dançou... e disse: “Minha filha disse que não viria, mas eu trouxe!!!” Conversou com sinhá Abali e “trocararam língua”.

Infelizmente, dona Francesa faleceu em setembro de 2000, em Cachoeira, antes da publicação deste livro.

Benícia de Jesus Borges (*Equêde* Bela), negra, nasceu em 5 de junho de 1922, e foi companheira por muitos anos do *Ogan* José de Abali, afilhado e filho de criação de sinhá Abali. *Equêde* Bela morou na travessa dos Remédios, 28 – Cachoeira, antiga Recuada, na casa onde morou sinhá Abali:

Minha mãe chamava-se Maria Cecília dos Santos e meu pai Justiniano de Jesus, mais conhecido como Justo de *Sàngó*. Fui confirmada como *Equêde* no terreiro do meu pai. O pai-de-santo do meu pai chamava-se Antônio Luiz dos Santos e era de *Ógún*. Ele faleceu em 1949 e o terreiro (*nâgô*) era na ladeira da Cadeia. Com o seu falecimento, meu pai carnal, sr. Justo, herdou a casa e abriu outro terreiro na mesma rua, só que abaixo da ladeira. Quando meu pai faleceu, em 1989, quem assumiu a casa foi minha irmã, também filha-de-santo da casa. Ela se chama Maria de Souza de Jesus e é de *Nanã*. Agora, é ela quem comanda a casa.

Sinhá Abali morava aqui. Quando ela morreu, ficou para o filho dela, que se chamava *Zé de Abali*. Eu vivi com *Zé* por muitos anos. Quando vim morar aqui nesta casa, não havia quase nada. Não havia chão e fui eu quem mandou colocar. Aqui no fundo passava um rio. Enquanto vivi com o *Zé*, comprei esta casa da mãe dele e tenho até hoje o papel. Hoje a casa é minha e já fiz muitas melhorias nela. Aqui na Recuada moraram muitos africanos. Naquela casa ali morou uma família de africanos, que falava uma língua enrolada, que ninguém entendia, só eles. No telhado, no teto por dentro da casa, havia uma bandeira pendurada. Era uma bandeira velha e se não me engano era verde e amarela. Havia coisas escritas na bandeira, mas ninguém sabia ler. Depois que esta família saiu daqui, outros moradores vieram e sempre aconteciam coisas estranhas. As famílias que moravam ali, acabavam sempre brigando e teve até um homem que se suicidou ali dentro. Todos os antigos vizinhos dizem que tem muita coisa enterrada pelos africanos. Ninguém sabe por que eles foram embora. Eu não cheguei a conhecer esta família de africanos, só ouvia falar, quando pequena. Do outro lado da rua, de frente para a casa deles, havia uma grande gameleira, e vinha muita gente de

lôge colocar obrigações nos pés dela. Hoje, ela não existe mais. Aquele terreno vazio ali, era a casa do finado Pequeno. Ele era *Ogan* lá da roça. A casa foi destruída e hoje é só esse terreno onde passa a rede da Embasa (Companhia de Água). Aqui não havia tantas casas assim, era mato puro.

Quem me levou para a Roça de Ventura foi o *Zé de Abali*. Quem estava comandando, naquela época, era a finada *Agessi*. Fiz obrigação com ela e passei a pertencer à roça.

Equêde Bela faleceu em junho de 2005, em Cachoeira, aos 83 anos de idade.

Teodoro de Jesus, negro, nascido e criado em Cachoeira, em 11 de setembro de 1948, irmão carnal de *Equêde* Bela, morador da rua Benjamin Constant (antiga ladeira da Cadeia), relata:

Fui confirmado *Ogan* com sete anos, na roça de meu pai carnal, chamado sr. Justo. Quando pequeno, lembro que meu pai Justo costumava mandar despachar os carregos no *Bitedô*; carregos das pessoas da roça dele que morriam. Não eram só carregos, trabalhos pesados também. Quando voltávamos do *Bitedô*, tínhamos que tomar banho no rio Pitanga, para descarregar, antes de chegar em casa. Em casa, meu pai nos dava um banho de folhas, preparado por ele mesmo. Não era só meu pai quem deixava carregos ali, outros terreiros costumavam fazer o mesmo. Só ia deixar o carregos quem tinha coragem, porque a maioria tinha medo de entrar no *Bitedô* à noite. O *Ogan* da casa de meu pai Justo, que fazia este serviço, chamava-se Lourival Ferreira, apelidado de “Bicho Macho”; é vivo ainda; mora no sertão baiano, em Rui Barbosa. Ele gostava de sair comigo porque eu não tinha medo e os outros *Ogans* tinham. Lembro que, no *Bitedô*, era sempre em um pé de cajá onde ele arriava as coisas. Ele trocava língua com a árvore e parecia que a árvore tombava para a frente; parecia que a árvore ia nos engolir com sua copa; ela arriava por cima da gente e quem tinha medo corria. Meu irmão nem chegava perto, ele podia ir de dia no *Bitedô*, mas à noite não. Certa vez, voltei de dia no *Bitedô* só para ver se o pé de cajá havia caído mesmo. Bicho Macho foi suspenso pela *Oya* de Domingos do Fato e foi entregue a meu pai Justo, para ser o primeiro *Ogan* da Casa. Meu pai foi o último *Ogan* da roça e foi quem herdou a Casa. Alguns *Ogans* não aceitaram e abandonaram a roça. Ele era o último e passou a ser o primeiro. A mãe-de-santo do meu pai chamava-se dona Porfíria, Aleijadinha, da Lagoa Encantada, que era mãe-de-santo, também, de Antônio Luiz de *Ógún*. Quando ela faleceu, o sr. Antônio trouxe meu pai para a roça dele, na ladeira da Cadeia. Depois o sr. Antônio chamou o pai-de-santo Domingos do Fato, de *Oya*, para dar continuidade às suas obrigações. A primeira obrigação foi confirmar meu pai Justo, que era apenas apresentado (suspenso), para o *Ógún* do sr. Antônio. Foi a própria *Oya* do sr. Domingos do Fato quem confirmou meu pai, que na época não estava preparado, e a cadeira em que ele sentou foi a cadeira da *Oya* do sr. Domingos. Isso gerou muito ciúme na época. O sr. Antônio faleceu em 1949 e meu pai assumiu a Casa em 1950. Após a morte do sr. Antônio, a família, mais precisamente um sobrinho dele chamado Nonô, não aceitou que a roça continuasse no mesmo local. Este Nonô, já falecido, acreditava ser o herdeiro da roça e não meu pai. Meu pai foi obrigado a comprar outro terreno, de última hora, próximo à antiga roça, na própria

ladeira da Cadeia, para dar continuidade ao candomblé que herdou. Todas as filhas-de-santo e *Equêdes* acompanharam meu pai na nova roça. Até hoje a roça se encontra funcionando no mesmo local, agora dirigido por minha irmã caçula, Maria Souza de Jesus, de *Nâná*. A roça do sr. Antônio ficou muito tempo abandonada, fechada, após o seu falecimento. O sobrinho Nonô fechou a casa e foi morar em Santo Amaro, onde abriu um candomblé por lá. Depois de anos, voltou à Cachoeira para perguntar a meu pai se queria comprar a antiga roça do sr. Antônio. Meu pai aceitou a proposta e comprou a roça, e como ela se encontrava em péssimo estado, devido ao abandono, ele não quis se transferir para lá. Ele já estava bem estruturado, não ia começar tudo de novo. Passou apenas a cuidar, tratar, preservar o que havia de fundamento ali. Ele cultuava uma jaqueira enorme que era do *Ògún* do falecido sr. Antônio. Depois que meu pai morreu, esta jaqueira morreu também. Papai nasceu em 1901 e faleceu em 1989, com diabetes. No fundo do terreno corre até hoje um riacho, com uma fontinha dedicada a *Ògún*. Em 1978 passei a morar neste terreno e até hoje procuro preservar algumas coisas que foram deixadas lá.

Na época em que a polícia perseguia os candomblés de Cachoeira, eu devia estar com 12 anos; lembro que cheguei na roça de meu pai um “sargento-delegado” chamado Anastácio, com seu batalhão para prender meu pai. A polícia afirmava que meu pai não havia registrado o candomblé, não havia tirado a licença para tocar candomblé. Quando a polícia chegou, meu pai deixou entrar e pediu para que os *Ogans*, que tremiam feito vara verde, tocassem um *Alujá* para *Sàngó*. Depois de algum tempo, o “sargento-delegado” “virou” com *Sàngó* e dançou *Alujá* até amanhecer o dia. Um dos soldados “virou”, também, mas não lembro o *Orisà*. Os soldados ficaram parados sem saber o que fazer, pois o próprio comandante, que foi ali para acabar com o candomblé e prender meu pai, foi o primeiro a “dar santo”.

Aprendi a tocar atabaque com cinco anos, ensinado por duas filhas-de-santo do sr. Antônio, que depois passaram a ser filhas-de-santo do meu pai Justo. Uma era de *Yemonjá* e a outra de *Ògún*. *Ogan* Caboclo gostava de me ver tocando, pequeno ainda, e me levava carregado para o Ventura, onde toquei várias vezes. Nesta época quem comandava a roça era sinhá Abali. Não tenho recordação de sinhá Maria *Ogorensi*, só lembro de sinhá Abali para cá. Depois da morte de sinhá Abali, o Ventura caiu muito. O Ventura era uma roça muito bem falada, bem cultuada. Para ir ao Ventura, era obrigado a passar pela porta de minha casa, na ladeira da Cadeia.

Segundo *Gaiaku* Luiza, sinhá Abali faleceu em 1º de dezembro de 1950, com 90 anos. Quem assumiu a Roça de Ventura foi uma de suas filhas-de-santo, Adalgisa, que pertencia ao *Vodun Parará*. *Dofona Pararasi* nasceu em torno de 1890 e foi iniciada no primeiro barco recolhido por sinhá Abali. Era natural de Castro Alves, cidade próxima a Cachoeira, e, após o luto de sua mãe-de-santo, torna-se a dirigente da Roça de Ventura, na década de 50, passando a ser chamada de *Gaiaku Pararasi*. O primeiro barco que recolheu, em 1964, foi formado por quatro *Vodunsi*: *Dofona* Maria da Conceição de *Azansú*

(falecida), esposa de *Ogan* José; *Dofonitinha* Alaíde de *Oya*, atualmente morando no Rio de Janeiro; *Fomo* de *Avlèkété* (*Averekete*); *Fomutinha* Joana Rodrigues da Rocha (falecida), de *Azansú*, filha carnal do primeiro e único *Pejigan* do Ventura, chamado Miguel, e irmã carnal de *Gaiaku* Luiza. Três meses após a saída desse barco, *Gaiaku Pararasi* recolheu outro formado por três *Vodunsi*: *Dofono* Nivaldo de *Bèsén*; *Dofonitinha* Edith de *Oya* e *Fomo* Alda de *Oya*, esta atualmente morando no Rio de Janeiro.

Segundo a população de Cachoeira, *Gaiaku Pararasi* teve dificuldade na administração do terreiro, pois muitas *Vodunsi* antigas haviam falecido. É muito difícil assumir, comandar uma roça que não foi “plantada”, fundada para a própria pessoa. As antigas diziam que o *jeje-mahi* não se dividia e sim se acrescentava, ou seja, que as filhas não abrem uma casa à parte para elas. Ao receber obrigação de sete anos, a *Vodunsi* não tem o direito de abrir sua própria roça de candomblé. Ela permanece em sua roça e, se for necessário iniciar alguma filha, a iniciação é feita na própria roça onde a mãe se iniciou. É uma casa-mãe que abriga várias mães e suas respectivas filhas.

Pararasi era obrigada a conviver, dentro do Ventura, com as filhas da finada *Gaiaku* Maria *Ogorensi* e com suas irmãs-de-santo que teriam, então, de aceitá-la como a nova *Gaiaku* do *Seja Hünde*. Duas gerações, com as filhas de *Pararasi* seriam três, convivendo dentro de uma mesma roça de candomblé. Tanto no Ventura quanto na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, não existe cerimônia de entrega de *Deká*, o que é comum nos candomblés *nagô*. Esta cerimônia dá o direito à filha-de-santo de abrir seu próprio terreiro de candomblé, após sete anos de iniciação. No Ventura não existe esta tradição das *Vodunsi* abrirem seu próprio terreiro.

O sr. Geninho diz que *Pararasi* era uma negra gorda, não muito alta. Foi a primeira *Gaiaku* do Ventura a visitar o Rio de Janeiro, a convite do *Hungbónò* Djalma de *Lalú*, filho-de-santo do finado *Hungbónò* Antônio Pinto (*Tata Fomutinho*), que foi iniciado no Ventura, em 1914, por *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Sobre *Fomutinho* de *Òsun*, o sr. Geninho relata:

Quando ele recolheu para fazer o santo na Roça de Ventura, eu estava com oito anos e lembro que ele era rapaz ainda. Era alegre e brincalhão. Depois, foi para o Rio de Janeiro e, quando voltou, depois de anos, estava bem doente. Quem chegou com ele foi *Ogan* Caboclo e a roça estava em festa, sob o comando de *Dofona Pararasi*. Quem cuidou dele na roça, dava remédio e banho, foi minha

irmã Joana de *Azansú*, que na época era nova de santo. Se não me engano foi em 1964 ou 1965, por aí... No Ventura fizeram uns trabalhos e depois ele veio para a casa de morada de minha família, na ladeira da Cadeia. Ele não melhorou e *Ogan* Caboco resolveu interná-lo em Salvador. Depois Djalma de *Lalú* veio para levá-lo de volta para o Rio de Janeiro. Mais tarde soubemos de seu falecimento. Quando Djalma esteve na Roça de Ventura, fez amizade com uma *Vodunsi* da Casa chamada Milú de *Oya*, que era do barco de seu pai-de-santo, *Fomutinho*. Ela foi para o Rio de Janeiro, para a casa de Djalma, e por lá faleceu.

Luiz Magno dos Santos, negro, nasceu em 13 de dezembro de 1959, em Cachoeira. Consagrado ao *Vodun Òsun*, frequentou desde menino a Roça de Ventura no período em que *Pararasì* era a *Gaiaku* dirigente. Sua mãe carnal chamava-se Maria da Conceição (falecida) e era filha-de-santo de *Gaiaku Pararasì*. Era *Dofona* de *Azansú* do primeiro “barco” recolhido por *Pararasì*. Seu pai carnal chamava-se José Magno Ferreira dos Santos (falecido) e era *Ogan* da *Oya* de uma *Vodunsi* da Casa chamada Maria José. Sua avó materna era Maria Judith Silva Santos, parente de Anacleto (dono do candomblé do Capivari, *nàgô*), e também estava ligada ao candomblé de tia Águida (*nàgô*). Seu avô materno chamava-se Leopoldo Silva Santos, músico da Lira Ceciliania e alfaiate. Sátiro Humberto da Silva, tio de Luiz, mais conhecido como *Ogan Pássaro Preto* (falecido), era *Ogan* do *Vodun Loko* da atual *Gaiaku* do Ventura (*Gamo Lokosì*). Luiz tem como tio, também, mais dois outros *Ogans* do Ventura, ambos irmãos de seu pai: sargento Edinho, *Ogan* do tempo de Maria *Ogorensi*, que se desgostou do candomblé; e *Ogan* Bernardino, *Ogan* de sinhá Abali, que se confirmou junto com *Ogan* Bobosa. *Gaiaku* *Agesi* era tia do pai de Luiz Magno. Seus avós paternos chamavam-se Martiniano Ferreira dos Santos e Luzia Sacramento do Amor Divino, esta parente de sinhá Abali. Como se pode observar, o candomblé do Ventura é extremamente familiar, a maioria de seus membros são parentes de outros da casa. Isso explica o fato de o candomblé de culto *jeje-mahi* ser fechado e de difícil acesso. Era muito difícil uma pessoa de fora ingressar neste candomblé, caso não fosse parente ou indicado por um elemento da casa. Os *Ogans* em geral eram maridos, filhos ou netos das *Vodunsi* da casa. Como podemos observar no depoimento a seguir:

Meu nome é Luiz Magno e sou de *Òsun* com *Sogbo*, nasci no dia de Santa Luzia, dia de minha mãe *Òsun*, que me “pegou” com nove anos. Lembro pouco de minha mãe carnal, que faleceu quando eu estava com quase quatro anos. Lembro que eu ia para o Ventura com os meus tios, que me carregavam no colo

até o meio da ladeira da Cadeia, depois vinha um burrico, um jegue do meu tio, para me levar montado. Chegando lá, dormia, ficava semanas, via os *Vodun*. Depois da morte de minha mãe, ficamos um bom tempo sem ir lá. Eu e meus irmãos não tínhamos acesso a tudo, porque meu pai não deixava. Ele dizia: “Vocês só passam daqui para ali. Se vocês passarem daqui para lá, vão apanhar. Aqui não é a sua casa. A comida eu trouxe e vocês só comem quando a avó de vocês chamar. Eu trouxe ela para cozinhar.”

Quando nos chamavam para bater a cabeça no *Peji*, meu pai dizia que não era preciso. Ele era muito severo, rígido, e não queria que nós nos envolvêssemos, mas era impossível, porque eu já tinha vínculo. Fui criado lá dentro e tinha a cabeça lavada. Minha mãe, quando fez santo, não fez enxoval, o *Vodun* pegou ela em casa e levou para a roça. Eu estava pequeno e o *Vodun* mandou me chamar, e eu acompanhei. Não nasci na roça, mas convivi lá por muitos anos. Quem pode provar isso é minha amiga Jana de Adolfo. O pai dela, nessa época, era rendeiro da roça. Lá havia muitas casinhas e, nessa época, o pai dela era caseiro. Ele tomava conta da roça, fazendo faxina, limpando mato, fazendo estradas... Adolfo Lavrador, da ladeira da Cadeia, mora abaixo da casa de Justo. Ela me disse: “Olha, Luiz! Eu fui criada no Ventura e, por sinal, meu santo era para ser feito lá, mas lá é muito severo e eu não quis. Lembro de você pequeno, seu pai, seu tio Bernardino, sua mãe, seu pessoal todo lá na roça. Deu uma trovoadá, muita chuva, e você acordou de manhã cedo chorando e sua mãe colocou-o na janela. De repente, você deu um chilique de cima do banco e caiu duro no chão. Os *Ogans* vieram, te tombaram pra lá e pra cá, e entraram com você. Você, pequeno, nunca me esqueci disso.”

Com a morte de minha mãe, nós, filhos, nos afastamos da roça. Em uma determinada época, estávamos passando por grandes problemas, não falo financeiros e sim espirituais. Era um clima pesado, carregado, em casa, e não comentávamos nada com ninguém, agüentávamos calados. Até que teve uma festa no Ventura e os *Vodun* mandaram que *Ogan* Bobosa fosse à nossa casa fazer uma visita, que nós estávamos passando por coisa que só Deus sabia. Ninguém da terra, nem vizinhos sabiam. Mandaram que *Ogan* Bobosa fizesse um trabalho, e ele chegou lá em casa dizendo que dois *Vodun* vieram a ele, mandando nos procurar. Então, foi feito um trabalho de imediato; éramos 11. Eu estava com quase seis anos. Os *Vodun* do Ventura tinham poderes. Se falássemos alguma coisa errada no caminho, ao chegar na roça os *Vodun* vinham brigar conosco, nos davam um castigo por termos falado ou feito alguma coisa errada. Lembro que havia um *Bèsén* que, quando “pegava”, as cobras vinham do teto, vinham pela porta, vinham pelos fundos... e os *Ogans* gritavam que pelo amor de Deus ninguém saísse. Quando batia candomblé no Ventura, esse povo todo da ladeira da Cadeia ia apreciar, ver os *Vodun* dançarem. *Vodun* difíceis de ver e que só vinham uma vez por ano. Vinha muita gente de Salvador, também. O *Vodun* que eu mais gostava de ver dançar era *Kpòsú*, com aquela roupa toda de palha, quando ele fazia o *atô* no chão.

Sei que no *Bitedô* morou um cidadão que trouxe o candomblé para o Brasil, e que a ladeira Manoel Vitória, no antigo Galinheiro, era formada por cabanas, aldeia de negros africanos. Por causa do racismo e da perseguição ao candomblé, disseram que a cólera era doença de negros vindos da África e, porque os negros batiam candomblé ali, mandaram bombardear com bomba de gás, incendiaram

toda a aldeia. Tocaram fogo nas cabanas, morreram muitos negros, crianças e adultos. Da ladeira Manoel Vitório ao *Bitedô*, era aldeia de negros africanos, povo *jeje* e povo *nâgô*.

Tenho uma amiga que foi “feita” no *jeje-dahomé*, inclusive, ela ficou com o santo da mãe-de-santo dela, que se chamava dona Vitória da Fazenda Caju. Esta senhora era de *Aberigân* com *Nâná*. *Aberigân* é o nome que eles dão ao *Vodun Bèsén* no *jeje-dahomé*. Para se chegar a esta roça, só de embarcação que pegava em Maragogipe, ou Salvador. Só tem um caminho por terra, que é pela estrada da praia de Bom Jesus. Vai-se de cavalo porque carro não vai. Era muita gente e, na época dos *candomblés*, eram muitas canoas e barcos para atravessar o pessoal. As pessoas iam e só voltavam quando terminavam as festas, só o povo de Maragogipe voltava ao amanhecer do dia.

Gaiaku Pararasi faleceu em 3 de março de 1969, em um hospital em Salvador, e, após seu reinado, a Roça de Ventura teve como dirigente a sra. Elisa Gonsaga de Souza, negra, que atendia pelo apelido de Vivi. Na época de sua entronização, era a *Vodunsi* viva mais velha, e a herdeira legal das terras do Ventura. Foi iniciada em 1914, em uma barco de cinco integrantes, por sua tia carnal, *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Consagrou-se *Vodunsi* aos 11 anos para o *Vodun Age* (*Abexein*), passando a ser conhecida como *Agesi*. Nasceu em Cachoeira em 23 de dezembro de 1903. Pertencia à família Gonsaga, uma família de negros ligada ao *candomblé*. Segundo *Gaiaku* Luiza, *Agesi* era uma mulher muito alegre, risonha, que não gostava de usar saia, e sim vestidos compridos. Trabalhou por muitos anos em fábrica de charutos. Antigamente, a maioria das *Vodunsi* do Ventura trabalhava em fábricas de charutos existentes em Cachoeira, que constituíam uma das principais fontes de emprego para pessoas pobres, com pouca instrução. Conheci *Gaiaku Agesi* em 1991, com 88 anos, morando em uma casa na ladeira da Cadeia, com sua sobrinha carnal Valdelice. Sofria de esclerose e, por vezes, falava coisas sem sentido. Estava doente das pernas, sofrendo de erisipela já em estado adiantado. Disse que não ia mais ao *Seja Hùnde*, devido ao seu estado de saúde. Relatou que seu pai *Age* já a “pegava” desde os oito anos de idade, e que suas irmãs a escondiam para que seu pai carnal não a visse manifestada com o *Vodun*. Iniciou seu primeiro e único “barco” em 1980, formado por dois elementos: *Dofona* Cremilda de *Òsun*, uma moça ali mesmo de Cachoeira; e *Dofonitinho Sérgio* de *Azansú*, um rapaz de Belo Horizonte.

Maria São Pedro dos Santos, negra, cujo *Vodun* é *Age*, nascida em 1932, é mais conhecida em Cachoeira como Valdelice. Foi confir-

mada *Equêde* do *Bèsén* de sinhá Abali na Roça de Ventura, ainda menina, em torno dos dez anos. Hoje, Valdelice se encontra com 74 anos, e mora sozinha em uma casa na ladeira da Cadeia, 25. Esta casa sempre pertenceu à família Gonsaga e ali moraram grandes personalidades do *jeje-mahi*, como *Gaiaku* Maria *Ogorensi* e sua sobrinha *Gaiaku Agesi*. Valdelice é filha carnal de Maria Ana do Carmo (falecida), que era, também, *Equêde* do *Bèsén* de sinhá Abali, e irmã de *Gaiaku Agesi* por parte de pai. A avó materna de Valdelice chamava-se Maria Rosa do Sacramento (falecida), e era irmã de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Seu avô era o sr. Luiz Gonsaga (falecido), que trabalhava na Charqueada. Sua bisavó chamava-se Maria do Carmo e seu bisavô era um português de nome Antero, que trabalhava na construção de casas. Valdelice assevera que seu bisavô era dono de depósitos no Mercado Modelo, na ladeira da Saúde e na Baixa do Sapaiteiro, todos em Salvador. Sobre a Roça de Ventura, ela informa:

Eu ia sempre ao *Seja Hùnde* com a minha mãe, até que me tiraram para *Equêde*. Não lembro de minha mãe-de-santo direito, sinhá Abali, porque me confirmei menina ainda. Só queria ficar brincando, ia no Caquende e voltava, pulava, “sartava” na ladeira. O Ventura era a mesma coisa que é agora, tem uns dez anos que não vou lá espisar a festa. Lembro de *Ogan Bobosa*; *Ogan Bernardino*; *Lokosi*; *Pejigan* Miguel, que morou aqui na ladeira; *Fomotinha* Joana de *Azansú*, com quem de vez em quando esbarrava na rua. Mamãe trabalhava no comércio e esta casa pertencia à minha bisavó. Antigamente, o *Sihùn* do pessoal que morava lá no Ventura era feito aqui nesta casa. Minha tia Maria *Ogorensi* morou aqui, mas, no final de sua vida, morou nesta casa aqui, de frente para a Santa Cruz.

Cleuza Maria Santana Santos, negra, nascida e criada em Cachoeira, em 28 de outubro de 1953, atualmente mora na praça Julião Gomes, casa 11, que fica na base da ladeira Manoel Vitório, antigo Galinheiro, onde moraram muitos negros africanos. Foi confirmada *Equêde* de *Oya*, em 1983, por *Gaiaku* Luiza, no *Hùnkpámè Ayionò Hùntóloji* e, sobre *Gaiaku Agesi*, informa:

Agesi foi minha vizinha por cerca de 19 anos, mas antes já a conhecia, quando morava no Caquende. Era muito amiga de minha avó, mãe de minha mãe, que morreu com 91 anos, em 1994. *Agesi* morreu logo depois, em 1998. Ela morava no nº 15 e eu no nº 11, onde moro até hoje. A casa dela era uma casa depois da minha, uma casa muito simples: uma porta, uma janela, um quarto, uma sala e a cozinha que era também sala de jantar. A casa era desses tijolos antigos e ela morava sozinha. Depois começou a dizer que não queria mais morar ali, começou a ter visões... dizendo que não podia mais morar perto do cemitério. A esclerose dela veio muito cedo. Do quintal de minha casa, passava para o

quintal da casa de *Agesi*. De manhã, ela costumava ficar sentada no quintal, no fundo da casa e, de tarde, sentava na porta da frente. Estava sempre sentada em um banquinho com um charuto na boca. Quando eu queria entender roupa, pedia permissão para usar o quintal dela. Ela respondia que sim e perguntava: “Cadê Dona?” Dona era como ela chamava minha avó, que era muito sua amiga. O nome de minha avó era Valentina mas *Agesi* só a chamava de Dona. As duas trocavam confidências. O *Vodun* de *Agesi*, *Age*, na Igreja é Santo Expedito, e minha avó era devota desse santo, pois alcançou muitas graças com ele. Minha avó chamava a *Agesi* de Vivi e este era o apelido dela. *Agesi* era muito reservada e o povo só foi saber que era de candomblé depois que assumiu a direção do Ventura. Foi casada com um negro que trabalhava em açougue. Ela dava uma risada gostosa, uma risada dobrada... era muito risonha. Depois que minha avó faleceu, ela passou a me chamar de Dona. Ela falava: “Olha pra aí, está a cara de Dona!” Depois dava aquela risada gostosa. Ela trabalhou por muitos anos na fábrica de charutos aqui em Cachoeira.

Quando eu era menina, ia com minha mãe e suas amigas no Cobocó buscar ouricuri. O povo costumava pegar água ali também. Um dia minha mãe falou: “Corre, corre... que aí vêm as doidas!” E nós saíamos correndo. Apareciam aquelas mulheres com a cabeça raspada, quase sem roupa, correndo igual a homem, atrás de nós. Uma das amigas de minha mãe, correndo, gritava: “Corre que aí vem as *lyáwó!*” Eu não sabia o que era *lyáwó*, mas mesmo assim corria. Depois de confirmada é que fui saber que eram as *Vodunsi* do Ventura com o *Grá*. Antigamente, o *Grá* se espalhava por aquela mata, depois passou a ficar mais dentro da roça. Antes de me confirmar, freqüentava a Roça de Ventura como visita. No começo de janeiro era o *Gbòitá* e eu achava bonita a procissão, todo mundo de branco. Uma vez, uma *Vodunsi* da casa me levou até a fonte de *Òsun* e fiquei com medo de aparecer uma cobra. Me levou, também, para ver o Caquende, que era o rio onde os *Vodun* tomavam banho. Não podíamos passar do *Aghasá*, pois eram muito reservados. No canto do *Aghasá*, havia uma talha com água e uma caneca para bebermos água. Era para não passarmos dali. A comida era distribuída no *Peji*. Quando acabava o candomblé, eles chamavam as visitas para a porta do *Peji* e distribuía a comida que estava naquelas panelas de barro. Era amalá, galinha, feijão preto, feijão-fradinho... a comida era fria e tínhamos de comer na folha da mamona, que era larga. Não davam talher não, comia de mão mesmo! Quem quisesse que se virasse, não tinha mesa para sentar, comia em pé. As mulheres de lá pareciam escravas, não podiam conversar com gente de fora. Eu morria de medo. Quem diria que eu iria parar no candomblé e ser esposa de um pai-de-santo (Benício Souza, de *Ògún*).

Na Recuada, atual rua Julião Gomes, morou uma *Vodunsi* do Ventura, que ainda se encontra viva, morando em outro local, chamada dona Angelina. Vivia com *Ogan* Vardinho em uma casa que já caiu e, até hoje, os atuais donos não conseguem levantar. Muitos afirmam que, de noite, é comum ver coisas estranhas ali. *Ogan* Pássaro Preto, do Ventura, morou cinco casas acima da minha e *Ogan* Bernardino, também do Ventura, que criava cabras, morou mais acima da ladeira. Hoje mora em outra ladeira, na ladeira da Cadeia. Na antiga casa dele, havia um pé de tamarindo onde eu sempre ia chupar. Depois que ele saiu, o terreno ficou abandonado e não se construiu mais nada nele, está vazio. Não sei

pôr que o povo de candomblé, quando sai de um lugar para outro, o antigo local não vai para a frente. Será que deixam coisas enterradas?

Meu pai era *Vodunsi*, filho de *Gaiaku* Luiza, e era de *Azansú* com *Yemonjá*. A roupa do *Azansú* dele foi doada para o Museu da Universidade, em Salvador, e está lá até hoje. Quando meu pai chegava na casa da finada dona Lira ou no Ventura, ficavam torcendo para o *Azansú* dele chegar para dançar. Minha avó era de *Ògún* com *Sogbo*, mas nunca quis compromisso, freqüentava mas nunca quis se iniciar. Cultuava uma pedra de *Sogbo* que ficava em uma porcelana e, de tempo em tempo, dia de quarta-feira, lavava, colocava azeite e cobria com um pano branco redondo. Ficava em uma cantoneira no quarto dela e, quando morreu, minha mãe quis que eu ficasse com a pedra, mas acabou ficando com ela. Até hoje esta pedra está com minha mãe. A mãe de minha avó era africana e *mabaça*, se não me engano era de *Sogbo*. A mãe de meu pai, minha avó, era de *Yemonjá* e, no dia 8 de dezembro, tirava o Bendito de Nossa Senhora da Conceição, e *Yemonjá* pegava. A finada Mãezinha, mãe de Popó, também participava do Bendito e a *Yemonjá* dela chegava. Eram duas *Yemonjá* dando aquele *Lá* de sereia. A irmã de Mãezinha, Luiza Gaga de *Sàngó*, ficava gritando: “*Odò lyá!!!*” Eu, pequena ainda, achava graça e ficava cutucando minhas camaradas, pensando que ela estava chamando *Yemonjá* de doida. Minha mãe carnal é de *Yemonjá* e é da casa de minha *Gaiaku* Luiza. Eu e meu marido somos de *Ògún*, e ele também é filho-de-santo de *Gaiaku* Luiza.

Romilda da Silva Machado nasceu em 1956, 49 anos, negra, confirmada *Equêde* de *Loko*, em 29 de abril de 1975, por sua mãe-de-santo *Gaiaku* *Agesi* na Roça de Ventura. Ela conta que, depois do falecimento de sua *Gaiaku*, quem passou a comandar a Roça foi *Gamo Lokosi*, e que aqueles que estão entrando agora na roça são filhos dela. Romilda relembra que quando ela se confirmou foi uma festa muito bonita, e o próprio vestido branco que usava no dia tinha sido bordado por ela em Richelieu na barra e em cima. A roupa de *Loko* era toda estampada e ele usava um lenço com a roupa de palha por cima.

Romilda conta que freqüentava a Roça de Ventura desde os cinco ou seis anos, e adorava ir para lá. Sua mãe carnal freqüentou o Ventura desde os 12 anos e foi suspensa, também, pelo *Loko* de *Lokosi*. Ela já era adulta quando *Loko* veio fazer a *proposta*. Seu tio Caboclo lhe disse: “Não, deixe minha irmã em paz! Minha irmã tem filhos e não pode tomar essa responsabilidade, não!” Romilda acha que, se seu tio Caboclo estivesse vivo, ele não a deixaria se confirmar e, no momento em que fosse suspensa, ele a impediria de aceitar o convite. Seu tio dizia que não queria os parentes envolvidos no candomblé, só ele. Sua outra sobrinha, de Santo Amaro, também foi suspensa para *Equêde* e ele não a deixou confirmar. *Ogan* Caboclo era tio de Romilda

por parte de mãe. Seu avô, quando casou com a avó, já era pai de Caboclo com outra mulher. Quando sua avó soube da existência de Caboclo, quis terminar o casamento, mas o futuro marido explicou que não havia necessidade, que aquele tinha sido um relacionamento passageiro e que a mãe de Caboclo já estava vivendo com outro homem. Então, a avó não deu mais importância para aquilo e, tempos depois, quando o Caboclo ficou adoentado com problema no intestino, sua avó chegou até a amamentá-lo. Ele ficou bem chegado àquela família, tanto que foi padrinho de Romilda. Morreu em Belo Horizonte, na casa de um pai-de-santo chamado Otacílio.

Romilda conta que, quando era menor, freqüentava também a Roça do sr. Jerônimo,⁵⁹ na Terra Vermelha, pai-de-santo da finada Lira de *Yemonjá*. Era um candomblé *nàgô* e ali o *Sàngó* de uma filha da casa quis suspendê-la para *Equêde*. Na hora veio um *Òsòsí*, falou que também tinha gostado de Romilda e que ela iria ser *Equêde* de *Sàngó* e dele também, só que Romilda não aceitou.

Quanto à família de Romilda, a madrastra de seu pai era a *Equêde* Dádi, *Equêde* do Ventura. Ela era irmã do *Pejigan* Miguel e tia de d. Luiza. *Fomutinha* Joana, filha do *Pejigan* Miguel, sempre dizia que a amizade da família dela com a de Romilda não foi feita na porta do candomblé, mas que d. Luiza e d. Joana foram criadas juntas com o pai de Romilda, e que elas cuidavam dele quando era pequeno. Seu pai chamava-se Cadú e, embora carregasse os balaios, nunca foi do candomblé porque não queria se envolver. A partir do momento em que a tia dela, *Equêde* Dádi, casou com o avô de Romilda, passaram a ser uma família só. O tio Caboclo chamava a mãe de d. Luiza de mãe. D. Luiza sabia muita coisa do *jeje* porque o tio Caboclo ensinou a ela. Ele era como um irmão e, quando vinha de Salvador, ficava na Roça dela. Quando ele caiu doente, nos conta Romilda, quem fez tudo por ele não foi a família, mas o pessoal do candomblé. E, segundo ela, d. Luiza deveria ser iniciada lá na Roça de Ventura, porque toda a família dela era de lá. Infelizmente não foi assim.... O pai dela era o *Pejigan* da Roça, e a irmã dela era feita de *Azansú* por *Pararasi*.

Romilda conta, a respeito de sua mãe-de-santo *Gaiaku* *Agesi* que, no dia 1º de janeiro de 1998, ela foi à sua casa, como fazia todos os anos, para tomar a benção. Quando chegou lá, a *Gaiaku* estava muito alegre, dando risadas e falou: “Olha, *Equêde*, pode o mundo todo lhe achar ruim, mas a senhora é boa. No terreiro podem não lhe considerar boa, mas eu a considero ótima, porque a senhora nunca

esquece de mim.” Para Romilda aquilo foi uma despedida, porque duas semanas depois ela faleceu.

Sobre os costumes das casas de candomblé, Romilda diz que não gosta de entrar nos cômodos sagrados das outras casas porque, se um dia essas pessoas forem à sua roça, não poderão entrar. Cada casa tem sua norma e a de Romilda é muito fechada. Ela observa que antigamente os *Vodunsi* levavam um ano recolhidos, mas que agora esse tempo diminuiu para seis meses, sendo três dentro e três fora. Quando eles voltam para casa, já vão sem *Kelê*. Não que lá as *Vodunsi* tenham mais santo que os outros, mas é o costume da casa, cada um tem seu jeito. No Ventura ficam sete dias sem fazer nada, esperando o *Sarapokàn*, e é quase o tempo de uma feitura em muitos candomblés por aí. Depois do *Sarapokàn* é que começam as obrigações. Tem a primeira saída, a segunda e o *Grá*, que demora três dias, até o dia do nome. Romilda lembra que no último ato de que participou do *Grá*, do rapaz de *Bèsén* que *Gamo Lokosi* recolheu, o *Grá* cismou com ela. Sempre tem uma pessoa com a qual o *Grá* não simpatiza e daquela vez foi ela. Romilda acredita que a falta de simpatia entre eles pode ter sido porque ela era de *Sogbo* e a mãe-de-santo dele de *Loko*. Ou talvez porque seu *Vodun* era da mesma família do *Vodun* da mãe-de-santo dele. Quando ele a viu, não gostou. Em uma certa hora, ela estava com *Gamo Lokosi* escondida dentro de casa espionando o *Grá* que estava rondando do lado de fora. *Gamo Lokosi* lhe perguntou neste momento: “*Equêde*, eu estou notando que esse *Grá* está olhando muito para a senhora. A senhora está dando risada?” Romilda lhe respondeu que não, que, pelo contrário, estava com pena dele, porque era um rapaz tão bonito e dava pena vê-lo fora de seu estado normal. Além disso, ele parecia possuir a capacidade de buscar as pessoas, porque no dia do nome foram muitos convidados, até porque a casa estava há muito tempo sem tirar *Ìyáwó*. Romilda resolveu então ir para o lado de fora descobrir o porquê daquela implicância do *Grá*. Ele vinha subindo a ladeira, com um pedaço de pau na mão. Romilda ficou parada com um pau também na mão. Ele veio e começou a olhar para todo mundo e, quando a viu, veio em sua direção. Ficaram se olhando e, quando ela suspendia o pau, ele suspendia também; onde ela o colocava, ele imitava. Nunca ninguém havia feito isso com ela. Ele começou a caminhar, virou e voltou em sua direção. Bateu a cabeça dele, com força, três vezes na dela. Aí gritaram por ele e ele se foi. Romilda acha que o *Grá* a quis testar, e, como é

entidade muito forte, não devemos ter raiva do *Grá*, afinal ele transforma a pessoa.

Ogan Teodoro de Jesus, filho carnal do falecido Justo de *Sàngó* e irmão de *Equêde* Bela, informa sobre o *Grá*:

Quando estava com quase dez anos, costumava caçar com meu pai Justo nas terras da Fazenda do Rosário, próximo ao Ventura. Por várias vezes encontramos as *Vodunsi* no *Grau* [*Grá*], andando pelo mato com um pau na mão. Cansei de vê-las com bichos na mão, como cobra, paca, tatu... sempre com um pau batendo em tudo que viam pela frente. Lembro até da cantiga que cantavam, que era mais ou menos assim: "Para me soquê..." Eu ficava com medo e me escondia atrás de meu pai, que falava umas palavras e elas passavam direto, sem bulir com a gente. Não sei quem ensinou essas palavras para o meu pai, que era *nàgó*. Creio que foi Ogan Caboclo, que era muito amigo dele. Eles pareciam até irmãos, mas não eram parentes. Qualquer bicho que o *Grau* encontrava pela frente, ele matava. Dizem que matava até gente. Muitas pessoas apanharam dos *Grau* e não morreram, porque os *Ogans* corriam para acudir. Os *Grau* matavam muitos bois e cavalos das fazendas vizinhas.

Gaiaku Agesi faleceu em 14 de janeiro de 1998, com 94 anos. Mesmo antes de seu falecimento, uma *Vodunsi* da casa, *Gamo Lokosi*, já havia assumido a direção do Ventura, em 1985, porque *Gaiaku Agesi*, já doente e por motivos particulares, se recusava a frequentar o terreiro de Ventura. Com a morte de *Gaiaku Agesi*, acabou de vez a dinastia de Maria *Ogorensi*.

Antonio Pinto, *Fomutinho* de *Òsun*, irmão de barco de *Agesi* e filho-de-santo de *Gaiaku Maria Ogorensi*, foi quem trouxe, entre 1915 e 1920, o *jeje-mahi* da Bahia para o Rio de Janeiro. Nesta cidade, o baiano *Fomutinho* fundou um terreiro *jeje-mahi*, onde iniciou dezenas de filhos, entre eles: Djalma de *Lalú*, Zezinho da Boa Viagem, Jorge de *Yemonjá*, Aidê de *Kpòsú*, Esmeralda de *Sogbo*, Belinha de *Ode*. Quando *Fomutinho* de *Òsun* chegou no Rio de Janeiro, já existia um candomblé *jeje-mahi*, *Àse Pódabá*, fundado pela africana *Gaiaku Hozenda*, de *Bèsén*, e mais tarde substituída por sua filha-de-santo *Mejitó Adelaide* de *Vodun Jó*. Segundo dona Glorinha de *Òsun*, filha-de-santo de *Mejitó*, o *Àse Pódabá* pertence à nação *jeje-mahi* e veio direto da África para o Rio de Janeiro, não passando, portanto, pelo estado da Bahia.

A atual dirigente do *Xwé Seja Hùnde* é Augusta Maria da Conceição, mais conhecida como *Gamo Lokosi*. "*Gamo*" pelo fato de ocupar a quinta posição em seu "barco" de iniciação, e "*Lokosi*" por

pertencer ao *Vodun Loko*. Foi iniciada em 1947, com 29 anos, três anos antes de sua mãe-de-santo, sinhá Abali, falecer. *Gamo Lokosi*, negra, nasceu em Salvador, em 5 de outubro de 1918, onde mora até hoje. Até agora iniciou somente um rapaz de *Bèsén*, de 29 anos, negro, neto de Ogan Bobosa, chamado Ambrósio Neto.

Notas

- ¹ LODY, Raul. *Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte*. Iconografia. Altiiva Gráfica e Editora, 1981.
- ² Idem.
- ³ VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1981, p. 28.
- ⁴ Idem, ibidem.
- ⁵ REIS, João José. *Rebeliões escravas no Brasil, a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 185.
- ⁶ CUNHA, Manuela Carneiro da. *Estrangeiros – Os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ⁷ REIS, João José. *Op. cit.*, pp. 184-185.
- ⁸ VERGER. *Op. cit.*, p. 28.
- ⁹ SILVEIRA, Renato da. "Pragmatismo e milagres de fé no Extremo Ocidente", in: João José Reis (Org.). *A escravidão e a invenção da liberdade – Estudo sobre o negro no Brasil*. Salvador: Editora Brasiliense, 1988, p. 146.
- ¹⁰ REIS, João José. *Op. cit.*
- ¹¹ MONTEIRO, Antônio. *Notas sobre negros malês na Bahia*. Salvador: Edições Ianamá, 1987, pp. 33-34 e 61.
- ¹² BRAGA, Júlio Santana. *Sociedade Protetora dos Desvalidos, uma irmandade de cor*. Salvador: Ianamá, 1987, pp. 23-25.
- ¹³ Ata de 16 de setembro de 1832. Salvador, arquivo da S. P. D.
- ¹⁴ BRAGA, Júlio Santana. *Op. cit.*, pp. 24-25.
- ¹⁵ Em *fon*, dentro do ventre da serpente (*Dàn*).
- ¹⁶ Em *fon*, dentro do forte (muralha), em proteção.
- ¹⁷ NUNES PEREIRA, Manuel. *A Casa das Minas, culto dos Voduns Jeje no Maranhão*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1979. Original, 1947, pp. 64-65.
- ¹⁸ CARNEIRO, Souza. "Mitos africanos no Brasil". *Brasiliense*, série 5, vol. 103, São Paulo. In: *A Casa das Minas...* Nunes Pereira. *Op. cit.*, p. 66.
- ¹⁹ Idem, ibidem, p. 65.

- ²⁰ LIMA, Vivaldo Costa. "O conceito de nação nos candomblés da Bahia." Afro-Ásia, publicação do CEAO, nº 12 (junho, 1976), p. 72.
- ²¹ OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. "Quem eram os 'Negros da Guiné?' – A origem dos africanos na Bahia", in: Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/UFBA (19-20), 1997, pp. 67-71.
- ²² Filme de Renato Barbieri: *Atlântico Negro na Rota dos Ôrisàs*. Realização: Itaú Cultural e Videografia Criação e Produção. Documentário. 54', 1998.
- ²³ OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. *Op. cit.*, p. 63.
- ²⁴ LIMA, Vivaldo Costa. *Op. cit.*, pp. 73-74.
- ²⁵ SANTOS, J. Elbein dos. *Os nãgô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ²⁶ ABRAHAM, R. C. *Dictionary of modern yorùbá*. Londres: University of London Press, 1958. In: J. Elbein dos Santos. *Os nãgô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- ²⁷ NASCIMENTO, Luiz Claudio Dias. *Candomblé e Irmandade da Boa Morte*. Salvador: Fundação Maria Cruz, 1999, pp. 14-15.
- ²⁸ Dados retirados de um panfleto sobre um evento ocorrido no Pelourinho/Salvador, denominado "Noite de Cachoeira", realizado no dia 29 de julho de 1999, pela Fundação Hansen Bahia e pela Prefeitura Municipal de Cachoeira, sob a coordenação geral de Augusto L. Régis.
- ²⁹ BARCELAR, Jeferson, GUSMÃO, Mário. "O santo guerreiro contra o dragão da maldade", in: Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/UFBA, (19-20), 1997, pp. 258-259.
- ³⁰ CAMPOS, João da Silva. "Procissões tradicionais da Bahia". Publicação do Museu da Bahia, nº 1 – Obras póstumas. Sec. Educ. e Saúde, 1947. In: *Devoção e Culto a N. S. da Boa Morte*. Raul Lody. Iconografia. Altiva Gráfica e Editora Ltda, 1981.
- ³¹ OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. *Op. cit.*, p. 70.
- ³² RISÉRIO, Antônio. "Bahia com H – Uma leitura da cultura baiana". In: João José Reis (Org.). *A escravidão e invenção da liberdade – Estudo sobre o negro na Brasil*. Salvador: Editora Brasiliense, 1988, p. 146.
- ³³ Construída em 1750 e sede da Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda.
- ³⁴ AMARAL, Braz Hermenegildo. "Os grandes mercados de escravos africanos – As tribos importadas e sua distribuição regional."
- ³⁵ Da família de *Sakpata*. Corresponde ao *Omolu* ou *Obalúayê* dos *yorùbá*.
- ³⁶ *Dictionnaire Fon-Français* I. R.P.B. Seguroia. Cotonou, 1963, p. 56.
- ³⁷ MONTEIRO, Antônio. *Notas sobre negros malês na Bahia*. Salvador: Edições Ianamá, 1987, p. 40.
- ³⁸ Idem, p. 42.
- ³⁹ QUIRING-ZOCHE, Rosemarie. "Luta religiosa ou luta política? O levante dos malês da Bahia segundo uma fonte islâmica", in: Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/UFBA, (19-20), 1997, p. 232.
- ⁴⁰ FONSECA JÚNIO, Eduardo. *Dicionário Yorùbá (Nãgô) – Português*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.
- ⁴¹ NASCIMENTO, Luiz Claudio Dias. *Op. cit.*, pp. 16-17.
- ⁴² Obrar = Defecar.
- ⁴³ MONTEIRO, Antônio. *Op. cit.*, p. 45.

- ⁴⁴ Ler *Agué*. Em *fon* (g) tem o som de (gu).
- ⁴⁵ VERGER, P. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na antiga Costa dos Escravos, na África*. Tradução: Carlos Eugênio M. Moura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 215.
- ⁴⁶ HERSKOVITS, Melville, J. In: *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos*, p. 215.
- ⁴⁷ LIMA, Vivaldo Costa. "A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia. Um estudo das relações intragrúpicas." Salvador: UFBA, 1977. (Col. Pós-graduação em Ciências Humanas.) Dissertação de Mestrado.
- ⁴⁸ LIMA, Vivaldo da Costa. "A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia." Salvador: UFBA, 1977. In: *Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas*. Ferretti, S. F. Maranhão: Edufma, 1986, p. 62.
- ⁴⁹ FERRETTI, S. F. *Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas*. Maranhão: Edufma, 1986, p. 62.
- ⁵⁰ Idem, p. 223.
- ⁵¹ NUNES PEREIRA, Manuel. "A Casa da Minas, culto dos Voduns Jeje no Maranhão." In: *Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas*. Ferretti, S. F. Maranhão: Edufma, 1986, pp. 222-223.
- ⁵² QUERINO, Manuel. *A raça africana e seus costumes*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955. In: Nei Lopes. *Bantos, malês e identidade negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 54.
- ⁵³ NUNES PEREIRA, Manuel. *Op. cit.*, p. 52.
- ⁵⁴ SILVA, Ornato José da. *Ervas: raízes africanas*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 1993.
- ⁵⁵ SILVERSTEIN, Leni M. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, 1979, pp. 143-169. In: Ferretti, S. F. *Querebentã de Zomadônu*, p. 251.
- ⁵⁶ Em torno de 1960 chega a Cachoeira a estrada de rodagem.
- ⁵⁷ O transporte fluviomarítimo pelo rio Paraguaçu deixa de acontecer a partir de 1967.
- ⁵⁸ A princípio povoado de São Pedro do Aporá, depois Vila de São Félix. Em 1889, São Félix foi emancipada, deixando de ser um bairro industrial de Cachoeira.
- ⁵⁹ O terreiro *Leba Necum*, na Terra Vermelha, foi fundado pelo *Babalòrisà* Miguel Angelo Barreto, que teve como substituto o Sr. Jerônimo Pereira da Conceição, falecido em 1990, pai-de-santo da falecida *Iyálòrisà* Amazília Maria da Conceição (Dona Lira de *Yemonjá*), esta com terreiro no Alto do Monte.

CAPÍTULO II

Gaiaku Luiza, Um Depoimento

Uma Breve Nota

Em torno do ano de 1820, veio para a Villa de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira (hoje Cachoeira) uma negra africana para ser escrava de uma senhora branca, de nome Pombinha Rosalva, que morava em uma casa situada na praça 25 de Junho (praça da Aclamação), 20. Na casa, atualmente reconstruída, funciona um escritório de contabilidade, depois de anos de abandono. Não sabemos se a escrava, que se chamava *Malakê* e pertencia ao *Òrisà Sàngó*, veio direto da África ou se foi comprada de outro dono. Também não se tem certeza se *Malakê* era o nome da negra ou o nome do *Sàngó* ao qual ela pertencia. De sua dona, a negra *Malakê* recebeu o nome de Maria Felicidade da Conceição, e seus descendentes contam que ela veio para o Brasil amarrada no porão de um navio. Após liberta, sinhá *Malakê* foi morar em outra casa, localizada na rua Atrás do Chafariz (atual rua Santo Antônio), 6, local de moradia de várias famílias africanas. Era nesse chafariz público, hoje desativado, que a população de Cachoeira buscava água. Não podemos afirmar se na casa de sinhá *Malakê* batia candomblé, mas devia existir um quarto, com um *Peji*, onde ela cultuava seu *Òrisà Sàngó*. Sinhá *Malakê* teve uma filha, no dia 30 de agosto de 1852, batizada com o nome de Maria

Galdência da Conceição. Sustentava-se vendendo jaca, colhida em Muritiba (cidade vizinha a São Félix e distante dois quilômetros de Cachoeira). Em uma dessas idas a Muritiba, que fica localizada em uma parte mais elevada daquela região, escorregou na ladeira, caindo e vindo a falecer. Foi enterrada no cemitério de São Félix.

Maria Galdência da Conceição, a filha de sinhá *Malakê*, se amasiou com José Franklin da Rocha, branco, descendente de português e inglês, nascido no Brasil. Dessa união nasceram quatro filhos: Manoel Franklin da Rocha, Maria Benta, Severiano e Miguel Rodrigues da Rocha. O sr. José Franklin da Rocha faleceu quando a esposa estava grávida de seu quarto filho, Miguel Rodrigues da Rocha, que nasceu em 1885, sete dias depois do falecimento do pai. Após o falecimento de seu companheiro, Maria Galdência da Conceição passou a viver com um negro de nome Carlos. Dessa união nasceu uma menina, que Maria Galdência batizou com o nome de sua mãe: Maria Felicidade da Conceição (*Equêde Dádi*, confirmada na Roça de Ventura). Maria Galdência vivia da venda de mingau na porta de sua casa, atrás do chafariz. Faleceu em 14 de janeiro de 1910, com 58 anos, em Cachoeira. Em seu atestado de óbito, que se encontra no Fórum de Cachoeira, consta que era filha de africanos desconhecidos, solteira, residente nesta cidade. Solteira porque os negros, naquela época, não se casavam na igreja e nem no papel.

Miguel Rodrigues da Rocha, o filho mais novo de Maria Galdência e José Franklin da Rocha, uniu-se a uma negra, nascida em Cachoeira, mas criada em Feira de Santana, de nome Cecília Ovídia de Almeida, descendente de português e africano, nascida em 29 de dezembro de 1882. Dona Cecília não chegou a conhecer sua mãe carnal, que morreu no parto. Foi criada por uma tia chamada Candinha (Cândida), em Feira de Santana. O casal foi morar na ladeira da Cadeia, 32 e dessa união nasceram 13 filhos, só cinco sobreviveram:

Eugênio Rodrigues da Rocha nasceu em 13 de novembro de 1906. Atualmente, com 99 anos, mora na cidade de Cachoeira.

Aurino Rocha nasceu em 4 de junho de 1908 e faleceu em 13 de janeiro de 1977, com 68 anos.

Luiza Franquelina da Rocha nasceu em 25 de agosto de 1909 e faleceu em 20 de junho de 2006.

Saturnina Marques da Rocha nasceu em 29 de novembro de 1910 e faleceu em 23 de agosto de 1984, com 73 anos. Pertencia ao *Vodun*

Osun e foi *Abiyan* de um terreiro *jeje-mahi*, comandado por sua irmã *Gaiaku* Luiza.

Joana Rodrigues da Rocha nasceu em 11 de novembro de 1913 e faleceu em 28 de março de 1994, com 84 anos. Pertencia ao *Vodun Azansú* e foi iniciada na Roça de Ventura, em 1964, por *Gaiaku Pararasi*.

O sr. Miguel Rodrigues da Rocha faleceu em 12 de dezembro de 1966, com 81 anos, em Cachoeira. Sua esposa, Cecília Ovídia de Almeida, faleceu em 14 de agosto de 1984, com 102 anos, também em Cachoeira. Só se casaram na Igreja quando completaram 50 anos de convivência.

Luiza Franquelina da Rocha, ou *Gaiaku* Luiza, viveu até os 96 anos, lúcida, dirigindo um terreiro *jeje-mahi* chamado *Hùnkpámè Ayíonó Hùntóloji*, em Cachoeira. É impressionante a sabedoria desta *Hùngbòndò*, que lutou anos e anos para que o *jeje-mahi* não morresse, não desaparecesse. É através da sua memória, dos seus conhecimentos, das suas vivências que tentarei contar e mostrar um pouco de sua vida, de sua história, que se confunde muitas vezes com a história do *jeje-mahi* na Bahia. Passo, então, a palavra a *Gaiaku* Luiza.

A Infância

Mamãe teve 13 filhos, todo ano nascia um, mas só cinco sobreviveram. O primeiro filho foi um menino, José, em homenagem ao meu avô, mas faleceu. O segundo foi um menino chamado Dos Reis, porque nasceu no dia 6 de janeiro, mas também faleceu. O terceiro filho foi Geninho e está vivo até hoje. Antigamente, a mãe escolhia o nome do filho olhando no almanaque. O nome do santo do dia era o nome com que ela batizava o filho ou a filha. Eu fui a nona gravidez de mamãe, primeira menina a nascer. Depois de mim, nasceram as mulheres: Izabel, que faleceu; Satu e Joana, que sobreviveram e, por último, a caçula, Maria da Anunciação, que infelizmente faleceu. Até gêmeos mamãe teve. Sei que ao todo foram oito meninos e cinco meninas. Mamãe contava que nasci em uma quarta-feira, onze e meia da manhã, lua cheia, maré cheia, no dia do soldado, a feira no seu auge, o vapor apitando no porto, os estudantes voltando da escola, sinos badalando, o sol a pino num dia belíssimo. Foi um parto tranqüilo, feito por uma parteira, e, na cabeceira da cama, havia uma estátua de San-

ta Bárbara. Papai estava em Penedo a trabalho e soube do meu nascimento através de carta enviada por mamãe. Depois de dias de nascida, mamãe chamou uma moça pândega, alegre, que gostava de dançar e cantar, para me apresentar à lua.

Lua, luar
Tome para vós criar
Se for boa, pode ficar
Se for má, pode levar.

Nasci na ladeira da Cadeia, 32, e depois minha família se mudou para outra casa mais abaixo, no número 8, onde moramos por muitos anos. Papai sempre foi muito trabalhador e tínhamos uma boa vida. Ele foi marinheiro, dono de açougue, dono de botequim, encarregado de obra no Rio de Janeiro e, por último, fiscal da prefeitura. Era muito rigoroso e exigente. Usava colarinho branco, abotoadura de ouro, calça de casimira azul e colete. Era eu quem passava as roupas dele, que tinham que ser bem passadas no ferro de carvão. Quando trabalhava no açougue, vinha almoçar em casa. Chegava sempre às 12 horas e na janela já deveria estar uma bacia com água e uma toalha para ele lavar as mãos e o rosto. Usava sempre a camisa abotoada até em cima, não lembro de ver papai com o peito à mostra. Se não houvesse água na bacia, ele, com raiva, jogava a bacia pela janela. Quando se sentava à mesa, olhava os garfos e, se estivessem sujos, jogava-os longe. Em minha casa não entrava bebida alcoólica e nem refrigerante, porque papai não gostava. Nunca sambei e nunca dancei de par. O vício de papai era o charuto. Papai adorava política e, quando começava a discutir com os amigos, não parava mais. Era fã de Getúlio Vargas e gostava de apreciar rinha de galos. Papai era muito bonito e mulherengo; também, era de *Gbadé* com *Olisa*. Quando foi trabalhar no Rio de Janeiro, teve mulher por lá e até filhos. Quando meu irmão Geninho fez 14 anos, foi morar no Rio de Janeiro com papai. Uma vez eu vi uma fotografia de papai com um menino no colo, provavelmente deveria ser filho dele lá do Rio de Janeiro. Papai também foi jagunço¹ do dr. Ubaldino de Assis Curvello, e andava até armado. O dr. Ubaldino era da política, e quando era época de eleição aqui era fogo, não era brincadeira, não! Os homens iam votar de gravata e nesse dia as mulheres não iam pra rua. Havia brigas, tiros na rua e as mulheres desmaiavam dentro de casa. O homem, para ir votar, antigamente, ia todo arrumado, de gravata, roupa nova. Hoje vejo pela televisão o povo votando até de calça curta.

Mamãe chamava-se Cecília Ovídia de Almeida, era de *Yemonjá* e pertencia à nação *nãgô*. Sua mãe-de-santo era tia Dionízia e o candomblé ficava acima de Feira de Santana, em um lugar chamado Pampalona. Não cheguei a alcançar o candomblé, só a casa onde ele funcionou. Ela falava em vida que foi “feita” aos 14 anos e o candomblé era *nãgô* puro. Uma vez ela me levou para conhecer a casa onde funcionava o candomblé. Eu estava com os meus 14 anos e conheci algumas irmãs-de-santo dela. Lembro-me de uma que se chamava Luminata ou Onorata... alguma coisa assim. Quando elas me viram me acharam parecida com mamãe, e me chamaram de Cecília moça. A casa acabou e mamãe não quis mais saber. O tempo foi passando e ela se entrosou na casa de Vovó Águida, que era aqui em Cachoeira. A casa era *nãgô* também, se comparando ao *nãgô* de lá. Mamãe passou a freqüentar a casa de Vovó Águida. Certa vez, “caiu” uma de *Yemonjá*, de nome Cecília também, e foi mamãe quem custeou tudo. Depois de anos fomos saber que esta Cecília tinha uma filha com papai, e foi criada conosco depois de moça. Quando mamãe ia para a casa de Vovó Águida, nós, filhos, pedíamos a ela que nos levasse e ela dizia que não: “Vocês são lá do jeje, do salão verde, e não vão, não!” Só íamos em festas grandes. Quando mamãe dizia que ia nos bater, pedíamos para *Yemonjá* não deixar. Dia de sábado, colocávamos flores para *Yemonjá*, para agradar. Certo sábado, quando fomos colocar flores para *Yemonjá*, ela não estava; nos espantamos e perguntamos à mamãe onde estava *Yemonjá*. Ela respondeu que estava nas águas: “Lugar de santo é nas águas. Acabou a novidade.”

Ela jogou o *Ôkúta* de *Yemonjá* no rio Paraguaçu. Depois disso passou a sentir muita dor de cabeça, dor no estômago... ficou doente. Quando foi à casa de Vovó Águida, ela disse: “Minha comadre Cecília, como é que a senhora foi fazer isso, jogar *Yemonjá* nas águas?” Passado o tempo, Joana, minha irmã, dando faxina em nossa casa, encontrou em cima da mesa o *Ôkúta* de *Yemonjá*. Ela passou mel, colocou na porcelana e cobriu com um pano. Quando mamãe chegou, ela falou: “Mamãe, adivinha quem apareceu aqui em casa?” Mamãe ficou matutando, matutando... Joana, não agüentando mais, falou: “Foi *Yemonjá*, mamãe.” Mamãe fazendo pouco caso: “Oh... Ela voltou. Ela é teimosa!” Quando Joana destampou a porcelana para mostrar a mamãe, o *Ôkúta* havia desaparecido. Quando eu estava com nove anos, vi pela primeira vez a *Yemonjá* de mamãe, dentro de casa. Papai tinha um botequim e quem ia levar o café dele era

eu e Aurino, meu irmão. Quando voltamos, veio um senhor na porta avisar à minha mãe que papai estava passando mal. Naquele tempo não havia automóvel com facilidade em Cachoeira, e papai chegou carregado na cadeira. Quando chegou, foi aquele corre-corre, aquela agonia. Foi quando *Yemonjá* “pegou” mamãe e disse que haviam colocado veneno no café de papai para ele morrer. Depois ele ficou bom. A segunda vez que vi a *Yemonjá* de mamãe foi na Roça de Ventura e lembro até da cantiga:

Odò orí ilé Yemonjá
 Òrò sí a ló
 Fá fà fá a o ló, odò Iyá.

Mamãe era de *Yemonjá* com *Azansú*. Certa vez ela me disse: “Sua mãe, minha filha, nasceu fim de ano, fim de mês e até a igreja em que fui batizada foi demolida.” Penso que esta igreja é a do Amparo.²

Vovó Águida era minha madrinha e o nome dela era Maria Águida de Oliveira. Morava aqui em Cachoeira, no Beco do Sabão nº 12.³ Era nesta casa que ela batia candomblé, tudo muito escondido. Eu ouvia dizer, quando pequena, que ela nasceu no mar, dentro de um navio. Vovó Águida era muito amiga da mãe de papai, vovó Galdência. Papai chamava-a de minha mãe, e, quando íamos lá, ele ajoelhava e tomava a bênção, dizendo: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, a bênção minha mãe.” Quando criança, pensava que Vovó Águida era minha avó, mas, com o passar do tempo, fui entendendo que ela não era mãe carnal de papai. Ele tomava a bênção porque Vovó Águida era muito amiga da mãe de papai, vovó Galdência. Vovó Águida era filha de africano. A irmã de meu pai, tia Dádi, ficou com o mesmo nome de vovó, Maria Felicidade da Conceição, e parecia uma africana também. Vovó Águida era de *Yemonjá* (*Bomim*) e a mãe dela, que se chamava tia Sofia, costumava ficar sentada em um cepo não muito alto. Quando chegávamos para tomar a bênção, tínhamos que nos abaixar. Quando o *Olisa* dela chegava, cobriam-no com um *Alá* e, para falar com ele, era preciso entrar embaixo daquele *Alá*. Ele cantava baixinho:

Bàbá ribô mokó ceô
 Mokó ceô, Mokó ceô, Bàbá
 – “Num é mia fia?”....

Quando havia festa na casa de Vovó Águida, *Olisa* vinha e ficava sentadinho ali embaixo do *Alá* e todo mundo ia tomar a bênção. Tia Sofia era uma negra gorda e já bem velha. O candomblé lá era de

porta fechada. A casa era toda fechada e o candomblé era no fundo. Houve vezes em que ela tirou *Ìyàwó* sem atabaque, só na palma, no *gàn* e na cabaça. Os atabaques de lá eram aqueles atabaques pequenos, antigos, encourados como antigamente, e não tocavam de aguidavi, só de mão. As roupas dos *òrisà* homens eram de chitão e das *Ayaba* eram de chita de florzinha. Lembro da roupa de *Sàngó*, *Oya*, *Ògún*. Eram aqueles panos pesados de algodão e faziam aquelas saias com búzios e guizos, enfeitadas com cordão vermelho. As roupas eram muito simples, não eram como as de hoje, não! Vovó Águida vendia na porta de sua casa amendoim torrado; banana, naquelas gamelas, por 1 tostão; e feixe de lenha por 1 tostão também. Naquele tempo se cozinhava com lenha aqui em Cachoeira. A *Yemonjá* dela não gostava de dançar muito, ela gostava de “trocar língua” e gostava dessas cantigas:

Odò orí ilé Yemonjá
 Odò orí ilé a o ló.
 Yemonjá um tó, manjarê.

Quando pequena, saía muito de Cachoeira, porque tinha muitas tias e elas me chamavam para passar uma temporada com elas. Ia para Salvador e, às vezes, ficava um ano fora. Quando voltava, muitas vezes não encontrava mais os meus colegas, que eram Estelita, Izaías e Rosael, esta colega de escola. Estudei em um colégio na ladeira da Cadeia, e a professora chamava-se Iazinha. De manhã, quando os alunos chegavam, havia a vigia, onde a professora revistava os dentes, as unhas, o ouvido... Eu morava na rua do Amparo e estudava na ladeira da Cadeia, em uma casa grande do lado esquerdo de quem sobe, acho que ainda existe. Minha professora ensinava a olhar o relógio, como pegar no jornal, como sentar. Depois fui estudar em uma escola pública, onde entrava às oito horas da manhã e saía às duas da tarde. Essa outra professora era horrível e ensinava a cantar os hinos. Lembro de uma mímica que era assim:

Já o sol no céu brilhou
 É dia vamos brincar
 Quem na caminha ficou
 Não sabe a vida gozar
 Cantando os pássaros voam
 Seu lindo ninho tecer
 Nosso ler do coração
 Cantando hei de aprender.

De tarde era a hora do catecismo. Aprendíamos também ponto de cruz. Eu tinha um livro, chamado *Paleógrafo*, que era em letra de fôrmica, que hoje chamam de fôrma. Nele havia muitas cartas: de amor; de amizade; de parabéns; de pêsames; de rompimento de amor. Dia de quinta-feira era dia de aprender a recitar as poesias. Lembro-me de uma que começa assim: “Ai, que saudade da aurora da minha vida, da minha infância querida...” Na escola, usávamos um livro de Felisberto Carvalho para o estudo. Eu tinha pavor de matemática. Estudei com mestras que davam aula em casa. Havia uma, chamada d. Severa, que era severa mesmo. Ela colocava os alunos de castigo, de joelho no milho ou no sal grosso. Colocava um limão no pescoço do aluno, que era obrigado a ficar com a cabeça baixa, prendendo o limão no pescoço, para não cair. Ela dava um beliscão chamado belisco de maroto. Mamãe batia na gente de palmatória, sola ou cipó. Aprendi muitas palavras *nàgô* com minha mãe, pois ela freqüentemente conversava com a gente nesta língua. Ela mandava a gente ir na rua comprar as coisas e falava assim: “Vá comprar 1 vintém de *igbá*, 1 vintém de *ilá* e 1 vintém de *ata*.” Eu ficava em pé na porta sem saber o que era. Aí mamãe gritava: “Não escutou, não? Eu estou dizendo para comprar jiló, quiabo e pimenta.” Geninho, meu irmão, gostava de ouvir mamãe falando em *nàgô*. Ele pedia, sempre, para ela repetir e ela respondia: “*Abojuri nu adaqué!*” Quer dizer: a pessoa tudo quer saber para falar mais tarde.⁴ Às vezes, mamãe estava cantando uma cantiga e Geninho pedia que ela cantasse mais alto. Ela dizia: “Deixe o meu *nàgô* e fique com o seu *jeje*. Vocês são lá do Ventura e minha terra é outra.” Minha irmã *Fomutinha* Joana nunca abandonou mamãe. Ela era a caçula e ficou com mamãe até falecer. O *Àjotó* de *Fomutinha* era *Yemonjá*, daí ela ser muito apegada a mamãe, que era de *Yemonjá*. Quando acordava com dor de cabeça, papai dizia: “Não aborreça sua mãe, porque ela acordou com a febre do leão.” Ela colocava batatinhas na frente. Mamãe tinha tanto cabelo, que fazíamos trança de duas pernas, porque não dava para fazer de três. Nasceu com uma marca na cabeça, no couro cabeludo, em forma de peixe. Não deixava ninguém pegar no peixe e, como tinha muito cabelo, as pessoas quase não viam. Quando estava atacada, eram três dias sem falar. Sentia dor de dente, dor de estômago e dor de cabeça, igual à cantiga de *Yemonjá*.

Odò orí ilé eyí Yemonjá
Odò orí ilé a oiô.

Nesta cantiga, ela diz que está com dor de cabeça (*orí*) e dor de dente (*eyín*). A cabeça e o dente são de *Yemonjá*. Quando éramos pequenos e sentíamos dor de dente, acendíamos uma vela para *Yemonjá*, pedindo para passar nossa dor de dente. Mamãe gostava muito de cantar esta cantiga:

Yemonjá Ògún
mofi orí la òkúta
Yemonjá ireô.

Contava a história dessa cantiga: “*Ògún*, que era filho único, pediu a faca para *Yemonjá*, sua mãe, e ela não deu. Ele se aborreceu e falou: ‘Fique aí, seu peito de arrasto.’ *Yemonjá* se ofendeu e seus seios começaram a crescer. De um seio saiu a água doce e do outro a água salgada. Aí ela se jogou no rio e bateu a cabeça em uma pedra.”

Quando estava com seis meses de vida, tive escorbuto, e o que me curou foi a folha da apiticoba. Escorbuto era uma doença que dava nos africanos quando vinham amarrados nos navios para o Brasil. Os que pegavam a doença eram jogados ao mar. Três médicos me enganaram, falaram para mamãe que para esta doença não havia cura. Falaram que se eu não morresse em sete dias, morreria em 14. Se escapasse dos 14 dias, morreria em 21; caso escapasse, com 21 anos sofreria das faculdades mentais. Um dia, mamãe escutou uma voz dizendo que ela fosse ao mato, às quatro horas da tarde, pegar a entrecasca da apiticoba, e, junto com a folha, cozinhasse e me desse em uma colherzinha para beber. Depois, deveria me dar um banho com a folha e me enrolar em um pano. Nós morávamos na ladeira da Cadeia e mamãe já estava sem esperança de que eu fosse escapar. Eu nem chorava mais, assim mamãe fez e eu me curei. Passou o tempo e veio a bexiga. Mamãe falou: “Oh, meu Deus! Nem bem acabou uma coisa e já vem outra.” Consegui escapar da bexiga e depois veio um furúnculo na cabeça. Papai ficou com pena de me levar para o hospital e me curaram dentro de casa. Até hoje tenho a marca na cabeça, foi um furúnculo no lado esquerdo. Dizem os antigos que furúnculo no lado esquerdo é *Azansú*, e no lado direito é *Oya*. Veja como é *Azansú* quem rege a minha vida, pois me marcou antes de minha Mãe *Oya*. Sobrevivi a todas as doenças e lembro que minha mãe sempre dizia: “não há bolo que a água não desmanche.” Mamãe uma vez me contou que a *Oya* da finada Custódia virou para ela e disse que ela estava grávida. Mamãe respondeu que não, porque na época estava amamentando Aurino, meu irmão. A *Oya* falou: “Está ges-

tante, sim! É uma menina e essa menina é minha!” Mamãe não levou muita fé e, passado o tempo, estava fazendo mingau para meu irmão Aurino; de repente, o tempo fechou. Entrou um raio, um clarão, por dentro de casa, e as vizinhas vieram correndo para ver o que havia acontecido. Não aconteceu nada, mas foi neste dia que mamãe sentiu que eu mexi em sua barriga pela primeira vez.

Por um determinado tempo, papai se separou de mamãe e foi morar no Rio de Janeiro, trabalhar na construção do Palácio do Catete. Era mestre-de-obras e mandava 200 réis por mês para mamãe. Quando o dinheiro chegava, ela corria na quitanda para abater em nossa caderneta. Foram momentos difíceis. Em 1922, com 13 anos, fui obrigada a sair da escola, pois não tínhamos mais condições. Mamãe perguntou o que eu ia fazer e respondi que gostaria de aprender a costurar. Com 15 anos já costurava. Com 17, queria ser datilógrafa ou pianista. Lembro que minha professora disse à minha mãe que eu levava jeito para ser professora.

Cachoeira era uma cidade muito festiva, havia a Festa de Nossa Senhora da Ajuda,⁵ com muitos mascarados e banda de música, era um Carnaval fora de época; Festa de Nossa Senhora do Rosário do Oráculo;⁶ Festa de Santa Cecília; Festa de aniversário de Cachoeira; Festa de aniversário da Lira; Festa de Nossa Senhora da Conceição do Monte;⁷ Festa de Santa Bárbara,⁸ onde as africanas faziam acarajé, abará, bobó de inhame, vatapá... e distribuíam de graça para o povo. Era Cachoeira uma cidade com muitas festas e muitos fogos. Havia duas orquestras, Lira Cecilianiana e Minerva Cachoeirana.⁹

Estas duas orquestras disputavam quem tocava melhor. Quando concorriam, havia briga e bofetada. O povo cantava assim:

Viva Lira no seu bom palacete,
Morra Minerva tomando cacete.
Viva Lira no seu bom jardim,
Morra Minerva comendo capim.

Havia um senhor que era dono de um hotel e tinha três filhas. Era apaixonado pela Lira e colocou o nome das filhas de Lira, Cecília e Ana (Lira Cecilianiana). No samba da Boa Morte, os homens tocavam pandeiro, viola e prato. O samba era tocado com prato raso e com faca. Na festa da Boa Morte, eram oito dias de comida para o povo, onde serviam muito bacalhau assado, bacalhau de capote. Naquele tempo, as mulheres da Boa Morte eram aquelas negras verdadeiras:

Rosalina; Vovó Águida; Apolinária; Juliana; Laudelina; Caetana; Maria Angélica; Epifânia; Justiniana; Maria Cordolina; Xandinha; Izidora; Maria de Melo; Vicença Xodó; Sabina; Costancia Grande; Maria Pastinha; Ignês; Ermira Zoião; Maria do Carmo; Maria Carocha; Maria dos Reis; Júlia Mirta; Maria Mosquito; Damiana; Maria Pelada; Saleina; Mentina; Elízia; Izabel; Sérgia; Maria Democrata; Miúda Baú; Miúda do Fato; Maria José, da loja Cezário Lapa; Maria José, da quitanda; Flora; Bizu; Francisca; Francelina; Maria Amélia; Lídia; Sátira; Eudóxia; sinhá Abali; *Gamo* Edwirge e outras mais. Os pandeiristas do samba da Boa Morte eram Chico, Buzêgo, Alexandre e Biliu. A sandália das Irmãs da Boa Morte era comprada na sapataria do meu tio André, Nozinho e titio Neco, que era marido de minha tia Benta. Sandálias feitas em forma holandesa de bico arrebitado. Esta minha tia teve quatro filhas: Senhora, Sinhazinha, Donazinha e Anelita. Naquele tempo, prima, quando tinha filho, se tomava a bênção como se fosse tia. Cachoeira era uma cidade muito calma, eu brincava até às nove da noite. Gostava muito de brincar de “Bem te o bem te o frade”; de roda; de ioiô... Adorava escutar as modinhas de amor, que chamávamos de serenata ou esmola cantada.¹⁰

Quando o circo chegava em Cachoeira era aquela alegria. Lembro de um palhaço montado em um jegue, sentado de frente para a traseira do animal, desfilando e anunciando que o circo havia chegado. Eles cantavam alto pelas ruas:

Oh! Raia o sol, suspende a lua
Salve o palhaço que está na rua.
Ouça essa menina, vá dizer à sua patroa
Hoje lá no circo, novidade e coisa boa.
É hoje só, amanhã não tem mais.

Para ir a Salvador, tínhamos que fazer roupa nova. Quando o vapor partia era lenço acenando no porto e muito choro. A família toda ia se despedir da pessoa. Uma vez, fui ao porto me despedir de meu irmão, que ia para Salvador. Me colocaram um chapéu tão grande que meu rosto ficou encoberto, só via no fundo a minha carinha. Ninguém viajava sem chapéu, e, quando não tinha, alugava um.¹¹

Em Cachoeira moravam muitos africanos. Eu era pequena e lembro-me de uma que se chamava Maria Plácida e morava na Recuada, onde havia muitos africanos. Ela negociava para Salvador e tinha um físico de homem. Usava saia volante, casaco, cinturão, bengala

e um chapéu de pêlo. No bolso da saia, ela carregava uma arma, e todo mundo tinha medo dela. Era amiga de minha *Deré* e negociava junto com ela. Na rua do Chafariz, onde papai nasceu, havia a melhor água de Cachoeira. Era uma água que ninguém sabia de onde vinha. Cansei de ir pegar água para beber, porque aqui, em Cachoeira, não havia água encanada. Os aguadeiros cobravam 1 vintém pela lata. Depois, passaram a cobrar 3 vinténs, e depois 1 tostão. Eles tinham jegue que carregava quatro latas de uma vez; chamava-se uma carga de água. Sofia era uma africana aguadeira, que carregava água até meia-noite. A última lata que carregava era a dela. Tinha os pés para trás de tanto andar descalça. Morava na ladeira da Cadeia, o quintal da casa dela era cheio de latas velhas. A filha queria jogar as latas fora, mas ela não deixava. Já não tinha mais cabelo de tanto carregar lata d'água na cabeça. Quando passava, tomávamos a bênção a ela: "Bença, tia Sofia." Ela respondia: "Deus lhe abençoe, mi fio."

Os africanos moravam, também, na rua Atrás do Chafariz. Ali morava uma africana chamada Jamirifó. No Mercado só vendia farinha, feijão e milho. A farinha custava mil réis, e depois passou para dois mil. A lata custava 10 tostões. Quando a farinha aumentou, o povo não gostou, ficou todo mundo coçando a cabeça. Caetana de *Òsun* era minha madrinha de batismo e vendia sarapatel na rua da Matriz, em frente à Casa Estrela. De manhã, quando o povo passava para tomar banho no Caquende, comprava sarapatel e maniçoba com minha madrinha Caetana. Havia uma africana que vendia mercadorias da África na praça Dr. Aristides Milton,¹² onde era a antiga feira. Tinha o beijo muito grande, dava uma moeda dentro. Certa vez, um menino passou e deu uma risada, ela viu e trocou língua. O menino caiu para um lado e o livro para o outro. Ela ficou com pena, colocou a mão no menino e ele levantou. Depois falou para o menino assustado: "Isso é para você nunca mais rir de mim."

Mamãe tinha um amigo que não era africano, era filho de africano. Ele se chamava Bonitinho, falava com mamãe em *nàgô* e papai ficava com raiva. Papai perguntava: "Vocês estão me xingando?" Ele só falava em *Yorùbá*, aquele *Yorùbá* antigo dos africanos que foram pegos no laço. Não é o *Yorùbá* que se fala hoje, não! Ele era feito no candomblé, mas não lembro o *Vodun*. Era de Cachoeira e vendia bolos, doces, cocadas... em Feira de Santana. Iam, ele e minha irmã *Fomutinha* Joana, vender juntos. Tinha uma boa situação finan-

ceira, mas jogaram uma zorra e ele morreu pobre. Se o doce não saísse no ponto, jogava tudo fora e fazia de novo. Era muito caprichoso e só usava roupa de linho. Joana contava que quando eles chegavam no ponto, em Feira de Santana, já havia fila para comprar os doces.

Moramos em muitas casas em Cachoeira. Mas quando moramos na rua da Arara,¹³ fomos vizinhos de um pai-de-santo chamado *Zé-do-Vapor*. O terreiro dele era *nàgô*, se chamava *Terreiro Viva Deus*, e ficava na Terra Vermelha.¹⁴ Ele era de *Ògún* Aires e trabalhava no vapor que ia de Cachoeira para Salvador, era cozinheiro do navio. Também fazia merenda e vendia no navio. Era um senhor baixinho e bem escuro. O *Ògún* dele usava saiotê e gostava muito de dançar. Era muito amigo de Vovó Águida e, quando vinha gente da África para a casa dele, ele levava os africanos para conhecê-la. Criança, lembro dele carregando aqueles balaios enormes de frutas para vender no vapor. Ele tinha muitas filhas-de-santo e, quando morreu, quem assumiu a Casa foi dona Teófila de *Òsun*, que tinha candomblé em Salvador.¹⁵ Ela era bem pretinha, com o cabelo "não vou lá que não quero". Morava perto da estação, no Corriachito, aqui em Cachoeira. Depois morou na Calçada, ao pé da gente. Quando morreu, a casa ficou muito tempo fechada. Depois seu filho chamado Luiz Sérgio de Azevedo, de *Òòsàá*, assumiu a casa e está até hoje. Era uma roça toda plana, muito bonita e cheia de coqueiros.

Quando eu era criança, lembro que aqui em Cachoeira havia algumas fábricas, como a Fábrica de Cigarrilhas Leite Alves e a Fábrica de Charutos Suerdick. Em São Félix, havia a Fábrica de Charutos Costa Pena, cujo dono era um português; a Oficina do Leste e a Fábrica Alemã de Charutos Danamaw.¹⁶ Muitas pessoas que moravam em Cachoeira trabalhavam em São Félix, e muitas que moravam em São Félix, trabalhavam em Cachoeira. Existia, e existe até hoje, uma ponte chamada D. Pedro II,¹⁷ que liga essas duas cidades, separadas pelo rio Paraguaçu. Hoje, a travessia é de graça, mas antigamente era paga. Se pagava 3 vinténs para atravessar e depois passou para 1 tostão. Quando eram onze e meia, os trabalhadores das fábricas saíam para o almoço e era aquele alvoroço. Quando a ponte fez cem anos passou a ser de graça, e foi aquela alegria na cidade. Todos gritando: "Libertou! Libertou!" O povo ficava indo pra lá e pra cá sem ter nada o que fazer, só pelo prazer de passar pela ponte.

A Roça de Ventura

Abaixo da Roça de Ventura havia um engenho chamado Engenho do Rosário, onde havia uma casa grande, com cancela... era um engenho mesmo e ficava depois do Caquende. Naquele tempo o povo não chamava Roça de Ventura, falava: “Vai para o Engenho do Rosário hoje?” Todo mundo já sabia que estava falando da Roça de Ventura. Hoje em dia todo mundo chama Roça de Ventura. Seu Ventura era uma pessoa que convivia com a velha *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Ele tinha essa roça e vendia aipim. Todo mundo comprava aipim na Roça de Ventura. Quando sinhá Maria *Ogorensi* abriu o candomblé ali, construíram uma casa para ele separada. Ele não tinha nada a ver com o candomblé, convivia apenas com a velha. Sinhá Maria *Ogorensi* morava na ladeira da Cadeia, 25. Era uma casa grande com janelões antigos. Morava com os sobrinhos Izabel, Cecília, Antônia, que era *Equêde*, Almerinda, *Agesi*, Fernando, Mocinho e Ana, que trabalhava na fábrica de charutos que existia em Cachoeira. De todas, só *Agesi* “rodou com o santo”. Na casa havia um pé de dendê e, às vezes, íamos lá para quebrar dendê. O cabelo da tia era bem baixinho, chamava na época de escovinha, e não gostava de usar lenço. *Agesi* também não. sinhá Maria *Ogorensi* gostava muito de usar roupa branca. Usava um cacete, bengala, com um rosto trabalhado nele. Chamava o cacete de sr. Antônio, e ficava sempre sentada num banquinho redondo de madeira, com um buraco no meio. Quando *Bèsén* “pegava”, ia cacete para um lado e banco para o outro. *Bèsén* “tomava *Hùn*” até o dia amanhecer, pois eram quarenta e tantas cantigas. Eram muitas *Equêde* cantando alto. Era “*Aoboboia*” batido com a mão na boca. Era uma guerra de “*Aoboboia*” quando o *Bèsén* da tia chegava. Dançava muito bem *Quebrado*, *Sató* e *Mudubi*. Quem é que hoje vai dançar um *Bravun* para dentro ou um *Bravun* para fora? É, porque tem dois! Quando *Bèsén* chegava, quem estava dormindo tinha que acordar. *Equêde* Ana, sobrinha da tia, saía acordando adultos e crianças. Quando a roça estava em obrigação, durante o dia, a tia só ficava lá dentro, e as *Equêdes* cuidando dela. Só se via a tia na hora do candomblé. Ela mandou construir uma casa grande, do lado esquerdo, que o povo chamava de Casa de Seu *Bèsén*. Mandou construir a casa para abrigar o pessoal do conhecimento dela. Antes do *Peji*, havia uma saleta e nela dormiam alguns convidados seus. Cansei de bater a cabeça na pedra que havia na porta deste *Peji*. Lembro

da confirmação de papai, ele saindo de braço dado com o *Bèsén* da tia. *Bèsén* colocou uma coroa de metal amarelo na cabeça de papai e cantou uma cantiga que não esqueço até hoje. Papai se confirmou em 1914, e foram cinco *Ogans* que confirmaram juntos:

- *Pejigan* Miguel, meu pai.
- *Abajigan* Elmiro.
- *Ogan* Ipê Agapito.
- *Alabê* Lealdino.
- *Senevi* Caboclo (Thomás de Aquino Bispo).

Neste mesmo ano, *Gaiaku* Maria *Ogorensi* “tirou” um barco de *Vodunsi*, que foi:

- *Dofona* Bela de *Azansú*.
- *Dofoninha* Milú de *Oya*.
- *Fomo* Vivi de *Age*.
- *Fomutinho* Antonio Pinto de *Òsun*.
- *Gamo* Edwirge de *Òsun*.

Gamo Edwirge era da Irmandade da Boa Morte, morava vizinha à Casa Estrela, na antiga rua da Matriz, atual rua Ana Nery, 33, e morreu já bem idosa. O *Fomutinho* de *Òsun*, deste barco, foi para o Rio de Janeiro, e lá abriu casa de candomblé, iniciando muitos filhos. No Rio de Janeiro passou a ser conhecido como *Tata Fomutinho*. Lembro que, quando ia ter festa na roça, a tia falava: “Cadê essas *Vodunsi* suricas para limpar o Caquende?” Era com as crianças que ela falava, e nós íamos tirar as folhas do *Àtinsá* de *Àzirì* que caíam. Quando a tia estava na roça e queria alguma coisa, fazia um bilhete e colocava na coleira de Tubarão. Tubarão era um cachorro preto da tia. Quando Tubarão chegava no açougue, papai lia o bilhete e mandava a resposta. Quando ele voltava para a roça, a tia passava a mão no pescoço do cachorro e pegava o bilhete com a resposta. Depois falava para o cachorro: “Sai *doàvun!*” Ele saía e ia se deitar. Quando ela adoeceu, esse cachorro não saía de perto dela. Quando a tia morreu, ele a acompanhou até ao cemitério. Eram aquelas *Vodunsi* todas de preto e o cachorro acompanhando. Ele deitou na porta do cemitério e, quando acabou o enterro, ninguém viu mais Tubarão. Ele era de *Bèsén* e tinha um caroço na cabeça que parecia um limão. A tia costumava trocar língua com ele. Sinhá Maria *Ogorensi*

morreu de velhice, em 1923, e no dia de seu enterro era tanta gente que parecia uma procissão.

Quando íamos para o Ventura, subíamos pela ladeira da Cadeia. Era chão, meu senhor! Parávamos para descansar umas três vezes no caminho. Naquele tempo quase não se usava automóvel. Quando chovia, era um desespero. Você via aquelas donas com o balaio na cabeça subindo para o Ventura, e de repente escorregavam. Caía roupa, saía, do balaio e não dava para aproveitar nada. Quando chegávamos no Ventura, era preciso lavar tudo de novo. Quando íamos para a roça, mamãe passava primeiro no açougue de papai. Eu e meus irmãos íamos andando na frente, brincando pelo caminho, e mamãe ficava para trás. Quando percebíamos, já estávamos dentro do Ventura, olhávamos para trás e cadê mamãe? Arriávamos a trouxa no chão e nos abraçávamos, tampando o rosto para não ver nada, pois tínhamos medo de ver alguma coisa. Ficávamos temporadas no Ventura, na casa que papai construiu. Além de nossa casa, papai construiu outra casa grande para os amigos dele, que eram Arlindo Estrela, Pereira e outros comerciantes de Cachoeira. Papai era alto e forte e, quando chegava na roça, em *Ògún Soròkê*, as *Vodunsi* já começavam a tomar a bênção: *Pejigan Kolonfét*; *Pejigan Aó!*; *Pejigan Benoe!*

Além da ladeira da Cadeia, havia outro caminho para ir à Roça de Ventura, que era entrando pela Lagoa Encantada. Quem vinha de Salvador fazia este caminho. Na Lagoa Encantada, havia um candomblé *nàgô* comandado por uma dona chamada Porfíria, apelidada de Aleijadinha. Ela andava apoiada em uma bengala, com o pé trançado nela, e quando *Ògún* “pegava”, jogava a bengala longe. Dizem que *Ògún* ficava três dias e três noites dentro da lagoa.

No Ventura havia um pé de *Loko* defronte ao *Agbasá*, onde *Legba* estava assentado. Ao lado, havia um pé de cajá, que era o *Atinsá* de *Ògún*. Havia um pé de mulungu muito bonito, perto do *Kpámè*, que era o *Atinsá* de *Azansú*. Era um *Kpámè* de palha muito grande e não se via nada de fora para dentro. Por vezes, jogavam pedras do *Kpámè* para fora e não havia ninguém lá dentro. Quando mamãe ia trabalhar, ficávamos por lá e, antes de sair, ela pedia a *Soròkê* para tomar conta da gente. Escutávamos atabaques tocarem, sem ter ninguém tocando. Escutávamos os *Lá* e o *Kuhàn* dos *Vodun*. As galinhas se espantavam, sem motivo. Quando ficávamos tentando pegar umbu-cajá, vinha uma chuva de pedras e não sabíamos de onde. Lembro-me de um *Atinsá* de *Ògún* onde havia só o assentamento,

mas a árvore, de tão velha, não existia mais. Lembro da jaqueira de Age e próximo à fontinha de *Òsun* havia, também, uma jaqueira pequena. Costumávamos lavar os pés na fontinha de *Òsun*. Uma vez, mamãe chegou do trabalho e falou: “Luizinha, vá lá na fontinha de *Òsun* pegar uma lata d’água.” Eu respondi: “Oh, mamãe, eu tô com medo, uma hora dessa!”

Peguei a lata, emborquei na cabeça para ouvir o som de minha voz, e, quando cheguei na fontinha, suspendi a lata da cabeça, vi *Òsun* sentada. Eu não sei para onde a lata foi e cadê pernas para subir a ladeira de volta? Ela parecia que tinha uns 14 anos, bem preta, olhos redondos. Estava olhando para as águas e era cor de chocolate bem escuro. Já vi muitos *Vodun* na Roça de Ventura, como *Ògún*, *Bèsén*, *Oya*... Quando eram seis horas da tarde, escurecia tudo. Mamãe trabalhava na Fábrica de Charutos São Salvador, em Cachoeira, na ladeira da Cadeia, e, nas temporadas em que morávamos na roça, mamãe não podia deixar de ir trabalhar, então, nós, filhos, ficávamos na roça com duas velhas tomando conta da gente. Eram Sinhá e *Dofona* Gina, irmã de *Ogan* Caboclo, que não moravam lá, que ficavam longas temporadas. Elas nos mandavam catar café para elas torrarem, e, quando o povo chegava, já estava pronto o café. Fora da casa de candomblé, havia a cozinha, onde ficava a mesa dos *Ogans*. Quando anoitecia, ninguém saía, pois tínhamos medo de abrir a porta e ver alguma coisa. A noite no Ventura era aquela escuridão, só se viam os vaga-lumes. No verão, a lua clareava um pouco, mas no inverno era tudo escuro, não havia luz elétrica, só o fifó. Ficávamos dentro de casa, com medo, esperando mamãe chegar do trabalho. Uma vez, mamãe chegou e nos encontrou agarradas, chorando de medo, da roupa ficar molhada de suor. Por vezes, a mãe de *Ogan* Caboclo ficava com a gente, em nossa casa, até mamãe chegar. Ela costumava levar pedaços de cana para nós chuparmos. Mamãe também levava uns charutos para casa, para acabar de enrolar. Quando não dava para fazer todo o serviço na fábrica, ela trazia para acabar o serviço em casa. Uma vez, ela estava enrolando charuto, era de noite, e eu e meus irmãos estávamos na porta de casa, na roça, chupando cana; escutamos uma voz: “Já para dentro! Já para dentro!” Era o *Ògún* de Maria. Maria Dourado Moreira, nascida em 12 de outubro, era sobrinha carnal de minha *Gaiaku* Romaninha e foi iniciada na Roça de Ventura por *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Que sr. *Ògún*, meu filho! Quando acabava a lenha na cozinha, e as mulheres ficavam feito

doidas, saía esse *Ògún* e o *Age*, de *Agesi*, e voltavam com aqueles fardos de lenha. Davam o *Lá* e jogavam as lenhas no chão. Eles tiravam o *Òjá*, ficavam só de *Atakan* e amarravam as lenhas nele. Naquele tempo, a tia não acordava as *Vodunsi* no período em que a roça estava em obrigação. Certa vez, Maria de *Ògún* precisava sair para trabalhar, lavando fato nos riachos para depois vender, e, para não perder o costume, a tia tirava o *Òjá* de *Ògún*, deixava de *Atakan*, colocava uma camisa por cima e ele saía para trabalhar. Ela não acordava a filha e *Ògún* trabalhava o dia inteiro, mas no final da tarde ele chegava. A tia perguntava: “*Ogan* Aristides, quem é que vem ali?” Quando se ouvia, era o *Lá* de *Ògún* cruzando por *Soròkê*. Teve, também, uma *Oya* que foi para a igreja, incorporada na filha, e batizou uma criança.

A maioria das *Vodunsi* da casa trabalhava. Umás tinham quitanda, outras vendiam mungunzá, arroz-de-leite, acarajé... Quando subiam para a roça, só desciam quando tudo terminava, ficavam temporadas por lá e não saíam. Quando precisavam de alguma coisa, pediam para Laurentino, Almiro, Belos Olhos ou Chico-Boi comprar. Eram assistentes da casa, não moravam lá, apareciam em época de festa e quebravam lenha para a cozinha. Quando chegavam da rua com aqueles balaíos, as *Vodunsi* vinham para pegar o que haviam mandado comprar, e era aquela festa. Ali perto morava um senhor chamado Antônio, que vendia aipim por 200 mil réis. Mamãe fervia o leite e dizia: “Hoje não tem pão, comam aipim.” Nós comíamos e saíamos correndo para catar ouricuri no mato. Depois, ficávamos brincando, dizendo: “*Odé* me dê um buru que eu lhe dou um caju.” Até o dia que escutamos o *Lá* de *Ode* e saímos correndo gritando. Naquele tempo havia muitas crianças no Ventura. Éramos eu, meus irmãos, Elita, Antônia, Edith, Pitu (uma sobrinha da tia) e muitas outras. Quando acabava o *Hùn* da manhã, e os *Vodun* entravam para o *Hundeme*, por vezes, *Ògún* e *Age* ficavam para brincar conosco. Eles pegavam um *Òjá* grande, amarravam em uma vara e pediam para a criança sair com eles cantando em volta do *Agbasá*. *Ògún* perguntava: “General é lebroso?” Nós respondíamos: “É, sim, senhor!” Novamente *Ògún*: “É lebroso de verdade?” Nós gritávamos mais alto ainda: “É, sim, senhor.” Quem gritasse mais alto ganhava um tostão. Eles tinham dinheiro guardado nas capangas que carregavam. Até hoje eu não sei o que é lebroso, deve ser coisa deles mesmo. Os *Vodun* brincavam muito com as crianças. *Ògún* dizia: “Quando

eu falar ‘tira a cabeça do nego’, vocês respondem ‘ele é doido’.” E nós obedecíamos. Depois sentávamos no chão e quem gritasse mais alto era o vencedor. No candomblé, quando o salão estava bem cheio, após o *Hùn* de *Ògún*, ele cantava e saía dançando, suspendendo a saia, pedindo dinheiro ao povo. Depois, soltava o dinheiro no pé do atabaque para os *Ogan*. Os *Ogan*, satisfeitos, abraçavam *Ògún*, agradecendo o presente. O *Ògún* de Maria foi o primeiro e único *Ògún* feito por Maria *Ogorensi*. De manhã, quando acabava o *Hùn* dos *Vodun*, nós, crianças, pedíamos aos *Ogan* para tocarem um *Sató*: “*Ogan* Renato e *Ogan* Fernando, toquem um *Sató* para gente.” Aquela menina toda dançando e, às vezes, coincidia de os *Vodun* voltarem para o salão e ficarem nos apreciando dançando. Certa vez, *Ògún* estava tomando o *Hùn* da manhã, e lá na roça havia uma mulher que era meio amalucada. Dizem que saiu antes da hora e ficou assim: O apelido dela era Madeira. *Ogan* Renato era muito engraçado; muito brincalhão, e na hora do *Hùn* de *Ògún*, ele gritou: “Madeira!!!” Ele estava brincando com essa dona, mas *Ògún* escutou, parou a dança e falou: “O quê? É comigo? Não brinca comigo, não! Eu tanto tenho de brincalhão como tenho de malvado. Entortei minha mãe para não matar.” Essa passagem de *Ògún* que entortou a mãe foi a seguinte: acabou o candomblé, todo mundo desceu. A nossa casa era assim, quintal com porta, cara com cara. Estava aquela discussão de fim de candomblé na casa de *Ogan* Caboclo, entre a finada Norberta de *Yemonjá* e Maria de *Ògún*. Norberta era chamada de Mãe Aba e era uma senhora muito simpática, que tinha quitanda. No bate-boca, ela mandou Maria de *Ògún* para aquele lugar, sua isso e sua aquilo. Nós, de casa, escutando tudo. Mamãe falou: “Minha gente acaba com isso, mãe brigando com filho.” Isso tudo foi de manhã e, quando foi de noite, mandaram chamar papai dizendo que Mãe Aba tinha caído em sua quitanda. Papai foi e de repente chegou com ela sentada em uma cadeira. Estava torta e não conseguia mexer nem os braços. Foi *Ògún* quem fez isso, porque ela xingou a filha dele, Maria, dentro da roça. Quer dizer: era para matar, mas como Mãe Aba era de *Yemonjá*, a mãe dele, ele só entortou. Depois disso, Mãe Aba nunca mais foi a mesma, ficava com a mão dentro de uma meia, essas meias de moça. Passou a ficar sentadinha, abanando mosca, tangendo galinha... Acabou que ela se desfez da quitanda e foi morar na casa dessa Maria de *Ògún*. Quem passou a cuidar dela foi Maria de *Ògún*. Pode um negócio desse?! Ninguém sabe, mas o pior vento é o de *Ògún*. Os *Vodun* não

brincavam só com as crianças. Havia o “Entruído”, que era uma brincadeira que os *Vodun* faziam com os *Ogans* da casa. Os *Vodun* corriam atrás dos *Ogans* jogando água neles. Os *Ogans* ficavam pedindo para parar, dando risada, e era aquela alegria.¹⁸

Depois havia o “dia do fecha”, que era sempre de manhã, onde os *Vodun* se despediam dizendo: “Até sete anos”, mas, na verdade, eram sete dias. Lembro até da cantiga que os *Vodun* cantavam para se despedir e entrar.

Quando chegava quinta-feira à noite, por volta de onze horas, ouvíamos gargalhadas lá do *Hündeme*. Eram os *Erês*, que vinham um pouco antes de “acordar” as *Vodunsi*, porque ia entrar a sexta-feira. Na sexta-feira pela manhã é que as *Vodunsi* vinham para o lado de fora. Desciam direto para o Caquende, para lavar as roupas que sujaram durante a semana. Quando desciam, já levavam feijão, toucinho, carne... e chamavam as crianças para catar lenha. Enquanto lavavam roupa, o feijão cozinhava. Enquanto as roupas secavam, comiam o feijão. Passavam o dia inteiro na beira do Caquende e, quando subiam, já vinham com a roupa seca. Quando as *Vodunsi* iam para a roça, não saíam mais. Só os *Ogans* desciam para trabalhar, mas no final do dia voltavam. Quando o *Bèsén* da tia “comia”, elas ficavam 30 dias na roça. As que tinham quitanda colocavam outra pessoa para tomar conta. As que vendiam na rua, deixavam recado para os fregueses, que estavam viajando e que no mês seguinte estariam de volta.

Na Roça de Ventura havia muitas *Equêdes*: Tatu, Antônia, Cutinha, Celina, Ana, irmã de *Agesì*, Duninha, Izabel, irmã de *Agesì* e Nenê, que era bem velha e ficava tocando *Gàn* no candomblé. Todas essas eram *Equêdes* de sinhá Maria *Ogorensi*, já de sinhá Abali, lembro de *Equêde* Nininha, que era minha prima e “amarrava” o *Gbòitá* do Ventura. Havia, também, *Equêde* Dádi, que era de sinhá Abali, e era minha tia, irmã de meu pai. Ela se chamava Maria Felicidade da Conceição. *Equêde* é a guarda-costas do *Vodun* e não pode ficar sentada no candomblé, tem que ficar de pé, atenta a tudo que acontece com os *Vodun*. Deve ficar olhando se não tem uma formiga, um mosquito... alguma coisa incomodando o *Vodun*. Tá certo que a pessoa está “virada”, mas a matéria está viva. Ela deve tomar conta para que ninguém jogue uma zorra contra suas filhas. No Ventura, as *Equêdes* levavam os *Vodun* às três da tarde para o *Tò* no Caquende e o candomblé costumava começar logo depois das quatro horas. Lem-

bro das *Equêdes* subindo do *Tò* com os *Vodun* para o *Hündeme*, com os *Vodun* todos em fila. Eram muitas *Equêdes* e todas de toalhas no ombro. Lembro que quando passava perto dos narcisos, *Òsun* parava e se enfeitava toda. As *Equêdes* tratavam os *Vodun* como se fossem crianças, penteavam os cabelos deles, fazendo aquelas tranças. Nem bem os *Vodun* tinham uma coisa e elas já estavam acudindo. Eram as guardiãs deles e, no candomblé, quando cansadas, entravam e outras vinham para o lugar delas. Ficavam em pé no candomblé, enxugando os *Vodun*, endireitando os *Òjá* que caíssem. *Ògún* era muito levado e ficava toda hora o *Òjá* caindo. Ele rodava o *Òjá* para um lado e depois para o outro. As *Equêdes* perguntavam: “O que foi isso?” Ele era muito engraçado e chamava-se *Ògún Tolú*.

Em um certo candomblé no Ventura, o *Ògún* de Maria me pegou pelo braço e me levou para a frente do atabaque, para me “suspender” para sua *Equêde*. Eu era menina ainda, devia estar com meus 13 anos. Quando a *Oya* da mãe de *Ogan* Caboclo viu, me tirou correndo dos braços de *Ògún* e disse: “Vá procurar outra, porque esta aqui é minha e já tem dono.” *Ogún* aceitou meio aborrecido. No candomblé seguinte, o *Odé* da finada Felipa me pegou para me suspender também. Veio o *Ògún* de Maria e disse: “Se ela não pôde ser minha *Equêde*, sua também não vai ser!” Creio que os *Vodun* me queriam para *Equêde* porque eu, criança ainda, já trabalhava para eles. Muitas *Vodunsi* trabalhavam na Fábrica de Charutos Anelar e, quando saíam para o trabalho, diziam: “Lu, minha filha, não esqueça de cuidar da roupa de seu povo.” Eu estava com 13 anos e o que fazia me deixava muito orgulhosa. Cuidava daquelas anaguetas bordadas de vermelho. Engomava *Òjá* das quatro horas da tarde até meia-noite, depois passava tudo no ferro de carvão. Quando acabava, arrumava naqueles tabuleiros e ia levar para elas. Daí os *Vodun* ficarem muito apegados a mim: *Ògún*, *Age*, *Avlèkété*.

Maria de *Ògún* criava uma menina caipira que não sabia nem falar direito. Era uma negrinha e o cabelo parecia lã de ovelha. O nome dela era Almerinda Quere, mas o apelido era Náia. Se ia coar um café, se atrapalhava... Eu que a salvava, ajudando a fazer as coisas. Mandavam-na fazer as coisas, e eu, escondida, fazia por ela. Uma vez ela estava cozinhando e pegou no sono. Ela não podia sentar que dormia. Quando Maria chegava e via as coisas prontas, dizia: “Foi você, Lu? Essa menina não acerta fazer nada, só dorme e cospe!” Um dia, Maria de *Ògún* foi chegando e a encontrou dormin-

do sobre a mesa, e a comida queimando. Maria pegou uma frigideira e deu uma surra nela. Pouco depois, Maria foi lá em casa pedir: “Lu, me dê um pouco de vinagre para banhar com água, porque machuquei a menina”. Um dia, mamãe disse: “Maria, qualquer dia você vai acabar matando essa menina.” Se ia tomar banho, e naquele tempo se tomava banho de cuia, ela levava horas e horas. Só vivia apanhando e, quando estava cochilando, a gente acordava dizendo: “Náia, lembra que aí vem Maria.” Ela acordava, dava aquela “cusparada” e dizia: “Um pois, um pois... menina!” Ela era tabaroa mesmo e usava um vestido “brabo” de tabaroa do mato. Seu serviço era varrer a casa, cozinhar, dar milho às galinhas e aos porcos. Maria de *Ògún* já estava cansada das maluquices da menina. Minha tia Dádi, que era *Equêde*, vendo tudo isso, resolveu falar com sinhá Maria *Ogorensi* sobre a menina. A tia “viu” e falou que era *Avlèkété*. Foi o primeiro e único *Avlèkété* feito por sinhá Maria *Ogorensi*. Não sei como foi que esta menina aprendeu a dançar, porque a vida dela era dormir. Era um *Avlèkété* que só o senhor vendo! Depois que fez o santo, acabou o sono, ficou moça, casou-se e teve filhos. Não se esperava que *Avlèkété* tivesse um pé-de-dança tão bonito. Foi o último barco feito pela tia, e foi um barco de cinco: Marciana de *Àzirì*; Cecília de *Àzirì*; Raimunda de *Odé*; Miúda de *Kpòsú* e Náia de *Avlèkété*. D. Cecília já era uma senhora, tinha rosto de homem, era de *Àzirì* com *Azansú*, e se não me engano era *Fomutinha*. Só Náia era moderna, estava com 18 anos, as outras quatro já eram mães. Eu vi o movimento dos *Ogan* correndo quando este último barco de Maria *Ogorensi* caiu. Elas ficaram sete dias caídas e, no último dia, quando foram levá-las para dentro, lembro de *Ogan* Aristides e papai procurando pelo mato, onde *Kpòsú* havia caído. Caiu no meio dos espinhos e estava dura, caída lá. Quando saía um barco, elas iam tomar a bênção a Senhor dos Passos, em sua igreja, e depois passavam em nossa casa para tomar a bênção a papai. Ele ficava contente e dizia: “Vão ver comida para minhas filhas.” Quando acabavam de comer, papai ia deixá-las na roça. Era cada tora de mulher que só o senhor vendo! Eu lembro delas falando ao contrário, porque antigamente, quando acabava a feitura, a pessoa ficava um bom tempo falando errado, falando ao contrário. Quando elas ficavam doente, papai levava as *Vodunsi* lá para casa, e era eu quem ficava cuidando delas. *Dofona* Gina tinha asma, e lembro que uma vez eu estava pronta para sair para a festa de São João, quando papai chegou com ela e me disse: “Lu, olha aqui o seu São

João. Você não vai mais sair.” Obedeci a meu pai e fiquei tomando conta de *Dofona* Gina, dando mingau na boca. Minha mãe falava para eu não comer o resto do mingau dela, senão ficaria doente igual a ela. Quando ela ficava boa, eu penteava seus cabelos e colocava álcool na água para ela tomar banho. *Fomutinha* Leonídia tinha uma doença que a fazia cuspir muito, e eu sempre limpava a escarradeira. Maria de *Ògún* era quem tomava conta das irmãs quando ficavam doentes. O que é o destino! Quando Maria de *Ògún* ficou doente, ninguém tomou conta dela. Ela morreu na rua dos Artistas, na casa de uma prima de mamãe chamada Madalena. Contam que ela, havia muito tempo, não dava comida a *Ògún*, e falou: “Só se eu for pedir esmola para dar comida a *Ògún*.” Passado o tempo, ela conseguiu dinheiro, comprou tudo, chamou todo mundo, mas na semana da obrigação ficou doente e morreu. Com as palavras que disse, ofendeu *Ògún*, que deu condições a ela de comprar as coisas e, depois que comprou, levou-a embora.

No Ventura havia muitas *Vodunsi* e só o pessoal da casa lotava o candomblé. Elas estavam sempre descalças, porque só quem podia usar chinelo era a mãe-de-santo, uma *Deré* antiga, uma *Equêde*... Usavam camisa com o pano-da-costa amarrado, sem bata. Vinham para o *Zàndró* com seus cabelos presos e algumas usavam tranças, mas nenhuma com pano na cabeça. Se a *Vodunsi* fosse de santo homem e repartisse o cabelo, era multada, teria que pagar uma galinha para quem fosse de santo mulher. Só quem podia repartir o cabelo, ao meio ou de lado, eram as *Vodunsi* de santo mulher. Se esta penteasse para trás sem repartir, era multada e teria que pagar um galo a quem fosse de santo homem. Quando o povo de Cachoeira via aquelas mulheres negras subindo para a Roça de Ventura, perguntava: “O que é que vai ter lá no Ventura?” Elas respondiam: “É o *Gbòitá*.” O povo com medo falava: “Então, não vou lá não!” Eles tinham pavor de ir ao *Gbòitá*, porque havia a conversa de que, se caísse no *Gbòitá*, não levantava. Lembro uma vez, no *Gbòitá*, papai mandou fazer uma carreira de bambu verde de um lado e do outro, fazendo uma espécie de túnel. Ia de *Soròkê* até *Àzirì-Tobosì*. Era um arco todo iluminado com aquelas lanternas japonesas, com velas dentro. A luz da roça era de carboneto e, quando acendia, parecia que era fosforescente, iluminando bem mesmo. Era o *Ogan Vi* (Nozinho) quem acendia. Antes de começar o *Zàndró*, costumava-se rezar o Santo Ofício. Antigamente, eu também rezava o Santo Ofício, mas depois deixei de fazer. Quan-

do acabava a reza, a tia sentada em seu banquinho, com seu cacetinho na mão, dizia: “Vamos, vamos... Que eu quero colocar meu *Valuwava* no chão!!!” O Ventura era um candomblé onde não se tinha vontade de sair. Ali se comia “de mão” e, quando acabava, não podia lavar a mão, passava pelo corpo pedindo proteção ao *Vodun*. Se estava com alguma dor no corpo, passava a mão suja da comida-de-santo sobre o local, pedindo para ficar bom. As pessoas comiam na folha de mamona e, se quisessem, repetiam. Era servido o abará, o latipá, o ado, o aberem, o acarajé, o caruru, o ipeté, o ecuru de *Olisa*... Dia de festa, iam as meninas da casa da finada Júlia vender doces: Cordolina, Rosalina, Maria Angélica... com aquelas bandejas de doces enroladas no papel. Levavam um fifó e ficavam vendendo em uma área reservada para isso. Foi papai quem mandou construir uma birosca nessa área, onde vendiam charutos, cigarros e fósforo. Chamavam esse boteco de Salão Verde, não sei por que ficou esse apelido. De manhã, quando acabava tudo, a mãe de *Ogan* Aristides vendia mingau de milho azedo. Era uma delícia! O Ventura foi uma senhora roça, só vendo para crer. Aquelas senhoras idôneas, com saias e batas bonitas, iam para lá vender, com fifó, para o povo que ia apreciar o candomblé. Um vendiam jacas por 1 tostão. O candomblé começava às quatro horas da tarde e, quando davam seis horas, paravam para o *Kuhàn* dos *Vodun*. Quando acabava o *Kuhàn*, voltava o candomblé, e quem já havia “tomado *Hùn*”, não dançava de novo, continuava no *Vodun* que parou. Na hora dos *Mudubi*, as tias dançavam com gosto e diziam que eram em número de 38. Imagina hoje dançar tudo isso! Quem dança mais? No final, era o *Hùn* de *Bèsén* e era a parte mais bonita. O *Bèsén* de sinhá Abali, não havia outro igual. Certa vez, uma filha de sinhá Abali, na minha roça, me disse: “É verdade... Todo mundo teve o prazer de ver o *Vodun* de sua mãe-de-santo, eu nunca tive esse gosto.” Dizem que depois que sinhá Abali recolheu um *Bèsén*, e era da mesma qualidade do dela, nunca mais *Bèsén* a pegou. Em outras casas só recolhem um *Bèsén*, só fazem um e depois não podem fazer outro. No *jeje-mahi* as cobras andam em casal. Lá no Ventura havia o *Bèsén* de Mariinha; *Bèsén* de *Dofono* Virgílio, que era um mulatão escuro; *Bèsén* de Francisquinho, esse era de sinhá Abali... e outros.

Fomutinha Valentina era a irmã mais velha de *Agesi*, mas no santo era mais nova. Era filha-de-santo de sinhá Abali, e *Agesi* era de sinhá Maria *Ogorensi*. Era mãe de *Ogan* Vardinho, João e *Fomutinha*

de *Ògún*, que depois passou a carregar o *Gbdità*. *Fomutinha* Valentina era de *Nàná* e costumava ficar na cozinha. Aquela cozinha não parava, a qualquer hora que se chegasse, havia café pronto. O fogão de barro era quase do tamanho da cozinha, e aqueles troncos de lenha, dia e noite queimando. As *Vodunsi* pegavam a carne, deixavam de molho no vinha d'alhos, depois grelhavam e comiam com pirão d'água. O café-da-manhã delas era carne-do-sertão assada, pirão d'água, inhame, banana cozida, bolo de farinha... Elas comiam muito escaldado de bacalhau com quiabo, jiló e maxixe. Você via aquelas mulheres negras comendo com gosto. Lá, a maioria das mulheres era bem escura, eram poucas as claras. Cada negona que você ficava até com medo. Justiniana era uma negona e Lúcia Moreira parecia um “toné”, e quando o *Avimadje* dela “pegava”, dava até medo. Maria Bexiga de *Akarumbe* tinha o rosto todo marcado, parecia um ralo. Diziam que teve bexiga e furaram com a ponta da tesoura, aí ficou a marca. O certo é furar com um espinho de laranjeira. Quando você se cria vendo uma coisa, sente saudade. Desde menina, desde garota, vendo aquilo, tendo contato com aquelas tias: Finada *Dofona* Bela de *Azansú*, *Dofona* Gina, minha *Deré*, *Dofona* Esmeralda, *Dofona* Néia, *Fomutinha* Leocádia de *Òsun*, *Gbadesi* Santinha, *Gbadesi* Arcanja, *Gbadesi* Fausta, Joana Boca da Noite de *Sogbo*, Felipa de *Odé*, Raimunda de *Odé*, Lizalda de *Òsun*, *Gamo* Edwirge de *Òsun*, Justiniana, *Agesi*, *Gaminho* de *Òsun*, Miúda de *Nàná*, Naninha de *Nàná*, Valentina de *Nàná*... Naquele tempo eram três *Nàná* na roça, e há quem diga que uma casa não pode ter mais que uma *Nàná*. A coisa mais linda era quando *Nàná* ia no chão fazer o *Dacaiá*; aquelas negonas, “viradas” com *Nàná*, se lambuzando de lama, e chegavam a fazer barulho os búzios tremendo nos braços delas. Quando *Olisa* saía para puxar as cantigas dele, era muito bonito. Ele ia andando sozinho, porque no *jeje* não tem esse negócio de ficar puxando o *Vodun* para dançar. Sabem andar sozinhos, até mesmo *Olisa*. O *Age* de *Agesi* era uma coisa linda! Nunca vi e nunca verei outro igual. Ele parava a cantiga com o pé, dava uma meia-lua com o pé para parar o atabaque. *Age* é menino e pulava muito. Passados muitos anos, eu já era mãe-de-santo, e, conversando com o *Age* de *Agesi*, pedi a ele: “Eu gostaria tanto de ter uma filha de *Age*. Me dê uma filha sua. Gostaria de ter um *Age* em minha casa.” Ele respondeu: “Mas eu sou da sua casa, estou em sua casa!” Sei que nunca caiu um *Age* aqui, pois o *Age* de *Agesi* nunca deixou.

Equêde Izabel era sobrinha de sinhá Maria *Ogorensi* e irmã carnal de *Agesi*, e, se não me engano, era *Equêde* de *Sogbo*. No Ventura havia um "correio" de casas de palha e em uma dessas, que pertencia à família dela, ela deixou um cachorro de estimação amarrado em uma cordinha de talo de ouricuri. Na hora do candomblé, quando *Sogbo* dançava, o cachorro, que havia se soltado da corda, entrou pelo *Agbasá*. *Sogbo* com raiva lascou o cachorro. Todo mundo sabe que cachorro é quizila de *Sogbo*, ele não gosta. *Equêde* Izabel, aborrecida de ver o cachorro lascado, falou: "Já que o senhor matou, agora coma!!!" Meu filho, quando a *Equêde* falou isso, *Sogbo* ficou mais irado ainda e não havia quem o acalmasse. Não levou meia hora e ela já tirava a toalha do ombro e dava para outra *Equêde*, indo se deitar, passando mal. Os *Vodun*, as *Vodunsi* e todas as outras *Equêde* de joelhos pedindo para *Sogbo* perdoar. *Voduns* antigos, não eram *Vodun* novos, não! Os *Vodun* chorando, como a *Oya* de tia Custódia; a *Yemonjá* de Mãe Aba... E *Sogbo* reclamava: "Ela me dá o que eu não gosto." Depois de tantas súplicas, *Sogbo* falou que só perdoaria se ela oferecesse uma gamela com amalá. Deveria ficar toda de branco, com um vestido de punho, sentada em um banco no meio do *Agbasá*, com a gamela de amalá na cabeça. Todos da roça deveriam comer daquele amalá. Eu lembro bem do dia, todos comendo e cantando: "*Mala amalá Mudubí jan jan...*" Nessa época, eu estava com 13 anos. Depois de comer, as pessoas deveriam limpar a mão no vestido branco da *Equêde*. Não sei o que fizeram com o vestido depois. Nesse dia, *Sogbo* e todos os *Vodun* estavam presentes. O amalá que caía no chão, nós, crianças, colocávamos na folha e comíamos. Passados dias, o *Bèsén* da tia veio e mandou que *Equêde* Izabel descesse para a casa de morada, e assim ela fez. Passados sete dias *Equêde* Izabel faleceu. Tá vendo só, meu filho!!! Ele não perdoou nada. Quando *Sogbo* se enraiva, sai de baixo! Ele não comeu o amalá porque estava com a barriga cheia do cachorro, que ela havia mandado ele comer.

Certa vez, papai estava muito doente, acamado, e não foi para a festa no Ventura. No meio do *Hùn* de *Oya*, a *Oya* da finada tia Custódia saiu porta afora e veio do Ventura até nossa casa de morada, na rua do Amparo. Olha que é chão!!! Estavam mamãe e papai dentro de casa e a *Oya* entrou e foi até o quarto de papai. Ela falou não sei o quê com ele e foi embora. Pouco depois, papai começou a vomitar e saiu um bolo amarelo. Sei que papai ficou bom e foi graças à

Oya de tia Custódia. Eu era madrinha de tia Custódia, que era pernambucana e diziam que chegou aqui montada em um jegue. Como era pagã, resolveram batizá-la, já uma senhora, e a escolhida para madrinha fui eu. No dia do batizado foi preciso ela ficar sentada em uma cadeira e eu, com quase nove anos, segurando a toalha e a vela. Ela me tomava a bênção: "A bênção, minha madrinha." O povo achava graça em ver uma senhora tomando a bênção a uma criança. Quando ia visitá-la, ela dizia: "Olhe, minha madrinha, tome conta de minha quitanda que eu vou ali e não demoro." A quitanda era no antigo mercado, onde hoje é o correio. Até do dinheiro eu tomava conta. Ela tinha três filhos: *Ogan* Caboclo, *Dofona* Gina de *Naná* e *Ogan* João. Era esposa do *Ogan* Ipê da Roça, confirmado junto com papai, chamado *Agapitô*.

Ogan Aristides era um senhor *Ogan*! A tia fazia sinal, ele pegava o atabaque, dava três pancadinhas e dizia: "É pessoal... é caçoado... vira mão!" Ele tinha um defeito na perna, mas tocava um *Adahùn* que mexia com a Cachoeira. Começava com uma *Haninha* lentinha, mas logo, logo esquentava e não ficava um acordado. Hoje em dia não tem um que toque um *Adahùn* como antigamente, nem aqui em casa... tudo acabou. Era aquilo macio, sem suar... hoje não vejo mais nada disso. *Ogan* Caboclo tocando *Mudubi*, Quebrado... Quem é hoje em dia que sabe tocar um *Akaká*? Que mão *Ogan* Caboclo tinha para tocar! Hoje em dia os *Vodun* estão dançando e os *Ogans* param o atabaque. Nem esperam o *Vodun* acabar a dança. Param o toque com o *Vodun* virado para o outro lado. Tem que esperar o *Vodun* chegar no atabaque de volta. Fica o *Vodun* com cara de palhaço no salão. Lembro dos *Ogan* do Ventura: *Ogan* Almiro, *Ogan* Agaphito, *Ogan* Novir Nascimento, este usava um chapéu de palha e facão do lado. Era preto que parecia um piche, dos olhos serem vermelhos, e era irmão carnal de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. *Ogan* Aristides era músico da Lira e, quando havia Terno de Reis, ia tocar no Ventura. Terminava o Terno de Reis lá na Roça de Ventura. Papai, um "Lira falante", se desse ordem para ir, quem é que não ia? Ninguém tirava assunto com papai não! Ele era muito respeitado. Os *Ogan* cuidavam dos atabaques. *Ogan* Caboclo adorava tocar para *Osun*, e gostava da cantiga que *Osun* dançava junto com *Oya*. No jeje, o atabaque fica no chão, não usamos pepelê para atabaque. Fica em cima de uma tábua, batizada e preparada, que fica no chão, assim o atabaque recebe a força direto da terra. Quando acabavam as festas, os *Ogans*

tiravam o couro do atabaque, que eles chamavam de chapéu, colocavam dentro de um saco de farinha do reino, amarravam e penduravam para não dar bicho. No ano seguinte, o couro estava bonzinho, não precisava trocar. Antigamente não se comprava couro, aproveitava o dos cabritos sacrificados. Os *Ogans* do Ventura ficavam o candomblé inteiro sentados no *Agbasá*. Não é como eu vejo hoje, que o candomblé tá comendo e os *Ogans* estão do lado de fora. Os que estavam no atabaque não saíam nem para beber água: do lado deles, no cantinho, ficava um porrão com água. Tiravam a água com um casco de coco que era amarrado em um cordão, ali enchiam a caneca e bebiam. Morreram todos esses *Ogans* para contar o caso. *Ogan* Caboclo, que foi um senhor *Ogan*, chamava-se Thomás Aquino Bispo e era nosso irmão de criação. O apelido dele era Caboclo *Akasa* e ganhou esse apelido quando jogava futebol. Confirmou com 14 anos e quem o preparou foi papai. Era filho da finada Custódia e tinha um irmão chamado João, que vejo a se confirmar muito tempo depois. *Dofona* Gina de *Naná* era sua irmã. Ele confirmou junto com papai, em 1914, e faleceu em 8 de dezembro de 1973, com 73 anos, em Cachoeira. *Ogan* Bobosa foi confirmado por sinhá Abali e sua mãe carnal vendia doce. Era irmão de Miúda de *Osun*. *Ogan* Bernardino também é *Ogan* de sinhá Abali e confirmou junto com *Ogan* Bobosa. Pedro Pequeno era *Ogan* Vi e confirmou no Ventura com *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Era considerado *Olúwo* e morava na Recuada. José Maria da Silva era afilhado e filho de criação de sinhá Abali. Se confirmou no Ventura e tinha o apelido de Zé de Abali. Morava na Recuada e foi companheiro de *Equêde* Bela. *Ogan* Gregório era *Ogan* de sinhá Abali e confirmou junto com *Equêde* Dádi, que era irmã de papai por parte de mãe. Chamávamos de tia Dádi e seu nome era Maria Felicidade da Conceição, o mesmo nome que sinhá *Malakê*, minha bisavó, recebeu aqui no Brasil. Sua mãe chamava-se Maria Galdência da Conceição, minha avó, e seu pai chamava-se Carlos. Tia Dádi parecia africana, filha de *Azansú* com *Kpòsú*, e era *Equêde* da *Oya* de minha *Deré*. *Equêde* Nininha, minha prima, chamava-se Eunice Assis Ramos, e era *Equêde* da *Osun* de *Dofonitinha* Edith Moreira, esta parente de minha *Gaiaku* Romaninha. *Vimo* Lúcia também era parente de minha *Gaiaku*. Tanto tia Dádi, quanto minha prima Nininha confirmaram para *Equêde* no Ventura, no tempo de sinhá Abali. Era *Equêde* Nininha de *Osun* quem amarrava o *Gbòitá* na Roça de Ventura e sua mãe carnal, tia Izidora, era prima de minha mãe. Como

mamãe, tia Izidora era de *Yemonjá*, só que ela não descia. Era uma qualidade de *Yemonjá* que só descia quando a pessoa estava próximo de falecer, assim falaram os africanos que a fizeram. Eu não sei o que houve, mas forçaram muito para *Yemonjá* vir. Ela começou a tremer, *Yemonjá* veio e logo depois ela morreu, em 5 de agosto de 1953, com 65 anos. Se chamava Izidora Maria dos Ramos, nascida em 1888, e, além de prima de mamãe, era comadre. Tinha quitanda de fato em Cachoeira e foi por muitos anos *Deré* da Roça de Ventura. No Ventura havia três *Deré*, que eram: tia Izidora, a mais velha; *Deré* Madalena e *Deré* Custódia, esta mãe carnal de *Ogan* Caboclo e *Dofona* Gina de *Naná*. Todas essas *Deré* eram filhas de Maria *Ogorensi*. Benzinho era um *Ogan* da casa da finada Judith (*Aganjú Dìdê*), que ficava na Terra Vermelha. Parece que, depois, Benzinho foi para o Engenho Velho. Ele tem um filho que é *Ogan* e se chama Bó; era muito unido com o povo do Ventura. Seu Candola era *Ogan* do Candomblé da Terra Vermelha.¹⁹ Ele se confirmou menino para *Ogan* de *Osùmàrè* *Àràkà* e era nascido em São Félix.

Lealdino, *Ogan* do Ventura, trabalhava para papai como ajudante no açougue. Ele se engraçou por uma *Vodunsi* da roça chamada Lizalda de *Osun*. Fugiram para o sertão e sinhá Maria *Ogorensi* ficou muito aborrecida. Depois veio a notícia que Lizalda falecera por lá e *Ogan* Lealdino havia ficado maluco.

Quando sinhá Abali teve que descer para o *jeje-mahi*, foi a maior guerra, uns queriam e outros não. Foi chinelada na cara, foi facão riscado no chão... Eu era pequena e quem me contou essa história foi tia Dádi, *Equêde* Dádi, que era da Roça de Ventura: "O *Azansú* da casa, *Vimo* Lúcia Moreira, que era parente de minha *Gaiaku*, veio e disse que estava trazendo um recado de *Bèsén*. Que era para não deixar a roça virar pasto de gado, mesmo que não colocasse *Iyáwó*, mas todo ano ele queria uma obrigação." Antes de morrer, Maria *Ogorensi* já havia feito uma obrigação em sinhá Abali para ela tomar posse. Mas depois que ela se foi, ninguém quis assim. Quando sinhá Abali "entrou", as *Vodunsi* da casa não gostaram, acharam a nação mais "braba". Algumas ficaram, outras saíram. Eu sei que, quem tirou a "mão" da tia, morreu. Vê se *Agèsi* tirou a "mão" de Maria *Ogorensi*? Quando sinhá Abali "entrou", ninguém foi lá. Lembro que, uma vez, era festa de São João aqui em Cachoeira, e a *Dofona* de *Ògún* foi lá em casa para levar a mim e a minhas irmãs para dar um passeio na festa da cidade. Ela sempre fazia isso, porque papai não

deixava sairmos sozinhas. Ela me contou que sinhá Abali estava na Roça de Ventura com um latão de canjica pronta, mas nenhuma *Vodunsi* apareceu por lá. Foi passando o tempo, depois que sinhá Maria *Ogorensi* morreu, e minha família foi deixando de ir no Ventura. Papai era muito ligado a sinhá Maria *Ogorensi* e não conseguiu se adaptar ao ritmo de sinhá Abali. Passou a ir só no *Gbòitá*, porque mandavam buscá-lo. Diziam que o *Gbòitá* não sairia sem ele. Papai foi ficando mais velho, doente... e nossa casa na roça foi se desfazendo, caindo. Muitas *Vodunsi* não foram mais, pois não estavam acostumadas com sinhá Abali.

Minha família se afastou da Roça de Ventura em 1927, e eu, com 18 anos, fui morar e trabalhar em Salvador. Passei a morar na casa de uma tia que estava hospitalizada, na rua das Flores, 101. Era um prédio do lado direito da rua que ficava na Baixa do Sapateiro.

O Marido e a Filha

Conheci meu marido em 1934 e seu nome era Aristóteles Alves de Oliveira, mas não nos casamos oficialmente. Eu costurava para fora e ele tinha alfaiataria na rua do Liceu em Salvador. Eu morava no Maciel de Cima e nos conhecemos quando ele passou por minha rua, que era sempre seu caminho, eu na janela de casa. Em 1935 fiquei grávida e, quando já estava perto de ter a criança, me assustei com um menino que caiu da escada onde morávamos. Desse susto comecei a passar mal e me levaram para o Hospital Santa Isabel. O médico me examinou e disse que deveria ficar internada. Me levaram para um quarto com várias mulheres, esperando para o filho nascer. Olhei para uma que estava ao meu lado e ouvi uma voz dizendo: "Ela vai parir dois." Eu falei para a mulher e ela não acreditou. Quando veio lá de dentro, foi com dois filhos no braço. Eu adormeci e acordei com uma mulher me chamando: "Menina, menina... acorda!" Quando acordei, minha filha já havia nascido e estava nos braços do médico. Infelizmente, nasceu morta e isso foi no dia 9 de novembro, às duas horas da manhã, de sábado para domingo, e estava tendo festa em Nazaré. Eu não vi quando a criança nasceu, não sei o que foi dor de parto. Fiquei muito triste, me levantei e fui tomar banho. Depois fiquei andando para lá e para cá, querendo ir embora. Minha filha iria se chamar Maria Benta, o mesmo nome da tia de papai. Depois disso

fui para Cachoeira passar uma temporada com mamãe. Quando voltei para Salvador, eu e meu marido fomos morar no Beco do Ferrão, na Baixa do Sapateiro. Depois nos mudamos para a Roça do Galo, na Bola de Ouro, também na Baixa do Sapateiro. Chamavam Roça do Galo porque havia rinha de galo no local. Depois fomos morar no largo Dois de Junho, no Areal de Cima. Tínhamos uma boa vida e eu me vestia muito bem, com luva, chapéu... Depois nos mudamos para o Coqueiro dos Barris, na rua Corriachito, prédio nº 10, próximo ao Cinema Guarani. Em 1936, morávamos na Lapa, onde fiquei grávida de uma menina. Meu marido me deixou meses antes de nossa filha nascer. Quando a menina nasceu, em 27 de julho de 1936, ele ainda veio ver a filha, mas no mesmo dia viajou para Ilhéus com outra mulher. Depois de três anos voltou me pedindo para reatarmos, mas eu não o quis mais. Nesse período, eu fiquei muito magra, pois quase não comia. Fiquei muito triste com a separação e não tinha apetite. Comia apenas mingau, daí ter esse costume até hoje. Em 1942, ele suicidou-se com um tiro no ouvido, após ter atirado na mulher com quem se relacionava. Soube da morte através do jornal. Estava sentada na porta de minha casa lendo a notícia de seu falecimento, e, nesse mesmo momento, o enterro passava em minha porta, na Estrada da Rainha. Depois que meu marido me abandonou, fui obrigada a voltar a trabalhar para sustentar minha filha. Fui trabalhar em uma tipografia colando cadernos. Depois trabalhei no Palace Hotel de Salvador, marcando lençol. Certa pessoa de Muritiba, que não vale a pena mencionar o nome, foi à casa de minha mãe dizer que me viu em Salvador, de joelhos, tirando Senhor Deus com uma cuia na mão, na Igreja de São Bento. Só que era mentira. Minha mãe ficou desesperada e me mandou uma carta dizendo que era para eu voltar para Cachoeira. Em 1937, voltei para Cachoeira, para a casa de meus pais, com minha filha no colo. Foi quando me iniciei na nação *kétu*, na casa de um famoso *Babalòrisà* chamado Manoel Cerqueira de Amorim, mais conhecido como Nezinho de *Ogún*, ou Nezinho da Muritiba, filho-de-santo de Mãe Menininha do Gantois. Ele morava em Muritiba, na rua do Tanque, e o candomblé era em um local chamado Portão, em Governador Mangabeira. Meu barco foi de cinco mulheres: Maria, Cosma, Marcelina, Alice e eu. Entramos em janeiro e só voltamos para casa em julho. Por motivos particulares, me afastei da roça deste ilustre *Babalòrisà*. Hoje é comum uma pessoa sair de sua roça de candomblé e ir para outra, mas naquele tempo as coisas não eram

assim. Quando isso acontecia, era por um bom motivo. Permaneci no *kétu* durante os anos de 1937 e 1938. Em 1939, deixei de fazer parte dessa roça (*Ilé Ibecê Alaketu Àse Ògún Mejeje*).

Enquanto estive recolhida, fazendo santo, minha filha carnal faleceu, em 27 de março de 1937. Viveu apenas oito meses. Iria se chamar Eulina e nem chegou a ser batizada. Não vi minha filha ser enterrada; quem fez o enterro foram os futuros padrinhos, meu irmão Aurino e minha prima. Naquele tempo, quando criança pequena morria, era costume enterrar vestida de Nossa Senhora da Conceição e assim foi com minha querida filha. Depois que fiz o santo, voltei para Salvador. Agora estava sozinha, sem marido e sem filha. Quando cheguei em Salvador, fui direto para o Mercado Modelo comprar feijão-fradinho e dendê, que na época custavam 500 réis. Obedeci à ordem dos *Orisà* que determinaram que eu deveria vender acarajé. Meu primeiro ponto de venda foi na Igreja da Ajuda, e depois, através de um advogado chamado dr. Burô, consegui um bom ponto na Misericórdia, em frente ao Fórum de Salvador. Comecei a incomodar as outras vendedoras, pois era muito procurada pelas normalistas, pelos estudantes de Medicina e pelos advogados do Fórum. Eles só compravam comigo porque viam que no meu tabuleiro era tudo muito limpo. Eles me achavam muito bonita e viviam me paquerando. Elogiavam muito meus dentes, meu sorriso.

O Feitiço

Em 1939, eu morava em Salvador e comecei a sentir uma dor na nuca e no dedo do pé esquerdo. Fiquei preocupada e fui me deitar. Criava uma menina chamada Celina, que veio para minha casa com a idade de seis anos, e que, mais tarde, veio a ser a *Dofona* de *Olisa* do primeiro barco que recolhi no Cabrito, a *Dofona* da casa. Essa menina começou a beber água sem parar. Bebia uma lata de água por dia. Por fim, não agüentando mais beber água, se debruçava na mesa e ficava. De repente, um enxame de mosca varejeira cobria a menina. Isso tudo era um *Èsù* que mandaram. Eu morava no Curuzu, em um local chamado Bangalô. Mandaram três *Èsù* e dois espíritos “brabos”, um casal. Eu tossia de botar sangue pelo ouvido e pelo nariz. No dia que faziam a zorra, eu via o *Èsù* dizer: “Estou aqui que não me agüento, estou pegando fogo agora mesmo, recebi uma cuia de

dendê fervendo. Para eu não fazer o que me mandam, me dê um galinho bem cozidinho e bem temperadinho.” Só ouvia a voz, não via o *Èsù*. Eu ficava deitada de bruços, porque já estava toda cheia de feridas. Olhava para o espelho e via um *Èsù* cantando:

Bara obê barangandã
Èsù òdàrà
Bara obê barangandã
Sórun

Os dois espíritos eram de uma *Equêde* e de um *Ogan* que morreram tuberculosos. De manhã sentia frio, mas era um frio que não havia nada que me aquecesse. Minha mãe e minha irmã colocavam cobertas e mais cobertas, até travesseiro, mas não adiantava. Quando eram onze horas para meio-dia, começava a sentir calor. Papai não parava de chorar. Estava com 33 anos e ficava vestida com um camisolão. Papai ia ao Mercado Modelo comprar bucha de coco e cabelo de milho para fazer chá. Fiquei com uma barriga enorme e a dor, quando vinha, eu só faltava morrer. Não comia nada, mamãe fazia sopa e, quando eu sentia o cheiro, começava a vomitar uma água. Um dia, deitada, escutei uma voz dizendo: “A parede vai cair.” Eu bati palma, chamei mamãe e falei que a parede ia cair. Mamãe virou para minha irmã e falou que eu não ia escapar, que eu já estava “bragueando”. “A parede é nova, como é que vai cair?” A casa era nova e era de um sargento que comprou para casar, mas depois desistiu. Ninguém quis acreditar. Sozinha fui me arrastando e saí da cama. De repente, foi aquele estrondo, a parede caiu. O proprietário chamava-se Argolo e veio com um facão gritando: “Cambada de feiticeiros, vocês destruíram minha parede.” Foi preciso colocar um lençol para tapar o buraco e proteger do vento do mar que batia. A casa era alta, não dava para ver o mar, mas batia o vento que vinha dele. Contando ninguém acredita. Como é que uma parede nova pode cair assim? Louvado seja esse bom espírito que me acompanha. Tudo isso era feitiço e hoje em dia não temos mais feiticeiro assim. Tivemos que procurar outra casa para morar. Fiquei doente de dezembro a junho e mudando de casa. Quando moramos no Queimadinho, na Vila Graça, escutei uma vizinha chamada Maria falando para outra vizinha: “Cuidado com suas crianças que na casa dos novos moradores tem uma que está tuberculosa.” Eu escutei da janela do meu quarto e fiquei muito sentida. Passados anos e mais anos soube que o filho dela morreu de tuberculose. O trabalho foi feito de quinta para Sexta-feira

da Paixão. Escreveram meu nome em um papel, colocaram dentro de um bolo de farinha, depois dentro da boca de um *Òpòlò*, e costuraram a boca do bicho com uma agulha comprida, com linha de carretel. Costurando e chamandô meu nome. Colocaram o *Òpòlò* dentro de uma panela e enterraram em um pé de pitanga. Minha família já estava me dando como morta. Todo mundo já rezando e, quando eu acordei, encontrei até o sebo da vela no meu dedo do pé. Já haviam medido o cordão para mandar fazer o caixão. Eu via tudo aquilo e não podia fazer nada. Eu estava em um sono profundo e sonhava com uma mulher em uma estrada sem curva, em uma estrada que não tinha mais tamanho. Ela caminhava por esta estrada carregando na mão uma vara e, na ponta, amarrado, um morim. Minha família, desesperada com meu estado de saúde, chamou várias pessoas para me salvar: João Otun, Isaías Sacramento, Domingo do Fato, Dudu e Mãe Anízia, e todos me desenganaram. Resolveram chamar, para me ver, um senhor, Renato Gomes Conceição, mais conhecido como Congo de Ouro. Ele falou: “Mãe Cecília, a coisa está preta. Nunca fiz nada que não desse certo, mas esse eu estou com medo de meter a mão.” Chegou no quintal, pegou umas folhas de quarana, trocou língua, foi para o jogo de búzios e falou: “Mãe Cecília, a pessoa está mandando a zorra agora, deixe comigo.” Fez lá um trabalho. Eu não via nada, porque estava feito uma morta-viva na cama. Eu não conseguia urinar e, quando fazia, era uma urina fedorenta. De repente, estoura um formigueiro da sala para a copa. Um formigueiro tão grande que você não passava, e saía um fedor dele. Assim ele fez o primeiro *Ebó* e foi despachar. Antes de sair, pediu uma xícara de café bem forte e mandou mamãe apagar todas as luzes da casa. Ele foi só com um pé de sapato, e o outro, deixou na casa. Ele mandou vir um casal de pombos para fazer o trabalho. Quando Maria de *Ògún* foi colocar os pombos na gaiola, eles fugiram. Os pombos amarrados saíram voando. Quando foi no segundo trabalho, Congo de Ouro falou: “É, Mãe Cecília, agora estou confiante, Luiza não vai morrer. Dulce está de neném e é nosso primeiro filho. Luiza vai ser minha comadre, a criança vai ser uma menina e só vou ter esta filha.” Congo de Ouro só teve essa filha e eu a batizei com o nome de Solange. Foi no segundo *Ebó* que tudo deu certo, graças a Deus. Congo de Ouro era um feiticeiro de primeira. Ele me perguntou se queria que devolvesse o que me mandaram. Eu respondi que não, quero que a pessoa fique velha, no sol, e que quando desencarnar, que haja pessoas para

aproveitar o que deixou. Congo de Ouro foi criado no Ventura, o pai dele era *Ogan* Aristides, *Ogan* de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*. Ele morava na Ponta da Calçada e foi nosso vizinho, foi criado comigo e meus irmãos. Antigamente, os vizinhos eram como parentes, quando um precisava de alguma coisa, o outro atendia. Sexta-feira Santa um dava um prato de comida ao outro. No São João, cada vizinho comia canjica na casa do outro. *Ogan* Aristides era nosso vizinho e era pai da *Equêde* Duninha e *Equêde* Tatú, também lá do Ventura. Tinha outros filhos também: Juca, Eurico, Frederico, Bela e Senhora. Eram quatro meninos e quatro meninas. O meu compadre Congo de Ouro foi suspenso no Ventura para *Ogan* de *Avlêkété* e era de *Yemonjá* com *Sogbo*. Depois que Maria *Ogorensi* morreu, a roça ficou fechada por muito tempo e Congo de Ouro se entrosou com Maria Neném do angola e virou professor de angola. Passou a ser muito temido e respeitado. Tinha o segredo do feitiço na mão, só que quando bebia falava muito. Papai vivia dizendo para ele calar a boca, o levava para nossa casa e ficava dando conselhos. Não fazia nenhum trabalho em sua casa de morada, tinha uma casa própria para atender as pessoas. Ao todo eram nove casas que ele possuía, mas vivia dizendo que, quando comprasse a décima casa, pararia de trabalhar para viver de renda. Congo de Ouro me ensinou muitas coisas, muitos trabalhos. Trabalhava divinamente e que Deus lhe dê descanso eterno, porque foi ele quem me salvou.

O *Òkúta* de *Azansú*

Em 1940, eu morava no Beco do Chinelo, casa 18 – Bairro Nazaré, em Salvador. Trabalhava fazendo prendas, que eram flores de papel crepom. Eram tantas cores de papel que a vista me cansava. Eu havia acabado de almoçar, tomei meu café e fui me deitar. Zuzu era uma amiga, empregada, que trabalhava comigo e havia saído para fazer as entregas. Minha casa era sala única e eu estava deitada. Chegou um velho na grade da porta, com chapéu de palha e camisa de saco com botão de osso. Era um velho negro e só o via da cintura para cima, na grade. Acabou indo embora e logo depois Zuzu chegou. Perguntei se havia visto um velho e ela respondeu que não. Não entendi nada e não liguei. Lembrei que, no dia anterior, uma sarará havia batido à porta de casa, perguntando se ali morava o *Hùntóloji*.

Eu achei aquilo esquisito e respondi que não. Quando foi à noite, sonhei com o mesmo velho e, no sonho, estávamos andando pela rua e ele apontava para um terreno. Não falava nada, só apontava. Quando foi no sábado, três horas da tarde, ouvi uma voz: “Você não vai, né, deixa estar você!!!” Quando foi segunda-feira de manhã, saí para fazer feira. Para ir à feira era preciso seguir pela ladeira da Água Brusca, e quando passamos por lá, mostrei para Zuzu o terreno que o velho, no sonho, havia apontado. Depois fiquei sabendo que ali era um brejo, onde as africanas lavavam em tinhas de madeira. Dizem que naquele bairro moraram muitas famílias africanas. Não sei se era mês de maio ou junho, sei que estava próximo de São João, porque estava muito frio. Eu ficava trabalhando, fazendo prendas, sentada na cadeira com os pés enrolados em um saco de linhagem, para esquentar, pois sentia muito frio nos pés. Quando não enrolava os pés neste saco, colocava em água quente. De repente deu um negócio em Zuzu, que ela pegou o saco de linhagem e saiu. Fiquei sem entender nada. Zuzu não era de candomblé, gostava de apreciar. Se alguém ia fazer obrigação, ela sempre ajudava. Era de *Sogbo* com *Azansú*. Chamava-se Maria José Bittencourt, era formada no comércio e trabalhava com prendas. Morava em uma rua chamada Corriachito e eu vendia, antigamente, acarajé na porta da casa dela. Um dia, ela me perguntou por que eu morava tão longe e vendia ali. Ela estava passando por dificuldade, pois havia se separado do marido, e me perguntou se eu não gostaria de morar na casa dela, dividindo as despesas. Eu aceitei e depois nos mudamos para esta casa. Repentinamente chega Zuzu, com o saco, e parecia que havia algo dentro. Ela gritou: “Abra logo a porta que está pesado.” Eu abri, ela entrou e começou a desensacar e era uma pedra enorme. Eu falei: “Zuzu, pelo amor de Deus! O que é isso que você foi pegar? Vai jogar isso fora que eu não quero isso aqui dentro! Isso é o ‘cão’, vai devolver isso!” Já eram onze horas da noite e, naquele tempo, onze horas já era tarde. Zuzu não quis devolver a pedra, alegando que já era muito tarde para voltar à rua. Ela colocou a pedra atrás da porta e ali foi ficando. Toda pessoa que entrava se assustava com aquela pedra. Um dia, minha irmã foi lá em casa e não quis entrar com medo da pedra. Zuzu pegou a pedra e colocou na área nos fundos da casa, próximo ao tanque de lavar roupa. Quando ela lavava roupa, batia a roupa naquela pedra, antigamente havia esse costume. Cansou de cair sabão em cima da pedra. Um dia, recebi a visita do meu amigo Izaías

Sacramentó; que era um angoleiro antigo. Chamei meu amigo para olhar a pedra e ele espantado falou: “Misericórdia!!!” Começou a trocar língua com a pedra, fazendo aquela reverência: “Minha filha, não faça isso, não. Compre uma garrafa de dendê que eu vou trazer umas folhas para dar um banho nele. É o Velho *Omolú* e tire logo ele daí.” Ele saiu e quando voltou foi com as folhas, que ele catou, e com o dendê. Quinamos as folhas, demos um banho no *Okúta* e depois passamos o dendê nele. Eu comprei o alguidar que ele mandou e o coloquei dentro de casa. Fiz isso, mas não estava muito satisfeita. Passou o tempo e recebi a visita do meu compadre Congo de Ouro. Mostrei para ele o *Okúta* e ele falou: “Ave Maria, Luiza!!! *Aobobo!!! É Azansú.*” Mandei que levasse o *Okúta*, mas ele respondeu que não era louco, que o negócio era comigo. Um dia estava deitada e tive um sonho, não sei se era um sonho ou uma visão, pois era muito complicado. Via um velho deitado em um *Zàn*, sem uma perna e coberto com um lençol. O lençol estava todo salpicado de sangue. Era um velho bem velho mesmo, todo pelancudo, busto arriado, cara torta. O velho levantou do *Zàn*, e do local onde não havia perna começou a sair uma gosma branca. Ele foi caminhando com dificuldade até a pedra e apontou para ela. Acordei e foi a partir desse dia que passei a acreditar que aquele *Okúta* era *Azansú*. Depois me mudei e fui morar no Curuzu, na Liberdade, em uma casa própria. Nesta casa o velho também recebia visitas. Veio gente do Engenho Velho para ver esse *Okúta*, a finada Marica, Marota de *Ògún*... Veio muita gente mesmo e era só chegar que o *Vodun* “pegava”.

A iniciação no *Bogun*

Em 1944 fui para o Ventura e, quando cheguei lá, quem comandava era sinhá Abali. As zorras voltaram e desta vez era para eu ficar sem uma vista e sem um pé. Era para eu ficar igual a um *Egún* de *Oya* e sinhá Abali morrer. Começou a aparecer galinha preta arrepiada e gato preto mole, no Ventura. Eu estava me dando muito bem com sinhá Abali e já estava começando as obrigações. Quando chegou *Gamo* de *Òsun*, que era filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*, e disse: “Você ouviu o que estão falando aí? Que você vai para o *Bogun*, que sinhá Abali não quer a roça dela ‘empestada’, que estão mandando muita zorra.” Sinhá Abali achou melhor que minha obrigação fosse feita no *Bogun*, pois

era mais distante. Pediu à sua irmã, *Kpòsúsi* Romaninha, que se carregasse disso e foi quando minha *Gaiaku* Romaninha me levou para o *Bogun*. Cheguei no *Bogun* no dia 9 de agosto de 1944 e só voltei para minha casa em 1945. Quem comandava o *Bogun* era *Gaiaku* Emiliana. Meu barco foi de três *Vodunsi*: *Dofona* Roxinha de *Òsun*; *Dofonitinha* Maria de *Azansú*, que já era uma senhora; e eu, que fui a *Fomo*. Lá, passei por todos os atos da nação *jeje-mahi*: *Grá*, *Sapokàn*, *Kàn*, *Sajegbé*... Somente eu fui filha de *Gaiaku* Romaninha, minha *Dofona* era filha de *Húrryo*, e minha *Fomo*, filha de *Gaiaku* Emiliana. *Gaiaku* Romaninha morava na Massaranduba, em Salvador, mas já havia morado também em Cachoeira, na rua do Amparo. Ela tinha um filho sargento chamado Narciso, e também um casal de gêmeos, Américo e América. Era parente de Maria do Oráculo Moreira, Maria de *Ògún*, filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*; Lucia Moreira de *Azansú*, filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*; e *Dofonitinha* Edith de *Òsun*, também da Roça de Ventura. Tenho a impressão de que a minha *Gaiaku* era nascida em São Félix. Minha *Deré* se chamava Antônia Hermelina dos Santos, filha de Maria *Ogorensi*, e era filha de *Oya* (*Oya Caedê*). Nasceu em Maragogipe mas morava em Salvador, em um bairro chamado Massaranduba, na rua dos Mabaços. Ela tinha quitanda, na porta de casa, e vendia de tudo. Quem chegasse lá, ela ia logo dando uma fruta. Quando eu chegava e dizia que estava com vontade de comer caruru, não demorava, ela separava uns quiabos no avental e de súbito vinha com o caruru para oferecer. Antes da quitanda, vendia acarajé na porta do elevador Lacerda, tinha muitos clientes, mas depois passou a ficar em casa e colocar outras para vender para ela. *Equêde* Nininha, minha prima, foi uma que passou a vender para minha *Deré*. Lúcia Moreira de *Azansú* e Edith Moreira de *Òsun*, as duas da Roça de Ventura e parentes de minha *Gaiaku*, vendiam junto com minha *Deré*. Ela e minha *Gaiaku* eram vizinhas, moravam na mesma rua. A primeira casa era da minha *Deré*, depois vinha a casa de minha *Gaiaku*. Era casada com um senhor conhecido por Estevinho do Peixe, se vestia muito bem e tinha um sinal no rosto que parecia um confete. Era de *Oya* com *Azansú* e, se não me engano, era do barco de *Dofono* Virgílio. O pai-de-santo Linô de *Ògún*, do Rio de Janeiro, morou na mesma rua de minha *Gaiaku* e minha *Deré*, na Massaranduba. Eu o conheci indo visitar minha *Gaiaku*.

No *Bogun* havia o *Àtinsá* de *Sogbo*, *Bèsén*, *Loko*, *Ayízàn*, *Dàngbé*, *Azònodò*... onde se fazia obrigação no dia 6 de janeiro,

Dia de Reis. Todas as frutas que havia no mundo eram arriadas no pé desta árvore. Qualquer pessoa podia levar frutas, até quem não era da seita. Depois de 24 horas, repartia com quem quisesse. Certa vez, no dia 1º de janeiro, estava todo mundo conversando e vieram chamar *Gaiaku* Emiliana para ver o *Àtinsá* de *Azònodò*, que estava escorrendo uma água que ninguém sabia de onde. Chamei minha *Gaiaku* Romaninha, mas ela não quis atender. Corri e peguei uma garrafinha e recolhi um pouco da água. A água espirrava da árvore como se fosse lança-perfume. Era uma água cor-de-rosa que saía com uma força que parecia um aparelho jorrando. *Gaiaku* Emiliana foi até lá e trocou língua com a árvore. Ela era muito ríspida, era de *Age* e, se não me engano, o *Àjotó* era *Bèsén*. Até que ela era boa comigo, talvez porque eu fosse de *Oya* e ela gostasse muito desse *Vodun*. Se fosse comer alguma coisa, ela me chamava para me dar um pouquinho. Só que a comida dela era muito apimentada e eu não agüentava. Lá havia muitos *Ogans*, como *Ogan* João, *Ogan* Romão, *Ogan* José... No *Bogun*, minha *Gaiaku* tinha uma casa de palha, onde eu, depois do nome de minha Mãe *Oya*, ficava a maior parte do dia. Só ia para o *Hùndeme* para dormir. Esta casa pertencia a uma senhora chamada tia Justina, que morreu ali no *Bogun* com mais de cem anos. A comida que minha *Gaiaku* comia, junto com as suas filhas, era feita em separado. Quem cozinhava era Delza, que mais tarde se tornou a primeira *Deré* de minha casa de candomblé. Delza foi criada desde pequena dentro do *Bogun* e sua mãe se chamava Nita, que foi *Vodunsi* e *Deré* do *Bogun*. Não a conheci, quando fui para lá ela já falecera. Depois que a mãe morreu, Delza passou a morar direto no *Bogun*. Foi uma menina criada à vontade e às vezes passava dias fora da roça. Quando chegava de madrugada, entrava na ponta do pé e dormia nos bancos do *Agbasá* para não acordar ninguém. Quando ficava sem ter o que comer, machucava pimenta com cebola e fritava no azeite para comer. Às vezes, o pessoal do Engenho Velho, que era ali perto, a chamava para fazer acarajé, acaçá... e lavar umas roupinhas dos *Ogan*. Ela era muito inteligente e aprendeu muita coisa no *Bogun*. A mãe morreu quando Delza estava com 14 anos. Nas obrigações ajudava muito a *Gaiaku* Emiliana, dentro e fora do *Hùndeme*. Delza jogava pedra no bonde, no telhado dos vizinhos, ela pintava no *Bogun*... Quando ia ter visita na roça, a tia falava: "Olha, Delza, pelo amor de Deus, você se comporte porque vamos ter visita." Ela respondia: "Que ninguém me atente, porque se me atentarem, não

tem coisa certa.” Ela era muito danada e quando foi para minha casa estava com 20 anos.

Eu ficava sempre junto de minha *Deré* e quando me afastava um pouco, ela gritava: “Menina, vem pra cá!” A Roça do *Bogun* era toda cercada de *pèpèrègun*, de forma que do lado de fora não se via nada dentro. Me lembro que havia o assentamento de *Ayízàn*, de uma mata, uma baixa enorme, onde soltavam o *Grá*. Se falava: a rua do *Bogun*, e nessa rua havia aquelas tendinhas, biroscas, onde se comprava até de noite. Às vezes, *Gaiaku* Emiliana passeava pela roça apoiada em um cacetinho. Aquilo era enorme, era um mundo, e não sei por que tudo mudou. Como é que ficou tão pequeno assim? *Hùnyo* não era filha nem irmã de *Gaiaku* Emiliana. Ela era da mesma veia que *Gaiaku* Emiliana, assim como no Ventura, *Lokosì* e *Agesì*. Elas não eram irmãs, mas da mesma veia. Se não me engano, o pai-de-santo de *Hùnyo* era um africano chamado *Kixareme* ou *Tixareme*. Uma vez, um dos muitos pesquisadores que vêm aqui me perguntou se *Hùnyo* era mais velha que *Gaiaku* Emiliana. Eu respondi que não, porque quando fui para o *Bogun*, *Gaiaku* Emiliana já estava bem idosa e *Hùnyo* não. *Hùnyo* era forte, subia e descia aquela ladeira do *Bogun* carregando balaio. Ela era bem forte ainda. *Gamo* Nicinha era filha carnal de *Hùnyo*, mas nunca tive muito contato com ela na roça. Quando batia candomblé no *Bogun*, a casa ficava lotada. Eram muitas *Vodunsi* dançando no *Agbasá*, mas não em roda, porque no *jeje-mahi* não se faz roda, dança-se marcando os cantos.

Quando *Gaiaku* Emiliana faleceu, houve muita política. Uns diziam que era a minha *Gaiaku* Romaninha quem deveria passar a comandar a roça, outros já diziam que era *Hùnyo*. Como minha *Gaiaku* nunca quis abrir roça de candomblé, abandonou o *Bogun*, deixando *Hùnyo* no comando. Um dia, minha *Gaiaku* Romaninha me chamou e falou: “Minha filha, eu vou descer e não vou subir mais, e você a mesma coisa. Quando quiser me ver, vá a minha casa na *Massaranduba*.” Assim eu fiz e, depois do *Zerin* de seis meses de *Gaiaku* Emiliana, nunca mais voltei ao *Bogun*. Quando fui visitar minha *Gaiaku* na casa dela de morada, ela me chamou e falou: “Venha cá ver seu pai onde está agora.” Era o assentamento de meu pai *Kpòsú*, que estava na casa de minha *Gaiaku*. Depois disso, não estive mais com ninguém do *Bogun*. Soube depois de anos que minha *Dofonitinha*, que era uma senhora de *Azansú*, faleceu; e que minha *Dofona* Roxinha de *Osun* havia saído do Corredor da Vitória, onde morava, e viajado

para o Rio de Janeiro. Quando fui ver minha *Dofona* foi em 1977, no Rio de Janeiro, no candomblé do *Babalòrisa* Aderman Cruz, de *Oya*. Nosso encontro foi aquela alegria, dançamos e cantamos algumas cantigas de *Avlèkété*.²⁰

A Casa na Liberdade

Um dia, minha Mãe *Oya* chamou minha *Gaiaku* e *Ogan* Caboclo, para perguntar se minha casa de morada, no bairro da Liberdade, em Salvador, era própria. *Ogan* Caboclo, que estava mais por dentro que minha *Gaiaku*, respondeu que sim, que minha casa era própria. Então, minha Mãe *Oya* falou que era para eu construir um quarto para ela. Já que ela não ficou no nascente, não iria ficar no poente. Falou isso, mas não deu explicação. *Gaiaku* preparou minha casa na Liberdade e lá foram realizadas as minhas obrigações de ano: Recebi meu posto, meu cargo nesta casa, que ficava na travessa do Ouro, Beco do Sabão, casa 31. No dia do meu *Borí* foi aquela atrapalhação. Era dia do meu aniversário, 25 de agosto, e Zuzu, minha empregada, saiu para fazer as compras. Eram três horas da tarde e nada de Zuzu. Sete horas da noite e nada de Zuzu. Nós, em casa, estávamos apavorados, esperando as compras. Quando ela chegou, perguntamos pelo balaio com as compras, e ela, espantada, falou que havia mandado o balaio por um carregador. Comecei a chorar e minha *Gaiaku* pediu calma: “Minha filha, fique calma!” Volta Zuzu procurando pela Bahia toda este senhor com o balaio. Ele chegou em minha casa à meia-noite, e nós estávamos calados, tristes. Ele falou que havia deixado o balaio em uma encruzilhada na Central, na Liberdade. Foram correndo buscar o balaio, mas sem esperança de encontrar. No balaio, havia compras de santo e de pecador, e, quando chegaram lá, o balaio estava intacto. Aí *Gaiaku* disse: “Ah! Meu neto!... Meu neto é fogo, adora aprontar das deles!” Era *Gbadé*, neto de *Kpòsú*, que estava fazendo aquilo tudo. Só sei que o *Borí* foi adiado para o dia 2 de setembro. Foi o *Borí* de minha obrigação de sete anos, e foi gente do *Bogun* e gente do Ventura. Em minha obrigação de sete anos recebi meu posto de mãe-de-santo. No *jeje* não se entrega nada do lado de fora, tudo é lá dentro. Se juntaram as “mocotonas”: *Dofona* Gina, filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensi* e iniciada na Roça de Ventura; *Goomun* *Sogbosì*, também filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*; minha *Deré* e minha

paguei ao velho, ele já veio bebendo umas pelo caminho. No dia 2 de novembro a roça já era minha, verbalmente. O casal de velhos ainda ficou morando na roça por meses, depois da venda. A velha, dona Maria, era feita de *Oya* e sua mãe-de-santo chamava-se Maria Silvana. O velho era de *Azansú*. Contando ninguém acredita, não é, meu filho? Me mudei para a roça em 1950. Eu queria mudar no sábado, porque gosto muito de mudar no sábado, mas como o homem só podia fazer a mudança na terça, e já estava tudo arrumado, tive que aceitar. O homem perguntou para que horas eu queria a mudança, e respondi cinco horas da manhã. Chegou terça-feira e cadê o homem? Deu sete, oito, nove horas e nada do homem. Fiquei nervosa e disse: “Hein, Delza, será que é *Azansú* que não quer ir para a roça?” Meu senhor, foi aquele *arêrê*... A pedra, o *Òkúta* de *Azansú*, balançou e todo mundo ficou com medo. Teve gente caindo duro, podem não acreditar, mas a mãe de *Fomo* pode dizer. A pedra balançou dentro do “aguidá” e nós fomos correndo para a cozinha estourar buruburu para cobrir o Velho. Quando foi no sábado, cinco horas da manhã, o caminhão chegou. O homem disse que não veio antes pois havia esquecido. Quando chegamos na roça, fomos acertar onde colocaríamos o Velho. Ele ficou em uma jaqueira enorme. Esta atual jaqueira dele é larga, mas a primeira era duas vezes mais.

Foi muito difícil morar ali, no começo. Não conhecia ninguém, sozinha ali, jogada, morando naquela casinha de palha. Comi uma roxura! Como se diz na gíria baiana: “Comendo zinco e arrotando semâncio.” No dia em que assentou *Soròkê* e *Dàngbé* foi aquela festa, e estavam presentes *Ogan* Caboclo, o pessoal da *Kakunda de Iaiá* e aquelas mocotonas do Ventura. No dia em que assentou *Ayízàn*, minha *Gaiaku* falou: “Se alguém quiser fazer casa de *kútútó* aqui, depois que eu me for, você não deixe, porque no *jeje-mahi* não tem casa de *kútútó*. Tudo que você quiser fazer para *Egún*, faça em *Ayízàn*. Até uma folha que você queira passar em alguém, passe junto a *Ayízàn*.”

Na inauguração da roça, em 1952, minha *Gaiaku* levou, também, o pessoal da *Kakunda de Iaiá*. A inauguração foi com uma festa para *Azansú*, o dono da casa, e foi muita gente prestigiar. A roça recebeu o nome de HÛNKPÂMÈ AYÍÓNÓ HÛNTÓLOJI. Pena que minha *Deré* não estava presente, pois já havia falecido. Senti muito a falta dela, pois era muito apegada a ela, era muito boa para mim. Lembro dela falando: “É... minha filha, eu sei que amanhã ou depois você terá sua casa e estarei lá para conhecer suas filhas.”

Conheci *Gaiaku* Satu através de minha mãe-de-santo. O seu terreiro era ali mesmo no Cabrito, próximo à minha roça. Era uma velha bonitinha e simpática. Era escurinha, mas tinha o nariz fininho. O candomblé dela era muito bonito e é pena que tenha acabado. Gostava muito de mim e sempre dizia para eu aparecer mais. Apreendi muitas cantigas e rezas com ela. Quando faleceu, em seu *Zerin* senti que suas filhas estavam me tratando diferente. Perguntei a uma chamada Lira o que estava acontecendo. Ela disse que em todas as casas que foram olhar, só dava que eu é que deveria ficar no comando da roça. Eu mandei ela dizer às irmãs que poderiam ficar tranquilas, que eu não estava dando conta de minha roça, que dirá tomar conta de outra. Se esse for o problema, diga a elas que fiquem despreocupadas.

No Cabrito, quando a barra estava pesada, fazíamos aquele tacho de angu, ou aquele amalá que quando a gente comia chegava a suar. Na roça havia cada guaiamum enorme, e sururu pegava-se de mão. Na água doce pegávamos pitu e robalo. Defronte à entrada da roça, havia um correr de casas de palha, à luz de querosene. A luz da roça também era de querosene. Mais afastado havia um sítio de um cidadão, onde funcionava um armazém, um comércio. Fui perguntar se ele me cedia uma linha de luz. Ele respondeu que não havia problema algum, e assim na roça passou a ter luz elétrica. Com muito sacrifício fui erguendo uma casa maior de palha, e depois, construindo *Sagbaji*, *Peji*, *Hündeme*, *Agbasá*... tudo de palha. Não tinha condições de comprar portas nem janelas, mandava o pedreiro colocar pano de linhagem no lugar. Quando meu irmão Geninho passava no trem e via, dizia que chegava a cortar o coração. Eu falava: “É assim mesmo, meu irmão. Os *Vodun* não quiseram assim? Assim vai ser!” Ele morava em periperi e, quando passava no trem, às vezes, fazia um embrulhinho com dinheiro e jogava para a gente na roça. Nunca encontramos dinheiro algum. Saltando na estação do Lobato, era preciso caminhar dois quilômetros e meio até a minha roça. Depois conheci um sujeito que trabalhava nas docas, que trazia de lá umas tábuas para fazermos porta. Foi muito sacrifício e de manhã cedo eu já estava na enxada.

Um dia estava andando pela roça e ouvi um chiado estranho, parecendo um gritinho. Pensei que fosse uma *Dàn* comendo uma *Gia*. Quando olho para o rio, vejo uma mulher abaixada lavando roupa. Perguntei o que ela estava fazendo ali e ela respondeu: “Oh, *Iaiá*, tô lavando meu lençol que só tenho esse, e como durmo no chão, ele

sujou.” Perguntei o que era aquele chiado que havia escutado, e ela respondeu: “É minha filhinha que tem fome.” Mandei a senhora entrar e já fui dando comida para a criancinha. Uma vez estava sozinha dentro de casa e ouvi uma voz gritando: “Dona, me socorra, me socorra... o pai-de-santo vai matar ela.” Eram as filhas impedindo que a mãe se jogasse na linha do trem. Essa senhora e as filhas moravam ali próximo, em uma casinha alugada desse pai-de-santo. Ela estava em dívida com ele e se chamava dona Miúda. Eu chamei a senhora, conversei e acalmei a situação. No dia seguinte, vem outra filha dela, pedindo: “Bença, minha vó! Maíinha mandou perguntar se a senhora tem um pedaço de carne para mandar.” E no dia seguinte foi a mesma coisa. Com seis anos de idade, essa menina, com as irmãs, praticamente, já morava na roça. Botei logo a cartilha de ABC para elas aprenderem. Essa senhora também tinha um filho que há muito tempo não via. Eu fiz um trabalho e ele voltou para casa. No dia em que voltou, *Òsun* pegou dona Miúda e isso não acontecia há muito tempo. De uma certa vez, ela me levou uma outra filha, essa mais velha, que estava grávida. Levou a filha para eu ver o que ela tinha. Sei que minha Mãe *Oya* tirou foi bicho, morotó, do pé dessa menina. As três filhas dessa senhora passaram a freqüentar minha roça e passei a cuidar delas espiritualmente. Lembro que, de manhã cedo, as três chegavam na roça com uma faquinha na mão para cortar jaca, que por sinal eram muitos pés. Os nomes delas eram Dilsa (Dasinha), Lindaura e Maria Pureza de Jesus; mais tarde se tornaram minhas filhas-de-santo. Quando dona Miúda passou a freqüentar minha roça junto com suas filhas, o antigo pai-de-santo dela ficou muito aborrecido. Um dia, ele foi em minha roça e falou: “Eu não estou falando com a senhora, estou falando com essa aí. Eu vou subir e quando descer é com você.” Mandou uma cobra para morder dona Miúda, só que a cobra me mordeu. Meu pé inchou muito, então minha Mãe *Oya* veio e mandou escrever o que ela estava falando. Mandou que eu fosse para Cachoeira, pedisse para minha mãe carnal fazer o trabalho e tirasse nove dias de resguardo. Assim fiz. Fui para Cachoeira e minha mãe fez o que foi mandado. Estava de resguardo ainda, quando o meu compadre Congo de Ouro chegou e me arrastou para a casa dele. Chegando lá, estava havendo um batuque danado, uma feijoada como era antigamente: com pé de porco, bucho, bofe... com tudo que era bom. Depois voltei para minha roça e, passados alguns dias, ele mandou a cobra de novo. Só que desta vez a cobra mordeu o

jegue. Foi no dia 14 de agosto de 1955, lua nova, seis horas da tarde, em uma segunda-feira. Eu mandei *Deré* Delza pegar o jegue e, quando chegou lá, ela pensou que ele estava dormindo, só que o jegue estava morto. Minha Mãe *Oya* mandou que não enterrasse o jegue fora, que enterrasse o animal dentro da roça. Tudo que morria, ela queria que enterrasse dentro da roça. Quando cavaram, uns *Erês* de minhas filhas-pequenas, da casa do finado Rufino que estavam me visitando, vieram correndo me chamar. Eles haviam encontrado moedas antigas; louças-de-santo antigas; um porrão cheio de coisas dentro e um *Òkúta* de *Oya* que tenho até hoje. É um *Òkúta* comprido que parece um ferro de engomar.

No dia 30 de janeiro de 1955, foi a obrigação de Delza na roça e posse do cargo de *Deré*, feita por nossa *Gaiaku* Romaninha. Foi uma obrigação muito grande e bonita. Delza era de *Ògún* e cria do *Bogun*. Além de nossa *Gaiaku*, estavam presentes *Ogan* Caboclo; uma de *Bèsén* lá do *Bogun* e outras mais.... Quando foi no dia 31 de janeiro, dia da mesa fria, não havia muitas pessoas para comer, eu chamei as *Abiyan* para comer a comida de *Ògún*. Celina, uma menina que eu criava, comeu e depois sumiu. Procurei por Celina e não encontrei. Quando fomos ver, estava Celina caída no pé da árvore. De repente, foi *Nànási* caída com a cara dentro d'água. Comecei a chorar toda agoniada. De repente chega Dilsa: “Bença, minha vó! A senhora mandou me chamar?” Eu respondi que não e mandei-a para casa, que o negócio não estava bom. Dias antes, a mãe dela tinha vindo se queixar que a Dilsa estava judiando muito do irmão menor, dando para quebrar as coisas. Ela queria que eu chamasse atenção da menina. Falei para ela que mandasse Dilsa aqui para conversar, mas não falei o dia. Justamente naquele dia, a mãe, sem saber de nada que estava acontecendo, mandou a menina. Eu mandei a menina voltar para sua casa e, quando estava indo, caiu no *Àtinsá*. A irmã dela, Lindaura, ia embora “de muda” para Feira de Santana. Ela morava com um filho de uma mãe-de-santo chamada Chica do Bom Juá. Ela foi se despedir e me tomar a bênção, como *Abiyan* que era, e, quando foi virando, também caiu. Havia uma menina, moça, que estava uns dias na roça. Ela foi para fazer um trabalho, levada pela mãe. Falei que não daria para fazer o trabalho no momento, porque a roça estava em obrigação. Então, a mãe pediu se eu poderia deixar a menina ficar uns dias na roça, porque ela estava de namorico com um rapaz e a mãe não aprovava o namoro. Essa menina se chamava

Cremilda e também caiu. Mais tarde chega a mãe de *Gamutinha* com a filha, dizendo que ela não estava bem. A menina estava em casa, embaixo da mesa, tocando em uma lata, quando começou a passar mal, não conseguindo ficar de pé. A mãe trouxe *Gamutinha*, que ainda não era *Gamutinha*, para eu bater umas folhas na menina. Quando estava batendo as folhas, a menina caiu e quem falou que levantava? A menina se chamava Maria Pureza de Jesus e era de *Ògún*, era não, porque ainda está viva. Quando caiu estava com sete anos. Meu filho, só faltei morrer! No dia seguinte, chega uma mulher na roça acompanhada da filha, nunca havia visto aquela mulher. Ela veio para eu fazer uma consulta. Eu falei que não estava fazendo consulta, porque estava com a cabeça ardendo. Estava muito agoniada com aquelas seis mulheres caídas. A mulher se chamava Madalena e falou que frequentava uma casa há 14 anos, onde lhe davam *Nãná*. Disse que tinha estado com um senhor chamado Enoque, que lhe informou que seu santo só poderia ser feito em uma casa de *jeje*, uma casa onde houvesse *Sogbo*, *Bèsén* e outros mais.... Pedi desculpas e falei que não estava fazendo consulta. Ela começou a olhar a roça e falou: “Nossa! Aqui é bonito. Que rio bonito. Será que posso lavar roupa nele?” Respondi que não havia problema, pois o rio não era meu, “não fui eu quem fez o rio”. Mandou a filha buscar a roupa, trouxe um cachorro chamado Leão, e começou a lavar roupa com a filha, que se chamava Ester. Lavando roupa, começou a ter dor de cabeça e se encostou em uma árvore. A filha falava: “Mamãe, vamos embora, já são cinco horas e papai está esperando.” A mãe respondia que não estava se sentindo bem, que não estava agüentando ficar de pé. *Deré Delza* veio e deu um gole de café para ver se ela melhorava. Aquele café era muito bom, era plantado e torrado na roça. Seis horas da manhã já havia café pronto, feito por *Deré Delza*. Eu nem dei muita atenção a Madalena, porque estava dando atenção a minha *Gaiaku*. Para a mulher não ir embora daquele jeito, *Deré Delza* acomodou Madalena com a filha no quarto das crianças. Veio a noite e eu sem dormir, preocupada com as seis mulheres caídas do lado de fora. Porque elas ficaram sete dias e sete noites caídas no pé da árvore. Quando estava amanhecendo, chega minha tia, dizendo: “*Fomo*, a mulher que estava aí caiu, dê uma olhada nela.” Ela caiu de um jeito que pensei que havia furado o estômago na raiz da árvore. Com muito custo conseguiram levantar, mas não demorou ela caiu de novo no *Dàngbé* de *Bèsén*. Foi aquela correria, aquele *aréré*... Não demorou,

apareceu uma *Dàn* azul e branca. Nunca havia visto uma *Dàn* daquela cor. Quando olhamos no céu, era um arco-íris cobrindo tudo. Foi o primeiro *Bèsén* que raspei. Quando caiu Madalena, formou sete mulheres. Eu chorando, agoniada, fui falar com *Gaiaku*, que estava tranqüila, parecendo que não estava acontecendo nada na roça: “*Gaiaku*, caiu mais uma. O que eu faço?” Ela, serena: “Reza o Santo Ofício, minha filha.” *Gaiaku* estava na roça por causa da obrigação de *Deré Delza*. Ela só gostava de dormir na minha cama. Mamãe dormia em uma cama e ela em outra no mesmo quarto. Tinha um *mocó* de palha e fez um de pano para colocar o de palha dentro. O *mocó* era igual a um neném, não saía de junto dela. Ela não gostava de cigarro e, se alguém fumasse, ela perguntava: “Quem é que está fumando aí? Tigre, *Kpòsú*, não quer nada com fumaça!” Quando chegava alguém ela perguntava logo se havia trazido queimados para a Velha.

Eu estava desesperada e mandei chamar *Ogan Caboclo* para olhar aquelas mulheres caídas, porque a mãe-de-santo não vai lá. Deram o recado a *Ogan Caboclo*, dizendo que eu não parava de chorar. Quando ele chegou, encontrou uma com a cara roxa da água. A *Fomutinha* estava com os olhos inchados que pareciam dois limões, tanto que, depois, ela não podia nem olhar para a luz. As roupas delas pareciam cola, pareciam plástico que endurece. Eu dei graças a Deus quando fez sete dias e veio para o *Sagbaji*. No *jeje*, quem carrega as futuras *Vodunsi* para o *Sagbaji* são os *Ogans*. *Ogan Caboclo*, quando chegou, me perguntou pelos *Ogans* para o ajudarem a carregar. Respondi que não havia outro *Ogan*, só ele. Eu não tinha *Ogan* nem *Equêde* na época, aquelas foram as minhas primeiras filhas. *Ogan Caboclo* disse: “*Fomo*, se for com o povo do *Bogun* não conte com a gente. Mas se for com o povo do Ventura, todo mundo vem!” A roça estava começando ainda. Na Liberdade, minha Mãe *Oya* suspendeu dois *Ogan*, chamados Geraldo e Guilherme, mas não haviam se confirmado ainda. Foi preciso chamar outros *Ogan*. Quem carregou essas mulheres para dentro, no dia 7 de fevereiro de 1955, foram *Ogan Caboclo*; *Ogan Vardinho*, filho de *Fomutinha* Valentina de *Nãná*, do Ventura; e *Ogan Jaguaraci*. Quando se passaram 14 dias recolhidas, chegou o irmão da Madalena, querendo levá-la embora. A filha dela, chorando, começou a gritar dizendo que queria a mãe de volta e que eu era a culpada. Eu respondi que nem conhecia a mãe dela, que não fui eu quem a mandou se jogar no chão. Perguntei a *Bèsén* sobre o caso e ele disse: “Não se preocupe, quem hoje está chorando, ama-

nhã vai dar risada.” Dito e feito, no dia do nome de *Bèsén*, a filha era uma alegria só.

Meu filho, foi zorra que mandaram quando este primeiro barco estava recolhido! Alguns despeitados não aceitavam minha roça funcionando. Foram muitas as perseguições que enfrentei. Pessoas que viviam comigo, comiam do meu pirão, freqüentavam minha roça... Pela frente me agradavam, mas a inveja era maior. Sofri como Sofrê sofreu! Uma das muitas zorras foi quando mandei construir um *Agbasá* novo. O *Agbasá* antigo, juntei com o *Sagbaji* e ficou um *Sagbaji* enorme. Afinal eram sete *Vodunsi* e os cômodos estavam pequenos. O antigo era de palha e mandei construir um salão novo de bloco e telha. A situação estava melhor. As paredes já estavam em pé e os homens estavam colocando o telhado. Não lembro se faltavam dois ou três meses, ainda, para o nome das *Vodunsi*. Eu estava lá para dentro e fui ao *Hündeme* falar para os malucos²³ que o palacete deles já estava quase pronto, e eles ficaram contentes. Quando passei pelo salão, falei com *Ogan* Caboclo que tomasse cuidado na colocação do telhado, porque tinha pavor disso. Fui embora e me deu um negócio e voltei para dar outra espiada no telhado. Quando passei pela porta do *Peji*, foi que aconteceu. Meu senhor, o telhado, que já estava praticamente pronto, veio abaixo. Foi aquele estrondo, parecia girândola em missa de festa. *Equêde* Nininha caiu para um lado e *Ogan* Caboclo ficou assim, parado. Caiu o telhado com a cumeeira e só ficaram as paredes. Anacleto pedia calma e todo mundo espantado, de braço cruzado. Quando deu o primeiro estalo, a *Deré* Delza e Ester, filha de Madalena, correram para fora. Uma telha caiu na cabeça de Conceição e o sangue jorrou, mais um pouquinho ela morria. Todo mundo correu para acudi-la. Eu fiquei segurando Conceição, limpando o sangue que escorria, mas tremendo feito vara verde. Ela gritou muito e teve um ataque. Hoje em dia, chama-se desmaio, mas naquele tempo chamava-se ataque. Os malucos no *Hündeme* ficaram feito doidos, pensando que eu é que estava gritando, pensavam que eu é que havia me machucado. Minha tia não sabia se corria para me atender ou para atender os malucos lá dentro. *Ogan* Caboclo pegou toucinho fumeiro, folha de pucumã e açúcar, tudo isso para estancar o sangue de Conceição. Tá vendo como remédio caseiro cura! Essa Conceição já morreu e nunca teve nada. Os homens me perguntavam como é que ia ser agora. Eu não respondia nada, não conseguia, a voz estava presa. Depois que acudimos Conceição, fui

olhar os malucos. Minha tia na porta do *Hündeme* disse: “Morreram todas.” Eu nem tinha coragem de olhar, pois elas estavam duras feito pau. Quando entrei no *Hündeme*, minha Mãe *Oya* “respondeu” e disse: “Não morreu ninguém, estão todas vivas. É nesse salão que minhas filhas vão dar o nome!” Eu sei que minha Mãe *Oya* passou a saia, fez o que era para fazer e todos os *Vodun* responderam. Ela chamou minha tia e disse que não era para usar nada do que havia caído. Mandou despachar aquelas telhas todas. Mandou jogar tudo fora, e falou: “Diga a minha filha que chame o homem do qual ela está comprando, porque ele vai vender para ela tudo de novo.” Quando acordei, minha tia me deu o recado, e falei: “Minha tia, como é que vai ser? Eu nem acabei de pagar ao homem ainda!” Naquele tempo se comprava e pagava aos poucos. Mandei chamar o sr. Barrão, que era o dono da loja de material. Ele não veio. Passou domingo, passou segunda-feira, só veio na terça-feira. Quando chegou, disse que estava muito aborrecido, porque a mulher dele estava recolhida e eu não o havia chamado para o nome das *Ìyáwó*.

– Nome de *Ìyáwó*?

– É, sim, senhora. Teve até foguete e eu escutei muito bem.

– Mas aqui, dia de nome de *Ìyáwó* não toca nem foguete. Venha aqui para o senhor ver o foguete.

Demos a volta e, quando o homem viu aquelas telhas todas caídas e quebradas, ficou feito doido. Mas era telha!

– Senhor do Bonfim, o que foi isso?

– Agora eu não sei como vou pagar o senhor.

– Não tem problema! A senhora pode mandar buscar o que for preciso, todo material que quiser, e pagar como quiser e como puder.

E assim o salão foi refeito e as *Vodunsi* saíram, deram o nome, como minha Mãe *Oya* havia dito. A primeira zorra foi vencida, mas logo veio a segunda. Depois que o *Bèsén* do barco, *Bèsén* de Madalena, deu o nome e o candomblé correndo, ele começou a fazer sinal, do canto onde estava, para mim. Eu, sem entender nada e ocupada com o candomblé, falei para *Ogan* Caboclo, que me respondeu: “*Bèsén* nem bem engatinhou e já está andando!” No final do candomblé que fui entender que era o “pacote”, feitiço, que uma fulana que me odiava, tinha mandado por uma *Vodunsi* de *Bèsén* para acabar com a festa. Era isso que o *Bèsén* de *Vimo* queria me mostrar. Foram muitas as perseguições. As matrizes do *jeje* não queriam que minha casa fosse para frente. Venci todas essas zorras, perseguições,

e desse primeiro barco de sete, somente uma está morta, que é *Nànásì*, e isso foi há pouco tempo. As demais ainda estão vivas para contar a história. O primeiro barco que recolhi foi composto das seguintes *Vodunsì*:

- *Dofona* de *Olisa* (Celina Nascimento).
- *Dofonitinha* de *Nàná* (Regina Maria da Conceição Cerqueira).
- *Fomo* de *Azansú* (Dilisa).
- *Fomutinha* de *Òsun* (Cremilda).
- *Gamo* de *Oya* (Lindaaura, apelido de Dazinha).
- *Gamutinha* de *Ògún* (Maria Pureza de Jesus).
- *Vimo* de *Bèsén* (Madalena).

Quem me ajudou a criar este barco foram as *Vodunsì* do Ventura, filhas de *Gaiaku* Maria *Ogorensì*: *Fomutinha* de *Nàná*, *Agesì*, *Goomun Sogbosì*... Minha *Deré* não foi porque já era falecida. A maioria dos *Ogan* do Ventura estava presente. Já no segundo barco, foram as filhas de *Gaiaku* Maria *Ogorensì* com as filhas de sinhá Abali: *Fomo* Nita, *Lokosì*... Elas chegavam domingo de manhã e voltavam segunda de tarde. Quando não, chegavam no sábado de noite e voltavam na segunda de manhã. Umas indo e outras voltando. A *Goomun Sogbosì* só saía do *Hùndeme* para tomar banho, ficava direto ensinando as *Vodunsì*. Mandeí comprar na feira uma dúzia de *Zàn* para essas mulheres do Ventura. De manhã, a *Deré* Delza assava aquela carne de sertão e fazia pirão d'água, e todo mundo bebia café. Os *Ogans* iam pescar dentro da roça e traziam robalo, pitu... As mulheres do Ventura adoravam passear pela roça e *Fomutinha* de *Bèsén* costumava dizer: "Isso aqui não é uma roça, é uma fazenda. Como foi que *Fomo* achou essa casa aqui?" Comiam abacate, banana, manga... tudo colhido na roça. Na época de caju, dava cada um que fazia gosto. Havia muita fruta-pão, também. Lembro de *Kpòsúsì* Miúda, filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensì*, do último barco, que morava na avenida Candeia. Uma vez, eu e minha comadre Diunízia fomos visitar *Kpòsúsì* Miúda, já estávamos saindo e Diunízia falou: "Vamos saindo, já é hora." Aí *Kpòsúsì* falou: "Não, deixe ela. *Èpá hêi Oya!*" Disse que estava vendo minha Mãe *Oya* e morreu. Ela vendia e quando nos via dizia logo: "Não seja falsa para mim, aceite uma maçã." Quando *Ogan* Caboclo chegava, começava o ensaio. Ele sempre brincava, dizendo: "Não 'supira', não 'supira'... vamos embora!" Nós entrávamos para ensaiar às nove horas da noite e saía-

mos a uma hora da manhã. Sete *Vodunsì* não era mole! Eu ficava molhada de suor, e depois do ensaio ia para o rio, tirava a roupa, amarrava um pano-da-costa e me jogava na água. Depois ia dormir, para às quatro horas da manhã acordar para o *Tò*. Na roça havia uma cachoeira que chegava a fazer neblina. Onde a água batia formou uma bacia, que nós chamávamos "bacia do *Tò*". No primeiro barco, o senhor acredita que cabiam as sete *Vodunsì* na bacia formada pela própria natureza? Parecia que a bacia era acimentada. Quando acabava o ensaio, era aquele panelão de mingau. Essas mulheres saíram gordas, cheias de papadas. No dia do nome, eu não comi. *Equêde* Nininha, minha prima, quinou água de elevante e eu só bebia isso, de hora em hora. O primeiro barco levou oito meses recolhido, e três anos na roça. O costume eram seis meses, mas como minha *Gaiaku* Romaninha adoeceu, o barco teve que ficar recolhido por mais tempo. Eu não ia tirar o meu primeiro barco sem a presença de minha *Gaiaku*. Esperei o tempo que foi necessário para ela se restabelecer e vir para o nome das *Vodunsì*. Quando *Gaiaku* adoeceu, me vi doída, fiquei magra feito uma vassoura e só fazia chorar. Já pensou se ela falecesse e eu com essas sete noviças recolhidas! Um dia me sentei no *Hùndeme* e comecei a chorar. O maluco, *Erê* do *Ògún* de *Gamutinha* virou e disse: "Não fica assim, não, damãe, Davozinha não vai agora, não." Eu, sem paciência, falei: "Olha, menino, você me deixa. Nem bem engatinhou e já está andando!" Ele apanhou um pano, enxugou minhas lágrimas e disse: "Olha, damãe, a davozinha vai ficar boa. Ela vai vir e vai ver sidá. Agora no outro, ela não vai ver mais." De fato, minha *Gaiaku* Romaninha ficou boa e veio para a roça. Veio, ficou para o restante dos atos e ficou para a saída. Os malucos fizeram uma festa e, no dia 18 de setembro de 1955, foi o nome das *Vodunsì* recolhidas. Foi *Agesì* quem tirou o nome das sete *Vodunsì*. No jeje é assim: a pessoa convidada tira o nome de todas as *Vodunsì* do barco. Na hora do *Hùn* de *Ògún*, *Agesì* ficou emocionada, lembrando quando fez santo. Na época, *Gamutinha* de *Ògún* estava com sete anos de idade. Minha *Gaiaku* faleceu em 23 de outubro de 1956 e, depois do primeiro barco, viveu ainda um ano e um mês.

Eu sempre visitava meus pais aqui em Cachoeira, e certa vez, no vapor, encontrei com uma filha-de-santo de sinhá Abali. Eu não me dava muito bem com ela, mas ela se virou e falou: "Menina! Eu soube que você tem meu pai em sua casa, e dizem que é uma pedra muito bonita. Infelizmente, ouro só aparece a pagão!" Ela era do Velho,

Azansú, e só me chamava de “essa menina”, para desfazer mesmo. Andou, virou, o mundo é grande, não é?... Ela apareceu em minha roça toda sem jeito e falou: “Eu vim ver meu pai.” Nesse dia estava todo mundo do Ventura: *Agesi*, *Fomutinha*... Ela subiu e foi na casinha do velho. Nesse tempo, eu havia feito um saiote e um *Azé* de linhagem com búzios para ele. Olhando, parecia uma pessoa sentada. De repente só se ouviu aquele: hum, hum, hum... E aquela mulher rodando feito uma doida com *Azansú*. Mariinha foi olhar e *Bèsén* pegou ela. *Agesi* falou: “Eu nem vou lá que o negócio tá forte!” Quando foi no outro domingo, ela voltou de novo e subiu com o povo todo do Ventura. Quando desceram, eu subi para ver o que era, e a casa estava toda iluminada. Meu filho, acenderam foi tantas velas! O negócio foi que ela suspendeu o *Azé* e ficou “carcando” ele para ver se era pedra mesmo. Eu sei que *Azansú* “pegou” ela e deu o castigo. No domingo seguinte, ela voltou para pedir perdão. Depois desse acontecido, passou a me chamar de *Fomo*. Era *Fomo* para cá, *Fomo* para lá. Passou a freqüentar minha roça e, no primeiro barco que recolhi, ela veio ajudar. Hoje eu digo que tenho um *Azansú*, porque antes eu não acreditava. O Velho, lá na roça, recebia visitas. Vinham pessoas do Bate-folha, Ventura, Engenho Velho... Eles chegavam e diziam: “Minha filha, quero conhecer papai.” Era chegar lá e o *Vodun* pegava. *Dofona* Gina de *Nàná*, quando chegava, dizia: “Vim ver meu filho.” Ela sentava junto a ele, acendia o *Azokwé* e ficava fumando, jogando a fumaça nele. Certa vez, apareceu um caroço em meu braço e foi na época do primeiro barco. Meus irmãos estavam preocupados e queriam que eu fosse ao médico para retirar o caroço, fazer uma cirurgia. Eu me negava. O caroço já estava do tamanho de um limão e apareceu depois que torci um lençol. Todo dia de manhã eu ia em *Azansú*, e na pedra havia uma “valinha”, um buraquinho, onde acumulava uma água. Eu molhava o dedo naquela água e passava no caroço. O caroço foi desaparecendo, desaparecendo... Muitas pessoas já fizeram pedido a ele e alcançaram resultado.

A *Nàná* de minha filha *Dofonitinha* era um espetáculo, o povo parava para ver *Nàná* dançar. A mãe carnal dela me contou que, com dez anos, *Nànási* foi pescar com algumas colegas. As colegas voltaram e ela ficou no fundo do rio. Chamaram um pescador de alto nível, ele mergulhou e viu a menina sentadinha no fundo do rio, na lama, com a cestinha do lado cheia de peixe. O pescador a tirou e ela não se lembrava de nada. Regina Cerqueira da Conceição era o nome

dela. Era de *Nàná* com *Bèsén*, e a *Nàná* dela era da água salgada. Quando ela faleceu eu estava no Rio de Janeiro, e fui obrigada a vir correndo. A última vez que estive com ela foi na casa dela e já estava bem doente. Ela me perguntou: “*Gaiaku*, será que sua filha vai escapar dessa?” Eu respondi que minha mãe era quem sabia. O enterro de *Nànási* foi todo atrapalhado, igual a ela. Eu sei que compraram dois caixões. De repente veio a conversa de que eu não iria chegar a tempo do Rio de Janeiro. Uns já queriam enterrar, outros falavam que iam esperar a mãe-de-santo. Quando cheguei e vi *Nànási* morta, foi uma dor muito grande. É muito triste uma mãe enterrar a filha. A expressão de *Nànási* era fechada, aborrecida. Depois que fiz o que havia para fazer, a expressão dela mudou, ficou com um ar sereno e com um “risinho” nos lábios. Eu sei que ia ter missa de corpo presente, e de repente não ia ter mais. No caminho para o cemitério, se perderam. Foi uma atrapalhação, meu senhor! Na hora do sepultamento, quando o caixão foi descendo, ao fundo da cova havia uma *Dàn*, era *Bèsén* que tinha vindo receber a filha. No dia do *Zerin* dela, na hora da obrigação que ninguém pode olhar, onde todos devem ficar de costas, *Equède* Marina se virou e viu *Nànási* entrando na sala. *Equède* Marina quase desmaiou. *Nànási* foi para minha roça com 11 anos de idade. Foi incorporada com um *Èsù*, para eu retirar. Depois que retirei o *Èsù*, ela foi ficando, ficando... e passou a morar lá. Uma vez, eu estava dando um *Borí*, sozinha, em um rapaz chamado Oscar. Minha *Gaiaku* Romaninha um dia me disse: “Minha filha, quando você acabar de fazer o *Borí*, cante três cantigas para *Òsun*, três para *Yemonjá*, três para *Nàná* e três para *Olisa*.” E nisso eu estou até hoje. Quando estava cantando para *Nàná*, entrou pelo quarto adentro *Nànási*, que na época não era feita, toda se batendo, virando tudo que encontrava pela frente. Eu acalmei a menina e quando vi era *Nàná* que estava ali. Foi a primeira vez que *Nàná* pegou a menina na roça. Os pais foram para buscar e na hora em que estavam saindo, *Nàná* pegou e fez sinal que só sairia dali depois de pronta. Eu acalmei os pais e falei que era preciso, então, dar um *Borí* nela, para ver se acalmava a menina. Para dar esse *Borí*, eu cortei uma saia branca minha e fiz uma saia para ela. Sei que foi tudo bonitinho na obrigação dela. Quando chegou o dia, os pais vieram buscar. *Nànási* estava até mais fortezinha. Na hora em que entreguei a porcelana do *Borí* com a quartinha para os pais dela – entreguei porque os pais não queriam que a filha freqüentasse candomblé –, *Nàná* “pegou” a

menina. *Nàná* começou a fazer sinais e eu e *Deré Delza* não entendíamos nada, nem os pais, já aborrecidos. Com muito custo, comecei a entender os gestos que *Nàná* fazia. Ela estava me pedindo permissão para “deixar” o maluco, para que ele pudesse conversar com os pais. Como ela era uma “*Vodunsi* de berço”, desde menina *Nàná* já “pegava” ela sem nem frequentar *candomblé*, falei que sim. Aceitei para poder acabar logo com aquela aflição. O maluco veio e falou: “Olha, a menina não vai embora. Ela agora vai morar aqui e, para se sustentar, quero que vocês comprem uma panela, milho e uma colher de pau.” Era para fazer acaçá para vender. Eu falei: “Como é que vai ser isso, se ela não sabe nem fazer acaçá?” E assim *Nànási* ficou. Viu só o que o *Vodun* faz? Como *Nànási* tinha mais jeito para venda, *Deré Delza* fazia o acaçá e ela saía pelas ruas, ao redor, para vender. Saía com um balaiozinho gritando igual a uma doida: “Acaçá... acaçá de milho.” Ela começou a vender com 11 anos e, quando estava mais velha, passou a atravessar do Cabrito para a Ribeira, vendendo. Nisso ela já estava com 12 anos e um dia saiu para vender e só voltou dez horas da noite. Eu desesperada esperando *Nànási* e nada dela chegar. Em vez de ficar vendendo pelo Lobato, ela passou para a Ribeira. O pai dela soube, pegou a menina e levou para a delegacia, e falou para o delegado: “Essa menina é minha filha, e ela está na casa de uma mãe-de-santo que põe ela para vender para sustento da casa.” *Nànási*, atrevida como era, falou para o pai: “Por que o senhor não diz para o delegado que me batia até com taca de cavalo?” Quando o delegado escutou *Nànási* contando isso, mandou o guarda voltar, porque o guarda já estava saindo para me buscar. Depois dessa confusão, *Deré Delza* falou: “*Gaiaku*, acho melhor a senhora tirar essa menina da rua, porque ela está ficando muito afoita e mentirosa. Ela passa a tirar e passar no fogo a folha de bananeira, e arranjamos um menino para vender na rua.” *Nànási* passou a “ver” a folha ali na roça mesmo, porque havia muitas bananeiras no terreno. Ela mesmo arrumou um menino chamado Edinho, que era colega dela. A venda do acaçá foi dando tão certo, que desse Edinho vieram outros vendedores: Venâncio, Benedito, Edson... Todo mundo da roça passou a ajudar no preparo do acaçá, para os vendedores venderem pelas ruas. Um dia, *Nànási* chegou com uma conversa de que o povo estava pedindo, também, o acaçá de leite. *Deré Delza* falou: “Então o acaçá de leite fica para *Nàná* e o acaçá de milho fica para *Ògún*.” O acaçá de leite deu certo e a freguesia aumentou. Quando davam quatro

horas da tarde, era todo mundo sentado no banco, com uma tabuinha preparando a “cama”. Era cada folha bonita! Preparávamos acaçá até uma e, às vezes, duas horas da manhã. *Nànási* tinha uma voz que ia longe: “acaçá... acaçá de milho e leite!!!!” Os vendedores chegavam de manhã e os acaçás já estavam prontos. Eles saíam para vender e, no final da tarde, voltavam para prestar conta. Durante anos nos sustentamos e construímos muitas coisas na roça, com a venda do acaçá. E pensar que foi *Nàná* quem começou com tudo isso.

Depois veio o segundo barco, em 1958, e minha *Gaiaku* não estava mais presente. Quem ficou direto, todo tempo me ajudando, foi *Goomon Sogbosì*, que só foi embora depois que as *Vodunsi* vieram do Bonfim.²⁴ Ela se chamava Joana Delfina e gostava muito de ver a *Òsun* de *Dofonitinha* dançar. A filha de *Akotokuem*, do Ventura, também foi para minha roça. Ela tinha problema asmático e dormia em uma cama que antigamente chamava espreguiçadeira. Os malucos, *Erê*, ficavam abanando e ela pagava a eles ensinando *Mudubi*. Enquanto o barco estava recolhido, confirmei duas *Equêdes*: *Dadá* e Joana. A festa foi no dia 14 de abril de 1958. Apesar de novas de confirmadas, elas me ajudaram na criação do barco de cinco *Vodunsi*, que deram o nome no dia 21 de setembro de 1958.

- *Dofona* de *Bèsén* (Maria Valdomira Conceição) – Leocádia.
- *Dofonitinha* de *Oya* (Izídia Maria da Conceição).
- *Fomo* de *Odé* (Celina) – falecida.
- *Fomutinha* de *Azansú* (Benedita) – falecida.
- *Gamo* de *Òsun* (Detinha).

Quem tirou o nome das *Vodunsi* deste segundo barco foi *Ègbónmi Onorê*, de *Odé Tokí*. Era uma senhora de 50 anos, filha-de-santo de *Procópio* de *Ògún*.

A zorra agora era para todas as cinco *Vodunsi* morrerem na hora do *Grá*. No primeiro barco, o local do *Grá* foi perto do rio, mas achamos melhor transferir para a parte de cima da roça, onde o mato era mais fechado. O novo local parecia uma mata, dessas matas fechadas com muitas árvores. Foi em 16 de outubro de 1958, o dia da matança do *Grá*, o batismo do local. Foi todo mundo lá para cima e eu fiquei sozinha na casa. De repente, *Dofona* Celina de *Olisa* começa a passar mal e *Ogan* Caboclo manda-a descer. Não demora e eu começo a escutar palmas dentro do *Hùndeme*. Era a *Gamo* de *Òsun*, que estava recolhida, passando mal. Tirei-a do *Hùndeme* e passei para

o *Sagbaji*, separando das outras. *Gamo* começou a chorar, dizendo: “Eu vou levar, eu vou levar...” Com os olhos redondos e a água descendo, só repetia isso. Com muito sacrifício consegui acalmar *Gamo*. Anoi-teceu e fomos dormir. Quem disse que conseguimos? Começamos a escutar barulho do lado de fora da casa. Escutamos pegadas e os cachorros começaram a latir. Eu ia abrir a porta para ver o que era, quando *Dofona* Celina, já recuperada do mal-estar que sentira de manhã, falou: “*Gaiaku*, *Kolonfé!* Eu acho que a senhora não deve abrir a porta. A senhora labutou tanto com *Gamo* para tirar o *Egún* dela, e quem sabe não seja o *Egún* que esteja lá fora?” Eu atendi, porque, às vezes, o *Vodun* fala pela boca das filhas acordadas. Quando amanhece vem a notícia de que minha amiga *Dofonitinha* Edith de *Òsun*, lá do Ventura, havia falecido. Ela era companheira de *Ogan* Caboclo, era uma pessoa muito boa, não só para mim, mas para todos da roça. Ia no sábado para minha roça, com a panela de feijão pronto, ficava o domingo e descia na segunda-feira de manhã. Era clara, gorda e tinha aquelas papadas. *Ogan* Caboclo adorava essa companheira e, quando ela faleceu, ele chorou igual a criança. Ele saiu e, quando voltou, ela estava espichada. Ela me ajudou muito. Quando recolhi esta *Òsun*, ela, que também era de *Òsun*, trouxe a mala de roupa da *Òsun* dela e disse que eu poderia usar o que quisesse. Se chamava Edith Moreira e era sobrinha carnal de minha mãe-de-santo. Era filha carnal de Lúcia Moreira de *Azansú*, *Vodunsì* do Ventura e filha de *Gaiaku* Maria *Ogorensì*. Eu chorei muito e resolvi ir à casa do velho, no fundo da roça. Estava muito abalada com o falecimento de *Dofonitinha* Edith e resolvi me encostar em um pé de caju vermelho, onde estava assentado o *Èsù* de minha Mãe *Oya*. Aí vi um embrulho que me chamou a atenção. Quando cheguei perto, vejo um alguidar colado a uma jaqueira com uma galinha cabocla muito bonita. Era dessas galinhas de quintal, barbudas, com penas até na orelha. Havia também uma caixa de vela, que antigamente era enrolada em um papel azul tipo macarrão, que chamavam de vela de *Ebó*. Acompanhando tudo isso, havia uma garrafa de vinho, uma de cachaça e três palitos de fósforos. Ainda vi os pingos de sangue no chão e calculei que o trabalho fora feito ali mesmo. A jaqueira estava vermelha de sangue. Resumindo o caso, que já está comprido, quando fizeram o trabalho aqui na roça, foi na hora em que *Gamo* de *Òsun* começou a passar mal. Mal *Dofonitinha* Edith morreu, eles assentaram o *Egún* dela aqui na roça, para ela perturbar a *Vodunsì* de

Òsun que estava recolhida. Ela morreu oito horas da manhã e oito horas da noite já estava no piolho, cabeça, da menina de *Òsun* recolhida. Se você olhasse para a menina, estava vendo a criatura. Não é muita perversidade, meu filho? Quando vi aquele trabalho, chamei *Dofona* Celina e mandei pegar uma lata com *Àgbo*, um fósforo e um saco de linhagem. Quando ela chegou e viu, perguntou espantada: “O que foi isso, *Gaiaku*? A senhora vai jogar na água?” Sem saber o que fazer, respondi: “Eu não sei, minha filha, desça!” Fiquei olhando aquilo e me deu aquela coragem, peguei uns galhos de jaqueira e fui varrendo, varrendo, varrendo... e toquei fogo. Peguei tudo e coloquei no saco de linhagem. Pedi a Walmir, que vendia acaçá para a gente, levar o saco de linhagem e arriar na Mata do Pirajá. Disse a ele que, quando voltasse, não entrasse por aqui e sim pelo outro lado. Eu não fui no enterro e nem podia, pois estava com as *Vodunsì* recolhidas. Fui cuidar de outras coisas, quando vieram me chamar: “*Gaiaku*, *Gaiaku*... Walmir já veio e está se embolando aqui no chão de dor!” Mandei tomar um banho de *amasì* e ele melhorou. Dias depois, a jaqueira ficou preta igual a carvão, e falei para não comerem jaca daquele pé. Graças a Deus o barco saiu e tudo correu bem. Meses depois, *Ogan* Guilherme encontrou uma boneca cheia de alfinete, dendê, fita vermelha, fita preta e fita lilás. Jogou tudo na maré. De outra vez, como a roça era muito grande, eu levava quase dois meses para ir no fundo da roça; encontrei 21 “rolinhos”, aqueles rolinhos antigos de linha vermelha, e 21 charutos. Na roça, cansava de aparecer carreira de pó. Uma vez, o menino saiu para vender acaçá e uma mulher metida a mãe-de-santo, vizinha, comprou o primeiro acaçá na mão dele. Do jeito que ele foi com o tabuleiro, voltou. Não vendeu mais nenhum acaçá. Ele ficou muito transtornado e queria jogar os acaçás na maré. Minha Mãe *Oya* veio e falou que não era para jogar na maré. Mandou que ele colocasse os acaçás no mato e fez um trabalho. No dia seguinte, vendeu todo o tabuleiro e continuou assim.

Esta roça na Variante do Cabrito me deu muitas alegrias, mas também muitas tristezas. Me decepcionei com muitas pessoas naquela roça, então resolvi vender e voltar para Cachoeira. Estava cansada de tantas zorras, de tantas perseguições, e havia decidido não mais tocar candomblé. Estava me dando muito e recebendo muito pouco das pessoas. Vendi a roça para uma mãe-de-santo baiana chamada Lurdes *Ominibú*, de *Òsun*, que pertencia ao *jeje-savalu*. Dava pena abandonar aquela roça, mas não havia outro jeito. No dia da mudan-

ça, o Azansú de minha filha *Fomutinha* “virou” e falou: “A senhora está certa. Eu estou menino ainda e não posso dizer muita coisa, mas a senhora está certa.”

A Roça em Cachoeira

No dia 25 de outubro de 1961, o caminhão chegou em Cachoeira na porta da casa de meus pais. Era uma casa grande, aqueles sobrados antigos, e minha mãe me deu um quarto para ficar e ali coloquei minhas coisas. Em dezembro, a patroa *Oya* “respondeu”. Mandou chamar papai e falou: “Eu quero a minha roça, não a mandei vender roça nenhuma. Eu ainda não cumpri minha missão e nem ela a dela. Eu quero a minha casa!” Papai, atordoado, falou: “Mas, minha senhora, não vamos mais encontrar roça para a nossa nação. Não se acha mais roça grande, que tenha mato, água... não se acha mais. Não vendeu a outra?...” Minha Mãe *Oya* respondeu: “O senhor não sai todo dia para prosar? Pois sim, o senhor vai encontrar.” Papai era um político forte e, quando acabava de jantar, colocava aquele charutão no queixo e saía. Quando foi um dia, estava com uns amigos prosando em um botequim, que ficava na Baixa do Iguape, onde hoje conserta caminhão, em frente à Casa Paulo Dias Adorno, em Cachoeira, quando chegou um camarada e disse: “Seu Miguel, o senhor que é fiscal da prefeitura, me arrume uma pessoa para comprar o meu sítio.” Papai falou que queria o sítio. O camarada disse que estava falando sério, que não estava brincando. Papai fechou acordo com o amigo. No dia seguinte, de manhã, mamãe me acordou dizendo que papai já havia encontrado uma roça. Eu, meio sonolenta, perguntei: “Já encontrou uma roça?” E mamãe falou que sim e que era para eu me aprontar que iria sair com papai agora pela manhã. Naquele tempo, filha não “engrossava” com os pais, era uma obediência como na infância. Fomos até a roça que ficava próxima ao Bairro do Caquende, no Alto da Levada, aqui mesmo em Cachoeira. Eu olhei o sítio, assim meio escabriada, e pensei: “Meu Deus, roça de candomblé de novo!” Papai percebeu que eu estava meio amuada e perguntou: “O que foi? Não quero dor de cabeça, foi sua Mãe *Oya* quem quis.” Os donos eram um casal que vendia na feira e a mulher disse que sofria do coração, tanto ela quanto o marido não estavam mais agüentando. No dia 15 de março de 1962, lua cheia, maré cheia, aquele terreno já

era meu. O terreno pertencia à União Fabril da Bahia e era lá que deveria ser feita a compra. Fomos o meu irmão Aurino, papai, mamãe e eu para Salvador fechar a compra. Quando chegamos lá, o homem falou que não poderia fazer a venda, porque era quinta-feira de Carnaval. Ficamos meio decepcionados com a viagem perdida e, quando estávamos saindo, o homem falou: “Venha cá, sr. Miguel, eu vou fazer a venda para o senhor hoje, com data de segunda-feira.” Veja só o que o *Vodun* faz! Pagamos por esta roça o valor equivalente a 136 reais. Papai consertou a casa da roça, deixando-a em bom estado. No fogão havia chaminé e hoje não tem mais. Havia uma chapaem que se assava qualquer coisa rapidamente, você metia a lenha assim e cozinhava três ou quatro panelas. Passado o tempo, mamãe reclamou que a fumaça estava incomodando. Me arrependo tanto de ter arrancado aquele fogão! Quando papai aprontou a casa, falou: “Já fiz tudo do meu lado e agora você vai fazer do seu.” Eu respondi: “A bênção, papai!” Antigamente, a roça ficava amarela de manga. As formigas comiam a casca e deixavam a manga. Eram tantas mangas que colhia em um balaio e jogava fora. Havia três pés de limão, dois do verdadeiro e um do rosa; pé de coco, de lima, de jaci... No dia 4 de junho de 1962, foi quando me mudei para a roça. Nesse dia era aniversário do meu irmão Aurino. Em um dos quartos da casa, fiz o *Peji*, e o candomblé era nesta sala onde você se encontra. As filhas-de-santo vieram para ajudar na mudança, carregando os assentamentos na cabeça. Trouxemos tudo que estava na casa de minha mãe para cá.

No dia 25 de abril de 1970, fui pela primeira vez ao Rio de Janeiro. Saí de Salvador às quatro horas da tarde. No Rio, fiquei na casa de uma amiga, futura *Equêde*, chamada Jersonita, na rua Araújo Leitão, 465 – casa 13, no Engenho Novo. Em 1971, voltei a Cachoeira para confirmar Jersonita, que era de *Ôsun* com *Oya*, esposa do futuro *Pejigan* de minha roça.

Em 16 de janeiro de 1971, na confirmação de *Equêde* Jersonita, só havia a casa de morada na roça, e, no *Zândró*, as mulheres sentaram no passeio. Os *Ogan* fizeram uma barraca e enfeitaram com bandeirinhas, e foi ali o candomblé. Minha Mãe *Oya* estava muito entusiasmada, pois viera muita gente. De repente, vem uma mulher se arrastando feito cobra, do portão até a barraca. Minha Mãe *Oya* falou: “Já chega!” *Ogan* Caboclo se meteu e falou: “Não, minha velha, deixa ela entrar para conhecer a casa.” Essa mulher era a tia de

Equêde Margareth, que nessa época nem era nascida. Quando terminou o candomblé, minha Mãe *Oya* chamou meu irmão Geninho e falou: “Diga à minha filha que eu não sou barraqueira. Ela não quer salão, só quer missa, mas eu quero a minha roça completa.” Lá se vai construir de novo: *Peji*, *Sagbaji*, *Hündeme*... E novamente recomeçaram as perseguições, as zorras. Aí veio a conversa de que eu só bateria candomblé em Cachoeira depois que a galinha criasse dente. Então, a galinha criou dente, porque eu bati e bato candomblé até hoje.

Ogan Candola, Antônio Moraes Ribeiro, já falecido, *Ogan* muito respeitado de um famoso candomblé *nàgô*, aqui em Cachoeira, estava passando para ir ao posto médico, era bem cedinho, e viu na porta de minha casa de morada, no bairro do Caquende, uma trouxa branca enorme. Ele passou e pensou que alguém que ia lavar roupa tinha esquecido ali; pensou que aquela trouxa fosse de roupa para lavar, porque era costume lavar roupa em um rio que passa próximo. Deu um negócio nele e voltou para averiguar. Cutucou a trouxa com a bengala e viu que não se tratava de roupa suja. A trouxa era um *Ebó* que despacharam ali em minha porta. Ele me chamou, eu acordei e vi a trouxa. Ele falou: “Deixe aí, Iaiá, estou indo para o médico e quando voltar resolvo isso.” Ele ia ao médico tirar sangue e sabe como é hospital público. O meu vizinho veio perguntar se podia tirar a trouxa da minha porta. Foram dois homens para carregar e jogar na lixeira. O serviço de limpeza não quis levar a trouxa porque estava muito pesada e foram os porcos que acabaram com ela. Era aquela trouxa com tudo dentro, amarrada em um lençol Santista. Eu peguei um balde com água e lavei tudo com a vassoura. Tempos depois, minha Mãe *Oya* disse que eu poderia, se quisesse, despejar tudo que estava na trouxa em cima de mim; que eu não deveria ter medo de *Egún*, porque ela era a mãe deles; que ela carregava 21 *Èsù* e 21 *Egún*; que a trouxa fora um presente para ela. Depois ficamos sabendo que aquele *Ebó* foi tirado em um *Babalòrisà* do Rio de Janeiro e quem tirou, que eu sei muito bem quem foi, despachou aqui em minha porta para me irritar. O rapaz que ele pagou para colocar, de carro, o *Ebó*, em minha porta, nunca mais se aprumou na vida. Esse rapaz é camarada do *Ogan* Roberto, aqui da roça, e disse que se arrepende muito de ter feito tal serviço; que sente vontade de me pedir perdão, mas não tem coragem de me encarar. Certa vez, parou um carro em minha porta, e saíram duas mulheres para eu consultar. O motorista foi embora e, no dia seguinte, voltou para saber como havia sido a consulta. Estra-

no dia seguinte, voltou para saber como havia sido a consulta. Estranhei aquela atitude dele e, quando ele estava saindo, escutei uma voz atrás de mim, dizendo: “Foi esse quem colocou a trouxa aqui.” Dito e feito.

Em meados de 1971, voltei para o Rio de Janeiro e, desta vez, *Equêde* Jersonita e meu *Pejigan* José alugaram uma casa na rua Souto Carvalho, 50 – Engenho Novo. Passei a morar no Rio de Janeiro e cuidava de algumas *Abiyan*. Depois foram chegando mais filhas-de-santo e fui obrigada a mudar para uma casa maior, na rua Quiririm – Vila Valqueire. Neste mesmo ano, 1971, iniciei uma senhora amazonense chamada Maria da Conceição Fernandes. Era de *Azansú* e foi iniciada na rua Conselheiro Jobim, 113 – casa 1 – Engenho Novo. Já a obrigação de sete anos foi realizada em Xerém, na avenida Nossa Senhora das Graças, 12.²⁵ Sentia muita falta de minha roça e resolvi voltar para Cachoeira, onde estou até hoje. Depois que voltei, confirmei vários *Ogan* e *Equêde*.

Em 1979, recolhi meu terceiro barco, o primeiro em Cachoeira, formado por três *Vodunsi*:

- *Dofona* de *Bèsén* (Dilsa Dalva Machado).
- *Dofonitinha* de *Sogbo* (Maria Niceta de Jesus) – falecida.
- *Fomo* de *Azansú* (Jacira Bahia Santos).

Dofona Dalva é irmã do *Abajigàn* de minha roça e foi *Abiyan* durante 22 anos. *Dofonitinha* *Sogbosi* foi *Abiyan* durante 25 anos e me acompanhou desde o tempo da roça do Cabrito. Ela fez santo com 60 anos e morreu com 75 anos, em 1995. A *Fomo* Jacira é do Rio de Janeiro e era irmã de *Equêde* Jersonita, já falecida. Este barco ficou seis meses dentro do *Hündeme* e seis meses do lado de fora, na roça. Geralmente, o barco fica 1 ano, 2 meses e 8 dias na roça. Quem tirou o nome das *Vodunsi*, no dia 27 de janeiro de 1980, foi *Dofona* *Aleú* de *Azansú*, filha-de-santo de sinhá Abali.

No dia 15 de agosto de 1982, foi o nome do quarto barco que recolhi. Novamente um barco com três *Vodunsi*:

- *Dofono* de *Odé* (Temístocles Silva).
- *Dofonitinha* de *Àzirì* (Tânia).
- *Fomo* de *Òsun*.

iniciados por mim, se tornaram meus filhos, como: *Dofono* Gilberto de *Azansú* (falecido), este pai de *Equêde* Cleuza; *Dofono* Jaime de *Olisa*, do Rio de Janeiro; *Dofono* Marcos de *Bésén*, do Rio de Janeiro; Fernando de *Yemonjá*, de Recife; Nadilton de *Òsun*, de Recife; Carlinhos de *Òsun*, de Recife; William de *Yemonjá*, americano; Antenor de *Azansú*, de São Félix; Serginho de *Olisa*, de São Paulo; Benício de *Ògún*, de Cachoeira; Joãozinho de *Òsun*; Oto de *Gbadé* (falecido), do Rio de Janeiro e outros... Tem, também, *Dofono* Carlos de *Òsun*, que iniciei fora da roça, no dia 9 de dezembro de 1984, em uma casa que ficava no fim da linha do Caranguejo, em Itinga. As *Vodunsi* mulheres que não foram iniciadas por mim, mas, através de obrigações, se tornaram minhas filhas, são: Anacleta de *Azansú*; Ivone de *Òsun*; Maria Alves de *Ògún* (falecida); Nilza de *Òsun* (falecida); Ana Lúcia de *Oya* (esta iniciada por mim) e sua irmã carnal Preta de *Oya*, ambas filhas do finado *Babalòrisà* Leandro de *Ògún*, do Rio de Janeiro; Angela de *Azirí*; Elza de *Òsun*, Celi de *Òsun*, do Rio de Janeiro; Violeta de *Oya*, francesa e iniciada na Bahia; Fernanda de *Age*, de São Paulo; Maria Helena de *Olisa*, de Recife; *Deuzimar* de *Olisa*, do Rio de Janeiro; entre outras... Confirmei alguns *Ogans* e *Equêdes* fora da roça, na casa de outros *Hùngbónò*. Os *Ogans* que confirmei em minha roça foram: Guilherme, Manuel Borges, Machado, José, Joel, Vavá, Aurino, Luiz, Domingos, Nelson, Manuel Bonfim, João, Marcelino, Roberto, Nenen, Chico, Sandro, Marcio, Alex, Gilmar e Wanderley. No total, foram vinte *Ogans* confirmados em minha roça. As *Equêdes* foram: Dadá, Joana, Jersonita, Joanita, Marina, Cleuza, Margareth e Preta.

No dia 23 de janeiro de 1998, tirei outro barco com três *Vodunsi*:

- *Dofona* de *Avimadje* (Regina Maria da Rocha).
- *Dofonitinha* de *Azansú* (Nívea Santos).
- *Fomo* de *Òsun* (Maria da Conceição Freire Crespo).

Dofona Regina e *Fomo* de *Òsun* (Concinha) são minhas sobrinhas. A *Dofonitinha* Nívea é de Salvador.

Em 2001 apareceu em minha roça uma *Vondunsi* já iniciada em outra casa de *jeje*. Chama-se Jorgina Conceição Souza de Carvalho, na época estava com 28 anos de idade, era de Salvador, negra, e estava afastada de sua antiga roça devido ao falecimento de sua mãe-de-santo. Seu nome é Jorgina porque nasceu no dia 23 de abril, dia de São Jorge. Eu aceitei e a recolhi para lhe dar uma pequena obriga-

ção. Chegou na hora, *Loko*, o *Vodun* dela, quis uma obrigação grande, uma obrigação completa. Então, ela passou por todos os atos da nação, se tornando minha filha-de-santo. Ela recolheu em fevereiro e saiu no dia 5 de maio de 2001.

Iniciei muitas filhas em outras roças. Quando morava na Liberdade, fui convidada por uma mãe-de-santo do angola, chamada dona Marieta de *Oya Béyi*, nascida em Ilhéus, para raspar sua filha de criação, que na época estava com sete anos de idade, chamada Zulmira. O candomblé chamava-se terreiro *Tumbenci* e ficava na rua Guiriguiri, na Quinta das Beatás – Salvador. Era um barco grande, formado por nove noviças, e a menina que raspei era de *Nâná*. Depois que dona Marieta morreu, quem herdou a roça foi esta menina, hoje uma antiga mãe-de-santo, com filhas e netas-de-santo. Zulmira de *Nâná* me acompanha até hoje e é minha filha mais velha. O terreiro, agora, fica em Lauro de Freitas.

Em 1953 foi o *Babalòrisà* Rufino que me convidou para ser *Deré* de um barco de *Ìyáwó* na roça dele, que ficava no Beiru – Salvador. Foi um barco formado por cinco *Ìyáwó*: Nicinha, de *Omolú*; Nicinha, de *Ògún*; senhora, de *Òsòdsi*; Helenita, de *Iansã*, e Alexandre, de *Òsumàrè*. Anos depois, ele foi em minha roça no Cabrito, me convidar novamente. Dessa vez, foi com um crucifixo me pedindo pelo amor de Deus, que eu não podia recusar seu pedido. Era muito brincalhão e até hoje tenho esse crucifixo, que fica na parede do meu quarto. Aceitei, e fui com *Deré* Delza criar a menina de *Òsun*. A *Òsun* de Rufino chamava-se *Òrómi Kílèjí Orodandua Samba*, e tinha esse nome porque, a princípio, a casa era angola e depois passou a ser *kétu*. Lembro que uma vez, na roça de Rufino, ele estava atendendo a um cliente e eu estava na sala anterior à dele. Quando o cliente chegou, por sinal do Rio de Janeiro, ficou encantado com os meus dentes. Após a consulta, Rufino e o cliente vieram até a sala onde eu me encontrava. Rufino, rindo, falou: “*Gaiaku*, o moço me perguntou quem fez a sua chapa, dentadura, que está muito bem-feita.” Eu abri a boca e mostrei ao moço que não era chapa, eram os meus dentes. Nessa mesma noite, sonhei com meus dentes caindo e eu aparando com as mãos. Depois sacudia como se estivesse jogando búzios com eles. De manhã eu acordei com a boca toda inchada, com alguns dentes moles. Foi a partir desse dia que meus dentes começaram a cair. Veja como o olho-grande existe, meu filho!

Em 1964, raspei uma menina chamada Maria José dos Santos, na roça de dona Emília de *Azansú*, na Capelinha de São Caetano – Salvador. Esta senhora me pediu que iniciasse sua neta, que é de *Gbadé*. Quando esse candomblé acabou, *Gbadesi* passou a frequentar minha roça e até hoje é assim. Hoje é uma *Vodunsi* antiga, com 42 anos-de-santo. Dei obrigação, também, na tia de *Gbadesi*, chamada Anacleta de *Azansú*, que morava na avenida Andrade, por trás da Igreja da Piedade. Lembro do dia em que Anacleta faleceu. Ainda estava de sentimento, de luto, pela morte de minha irmã Satu e de minha mãe carnal. Minha sobrinha me chamou para visitar Anacleta de *Azansú*, que estava muito mal. Quando cheguei lá, estava sentada com os pés sobre um tapete e com um braço caído, que não movimentava mais. Eu a achei diferente, magra, porque antes ela era uma mulher bem forte. Perguntei o que era aquilo e ela respondeu que não sabia. Nesse momento, *Azansú* pega ela e diz: “Não foi com essa mão que ela me colocou no chão? Então ela também vai ficar no chão. Ela ainda está viva, agradeça a senhora.” Isso ocorreu na Capelinha de São Caetano. Dias depois, ela faleceu. O caso foi que ela fez um pedido a *Azansú* e ele não atendeu. Ela, com raiva, tirou o assentamento dele do *Peji* e colocou no chão. Ele ficou aborrecido e ela caiu doente.

Em 1953, fui *Deré* de um barco na casa de dona Emília de *Sàngó Airá Osì*, no Bairro do Garcia – Salvador. Esta senhora parecia muito com minha *Gaiaku* Romaninha. O barco foi de seis *Ìyáwó*: Maria das Dores de *Òsòòsì*; América de *Omólú*; Epifânia de *Òsun*; Judite de *Iansã*; Elza de *Iansã* e Tete de *Omólú*.

Entre 1990 e 1992, fiquei uma temporada no Rio de Janeiro, na casa do finado *Hùngbónò* Leandro de *Ògún*, este filho de *Formutinho* de *Òsun*. Ali realizei uma série de obrigações: confirmei *Ogan*; obrigação em *Equêde*; obrigação de sete anos (Preta) e iniciação de *Ìyáwó* (Lucinha).

Notas

- ¹ Guarda-costa, cabo eleitoral.
- ² A Igreja do Amparo, em Cachoeira, foi demolida em 1946.
- ³ Atual rua Antônio Carlos Trindade Melo.
- ⁴ Variação da expressão corrente em *yorùbá* “*bójúrí enu a dáké*” que significa: “não é tudo o que os olhos vêem que a boca deve falar.”
- ⁵ Padroeira dos Senhores de Engenho, teve início em Cachoeira no século XVIII, é a festa mais popular e tradicional da cidade, realizada no Largo D’Ajuda. Além da

parte religiosa, realiza-se uma série de manifestações curiosas, destacando-se as críticas políticas e sociais do povo.

- ⁶ Realizada na Igreja da Matriz, no mês de outubro.
- ⁷ Realizada no Largo do Monte, no dia 8 de dezembro.
- ⁸ Realizada na antiga praça da Regeneração (atual praça Dr. Aristides Milton), no dia 4 de dezembro.
- ⁹ A Orquestra Filarmônica Lira Ceciliana foi fundada em 13 de maio de 1870 pelo maestro Manoel Tranquilino Bastos, falecido em 1935. Foi um compositor e regente autodidata, cujas obras são conhecidas em todo o mundo e executadas pelas principais orquestras da Europa. Chamada de “Filarmônica das Elites”, a Lira Ceciliana mantém a tradição das apresentações públicas em datas e eventos especiais da Cidade de Cachoeira, sendo a responsável pela animação da festa de Santa Cecília. Já a Orquestra Filarmônica Minerva Cachoeirana foi fundada em 10 de fevereiro de 1878 pelo maestro Eduardo Mendes Franco; desde então disputa com a Filarmônica Lira Ceciliana os aplausos do público durante as apresentações, não só em Cachoeira, mas também em outras cidades, sendo a responsável pela animação musical da Festa de Nossa Senhora D’Ajuda (conforme panfleto “Noite de Cachoeira”. Ver nota 28 do capítulo I).
- ¹⁰ A Esmola Cantada da Ladeira da Cadeia foi fundada por Manoel da Paixão (Dodô) para ajudar na festa da Santa Cruz (padroeiro do bairro). A Esmola Cantada é formada por um grupo de violeiros e cantadores que saem às ruas, de casa em casa, cantando ladainhas, recolhendo donativos para realizar a festa de um santo. Uma das mais antigas tradições religiosas, popular, hoje quase em extinção (conforme panfleto “Noite de Cachoeira”. Ver nota 28 do capítulo I).
- ¹¹ Em 1817, foi implantada a navegação a vapor, facilitando a locomoção entre Cachoeira e Salvador. A viagem durava cerca de seis horas. Hoje, a distância entre Cachoeira e Salvador, por rodovia, é de 110 quilômetros, percurso realizado em torno de duas horas.
- ¹² Antiga praça da Regeneração, onde havia o Mercado Municipal.
- ¹³ Antiga rua do Recreio, atual rua Dr. Inocêncio Boa Ventura, mais conhecida como rua da Arara, pois, na esquina desta rua, há um bar onde o dono, chamado Jorge, criou por 17 anos uma arara.
- ¹⁴ Local a dois quilômetros de distância do centro de Cachoeira.
- ¹⁵ Rua do Peru, Bairro Fazenda Grande do Retiro. Dizem que trabalhava com um caboclo chamado China.
- ¹⁶ A partir do século XIX, os alemães passaram a ter uma grande participação econômica e social em Cachoeira, com a instalação de várias fábricas de charuto que utilizavam, principalmente, a mão-de-obra feminina.
- ¹⁷ Ponte ferroviária construída em 1881, ligando o Cais da Manga (Cachoeira) a São Félix, sobre o rio Paraguauçu. Mede 365 metros de comprimento por 9 metros de largura, com estrutura em ferro importado da Inglaterra.
- ¹⁸ Ferreti: “Tambor de entrudo é um ritual festivo com cânticos próprios realizados no domingo de carnaval, em que os *Voduns* brincam e molham as pessoas jogando talco, perfume e água” (conforme Ferretti, S.F. *Querebentã de Zomadonu ...* Glossário).

- ¹⁹ O terreiro Encimimó, na Terra Vermelha, comandado pela *Iyalórisà* Judith Ferreira do Sacramento, falecida em 1940, teve como substituta Francisca Paula de Lima (Chica de Nã), que faleceu na década de 1970 com 117 anos de idade e 102 de iniciação. Depois o comando passou para o sr. Antônio Gomes (*Ogan* Candola), confirmado por Mãe Judith.
- ²⁰ *Dofona* Roxinha de *Òsun* faleceu em 1999, no Rio de Janeiro, onde residia.
- ²¹ Manuel Bernardino da Paixão (*Ampumandezu*) nasceu em 1881, em Salvador. Foi iniciado em 1919, com 38 anos, na nação de *kongo* pelo *Muxikongo* (designação dos naturais de *Kongo*) Manuel *Nkosi*. Após a morte de seu pai-de-santo, transferiu-se para a casa de Maria Genoveva do Bonfim (*Mametu Tuhenda Nzambi*), mais conhecida como Maria Neném, pertencente à nação de angola e filha-de-santo de Roberto Barros Reis, este escravo angolano. Bernardino (de *Lemba*) fundou o candomblé Bate-Folha, situado na Mata Escura, em Salvador, Bahia. (Conforme *Jornal Paine! Cultural*. "Origem do Bate-folha da Bahia. Tata Kitula Nzambi." Fevereiro/1996, p. 12.)
- ²² No Cabrito, os escravos dos engenhos do Recôncavo se reuniam com os negros de Salvador para planejar revoltas, levantes.
- ²³ Nos candomblés *jeje-mahi* de Cachoeira, há o costume de chamar o *Erê* de maluco. *Erê* é a contração da palavra *Asiwere*, que, em *Yorùbá*, significa "louco", alusão ao estranho comportamento do filho-de-santo quando se encontra neste estado.
- ²⁴ Após o término das obrigações, depois do dia do nome, é costume a nova *Vodunsi* ir a uma missa na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador.
- ²⁵ Conceição de *Azansú* faleceu em 1997, no Rio de Janeiro, onde residia.

CAPÍTULO III

Jeje-Mahi

Hùnkpámè Ayionò Hùntóloji

Este terreiro de candomblé *jeje-mahi*, comandado por *Gaiaku* Luiza, desde a sua fundação, está situado em um local chamado Alto da Levada, 22 – próximo ao bairro do Caquende, na periferia da cidade de Cachoeira, Bahia. É um correio de sítios; na maioria deles funcionam terreiros de candomblé de diferentes nações, sendo o *Hùnkpámè Hùntóloji* o único da nação *jeje-mahi*. O terreiro localiza-se em uma parte elevada e, para chegar à rua, que eles chamam de Alto da Levada, é necessário subir uma escadaria, com casas dos dois lados, com cerca de 70 degraus. A princípio, essa escadaria era de barro, passando depois a ser de cimento. Os moradores locais afirmam que isto só foi possível graças a um pedido feito por *Gaiaku* Luiza ao prefeito de Cachoeira. Subindo a escadaria, é preciso caminhar cerca de cem metros, margeando um pequeno córrego chamado Levada, para chegar à entrada da roça. Para entrar nesse sítio sagrado, é necessário cruzar uma pequena ponte, com cerca de dois metros, já refeita muitas vezes, sobre o córrego Levada. Antigamente, a água da Levada era forte, abundante e limpa. Com o passar do tempo, com o progresso e o crescimento populacional, várias casas foram utilizando o córrego para despejo de esgoto, e muitos sítios represa-

ram a água para dentro de suas terras, para uso particular. Com isso, a água do córrego foi se tornando fraca e suja. Mesmo assim, é utilizada por um grande número de lavadeiras locais, que costumam passar as manhãs lavando suas trouxas de roupa. Cruzando o portão da roça, que é toda rodeada por uma simples cerca de arame farpado, já enferrujado pelo tempo, avistamos o assentamento de *Ògún Soròkê*. Ele é o guardião do Palácio dos *Vodun*, o sentinela que toma conta da porta da roça. Os filhos da casa têm por costume, quando chegam à roça de candomblé, antes de cruzar o portão de entrada, apanhar um pequeno galho de erva, batê-lo sobre o corpo e jogá-lo sobre o assentamento de *Soròkê*. Quando praticam tal ato, se apresentam a *Soròkê* pedindo licença para entrar. A melhor folha para isso chama-se erva de *Ògún*, muito comum na região, mas quando não a encontram, utilizam outra erva macho qualquer. Próximo ao assentamento de *Soròkê*, há uma escada de cimento, com cerca de 15 degraus grandes. Subindo essa escada, encontramos o *Agbasá* (barracão). Antes, a escada era de barro e, como em época de chuva escorregava muito, *Gaiaku Luiza* mandou cobrir com cimentado grosso. Mandou, também, colocar um corrimão de madeira, para as *Vodunsi* da casa, a maioria já bem idosa, terem onde apoiar. Lembro até hoje da expressão de indignação de *Fomutinha* de *Azansú* (falecida), irmã carnal de *Gaiaku Luiza*, iniciada em 1964, no Ventura, por *Gaiaku Pararasì*, quando soube que sua irmã havia mandado cimentar a escada e posto um corrimão. Disse ela: “Minha irmã está ficando muito boazinha, onde já se viu roça de *jeje* com escada de cimento e corrimão! No *jeje* a escada é de barro mesmo. Se escorregar, levanta e tenta subir de novo até conseguir. O corrimão do *jeje* é o mato, onde nos agarramos para tentar subir!” Por aí podemos deduzir como era o pensamento das mulheres iniciadas, naquele tempo, na Roça de Ventura. Elas não aceitavam o progresso, a mudança do mundo, em hipótese alguma. Praticavam o que aprenderam na “escola de candomblé” que tiveram.

O *Agbasá* é grande e de terra batida, como é na Roça de Ventura, em Cachoeira, e como foi no terreiro do *Bogun*, em Salvador, provavelmente antes de 1927. No *Agbasá* de terra batida, as *Vodunsi* dançam descalças para que haja um contato maior com a terra e, conseqüentemente, com o *Vodun*. Neste, há seis janelas de madeira que o deixam bem arejado, mesmo nas noites quentes do verão de janeiro. O telhado é de telha de barro, como na maioria das casas

de Cachoeira. No teto, há bandeirinhas brancas enfeitando o ambiente. Do *Agbasá* pode-se ir para o *Sagbaji*, e do *Sagbaji*, para o *Peji*. Do *Sagbaji* podemos ir, também, para outros cômodos sagrados. O visitante, normalmente, só tem acesso ao *Agbasá*, sendo os outros compartimentos reservados só aos filhos-de-santo da casa. Da roça podemos apreciar uma linda vista do rio Paraguaçu, que separa a cidade de Cachoeira da cidade de São Félix. Nesse rio, quase em frente à roça, há uma pedra, que a população chama de Pedra da Baleia, onde está erguido um farol. Nessa pedra “sagrada”, o povo-de-santo de Cachoeira e áreas vizinhas costuma depositar presentes, obrigações, para as divindades das águas, como *Yemonjá*, *Osun*, *Naná*, *Áziri Tobosì*... Temos, também, uma vista parcial da pequena cidade de São Félix. Apegado ao *Agbasá*, há a casa de morada, onde há uma placa acima da porta, com os dizeres “Abrigo Santa Bárbara”, doada por um amigo. É uma casa grande, com pisos de lajotas de barro e telhas de barro. É composta pelos seguintes cômodos: uma sala-de-estar; corredor, que atravessa a casa toda; uma suíte (quarto da mãe-de-santo); quatro quartos, sendo um das *Abiyan*, um de *Equêde* *Dadá* (*Equêde* mais velha da roça), e os outros dois para as visitas; uma cozinha e uma copa. Os dois banheiros são do lado de fora da casa, o que é comum no tipo de construção local. Pegada à entrada da frente da casa, há o quarto dos *Vodunsi* homens. Mais acima, próximo ao *Àtinsá* de *Ògún*, há um quarto grande que pertence aos *Ogans*. A cozinha do santo fica fora da casa, próxima à porta dos fundos. Próximo ao *Àtinsá* de *Azansú*, uma jaqueira tão grossa que para envolvê-la são necessários quatro homens de braços abertos, há a casa de *Azansú*. É uma casa de estuque, com telhado de palha, onde se encontra o principal *Vodun* da roça, o dono da roça, *Ayionò Hùntóloji*.

Na roça, há muitas árvores frutíferas, fora os *Àtinsá*, que são em número de 15, aproximadamente. De uns anos para cá, a água passou a ser encanada, pois antes a água utilizada para qualquer finalidade era a do córrego Levada, que passa em frente à roça. A roça é tão grande que há lugares em que nunca pisei. Nunca fui no fundo, pois o mato é fechado, dificultando o acesso. Embora a casa seja grande, se torna pequena em janeiro, época de festa, para abrigar um número grande de *Ogans*, *Equêdes*, filhos-de-santo e amigos. Durante todo o ano, *Gaiaku Luiza* recebia visita de estudiosos, pesquisadores, antropólogos, escritores... brasileiros e estrangeiros. Alguns, devido às constantes visitas, se tornam íntimos da casa, como é

o caso de Nicolau, pesquisador espanhol. Esses estudiosos se encantavam com a memória e sabedoria de *Gaiaku* Luiza, e costumavam dizer que a roça se parecia muito com a África. Quando passeavam pela roça, diziam que estavam passeando pela África. Admiravam a originalidade, a simplicidade desse terreiro. No *Hùnkpámè Ayionò Hùntóloji* não há luxo, é uma roça simples como eram os candomblés de antigamente. Não que seus membros não tenham condições de melhorar, fazer reformas. Não as fazem porque não querem, não aceitam melhorias. Eles têm orgulho de sua roça ser do jeito que é, e afirmam que foi a simplicidade um dos fatores que os atraíram para lá.

Gaiaku, Doné e Mejitó

Gaiaku Luiza foi uma das poucas *Vodunsi*, na Bahia, que ousaram abrir uma roça de candomblé *jeje-mahi*. Isso ocorreu em 1952, num período em que não era comum tal prática dentro do culto *jeje*. Na época, supõe-se que existiam somente dois terreiros *jeje-mahi* na Bahia, que eram o *Zòdogodò Bogun Malè Hùndo*, em Salvador, e a Roça de Ventura, em Cachoeira. Naquele tempo, o terreiro funcionava como uma casa única, como uma “casa-mãe”, que acolhia avós, mães, filhas e netas-de-santo. No *jeje-mahi* não há a cerimônia de entrega de *Deká*, prática comum aos terreiros *nàgô*, que autoriza a *Ègbónmi* a abrir sua própria roça de candomblé. Com a autorização e participação de sua mãe-de-santo *Kpòsúsì* Romaninha, dona Luiza abriu um terreiro *jeje-mahi* tornando-se, então, uma *Gaiaku*.

Há uma grande confusão, mistério, em torno do título de *Gaiaku*. O que é *Gaiaku*? Quem pode ser considerada uma *Gaiaku*? Qual seu correspondente masculino?... A confusão se dá porque cada um dos três terreiros *jeje-mahi* existentes na Bahia tem uma definição para tal título, diferente dos outros dois. Sem contar que esta definição sofreu modificações conforme opinião, entendimento, postura... de seus dirigentes, ou seja, o que era entendido por *Gaiaku* no reinado, governo, de uma determinada mãe-de-santo, já não era aceito quando outra assumia seu lugar. Creio que o título *Gaiaku* seja próprio do *jeje-mahi*, pois não é encontrado na Casa das Minas, em São Luís do Maranhão, onde praticam o *jeje* conhecido como *jeje-mina*. Na Casa das Minas, a mãe-de-santo dirigente é denominada *Nochê*, sendo *Tochê* o seu correspondente masculino. Segundo Nunes Pereira,

“A denominação de *Nochê* é oriunda da língua *jeje*. *No*, na referida língua, quer dizer ‘Mãe’; *Chê* ou *Cê* quer dizer ‘Minha’.”¹ As *Vodunsi* da Casa das Minas costumam utilizar, também, o termo *Meoncia*, que quer dizer Minha Mãe. Como vimos, na Casa das Minas a sacerdotisa dirigente só pode ocupar um único cargo existente, que é o de *Nochê*. Ao contrário, nos terreiros *jeje* da Bahia, a mãe-de-santo pode ocupar três cargos: *Gaiaku*, *Doné* e *Mejitó*, não existindo o cargo denominado *Nochê*. Esses cargos estão relacionados com as famílias dos *Vodun* que compõem o culto. O cargo de mãe-pequena, segunda pessoa da casa e auxiliar direta da mãe-de-santo, na Casa das Minas, é denominado *Izadioncoé* ou *Zadoncoé*;² já nos terreiros *jeje-mahi* da Bahia, a mãe-pequena é conhecida como *Deré* ou *Hùnsó*. Os três terreiros *jeje-mahi* da Bahia utilizam, também, o termo *Hùngbónò* para denominar a mãe-de-santo ou pai-de-santo dirigente. Em uma tradução livre, no Brasil, *Hùngbónò* quer dizer “primeiro”, daí empregar o termo para mãe-de-santo, ou pai-de-santo, que é a primeira pessoa da casa, o primeiro em tudo. Nos candomblés de culto *jeje-mahi* do Rio de Janeiro, descendentes do *Hùngbónò* Antônio Pinto, *Fomutinho* de *Òsun*, filho de *Gaiaku* Maria *Ogorensi* da Roça de Ventura, empregam o termo *Hùngbónò* para denominar a primeira filha ou filho-de-santo iniciado pela sacerdotisa ou sacerdote dirigente. Outras casas de culto *nàgô*, tanto na Bahia quanto no Rio de Janeiro, também utilizam o termo *Hùngbónò* neste sentido. Na língua *fon*, *Hùngbónò* significa: Grande chefe feiticeiro.³ Na África, os *fons* também chamam seus líderes religiosos de *Vodunnò* ou *Hunnò* (Sacerdote da religião do *Vodun*) e *Vodúnséntó* (Adorador de *Vodun*), onde *Sèn* significa “adorar” e *Tó*, “pai”.

Segundo *Gaiaku* Luiza, o culto *jeje-mahi* é dividido principalmente em três clãs ou famílias de divindades denominadas *Vodun*, que são:

- 1) *Família de Dàn* – Composta pelos *Vodun Bèsén* (*Vodun* principal), *Akotokuen*, *Dàn Kasú*, *Dàn Insé*, *Jikú*, *Kuenkuen* etc.
- 2) *Família dos Kaviúno ou Kavioso (Hevioso)* – Composta pelos *Vodun Sogbo* (*Vodun* principal), *Gbadé*, *Loko*, *Akarumbé* (*Akolombe*), *Jokolatino*, *Agbetawoyó* (*Vodun* do mar), *Kpòsú* etc.
- 3) *Família dos Nàgô-Vodun* – Composta pelos *Vodun* (*Orisà*) que vieram do *nàgô*. *Vodun* assimilados da cultura *yorùbá* pelos *jeje*, que são *Ògún*, *Oya*, *Yemonjá*, *Òsun*, *Odé* etc.

Podemos notar, também, a presença de outros *Vodun* pertencentes a famílias menores e pouco difundidas no Brasil, que acabaram sendo absorvidos pelas famílias maiores.

Gaiaku Luiza segue dizendo que uma sacerdotisa *jeje-mahi* pode adquirir três títulos que estão relacionados com a família à qual pertença seu *Vodun* protetor (*Vodun* de cabeça). Se uma sacerdotisa tem como protetor um *Vodun* pertencente à Família de *Dàn*, é denominada *Mejitó* (para ambos os sexos). Se seu *Vodun* pertencer à Família dos *Kaviúno*, é denominada *Doné* (ou *Doté*, seu masculino). Se seu *Vodun* pertencer à Família dos *Nàgô-Vodun*, é denominada *Gaiaku* (não se conhece seu correspondente masculino). Uma mesma sacerdotisa pode ostentar todos os três títulos, cargos, citados acima. Quando ela inicia um(a) *Vodunsi* cujo *Vodun* pertença à Família de *Dàn*, passa a ser chamada de *Mejitó* por esta *Vodunsi*. Se a *Vodunsi* iniciada for de um *Vodun Kaviúno*, a mãe passa a ser chamada de *Doné*. Se a *Vodunsi* pertencer a um *Vodun* da Família dos *Nàgô-Vodun*, está chamará sua mãe-de-santo de *Gaiaku*. Os cargos *Mejitó*, *Doné* e *Gaiaku* são hierarquicamente iguais, possuindo o mesmo grau de importância dentro do culto. A sacerdotisa que possui seu cargo original, inerente de seu próprio *Vodun*, pode adquirir outros cargos, conforme for iniciando *Vodunsi* cujo *Vodun* pertença a outras famílias. Para a sacerdotisa, não basta apenas abrir uma roça de candomblé *jeje-mahi* para ter direito aos cargos citados acima, ela precisa iniciar *Vodunsi* cujos *Vodunsi* pertençam a diferentes famílias.⁴

No Rio de Janeiro, fala-se que a mãe-de-santo do *jeje-mahi* só poderá se tornar uma *Gaiaku* quando completar cinquenta anos-de-santo. Os três candomblés *jeje-mahi* da Bahia desconhecem tal definição.

Segundo o antropólogo e lingüista, natural do Benim, Hippolyte Brice Sogbossi, doutor em Ciências Filosóficas, a palavra "*Gaiaku*" não é de origem fon, e sim *nàgô*. O que confirma a definição de *Gaiaku* Luiza quando diz que o título/cargo *Gaiaku* pertence à sacerdotisa cujo *Vodun* seja de origem *nàgô*. Brício segue dizendo que a tradução da palavra "*Mejitó*", seria: *Me* = Pessoa, ser humano; *Ji* = Parir, gerar; *Tó* = Dono, proprietário, pai.

Após cinco anos de pesquisa em Abomé, antiga cidade real do Daomé, Le Hérisse⁵ constatou a existência de quatro categorias de sacerdotes:

- 1) *Vodounnon* (possui o fetiche), grão-sacerdote, reside perto do templo, depositário dos segredos da divindade; só ele conhece as orações e folhas que lhe são reservadas; unicamente nos dias de sacrifício, ele se aproxima dos altares. Uma simples faixa branca, usada na cabeça, o distingue então dos outros sacerdotes, que se enfeitam com colares de búzios, braceletes, saias de variada cor e que o esperam, prosternados, diante da entrada do templo. Ele não participa nem das danças nem das procissões públicas, nas quais é representado pelo:
- 2) *Hounso*, seu adjunto, seu delegado, que dança carregando nos ombros os animais que serão sacrificados. Então, o fetiche baixa nele e ele carrega, daí seu nome *Hounso* (*E so houn*, ele carrega o fetiche).
- 3) *Vodounsi*, dedicado ao culto do fetiche.
- 4) *Vodoun Legbanon*, que encarna o *Legba*.

O título *Hounso* (*Hùnsó*) sofreu modificações no Brasil. No terreiro do *Bogun*, em Salvador, e na Roça de Ventura, em Cachoeira, utilizam o termo *Hùnsó* para designar a mãe-pequena ou mãe-criadeira da casa. Já no *Hùnkpámè Hùntóloji*, de *Gaiaku* Luiza, *Hùnsó* é um título masculino, um cargo de *Ogan*.

Festas do Jeje-mahi

Ao contrário dos candomblés *nàgô*, que durante o ano realizam muitas obrigações com toques festivos, no *jeje-mahi* são poucas as festas para o público. Normalmente, só há candomblé nos meses de janeiro, festa do *Gbòitá*, e junho, fogueira de *Sogbo* e *Gbadé*. Os antigos afirmam que o *jeje* "toca" pouco mas, quando "toca", é o mês todo. Janeiro é mês de festa no *jeje-mahi*, mês do *Vodun Bèsén*, também chamado de *Dàn*, *Òsumàrè* para os *nàgô*, talvez o principal *Vodun* desta nação. As obrigações começam a partir do primeiro dia do ano, que é consagrado a este *Vodun*. Neste dia, realizam uma série de cerimônias que seguem por todo o mês de janeiro. No dia 6 de janeiro, Dia de Reis, os *jeje-mahi* cultuam a divindade *Zomadonu*. Entre as obrigações realizadas, várias qualidades de frutas são oferecidas ao pé da árvore consagrada a *Zomadonu*, e depois distribuídas entre todos os presentes. Sua principal fruta é a romã. Em fevereiro de

1991, a falecida *Doné* Nicinha, no terreiro do *Bogun*, mostrou-me um pé de acácia amarela onde cultuavam *Zomadonu*. Informou que, antes, *Zònodò* era cultuado em uma árvore enorme e muito antiga, da família das gameleiras, plantada pelos africanos e que dava flores brancas. Quando a árvore morreu, o culto foi transferido para um pé de acácia amarela. Acredito que *Zònodò* seja a mesma divindade cultuada pelos *jeje-mina*, em São Luís do Maranhão, com o nome de *Zomadonu*. Segundo Ferretti, na Casa das Minas, fazem obrigações para o *Vodun Zomadonu* em uma cajazeira. “Não se pode subir nela, não se tira a casca, não se cortam os galhos, comem-se apenas os frutos que caem, e se algum pombo pousar nela é sinal de agouro.”⁶ Ferretti ainda informa que *Zomadonu* é o dono da Casa das Minas e foi o *Vodun* protetor da fundadora e das primeiras mães. Veio nelas para organizar a casa. Sua festa é no dia primeiro do ano e neste dia havia a festa de pagamento dos tocadores.⁷

Zomadonu foi o filho anormal da rainha *Kuande* com o rei *Akaba*, que governou o Daomé entre 1680 e 1708. Na verdade, *Zomadonu* não é um *Vodun* propriamente dito, é um *Tohosu* (rei das águas), divindade adorada pela família real, em Abomé, que se manifesta em crianças, filhos dos reis, que nascem anormais ou monstruosos. Segundo Verger, “o costume exigia que elas fossem jogadas nas águas de um riacho, enviando-a assim a seu elemento. Após isso, realizavam sacrifícios para acalmá-lo e satisfazê-lo”.⁸

No *Hùnkpámè Hùntóloji* de *Gaiaku* Luiza, no mês de janeiro, ocorrem, todo ano, dois candomblés. O primeiro acontece, normalmente, no terceiro domingo de janeiro, onde há, se for o caso, confirmação de *Ogan* e *Equêde*, e obrigação de *Vodunsi*. O sacrifício dos animais ocorre no domingo pela manhã e, ao anoitecer, acontece o candomblé. Costuma começar em torno das sete horas da noite e termina às três horas da manhã. Segundo *Gaiaku* Luiza, no Ventura, antigamente, o candomblé começava às quatro horas da tarde. Quando o candomblé termina, os *Vodun* que já estão manifestados desde domingo de manhã, hora do sacrifício, vão descansar até às cinco e meia. Depois levantam para o *Tò*, o *banho do Vodun*. Após o *Tò*, ocorre o *Kpólè*, que é a saudação matinal, feita pelos *Vodun*, aos *Àtinsá*. Em *fon*, *Kpó* (colina, monte) e *Lelè dó* (rodar). Após saudarem o último *Àtinsá*, os *Vodun*, acompanhados somente pelas *Equêde*, se dirigem à porta do *Agbasá* e entoam uma cantiga própria para acordar os *Ogan*, que, nesses dias, dormem no *Agbasá* para ficarem

a postos. Depois entram no *Agbasá* cantando e dançando duas cantigas, na qual pedem licença para entrar em tal recinto. O *Hùn* da manhã acontece logo após, e nele cada *Vodun* “tira” três cantigas, às vezes mais, para dançar a seu gosto. Ao acabar o *Hùn* da manhã, os *Vodun* dirigem-se a seus aposentos. Ficam manifestados nas *Vodunsi* até quinta-feira à noite, quando são “despachados”, pois na sexta-feira não podem ficar presentes. O *Kpólè*, seguido do *Hùn* da manhã, acontece de segunda a quinta-feira.

No domingo seguinte, após o primeiro candomblé, acontece o *Gbòitá*. Essa festa é constituída, primeiro, pela Procissão do *Gbòitá*, e depois pelo *Hùn* dos *Vodun*. A procissão sai às quatro horas da tarde, e é formada pelos *Ogans*, à frente, seguidos por *Gaiaku* Luiza que, auxiliada pela *Deré* da casa e pela *Equêde* mais velha, orienta *Ògun*, que carrega o *Gbòitá* na cabeça. Atrás de *Ògún* vêm os outros *Vodun*, todos vestidos com roupas brancas. A procissão é em torno dos *Àtinsá*, e todos os visitantes que estiverem de branco podem acompanhar. Depois, os *Vodun* entram e ocorre o *Kuhàn*, que são rezas cantadas pelos próprios *Vodun*. Em *fon*, *Hàn* (canto, canção). É uma cerimônia reservada, que acontece às 18 horas e, enquanto ocorre, os visitantes se acomodam no *Agbasá* esperando pela volta dos *Vodun*. Após o *Kuhàn*, que dura em torno de uma hora, os *Vodun* voltam ao *Agbasá*, agora com roupas coloridas, para “tomarem *Hùn*”.

Em janeiro, acontecem três *Zàndró* no *Hùnkpámè Hùntóloji*. O primeiro é no sábado anterior ao primeiro candomblé, geralmente no terceiro sábado de janeiro, por volta das nove horas da noite, e costuma terminar às três da manhã. *Zàndró* é o convite ao *Vodun* para, ao amanhecer, receber a oferenda de sacrifícios de animais e pratos típicos. No *Zàndró* (vigília, vigia, véspera), as *Vodunsi* vêm “acordadas”, sem o *Vodun*, e, sentadas no *Zàn*, cantam as “cantigas de *Zàndró*”, tocando cabaça, enquanto outras dançam. No sábado anterior ao domingo do *Gbòitá*, ocorre o segundo *Zàndró*, que chamam de *Zàndró* do *Gbòitá*. Começa e termina no mesmo horário do primeiro *Zàndró*. Na terça-feira seguinte acontece o terceiro *Zàndró*, antecipando a obrigação do *Vodun Àzirì Tobosì*. Essa obrigação ocorre pela manhã, na quarta-feira, em volta de seu *Àtinsá*, onde são oferecidos o sacrifício de animais e comidas típicas. Durante essa obrigação ocorre um verdadeiro candomblé, onde os *Vodun* dançam suas cantigas, louvando a grande mãe do *jeje-mahi*, *Àzirì Tobosì*. É esse *Vodun* que finaliza o ciclo de festas de janeiro.

Em junho, na véspera dos dias de São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho), ocorrem obrigações para os *Vodun Gbadé* e *Sogbo*. Nesse mês, são louvados os *Vodun* da família dos *Kaviúnos* (*Hevioso*). Nos respectivos dias, duas grandes fogueiras são acesas, a primeira para *Gbadé* e a segunda para *Sogbo*, onde os *Vodun* manifestados dançam o *Modubi*, reverenciando o fogo sagrado. Na Roça de Ventura, a fogueira é acesa no dia 23 de junho, para o *Vodun Gbadé*, permanecendo acesa até o dia 29 de junho, dia consagrado ao *Vodun Sogbo* (*Hevioso* ou *Khebioso*), que é pai do *Vodun Gbadé*. Segundo Ellis,

Khebioso, cujo nome é freqüentemente abreviado (*So*), é o deus do trovão. *Khebioso* deriva de *Khe* (ave), *Bi* (que deixa a luz fluir, que lança a luz) e *So* (fogo), isto é, a ave ou ser em forma de ave que projeta a luz. (...) Os nativos imaginam *Khebioso* como um deus voador, como uma ave escondida no meio das nuvens precursoras da tempestade, de onde ele lança os raios. Alguns pensam que o barulho do raio é o adejar de suas asas imensas.⁹

Assim como no Brasil, os adoradores de *Sogbo*, na África, são proibidos de comer carneiro. Conforme Le Hérissé, “Compreende-se o motivo dessa interdição quando se sabe que o raio é um carneiro (*Agbo*) que exibe sua cólera nas nuvens. Encontra-se, aliás, a palavra carneiro na expressão *Sô gbo*, que parece ser a contração de *Sô ‘agbo’*.”¹⁰ Os habitantes de *Hèvié* dão ao *Vodun Sogbo* o nome de *Hevieso* (*So*: raio, raio de *Hèvié*). A região de *Hèvié* é o possível local de origem de *Hevieso*.

Iniciação no Jeje-Mahi

A iniciação de novas filhas nos candomblés *jeje-mahi* é mais difícil de acontecer que nos candomblés de rito *nagô*, a começar pela formação do “barco” de *Vodunsi*. No *jeje-mahi* de Cachoeira existe a tradição de que o “barco” só pode ser iniciado se formado por um número de elementos ímpar, ou seja, se for composto por três, cinco, sete... *Vodunsi*; no mínimo composto por três *Vodunsi*, não menos que isso. Esta é a primeira barreira que dificulta a iniciação dos noviços no *jeje*. O mesmo procedimento não é encontrado nos candomblés *nagô*, que iniciam seus *Ìyáwó* sem se preocupar com o número de elementos que formam o “barco”; costumam iniciar, também, só com um elemento, o que não era aceito nos candomblés *jeje*.

O segundo obstáculo que o não iniciado deve transpor é o fato de ter que “bolar” (desfalecer) ao pé da árvore (*Àtinsá*) pertencente ao seu *Vodun* e nela permanecer desacordado durante sete dias e sete noites. Os antigos afirmam que no passado a nova *Vodunsi* permanecia desacordada, sem comer, beber ou mexer, durante sete dias, caída ao pé da árvore de seu *Vodun*, ou dentro d’água, como já houve casos, de *Vodunsi* pertencentes a *Vodun* ligados à água. Durante esses sete dias de desfalecimento a mãe-de-santo não pode ir ver a noviça. A proibição se dá para que ela não sinta pena, devido ao estado em que a noviça se encontra, e queira de alguma forma ajudá-la, aliviando seu sofrimento. As futuras *Vodunsi* ficam sob os cuidados dos *Ogan*, que de vez em quando vão espiá-las para afastar algum inseto ou bicho que as estejam incomodando. Ao fim dos sofridos sete dias, debaixo de sol e chuva, as futuras *Vodunsi* que não acordaram e permaneceram neste estado de desfalecimento provocado por seu *Vodun* são carregadas somente pelos *Ogan* e entregues à mãe-de-santo para que dê início à “feitura”. As antigas do *jeje* alegam que, se a futura *Vodunsi* não conseguir passar por esta “prova”, não terá estrutura para vencer as “provas” seguintes. Os *fon*, no Daomé, chamam a recruta neste estágio de *Hun tio* (*Vodun* Cadáver).¹¹

O terceiro obstáculo, talvez o mais difícil, é o tempo de iniciação da noviça. Antes, a iniciação da *Vodunsi* durava um ano e dois meses, sendo seis meses reclusa no *Hündeme* (quarto sagrado) e depois seis meses do “lado de fora”, fora do *Hündeme*, mas dentro da roça. Durante os primeiros seis meses, confinada no *Hündeme*, não era permitido à noviça ter contato com o mundo externo, apenas com as poucas pessoas que lhe assistiam, como a mãe-de-santo, a *Deré* e algumas poucas *Vodunsi*, as mais antigas. Após seis meses, quando a *Vodunsi* já está preparada, há uma festa onde são apresentadas à comunidade. Nesta festa, o *Vodun* manifestado na nova *Vodunsi* grita bem alto para que todos ouçam o seu nome particular, que eles chamam de *Hùn in* e os *nagô* de *Orúko*. No passado, a pessoa convidada para “tirar o nome”, perguntar o nome do *Vodun*, chamada pelos *nagô* de madrinha ou padrinho de *Orúko*, realizava este ato com todos os componentes do “barco”. Esta pessoa tornava-se, então, a madrinha ou padrinho do “barco”. Com o tempo, alguns candomblés de rito *jeje* e rito *nagô* passaram a convidar não só uma pessoa para “tirar o nome” do *Vodun/Orisà*, mas vários ilustres convidados. Cada componente do “barco” passou a ter sua própria ma-

drinha ou padrinho de *Orúko*. Houve esta mudança de atitude, talvez para que a mãe-de-santo pudesse agradar um número maior de convidados e não se indispor com algum. Segundo Verger:

Na África, o novo nome é revelado em público pela ialòrisà, mas no Brasil é o próprio *adoxu* que, inspirado pelo Òrisà, revela seu novo nome no decorrer de uma cerimônia que sempre atrai muita gente.¹²

Após essa festa chamada de “dia do nome”, a *Vodunsi* ainda permanece seis meses ou mais na roça de candomblé, agora do “lado de fora”, tendo um contato maior com as pessoas. A Roça de Ventura, atualmente comandada por *Gaiaku Gamo Lokosì*, e o terreiro de *Gaiaku Luiza*, por força das circunstâncias, foram obrigados, de uns anos para cá, a diminuir o tempo de “feitura” de seus *Vodunsi*. A iniciação de *Vodunsi* passou a ser realizada em seis meses, sendo três meses reclusa no *Hùndeme* e três meses fora, na roça ainda, cumprindo o resguardo. No *jeje-mahi*, em Cachoeira, a *Vodunsi* jamais pode ir à rua com o *Grogue* (ou *Kokrê*), que os *nàgô* chamam de *Kélé*.

Segundo Verger, a iniciação de um novo *Elégun* (aquele que pode ser “montado”, possuído, pelo Òrisà), tanto no Brasil como na África (na região *Yorùbá*), dura 17 dias. Começa e termina num dia dedicado ao Òrisà, da semana *Yorùbá* de quatro dias.¹³

A partir de sua iniciação e pelo resto de sua vida, a futura *Vodunsi* jamais poderá ser chamada por seu verdadeiro nome, por seu nome de batismo. Tal atitude é entendida como um sacrilégio, uma ofensa, para a *Vodunsi*. Chamar a *Vodunsi* por seu nome é como remetê-la a seu estado anterior de iniciação; é renegar, desprezar todo o sacrifício que ela passou para se iniciar. O novo nome da *Vodunsi*, o termo que deverá ser usado para identificá-la, se dá a partir do dia de seu desfalecimento (bolar), provocado por seu *Vodun*. A ordem de caída da futura *Vodunsi* ao pé da árvore (*Atinsà*) é que vai determinar seu futuro nome. A primeira a cair deverá ser chamada de *Dofona*, a *Dofona* do “barco”. A ordem dos nomes, conforme a caída, é a seguinte: *Dofonola*, *Dofonitinhola*, *Fomo*, *Fomutinhola*, *Gamo*... etc. Este tipo de nomenclatura é próprio da nação *jeje*, embora algumas casas de culto *nàgô* também façam uso dele. Nos candomblés *kétu*, costumam chamar suas *Ìyáwó* pelo nome de seu Òrisà, pelo *Orúko* da *Ìyáwó*. A ordem dos nomes independe do *Vodun* da *Vodunsi*. Por exemplo, se a primeira a cair pertencer ao *Vodun Olisa*, Òsàlá para os *nàgô*, um Òrisà que é o último a dançar nos candomblés *nàgô*, esta será a futura *Dofona* do “barco”.

No *jeje-mahi*, a futura *Vodunsi* nunca “entra”, recolhe para iniciação, acordada, ou seja, ela deve estar desfalecida, em transe com seu *Vodun*. Há todo um simbolismo nesse desfalecimento, um rito de passagem do estado de não iniciada para o de iniciada. O desfalecimento da futura *Vodunsi* representa a morte, como se ela houvesse morrido e depois ressuscitado pela mãe-de-santo. Quando morre por sete dias, ao pé da árvore sagrada, morre para a vida antiga, para o seu passado e para seu antigo nome. O candomblé, através de sua mãe-de-santo, lhe dá outra vida, novo futuro e outro nome. Depois de iniciada, a *Vodunsi* do *jeje-mahi* nunca mais será a mesma; torna-se outra pessoa, com regras e deveres que deverá cumprir por toda a vida. Nos candomblés *nàgô* não há a necessidade da futura *Ìyáwó* “recolher”, “entrar” para se iniciar, desacordada, em transe, como ocorre nos candomblés *jeje-mahi*. Alegam que o único *Ìyáwó* que deverá “entrar” desacordado é o *Ìyáwó* pertencente ao Òrisà Òsumare, *Bèsén/Dàn* para os *jeje*.

Nos candomblés *jeje* na Bahia, ao contrário dos candomblés *nàgô*, não há o costume da mãe-de-santo iniciar muitos barcos de *Vodunsi*. Creio que o fator principal que dificulta a iniciação de um número maior de barcos, e, conseqüentemente, de *Vodunsi*, seja o tempo de reclusão. Antigamente, as *Vodunsi* ficavam recolhidas seis meses dentro do *Hùndeme* e seis meses fora, mas dentro da roça ainda. Rara foi a vez, em Cachoeira, que um barco “entrou” antes do barco anterior terminar seu ciclo de iniciação, que durava em torno de um ano e dois meses. As *Gaiaku* do Ventura, assim como *Gaiaku Luiza*, durante seu mandato, iniciaram poucos barcos, mas formados por muitas *Vodunsi*. Há um ditado entre eles que diz: “No *jeje* não tira *Vodunsi* todo dia.” Este comportamento dificultou a perpetuação e a expansão do candomblé *jeje-mahi*. Os terreiros *jeje*, normalmente, são centrados, fechados em si. Se fecham, dificultando a entrada e saída de seus filhos. Não fazem questão de iniciar muitos filhos, pois com isso aumentam a probabilidade de seus segredos (fundamentos sagrados) vazarem, se espalharem. Acreditam que é melhor ter poucos filhos bons que muitos filhos ruins. Mas se as filhas antigas forem morrendo e outras novas não são iniciadas, o terreiro corre o risco de se extinguir. Na Roça de Ventura, o número atual de filhas-de-santo é bem menor que no passado, devido à morte das mais velhas, à ida de algumas para o sul, mais precisamente para o Rio de Janeiro, e à entrada de umas poucas outras. *Gaiaku Maria Ogorensi* iniciou mui-

tas filhas distribuídas em cinco ou seis barcos no máximo. Sinhá Abali deve ter iniciado quatro barcos e *Gaiaku Pararasì* nesta faixa também. *Gaiaku Luiza*, em seu terreiro *Hùnkpámè Ayíonò Hùntóloji*, iniciou, até agora, cinco barcos: o primeiro formado por sete *Vodunsi*, o segundo por cinco, e os três últimos, compostos por três *Vodunsi*.

Segundo Ferretti, na Casa das Minas, candomblé *jeje* em São Luís do Maranhão, “cada mãe-de-terreiro em vida só organiza um barco, encarregando uma das filhas de maior competência para dirigi-lo. Deve haver um intervalo de uns 10 a 20 anos entre cada barco”.¹⁴

Durante o tempo de iniciação, a futura *Vodunsi* passa por diversos atos, obrigações, entre as quais temos o *Sakpokàn* ou *Sarakpokàn*; *Vivauê*; *Kàn*; *Duká*; *Zò*; *Sanjebé*; *Grá* ou *Grau*... O *Sakpokàn* ocorre sete dias após a iniciação da futura *Vodunsi*, 14 dias após sua caída na árvore. É a despedida da noviça como *Abiyan* e marca sua entrada em uma nova fase da iniciação. No *Sakpokàn* a noviça vem ao *Agbasá*, ao som dos atabaques, manifestada com seu *Vodun* e dançando de forma desgovernada, desajeitada. O *Sakpokàn* também funciona como uma espécie de despedida, por parte da família da noviça, que só a verá novamente daqui a seis meses, no “dia do nome” do *Vodun*. Entre as obrigações *jeje-mahi* que o iniciado deverá passar, a mais intrigante, misteriosa, é o *Grá*. O *Grá* é uma entidade violenta, agressiva, que se manifesta na futura *Vodunsi*, somente no período de sua iniciação, durante três dias e próximo ao “dia do nome” do *Vodun*. Durante esses três dias, o *Grá* tem como objetivo matar a mãe ou pai-de-santo, que deverá ficar escondida nos aposentos da roça. O *Grá* é acompanhado pelos *Ogans*, *Equêdes* e *Vodunsi* antigos, que procuram cansá-lo ao máximo, fazendo-o cumprir certas penitências. Há um número certo de pessoas que podem acompanhar o *Grá*, que durante esses três dias fica escondido e dormindo pelo mato, comendo o que encontra pelo caminho. Daí a necessidade da roça de candomblé *jeje-mahi* ser espaçosa, com muitas árvores e mato. Semelhante ao *Grá* do *jeje*, há o *Inquita* do Angola. O *Grá*, assim como os que o acompanham, carrega consigo um porrete ou vara, que usa para agredir as pessoas e cumprir sua penitência. A penitência tem o objetivo de cansar o *Grá*, para que ele não tenha força e cause menos transtorno na roça. Enquanto o *Grá* cumpre sua penitência, algumas cantigas específicas são entoadas pelas pessoas que o acompanham. Depois de três dias procurando a mãe-de-santo para matá-la, o *Grá* tem o encontro tão esperado. Esse encontro se dá no *Agbasá*, onde a

mãe-de-santo, sentada, espera por ele. É um momento muito difícil, pois se algo sair errado o *Grá* pode matar ou ferir a mãe-de-santo. No *Agbasá*, ao som dos atabaques, todos da roça esperam pelo *Grá*. Quando o *Grá* adentra o *Agbasá*, os *Ogan* correm e tentam arrancar o porrete, que ele luta para não entregar. Durante a luta, uma cantiga é entoada e o *Grá*, já fraco e cansado, não consegue atingir a mãe-de-santo, que, nervosa, não pode sair do seu lugar. É um momento de êxtase muito grande, onde a *Vodunsi* desfalece, caindo no chão. Os atabaques tocam com mais força e o *Vodun*, enfim, toma a *Vodunsi* caída. Há um alívio geral, o ato do *Grá* chegou ao fim. Há quem diga que o *Grá* é uma espécie de *Erê*, um *Erê* malvado. Outros dizem ser o *Èsù* do *Vodun* que se manifesta somente uma vez, na iniciação. O *Grá* pode estar relacionado com a loucura humana; pode não ser uma entidade que venha de fora manifestando-se na *Vodunsi*, e sim algo de dentro que esteja no inconsciente e aflore neste período. O porrete carregado pelo *Grá* é um símbolo fálico, representando a força, o poder... que é arrancado da *Vodunsi*. O *Grá* põe para fora todo o ódio, raiva, ira... que estava preso dentro da *Vodunsi*. Como se depois do *Grá* não houvesse mais raiva, maldade, dentro da noviça, ficando somente bondade, positividade, amor... Eles acreditam que, depois do *Grá*, nunca mais a *Vodunsi* vai passar fome; nunca mais vai dormir ao relento; nunca mais vai agredir sua mãe-de-santo, seja fisicamente ou com palavras; pois o *Grá* levou isso com ele quando foi embora. O *Grá* deixa internalizado na *Vodunsi* que ela sempre será inferior à sua mãe-de-santo; que o poder, força, está com a mãe e não com a filha. Por exigência do culto *jeje-mahi*, não posso relatar o ato completo do *Grá*, que é muito interessante e cercado de símbolos, gerando inúmeras interpretações.

Vestimenta das *Vodunsi*

As *Vodunsi* do *jeje-mahi*, na Bahia, costumam vestir-se com saia, camisa e pano-da-costa. As saias são compridas, rodadas, estampadas ou lisas, com carreiras de fitas na barra. Só a mãe-de-santo, ou a *Vodunsi* antiga, tem o direito de usar saia feita de um tecido melhor, como viscose, seda, crepe... A *Vodunsi* sem obrigação de sete anos só usa a camisa, dentro da roça, geralmente no *Zândró*, que é uma cerimônia pública, com o objetivo de ficar mais composta. No dia-a-dia,

usa somente a saia amarrada no peito com o pano-da-costa por cima e a cinta. A *Vodunsi*, mesmo depois de sua obrigação de sete anos, não tem direito de usar bata, dentro de sua roça de candomblé. Somente a mãe-de-santo usa batas, que são curtas, e sempre por cima da camisa. A saia comprida e o camisu são de origem européia, costume adquirido pelos negros no Brasil. O pano-da-costa pode ser listrado, quadriculado ou liso, jamais florido. Deve ser de algodão encorpado, em cores variadas. A mãe-de-santo usa o pano-da-costa na cintura e a *Vodunsi* enrolado no peito. Por cima da saia, todas as *Vodunsi* do *jeje mahi* da Bahia, independentemente do tempo de iniciação, sejam filhas ou mães-de-santo, têm a tradição de usar a cinta, que é uma tira de pano com cerca de 2 metros de comprimento por 5 centímetros de largura. A cinta é amarrada na altura da cintura da *Vodunsi* e possui inúmeras finalidades, como: abrir mais a roda da ponta da saia; evitar que a saia, quando amarrada acima do seio, levante com o vento; proteger o ventre contra negatividades etc. As *Vodunsi* se acostumam de tal forma à cinta que se sentem descompostas quando não a estão usando. Elas não usam pano na cabeça, *Ojá* de cabeça, nem mesmo depois de sua obrigação de sete anos. Seus cabelos, presos ou em tranças, estão sempre à mostra. Somente a mãe-de-santo usa pano na cabeça, que é amarrado em forma de lenço, diferente dos usados nos candomblés *kétu*. A *Vodunsi*, independentemente do tempo de iniciação, está sempre descalça dentro do terreiro. Somente a mãe-de-santo ou a *Deré* tem direito de usar chinelo, sempre de salto baixo. No *jeje-mahi*, na Bahia, as *Vodunsi* não usam *Dilógún*. Suas contas, colar de miçangas, são simples, formadas de uma perna só e jamais em gomo. As contas, que chamam de *lan*, estão sempre por dentro da camisa, pois acreditam que devem estar sempre em contato com a pele e não por cima da camisa. Antigamente, a *Vodunsi* era obrigada a trajar-se somente com saia, camisu e pano-da-costa, dentro ou fora do terreiro, até realizar sua obrigação de sete anos. Só depois poderia usar vestido, fora da roça, jamais calça comprida. Gaiaku Luiza informa que no passado, após iniciar suas *Vodunsi*, antes de elas voltarem para casa, perguntava ao *Vodun* da filha o que a filha deveria fazer, dali em diante, para conseguir dinheiro para sobreviver e custear suas futuras obrigações. Na maioria das vezes, o *Vodun* ordenava que ela trabalhasse com venda. Era o *Vodun* quem determinava o que a filha deveria vender, até realizar a obrigação de sete anos, quando enfim se libertaria, podendo trabalhar em que qui-

sesse. Normalmente, elas passavam a vender acarajé, acaçá, rolete de cana, amendoim torrado... sempre trajadas de saia, camisu e pano-da-costa. A maioria das *Vodunsi*, após a obrigação de sete anos, não deixava de vender, continuando assim por toda a vida.

Ritual Fúnebre

O ritual fúnebre que os *nàgô* chamam de *Àsèse* e que os angola-congos chamam de *Sigun*, *Camucondo* ou *Mucondo*, no *jeje-mahi* recebe o nome de *Sihùn* ou *Zerin*. Tal cerimônia não é feita para o *Vodun* da pessoa falecida e sim para o espírito do morto. Tem o objetivo de encaminhar o espírito ao mundo dos mortos, fazendo-o ter consciência de que já morreu, que não mais faz parte deste plano terreno. Basicamente, o ritual, nas duas nações, no Brasil, é bem parecido, sendo entoadas cantigas de diferentes nações, como *jeje*, *nàgô*, *ijèxà*, angola, congo... no *Zerin*, dos *jeje*, há um destaque maior para as cantigas *jeje*, enquanto no *Àsèse*, dos *nàgô*, obviamente, as cantigas *nàgô* são mais cantadas.

Segundo Gaiaku Luiza, o *Zerin* costuma durar três dias, quando o falecido homenageado é um *Ogan*, uma *Equêde* ou um(a) *Vodunsi*, e sete dias somente para a mãe ou pai-de-santo. Somente o *Zerin* da mãe ou pai-de-santo, autoridade maior do templo, é realizado no barcação (ou *Agbasá*, para os *jeje* de Cachoeira); para os demais membros do terreiro, o *Zerin* é realizado em outro compartimento da roça, como uma sala, um quarto...

Antigamente, quando uma mãe ou pai-de-santo morria, o terreiro costumava ficar sete anos de luto. Seu substituto só poderia assumir a roça quando findasse o luto de sete anos. Assim foi com sinhá Abali, que só assumiu a direção da Roça de Ventura depois de cerca de dez anos do falecimento de Gaiaku Maria Ogorensi. O mesmo ocorreu no terreiro do *Bogun*, em Salvador, após a morte de *Doné* Nicinha: sua substituta só assumiu o terreiro após sete anos de luto. Com o passar do tempo, vários terreiros foram obrigados a modificar este procedimento, provavelmente pela pressão do progresso ou necessidade de seus componentes, e o luto passou a ser de um ano.

Segundo Costa Eduardo, na Casa das Minas, candomblé *jeje* em São Luís do Maranhão, a cerimônia fúnebre (tambor de choro) é chamada de *Zelin* ou *Zeli*, quando acontece logo após o falecimento,

com o corpo presente. Quando o falecimento ocorre em certas épocas do ano, como na Quaresma ou durante o período de realização de alguma festa, ou quando a pessoa morta reside em outra cidade e só toma conhecimento posteriormente, o tambor é realizado alguns meses depois e denomina-se *Sihùn* ou tambor de choro de corpo ausente.¹⁵

Dona Celeste, *Vodunsi* da Casa das Minas, informou a Ferretti:

Quando o corpo está presente, é colocado para ser velado no quarto fúnebre, que fica atrás do *Peji* e onde normalmente ninguém costuma dormir. (...) O tambor de choro é tocado na parte da varanda que fica próxima ao quarto fúnebre, após o lugar onde ficam os tocadores nas festas. Quando o corpo está ausente, o tambor de choro é realizado na varanda de danças, à esquerda de quem entra, onde normalmente ficam guardados os tambores.¹⁶

Nos candomblés *kétu*, o *Àsèse* acontece em sete dias, quando o falecido for o pai ou mãe-de-santo, ou um *Egbón*, que é o filho ou filha-de-santo que já tenha realizado sua obrigação de sete anos. Caso seja um *Ogan*, uma *Equède* ou um filho/filha-de-santo sem obrigação de sete anos, o *Àsèse* ocorrerá somente durante três dias. Poderá acontecer em um dia, se dedicado ao filho/filha-de-santo que não tenha realizado sua obrigação de três anos.¹⁷

Tanto nos candomblés *jeje-mahi* de Cachoeira como nos candomblés de rito *kétu*, em Salvador, o *Àsèse* ou *Zerin* do pai ou mãe-de-santo do terreiro costuma começar no mesmo dia, à noite, do enterro. Se o *Àsèse* for do filho-de-santo, *Ogan* ou *Equède*, nos candomblés *kétu*, eles podem demorar um pouco mais para começar, até que se tenha condições financeiras para dar início a tal ritual. Já nos candomblés *jeje-mahi* de Cachoeira, há o costume do *Zerin* do filho/filha-de-santo, *Ogan* ou *Equède*, acontecer somente após três meses do falecimento do homenageado. O terreiro fica de luto durante esses três meses, até a realização do *Zerin*.

Conforme Ferretti, na Casa das Minas há um ritual de luto cumprido pelas filhas da casa chamado “luto na lei”.

O luto na lei pode ser de três a seis meses ou de um ano. Depois do luto de 1 ano tem que se fazer a matança de um galo amarelo como obrigação ao *Vodun* da pessoa importante e os que fazem são os que têm o mesmo *Vodun* do morto. (...) O luto de seis meses é usado pelas filhas-de-santo da mesma família de vodum que o da morta. (...) O luto de três meses é usado pelas outras filhas.¹⁸

No terreiro *jeje* de Gaiaku Luiza, o *Zerin* ocorre no mínimo em três dias, de sexta-feira a domingo, sempre à noite. Já na Casa das Minas, segundo Ferretti, o tambor de choro ocorre normalmente num dia de domingo, por volta das 14 horas, durante apenas um dia, du-

rando cerca de três horas. Num mesmo dia pode-se tocar tambor de choro para duas pessoas, um pela manhã, para o que morreu primeiro, e o outro à tarde.¹⁹

Hierarquia

O posto mais elevado em uma casa de candomblé *jeje-mahi* pertence à mãe-de-santo (*Ìyálòrìsà* para os *nàgô*), que pode ser chamada de *Gaiaku*, *Doné* e *Mejitó*. Se o líder do terreiro for homem, um pai-de-santo (*Babalòrìsà* para os *nàgô*), este poderá ser chamado de *Doté* (feminino de *Doné*), *Hungbónò* (para ambos os sexos) e *Mejitó*. Na Casa das Minas, a mãe-de-santo recebe o nome de *Nochê* e o pai-de-santo de *Tóchê*.

Abaixo da mãe ou pai-de-santo, vêm seus dois auxiliares diretos, que são a mãe-pequena, chamada de *Deré*, e o pai-pequeno, chamado de *Mehùntó*. Na Casa das Minas chamam a mãe-pequena de *Izadioncoé* ou *Zadoncoé*. Nos candomblés *kétu* a mãe-pequena e o pai-pequeno são conhecidos, respectivamente, por *Ìyákékeré* e *Babakékeré*. Auxiliando a *Deré* e o *Mehùntó* temos os *Ogan* e as *Equède*. O posto de *Ogan* se subdivide em vários cargos, tais como *Pejigan*, *Agbajigàn*, *Ogan Ipê*, *Ogan Kutó* etc. Cada cargo está relacionado com determinada função que o *Ogan* deve cumprir. O *Pejigan*, por exemplo, é o primeiro *Ogan* da “matança”, o responsável pelo sacrifício de animais para as divindades. Normalmente, o nome do cargo do *Ogan* traduz a função que ele deve desempenhar. A tradução do nome *Pejigan* seria *Peji* + *gàn*, onde *Peji* é o local, quarto sagrado onde ficam os assentamentos (representação material) dos *Vodun*, local onde é realizado o sacrifício dos animais. *Gàn*, por sua vez, quer dizer ferro, faca, lâmina... com a qual será realizado o sacrifício. O *Ogan Pejigan* é auxiliado pelo *Agbajigàn*, segundo *Ogan* de “matança”, ou corte, e pelo *Ogan Ipê*, terceiro *Ogan* de matança. Há cargos de *Ogan* também responsáveis pelo toque dos atabaques, pelos cânticos, pelo salão de dança... Não há cargo de *Ogan* mais importante que o outro, todos são de vital importância para o bom funcionamento do *Hùnkpámè*. Se um *Ogan* se encontra presente, nenhum outro poderá desempenhar sua função, só ele. Caso não esteja, aí sim, outro poderá executar.

Segundo Mãe Stella, *Ìyálòrìsà* do Terreiro *Àse Òpó Afónjá*: “*Ogan*, ou *Ogã*, é palavra que assimilamos da nação *jeje*. Quer dizer Senhor: o pai do *Òrìsà*. Creio que a palavra em língua *Yorùbá* que melhor se aproxima de *Ogã* é *Alàgbà*.”²⁰

O *Ogan* deve se preocupar com o bom estado de seu *Hùnkpámè*, zelando e cuidando para que tudo esteja sempre em ordem. Se há algo quebrado, ele deve procurar consertar; se há goteiras, paredes para serem pintadas, mato para capinar... cabe ao *Ogan* a execução destas tarefas. Quando as *Vodunsi* “recolhem” para obrigações, os *Ogans*, se possível for, devem ajudá-las, quando necessário, financeiramente. O pai deve sempre ajudar as filhas.

O correspondente feminino de *Ogan* é a *Equêde*, que, assim como o *Ogan*, não entra em transe com o *Vodun*. Seu traje é o vestido e a saia comum. Em hipótese alguma usa “baiana”, como as *Vodunsi*, embora em outras nações isso seja possível. Sua principal função é vestir, despir e “acordar” a *Vodunsi* do transe do *Vodun*. É encarregada de cuidar das *Vodunsi* logo que estas entram em transe. Sua iniciação, assim como a do *Ogan*, se dá em menos tempo que a da *Vodunsi*. Assim como os *Ogans* desempenham as funções tipicamente masculinas, as *Equêdes* desempenham as femininas, sendo, portanto, tratadas como Mãe. Há vários cargos de *Equêde*, todos ligados às tarefas realizadas por ela. Há *Equêdes* cujo cargo é lavar as roupas dos *Vodun*; cozinhar as comidas sagradas; limpar os assentamentos dos *Vodun*...

No terreiro *Àse Òpó Afónjá*, nação *kétu*, a *Equêde* recebe o nome de *Ajoyè* e, segundo Mãe Stella:

No candomblé do Engenho Velho (Casa Branca) as *Ajoyè* são chamadas de *Equêdes*. No terreiro do Gantois, são denominadas *Ìyáróba*. *Equêde*, nome de origem *jeje*, se popularizou. É o nome mais conhecido em todas as casas de candomblé do Brasil, pertencam a que nação for. Dou um exemplo: na nação de Angola o nome é “*Makota de Anguzo*”. Contudo, as referidas *Olóyé* se intitulam *Equêdes*, haja vista a consagração do referido posto.²¹

Vodunsi é aquela ou aquele que é possuído pelo *Vodun*. A maioria é mulher, popularmente chamada de filha ou filho-de-santo. É a pessoa consagrada a um *Vodun*. O mesmo que *Ìyáwó* (noiva, esposa, mulher... do *Òrìsà*) para os *nàgô*. A *Vodunsi* antiga é chamada de *Hùngàn*; já na Casa das Minas ela recebe o nome de *Vodunsi Gonjai* ou *Hùnjái*.

Abiyan é como chamam a filha ou filho-de-santo não iniciado, tanto no *jeje-mahi* como no *nàgô*. É a pessoa que está se preparando para fazer o santo. Grau pré-iniciático. Na Casa das Minas a *Abiyan* é chamada de “*Vodunsi* sem toalha”.

Notas

- ¹ PEREIRA NUNES, Manuel. *A Casa das Minas...*, p. 27.
- ² Idem, p. 29.
- ³ *Dictionnaire Fon-Français I*, Seguro, R. P. B., Cotonou, 1963, 1968, 1988, p. 247.
- ⁴ Para maiores informações ver: “A verdade sobre o *jeje-mahi*. Constância de *Avimáji*”. In: *Painel Cultural* (fevereiro de 1996), p. 3.
- ⁵ Le Hérisse, A. *L' Ancien royaume du Dahomey*. Paris, 1911, p. 77. In: *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga Costa dos Escravos, na África*. Pierre Verger, Tradução: Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: EDUSP, 1949, p. 77.
- ⁶ FERRETTI, S. F. *Querêbentã de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas*. São Luís: Edufma, 1986, p. 201.
- ⁷ Idem, pp. 102 - 103.
- ⁸ VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns ...*, p. 555.
- ⁹ ELLIS, A. B. *The Ewe Speaking Peoples*. Londres, 1890. In: *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga Costa dos Escravos, na África*. Pierre Verger. Tradução: Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: EDUSP, 1949, p. 522.
- ¹⁰ Le Hérisse, A. *L' Ancien royaume du Dahomey*. Paris, 1911. In: *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos (...)*. Pierre Verger, Tradução: Carlos Eugênio M. de Moura. São Paulo: EDUSP, 1949, p. 524.
- ¹¹ VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns ...*, p. 105.
- ¹² Idem, p. 46.
- ¹³ VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, deuses iorubás na África (...)*, p. 36.
- ¹⁴ FERRETTI, S. F. *Op. cit.*, p. 62.
- ¹⁵ EDUARDO, Octávio da Costa. *The negro in Northern Brasil. A study in acculturation*. Nova York: J. J. Augustin Publisher, 1948, p. 120. In: Ferretti, S. F. *Querêbentã de Zomadonu (...)*, p. 157.
- ¹⁶ FERRETTI, S. F. *Op. cit.*, p. 157.
- ¹⁷ SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *Meu tempo é agora*. São Paulo: Editora Oduduwa, 1993, pp. 99-100.
- ¹⁸ FERRETTI, S. F. *Op. cit.*, pp. 160-161.
- ¹⁹ Idem, p. 158.
- ²⁰ SANTO, Maria Stella de Azevedo. *Meu tempo é agora*, p. 74.
- ²¹ Idem, p. 83.

Nota: Falecimento de Gaiaku Luiza

Em 20 de junho de 2005, às 16h10, faleceu, aos 95 anos de idade, uma das mais importantes sacerdotisas do culto afro-religioso *jeje-mahi* do Brasil, nossa querida e estimada *Gaiaku* Luiza de *Oya*, fundadora do Terreiro *Hùnkpámè Ayíonó Hùntóloji*. Foi sepultada no Cemitério da Saudade, dia 21 de junho de 2005, às 15 horas, em Cachoeira, com grande acompanhamento popular. Faleceu na roça, cercada de filhos-de-santo, amigos e familiares, como ela sempre quis e costumava dizer: “*Mãe-de-santo tem que morrer dentro de sua roça.*” O enterro contou com a presença de autoridades, inclusive o prefeito de Cachoeira, Fernando Antônio da Silva Pereira, e seguiu as tradições do *jeje-mahi*, em que todos vão vestidos de branco, entre *Babalòrisà*, *Ìyálòrisà*, filhos-de-santos também de outros terreiros e amigos, e entoam cantigas de *Zerin* (*Àsèse* para os *nàgôs*). Durante o percurso pela cidade até o local do sepultamento, algumas pessoas entraram em transe com seus *òrisàs*. À frente do cortejo, uma filha-de-santo de *Oya* carregava na cabeça um tacho de barro com acarajés, comida predileta do *Vodun Oya*, *Vodun* de *Gaiaku* Luiza. Todos os preceitos religiosos executados pelos filhos-de-santos, *Ogans* e *Equêdes* da casa foram pré-determinados pela falecida em vida. *Gaiaku* teve a preocupação e a responsabilidade de deixar tudo o que deveria ser feito após seu falecimento por escrito, determinado por

ela própria. Os filhos-de-santo respeitaram a sua vontade e assim aconteceu. De diferentes estados do Brasil e do exterior, chegaram manifestações de pesar pela morte da sacerdotisa.

Atualmente, o *Hùnkpámè Ayíonó Hùntóloji* encontra-se de luto e deverá voltar às suas atividades religiosas apenas em janeiro de 2007, quando acontecerá um grande candomblé em comemoração da posse da nova herdeira. Foi determinado, ainda em vida pela falecida, que a herdeira do posto de dirigente sacerdotal do terreiro seria sua sobrinha carnal, Regina Maria da Rocha. *Dofona* Regina foi iniciada no *Hùnkpámè Hùntóloji*, num barco de 3 *Vodunsi*, em 1997-1998, para o *Vodun Avimadje*. Nasceu em 7 de julho de 1939 e, atualmente com 66 anos de idade, é enfermeira aposentada. Foi *Abiyan* durante 18 anos. Apesar de nova em iniciação, conta com o apoio das irmãs mais velhas, dos *Ogans* e das *Equêdes*, pois sempre foi uma pessoa muito respeitada e dedicada à casa. *Dofona* Regina nasceu e foi criada em Salvador e após sua iniciação passou a morar em Cachoeira, em uma casa na rua da Matriz, pois desse modo poderia se preparar e ser instruída por *Gaiaku* Luiza para no futuro poder assumir tão grande responsabilidade.

Glossário

- ABERIGÀN – Nome do *Vodun Bèsén* ou *Dàn*, no *jeje-dahomé*.
- ABEXEIN – Nome particular do *Vodun Age* de *Gaiaku Agesi*.
- ABIYAN – Noviça não iniciada no candomblé. Pessoa que está se preparando para “fazer” o santo. Grau pré-iniciático.
- ADAHÛN – Toque acelerado que provoca o transe nas *Vodunsi*. Chamada dos *Vodun* para incorporar nas filhas.
- ÀGBO – Infusão de ervas.
- AGBASÁ – O mesmo que barracão. Em *fon*, salão, sala, varanda. (Cf. *Dictionnaire Français-Fon*, Jean Rassinoux, p. 339).
- AGE – *Vodun jeje*, caçador, associado no Brasil ao *Òrìsà Òsányìn*.
- AGESÌ – Pessoa consagrada ao *Vodun Age*.
- ÁGUA DE ELEVANTE – Nome de uma planta, o mesmo que colônia.
- AGUIDÁ – Alguidar.
- AGUIDAVI – Varetas preparadas para tocar atabaque.
- AHÛNSÌ MISIMI – Nome particular do *Vodun Bèsén* de *Gaiaku* Maria *Ogorensi*.
- AYÍ – Em *fon*, terra.
- AYÍZAN – *Vodun jeje* feminino associado, no Brasil, à morte. É a esposa de *Legbá*, a senhora do mercado.

- AJÉ – No Brasil, o mesmo que búzio. Na região de Ife, o *Òrìsà* da riqueza é chamado de *Ajé Sàlúga*, onde é simbolizado por uma grande concha. Daí, no Brasil, chamar o búzio de ajê.
- AJOTÓ – No Brasil, segundo *Vodun*, protetor da pessoa.
- AKAKÁ – Ritmo, toque, *jeje-mahi*.
- AKARUMBÉ – Na África, Akolombe. *Vodun jeje* da família Hevioso.
- ALÀ – Pano branco, espécie de véu, próprio de *Òòsalá*.
- ALÛJA – Toque acelerado próprio de *Sàngó*.
- AMÃ EGBEMILÓ – Nome particular do *Vodun Age* de *Gaiaku* Emiliana.
- AMÀLÀ – Comida apreciada pelo *Vodun Sogbo* (*Sàngò*), feita com quiabo.
- AÓ – A bênção, para os filhos dos *Vodun* da família Hevioso.
- AOBOBOIA – Saudação ao *Vodun Bèsén* ou *Dàn*.
- APANÃ – Tipo de doce comum no interior.
- ATAKÀN – Pano amarrado no peito do *Vodun*, por baixo do *Òjá*.
- ÀTIN – Em *fon*, árvore.
- ÀTINSÁ – Árvore consagrada para o *Vodun*. Em *fon*, “sob a árvore” (Cf. *Dictionnaire Français-Fon*, p. 66).
- AVIMADJE – *Vodun jeje* da família de *Sakpatá*. Um tipo de *Azansú* novo.
- AVLÈKÉTÉ – (Averekete) No *jeje-mahi*, é um *Vodun* masculino, pescador, filho do *Vodun Sogbo*, pertencente à família Hevioso. No Rio de Janeiro, é erroneamente confundido com *Logun Ede*.
- ÀVUN – Em *fon*, cachorro ou cão.
- AZÉ – Capacete de palha usado por *Omolú/Obàlúaiyé/Azansú*.
- AZANSÚ – *Sakpatá*.
- AZOKWÉ – Cachimbo.
- AZÒÒNODÒ – Divindade do culto do *jeje-mahi*. O mesmo que *Zo-madonu*.
- AZIRÌ TOBOSÌ – *Vodun* feminino das águas, corresponde à *Yemonjá* dos *nàgô*.

- BENOE – A bênção para os filhos do *Vodun Bèsén*.
- BÈSÉN – *Vodun* cujo local de origem é em país *Mahi*, no antigo Daomé, onde é chamado de *Dàn*. É representado por uma serpente arco-íris que se enrola e morde a própria cauda. *Òsùmàrè* para os *yorùbá*.
- BITEDÔ – Primeiro *candomblé* de que se tem notícia em Cachoeira.
- BORÌ – Ritual de oferenda à cabeça, uma forma de “alimentar”, energizar a cabeça da pessoa. *Bo* = propiciar mediante uma oferenda. *Orí* = cabeça.
- BRAVUN – Ou *Brahùn*. Ritmo, toque, *jeje-mahi*.
- BURUBURU – O mesmo que *Deburu*, pipoca (chamado *gúgúrú* em *yorùbá* moderno).
- CABAÇA – *Sèkere*.
- CASA DE KÚTÚTÚ – Casa de *Egún*. Casa dos mortos.
- COBOCÓ – Antigo núcleo africano localizado próximo à Roça de Ventura, ao lado do riacho Cobocó.
- CONSELHO DOS ASSUMÂNIOS – Ou Conselho da Mesa dos Nove. Reunião de negros *malê*, em uma casinha no largo dos Quinze, atual Capelinha dos Quinze Mistérios, em Salvador, com o objetivo de resgatar a alforria de outros negros.
- CHARQUEADA – Ou charque. Carne salgada de vaca disposta em mantas. Carne-seca.
- DACAIÁ – Ato de *Nàná* ir ao chão se lambuzar com lama.
- DÀN – *Vodun jeje*. Serpente, cobra.
- DÀNSÌ – Pessoa consagrada ao *Vodun Dàn*.
- DERÉ – Mãe-pequena no *jeje-mahi*.
- DOFONA – Primeira posição no barco de *Vodunsì*.
- DOFONITINHA – Segunda posição no barco de *Vodunsì*.
- DONÉ – Mãe-de-santo no *jeje-mahi*, cujo *Vodun* pertença à família Hevioso.
- DOTÉ – Pai-de-santo no *jeje-mahi*, cujo *Vodun* pertença à família Hevioso.
- EBÓ – Ritual de oferendas para restabelecer a energia.

- EGÚN – Espírito dos mortos que retorna à terra, manifestando-se a seus descendentes. Fala com voz rouca e profunda. No Brasil, é bastante cultuado na Ilha de Itaparica, Bahia.
- EQUÊDE – Mulher que toma conta da *Vodunsi*, assim que o Vodun se manifesta.
- ERÊ – Estado de transe infantil.
- ÈSÛ – Divindade que age como intermediário entre o homem e as divindades africanas. No *jeje* recebe o nome de *Legba*.
- ETEMIN – Alguém mais velho no santo, iniciado há mais tempo.
- FATO – Viscera bovina.
- FIFÓ – Candeeiro, lamparina.
- FOMO – Terceira posição no barco de *Vodunsi*.
- FOMUTINHA – Quarta posição no barco de *Vodunsi*.
- GAIAKU – Mulher chefe de terreiro *jeje-mahi*. Sacerdotisa, mãe-de-santo. O mesmo que *Ìyálòrisà* para os *nàgô*.
- GAMO – Quinta posição no barco de *Vodunsi*.
- GAMUTINHA – Sexta posição no barco de *Vodunsi*.
- GÀN – Instrumento de metal chamado *gan* em *jeje* ou *agogô* em *nàgô*, usado para marcar o ritmo dos atabaques no *candomblé*. Campândula cilíndrica achatada batida com vareta de metal (Cf. Ferretti, S.F. *Querebentã de Zomadonu*).
- GBADÉ – *Vodun* dos raios e trovões, filho do *Vodun Sogbo*.
- GBÒITÁ – Obrigação *jeje-mahi* que ocorre no mês de janeiro, onde há uma procissão de *Vodun*, vestidos com roupa branca, em torno das árvores sagradas.
- GIA – Rã.
- GOOMUN – Título próprio da *Vodunsi*, cujo *Vodun* pertença à família *Hevioso*.
- GRÁ – Entidade violenta que se manifesta na *Vodunsi*, do *jeje-mahi*, durante o período de iniciação.
- HANINHA – Ritmo, toque, *jeje-mahi*.
- HONCÓ – O mesmo que *Hündeme*. Quarto sagrado onde as *Vodunsi* ficam reclusas para iniciação.
- HÜNDEME – Cômodo sagrado onde as *Vodunsi* ficam reclusas. O mesmo que *Honkó*.
- HÜNKPÂMÊ – O mesmo que terreiro. Terreno grande.

- HÜN IN – Nome particular do *Vodun*, o mesmo que *Orúko* para os *nàgô*.
- HÜNYO – Nome próprio de uma pessoa consagrada a um fetiche (*Agasú*). (Cf., *Dictionnaire Français-Fon* I, p. 250).
- HÜNTÓ – Pai. *Ogan* na Casa das Minas.
- ÌBEJÌ – *Òrisà* dos gêmeos.
- JIHAD – Guerra santa para os *malê*.
- KAKUNDA DE IAIÁ – *Candomblé jeje-savalu*, em Salvador.
- KÀN – Cerimônia secreta do *jeje-mahi*.
- KELÊ – Colar de miçangas, termo *nàgô*.
- KOLONFÉ – A bênção para os filhos dos *Vodun Nàgô-Vodun*.
- KPÂMÊ – Local próximo ao *Hündeme* (*Hònkó*) reservado para as *Vodunsi*.
- KPÒSÚ – *Vodun* da família *Hevioso* representado por um tigre. Em *fon*, *kpò* (pantera, leopardo) e *asú* (homem).
- KPÒSÚSÌ – Pessoa consagrada ao *Vodun Kpòsú*.
- KUHÀN – Conjunto de rezas cantadas pelos *Vodun*, no *jeje-mahi*. Em *fon*, *Hàn* significa canto, canção.
- LÁ – Som emitido pelo *Vodun*, podendo ser alto, baixo, curto, comprido... conforme o *Vodun*.
- LEBA NECUM – Terreiro *nàgô*, em Terra Vermelha – Cachoeira, fundado pelo *Babalòrisà* Miguel Angelo Barreto.
- LEGBA – *Vodun jeje*, o mesmo que *Esu* para os *yorùbá*.
- LISA OU OLISA – *Vodun jeje* associado ao *Òsà-nlá* dos *yorùbá*.
- LIMANO – Sacerdote *malê* a cargo de uma mesquita.
- LOKO – *Vodun* da família *Hevioso*, que corresponde ao *Ìrókò* dos *yorùbá*. Divindade do céu encarregado de cuidar das árvores que se encontram na Terra. No Brasil é associado à gameleira branca.
- LOKOSÌ – Pessoa consagrada ao *Vodun Loko*.
- MABAÇA – Gêmeo, o mesmo que babaça. Formação do Kimbundo.
- MAHI OU MAHIN – Povo e língua falada ao norte de Abomey, no *Benim*.
- MALÊ – Negro muçulmano.

MANAUÊ – Tipo de doce comum no interior.
MANIÇOBA – Comida típica do Norte e Nordeste do Brasil, feita com a folha do aipim.
MÀRÌWÒ – Folha de dendezeiro desfiada. *Azan*, para os *fon*.
MEHÛNTÓ – Pai-pequeno no *jeje-mahi*.
MEJITÓ – O mesmo que pai ou mãe-de-santo no *jeje-mahi*, no Brasil. Me (Pessoa ou ser humano), Ji (Parir, gerar), Tó (Pai, dono, proprietário).
MOCÓ – Cesto.
MOCOTONA – Nome popular da pessoa com muitos anos-de-santo.
MUÇURUMI – Ou *Muçulmin*. Como os outros negros chamavam os negros *malê*. Muçulmano.
MUDUBI – Toque e dança próprio dos *Vodun* da família *Hevioso*. Também, um tipo de *jeje*.
OBÍ – Fruta da palmeira africana, comestível, também chamada cola ou noz-de-cola.
ÒKÚTA – Pedra, em *yorùbá*. Pedra sagrada que representa o *Òrìsà*.
OGAN – Senhor, pai escolhido pelo *Vodun*. Homem que sacrifica o animal no candomblé. Tocador de atabaque.
OGAN KUTÓ – Cargo de *Ogan* no *jeje-mahi*.
OGAN VI – Cargo de *Ogan* no *jeje-mahi*.
OGORENSÌ – Pessoa consagrada ao *Vodun Bèsén/Dàn*.
ÒJÁ – Tira de pano usada no candomblé, geralmente amarrada no peito ou na cabeça da filha ou filho-de-santo.
ÒLÚWÒ – Título de jogador de búzios.
OMOLÚ – O mesmo que *Obaluaiê*, *Xapanã*, *Sakpatá*. *Òrìsà* das doenças que se cobre de palha-da-costa.
ÒPÒLÒ – Sapo.
ÒRÌSÀ – Divindade *yorùbá* ou *nàgô*. Muitos foram antigos reis ou heróis e antepassados divinizados ou representam força da natureza. O mesmo que *Vodu* entre os *jeje*, também chamado de santo. (Cf. Ferretti, S.F. *Querebentã de Zomadonu*. Glossário)

ORÓGBÔ – Fruta sagrada africana utilizada nos rituais, indispensável no culto de *Sàngó*.
OURICURI – Tipo de palmeira.
PARAGUAÇU – Em tupi, mar grande.
PARARÁ – *Vodun* da família de *Sakpatá*, uma espécie de *Azansú*.
PARARASÌ – Pessoa consagrada ao *Vodun* Parará.
PEJI – Altar, quarto sagrado onde ficam os assentamentos dos *Vodun*.
PEMBA – Espécie de giz.
PEPELÊ – Suporte para os atabaques.
PEPEREGUN – Ou *pèrègùn*. Nome *nàgô* de uma planta. *Aniaman* para os *fon*.
PÓ ZEHEN – Candomblé *jeje*, em Salvador.
QUEBRADO – Ritmo, toque, *jeje-mahi*.
QUEREBENTÁ DE ZOMADONU – Candomblé *jeje-mina*, em São Luís do Maranhão.
RICHELIEU – Tipo de bordado de origem francesa.
SAPOKÀN – Ou *Sarapokàn*. Cerimônia *jeje-mahi*.
SATÓ – Ritmo, toque, *jeje-mahi*.
SÈKÈRÈ – Um tipo de cabaça fechada com adornos de contas ou búzios para fazer música.
SIHÛN – O mesmo que *Zerin*, *àsèse* para os *nàgô*.
SINHÁ – Diminutivo de senhora, o mesmo que dona.
SOGBO – *Vodun jeje* dos raios e trovões, correspondente ao *Sàngó* dos *yorùbá*.
TATÁ – Pai, no angola.
TOMAR HÛN – Ato do *Vodun* dançar.
VALUVAVÁ – Palavra que inicia a primeira cantiga do *Zàndró*.
VIMO – Sétima posição no barco de *Vodunsì*.
VIRAR – Incorporar o *Vodun*.
VODUN – Divindade em *jeje* que corresponde a *Òrìsà* em *nàgô*. Podem ser velhos, adultos, jovens ou crianças, masculinos ou femininos. Agrupam-se em família ou panteões e são intermediários entre *Mawu*, o Deus supremo, e os homens. Incorporam-se durante o transe nas *Vodunsì*.

VODUN JÓ – *Vodun* cultuado no *jeje-mahi* do Rio de Janeiro (*Àse Pódabá*). Em *fon*, *jò* ou *johòn* significa vento, ar. *Vodun* do Vento. No Brasil é erroneamente associado ao *Òrìsà Oya*. Na África, *Vodun Jò* possui uma natureza andrógina.

VODUNSI – Filho ou filha-de-santo que incorpora o *Vodun* durante o transe.

XOROKÊ – Qualidade de *Ògún* assentado do lado direito da entrada dos terreiros de *candomblé jeje-mahi*. Na África recebe o nome de *Ògún Inóro*.

XWÉ – Casa.

ZAN – Esteira de palha.

ZANDRÓ – Reunião de rezas e cantigas. Invocação ou chamada do *Vodun* antes do começo de uma festa. Cerimônia realizada no salão (barracão) em que as *Vodunsi*, sentadas em esteiras, cantam invocações próprias e oferecem alimentos aos atabaques e *Gàn* para fortalecê-los, energizá-los, para o *candomblé* que ocorrerá no dia seguinte.

ZERIM – Cerimônia fúnebre a um morto, no *jeje*. O mesmo que *àsese* (axexê) dos *nagô*.

ZOMADONU – Divindade adorada pela antiga família real, em Abomé, no atual *Benim*. Tem o título de *Tohosu* (rei das águas).

Tabelas

Tabela 1
As Gaiaku do Xwé Seja Hùnde

Nome	Nasc.	Falec.	Reinado	Natural	Vodun	Posição no barco
Maria Luiza Gonsaga	+ 1820	1923	+ 1890 até 1923	Cachoeira/Bahia	Bèsén	–
Maria Epifânia Dionísia do Sacramento	+ 1860	1950	± 1930 até 1950	Cachoeira/Bahia	Bèsén	Fomutinha (quarta)
Adalgisa	+ 1890	1969	± 1952 até 1969	Castro Alves/Bahia	Parará/Azansú	Dofona (primeira)
Elisa Gonsaga de Souza	1903	1998	± 1970 até ± 1990	Cachoeira/Bahia	Age	Fomo (terceira)
Augusta Maria da Conceição	1918	–	± 1985 até hoje	Salvador/Bahia	Loko	Garno (quinta)

Tabela 2
As Gaiaku do Zòògodò Bogun Malè Hùndo

Nome	Nascimento	Falecimento	Vodun
Ludovina Pessoa	± 1800	± 1900	Ògún
Maria Emiliana da Piedade	± 1858	± 1950	Age
Maria Valentina dos Anjos	1877	1975	Sogbo
Evangelista dos Anjos Costa	± 1915	1994	Loko
Zailde Iracema de Melo (Índia)	± 1966	—	Azansú

Bibliografia

Tabela 3
Hierarquia dos Terreiros

Nome popular	Jeje-Mahi (Bahia)	Kétu	Casa das Minas
Pai-de-santo	Hùngbónò, Doté e Mejitó	Babalòrisà	Tochê
Mãe-de-santo	Gaiaku, Doné e Mejitó	Iyálòrisà	Nochê
Pai-pequeno	Mehùntó	BabaKékeré	—
Mãe-pequena	Deré	IyáKékeré	Izadioncoé ou Zadoncoé
Tocador	Ogan	Ogan	Hùntó
Filha que não entra em transe	Èquède	Ajoyè	Vodunsi Poncié
Filha-de-santo antiga	Hùngan	Egbón	Vodunsi Gonjai ou Hùnjai
Filha-de-santo	Vodunsi	Iyáwó	Vodunsi ou Novichê
Filha-de-santo não iniciada	Abiyan	Abiyan	Vodunsi sem toalha

- ABRAHAM, R. C. *Dictionary of modern yorùbá*: Londres: University of London Press, 1958. In: Elbein dos Santos, Petrópolis, 1975.
- AMARAL, Braz Hermenegildo do. *Os grandes mercados de escravos africanos – As tribos importadas e sua distribuição regional*. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Histórico, s/d.
- BACELAR, Jeferson. *Mário Gusmão (1920-1996) – O santo guerreiro contra o dragão da maldade*. Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/UFBA (19-20) 1997.
- BRAGA, Júlio Santana. *Sociedade Protetora dos Desvalidos – Uma irmandade de cor*. Salvador: Edições Ianamá, 1987.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Negros estrangeiros – Os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- COSTA LIMA, Vivaldo da. “O conceito de nação nos candomblés da Bahia”; in: Afro-Ásia, Publicação do CEAO, nº 12, junho de 1976.
- _____. “A família-de-santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia: Um estudo das relações intragrupais.” Salvador, UFBA, 1977 (Col. Pós-graduação em Ciências Humanas). Dissertação de Mestrado.
- ELBEIN DOS SANTOS, Juana. *Os Nàgô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1975.

- ELLIS, A. B. "The Ewe Speaking Peoples". London, 1890. In: Pierre Verger (1999).
- FERRETTI, Sérgio F. *Querebentã de Zomadonu, etnografia da Casa das Minas*. Maranhão: Edufma, 1986.
- FONSECA JUNIOR, Eduardo. *Dicionário Yorùbá (Nàgô) – Português*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.
- HERSKOVITS, Melville J. "Dahomey: An Ancient West African Kingdom." Nova Iorque, 1938, 2 vols. In: Pierre Verger (1999).
- JORNAL PAINEL CULTURAL. "A verdade sobre o jeje-mahi". Constância de Avimadje, nº 1, fevereiro de 1996.
- _____. "Origem do Bate-folha da Bahia." Tata Kitula Nzambi, nº 1, fevereiro de 1996.
- LE HÉRISSE, A. *L'Ancien royaume du Dahomey*. Paris, 1911. In: Pierre Verger (1999).
- LODY, Raul Giovanni. *Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte*. Iconografia. Rio de Janeiro: Altiava Gráfica e Editora, 1981.
- MONTEIRO, Antônio. *Notas sobre os negros malês na Bahia*. Salvador: Ianamá, 1987.
- NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias. *Candomblé e Irmandade da Boa Morte: interação, resistência e suicídio cultural*. Bahia: Fundação Maria Cruz, 1999.
- NUNES PEREIRA, Manuel. *A Casa das Minas, culto dos Voduns jeje no Maranhão*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979. Original, 1947.
- OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes. *Quem eram os "Negros da Guiné" – A origem dos africanos na Bahia*. Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/EFBA (19-20), 1997.
- QUERINO, Manuel. *A raça africana e seus costumes*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955. In: Nei Lopes. *Bantos, malês e identidade negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- QUIRING-ZOCHE, Rosemarie. *Luta religiosa ou luta política? O levante dos malês da Bahia segundo uma fonte islâmica*. Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/EFBA (19-20), 1997.
- RASSINOUX, Jean. *Dictionnaire Français-Fon*, 1987.
- RISÉRIO, ANTÔNIO. "Bahia com H – Uma leitura da cultura baiana", in: João José Reis (Org.). *A escravidão e invenção da*

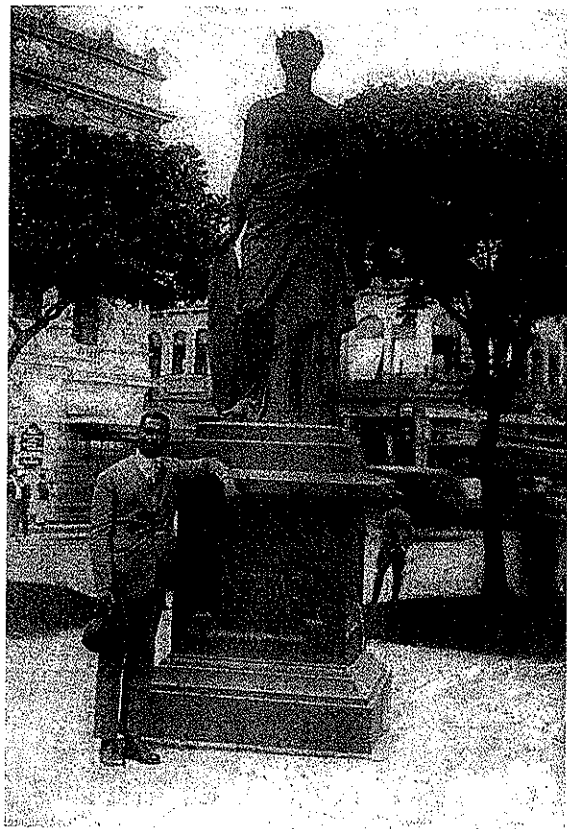
- liberdade – Estudo sobre o negro no Brasil*. Salvador: Editora Brasiliense, 1988.
- REIS, João José. *Rebeliões escravas no Brasil: a história do levante dos malês (1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SEGUROLA, R. P. B. *Dictionnaire Français-Fon*. Cotonou, 1963.
- SILVA CAMPOS, João da. *Procissões tradicionais da Bahia*. Publicação do Museu da Bahia, nº 1 – Obras póstumas. Sec. Educ. e Saúde, 1947. In: Raul Lody, 1981.
- SILVEIRA, Renato da. "Pragmatismo e milagres de fé no Extremo Ocidente", in: João José Reis (Org.). *A escravidão e invenção da liberdade – Estudo sobre o negro no Brasil*. Salvador: Editora Brasiliense, 1988.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1981.
- _____. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga Costa dos Escravos, na África*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: EDUSP, 1999.

Filme

- Atlântico Negro na Rota dos Orixás*. Renato Barbieri. Realização: Itaú Cultural e videografia Criação e Produção. Documentário. 54'. 1998. NTSC.



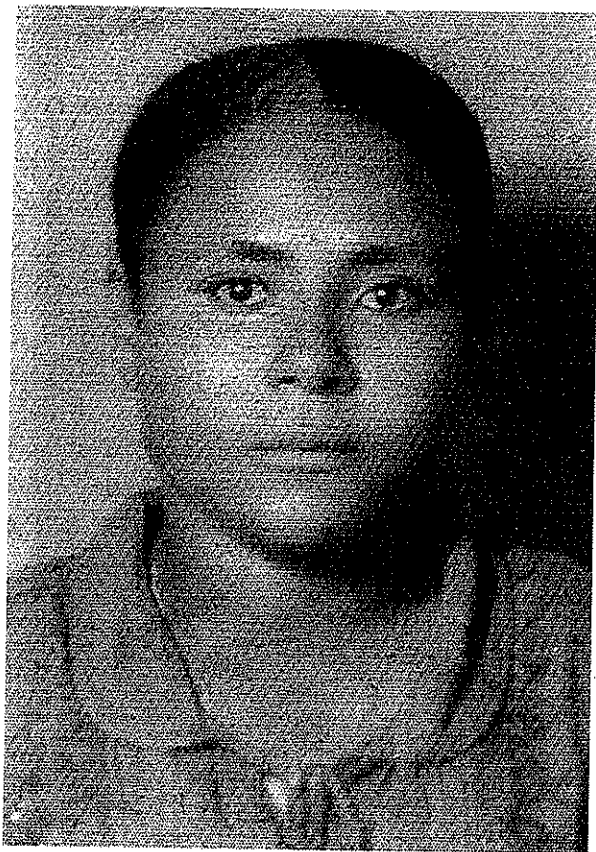
Gaiaku Luiza.



Miguel Rodrigues da Rocha, *Pejigan* da Roça de Ventura. Pai carnal de *Gaiaku* Luiza.



Dona Cecília, mãe carnal de *Gaiaku* Luiza.



Fomutinha Joana, irmã carnal caçula de *Gaiaku* Luiza.



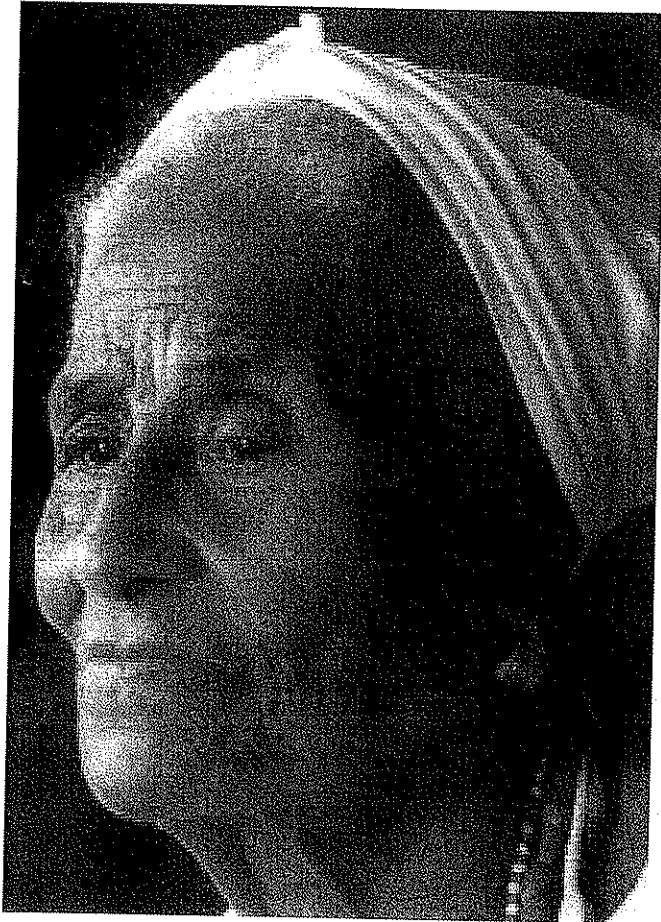
Dofona Ogorensi Leocádia.



Zulmira de Nand.



Dofona Regina, sobrinha carnal de *Gaiaku Luiza*, e herdeira do posto de dirigente sacerdotal do terreiro *Hũnkpãmè Ayíonó Hũntóloji*.



Gaiaku Luiza.